

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**“Experiência paterna em diferentes configurações familiares e o
desenvolvimento do *self* infantil”**

Andressa Pin Scaglia

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP como parte
das exigências para obtenção para a obtenção do título
de Mestre em Ciências. Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2012

ANDRESSA PIN SCAGLIA

**“Experiência paterna em diferentes configurações familiares e o
desenvolvimento do *self* infantil”**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP como parte
das exigências para obtenção para a obtenção do título
de Mestre em Ciências. Área: Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Barbieri

RIBEIRÃO PRETO-SP

2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Scaglia, Andressa Pin

Experiência paterna em diferentes configurações familiares e o desenvolvimento do *self* infantil. Ribeirão Preto, 2012.

244p. Il. ; 30cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Barbieri

1. Paternidade.
2. Relações familiares.
3. Desenvolvimento Humano.
4. Psicanálise.

Nome: Andressa Pin Scaglia

Título: Experiência paterna em diferentes configurações familiares e o desenvolvimento do *self* infantil

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Deus, por possibilitar que as narrativas de minha vida sejam repletas de encontros com pessoas especiais.

À Profa. Dra. Valéria Barbieri, por ter me apresentado Winnicott e despertado em mim um encantamento pela Psicanálise. Sua competência ímpar me proporcionou um imenso crescimento pessoal e profissional. Obrigada pelo afeto e paciência. Encontro de crescimento.

À Dra. Fernanda K. T. Mishima-Gomes, profissional impecável e amiga sempre presente. Um olhar que transmite amor, lealdade, competência, força, leveza, segurança. Encontro de alegria.

Ao Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos pelo acolhimento, direcionamento e aprendizagens. Uma referência não só na USP, mas em todo o país. À Profa. Dra. Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro, que também trouxe ricas contribuições para o andamento deste trabalho. Apesar do curto contato, já se revelou como uma profissional de grande sensibilidade, doçura e competência. Encontro de aprendizagem.

Ao meu pai, Luiz Carlos Scaglia, alguém com quem eu sempre pude e poderei contar. Olhar de segurança e afeto sempre presente em minha vida. Cada página escrita deste trabalho reforçou ainda mais o orgulho que tenho em ser sua filha. À minha mãe, Vera Lucia Pin Scaglia, minha companheira, também sempre ao meu lado oferecendo constante maternagem, carinho, amor e coragem. Meu modelo e porto-seguro. Encontros de amor.

Ao meu avô, doce lembrança. À minha avó, pela dedicação, simplicidade e maternagem. Encontro de paz.

Ao Paulo, por tudo que vivemos e ainda viveremos juntos. Pessoa leal, verdadeira, afetuosa e sempre presente. Alguém que me acalma e direciona. Encontro de companheirismo.

A todos meus amigos e familiares. Encontro de leveza.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão da bolsa de mestrado.

À CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado nos primeiros meses de trabalho.

RESUMO

Scaglia, A. P. (2012). *Experiência paterna em diferentes configurações familiares e o desenvolvimento do self infantil*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

A família ocupa um lugar de grande importância no desenvolvimento físico, emocional e é fundamental na compreensão dos distúrbios psicológicos dos filhos. Apesar do grande destaque dado ao papel materno, o pai também possui significativa influência no desenvolvimento de seus filhos. Porém, diante das alterações rápidas e constantes da sociedade contemporânea, observa-se uma diversificação do comportamento paterno, assinalando um processo de redefinição/indefinição de seu papel. Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa foi de compreender o modo como pais inseridos em diferentes configurações familiares experimentam a função paterna, associando suas vivências ao desenvolvimento do *Self* de suas filhas. Participaram da pesquisa oito díades pais-filhas, advindas de diferentes arranjos familiares. As crianças são do sexo feminino, primogênicas, com idade entre quatro e sete anos. Tanto no encontro com o pai quanto no da menina, foi realizada uma entrevista semiestruturada mediada por 5 cartões do Teste de Apercepção Temática Infantil – CAT-A (1, 2, 3, 4, 8) empregado de forma compreensiva, com foco na experiência humana intersubjetiva. A estratégia metodológica para trabalhar com o acontecer clínico foi a das “Narrativas Psicanalíticas”. Efetuou-se, uma interpretação do material obtido no contato com o pai, outra do contato com a criança e, por fim, uma síntese da díade, no intuito de relacionar a experiência paterna e o desenvolvimento do *Self* da menina, de acordo com o referencial psicanalítico winnicottiano. Posteriormente, foi realizada uma síntese comparativa preliminar dos resultados dos pais procedentes das diferentes configurações familiares, visando averiguar suas similaridades e peculiaridades; também uma síntese dos resultados das filhas. A emergência das contribuições indicou que mesmo diante de diferentes arranjos, algumas questões os perpassam. Circunscritos pela pluralidade da função paterna presente na contemporaneidade, bem como a coexistência de práticas novas e antigas; os pais, com exceção dos provenientes de arranjos monoparentais paternos, demonstraram que possuem pouca clareza quanto aos limites e possibilidades do exercício de suas funções. Assim, distanciam-se da apropriação das dificuldades que emergem na relação com suas filhas, ao contrário, atribuem-nas a influências externas, como, características da mãe biológica, o excesso de afazeres, a convivência com a família extensa. Desta maneira, parece haver dificuldade na percepção e suprimento das reais necessidades das filhas e estabelecimento de um contato autêntico. Os pais demonstraram pouca facilidade para proporcionar um ambiente suficientemente bom para suas filhas, principalmente no que se refere ao oferecimento de *holding*, dificultando a continuidade do *self* das meninas. As questões apontadas pelas filhas vão ao encontro do que foi exposto por seus pais. A maioria das crianças demonstrou que estão inseridas em um ambiente pouco acolhedor, possuem relação distanciada com seus pais e não se sentem percebidas de maneira real. Nesse sentido, destaca-se a importância não do arranjo familiar ao qual a díade pertence, mas sim, da posição que a criança e o pai ocupam na família.

Palavras-chave: Paternidade. Relações Familiares. Psicanálise. Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

Scaglia, A. P. (2012). *Paternal experience in different family configurations and the development of the child's self*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

The family occupies a place of great importance in physical, emotional development and is crucial in understanding the psychological disorders of children. Despite the great prominence given to the role of the mother, the father also has a great influence on the development of their children. However, given the rapid and constant changes of modern society, it is observed a diversification of the paternal behavior, indicating a redefinition/indefiniton process of their role. In this way, this research's goal was to understand how fathers inserted in different family configurations experience the paternal function, linking their life experiences to the development of their daughters' *Self*. The research participants were eight parent-child dyads, resulting from different family arrangements. The children are female, first-born and aged between four and seven years. It was conducted one meeting with the father and another with the child, made as a semistructured interview using five cards of the Thematic Apperception's Child Test - CAT-A (1, 2, 3, 4, 8) used comprehensively, focusing on the intersubjective human experience. The methodological strategy used to work with the clinical case was the "Psychoanalytic Narratives" and the analysis made according to Winnicott's psychoanalytic theory. The rise of the contributions indicated that even changing the arrangements, some issues are the same. Circumscribed by the plurality of the paternal function present in the contemporaneity as well as the coexistence of old and new practices; the fathers, with the exception of those from single-parent father arrangements, have demonstrated not having clarity about the limits and possibilities of the exercise of their functions. Thus, they take little ownership of the difficulties that they have on the relation with their daughters; instead, they attribute them to external influences, such as characteristics of the biological mother, excessive duties, coexistence with large family. In this manner, there seems to be difficulty in perception and supplying the real needs of the daughters and establishing an authentic contact. The fathers demonstrated difficulty in providing an environment good enough for their daughters, especially with regard to the offer of *holding*, hampering the continuity of the girls' *self*. The issues raised by the daughters go back to what was exposed by their fathers. Most collaborator children demonstrated to be inserted in an unwelcoming environment, have a distant relationship with their fathers and do not feel perceived in a real manner. In this sense, stands out the importance not of the family arrangement that the dyad belongs, but the position that the child and the father occupy in the family.

Keywords: Paternity. Family Relations. Psychoanalysis. Human Development .

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Formação de cada arranjo familiar, com nomes fictícios dados aos pais e às filhas

55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 Família e paternidade: um possível percurso	20
1.2 Famílias: diversidade de arranjos	26
1.3 Winnicott: o desenvolvimento emocional e a figura paterna	29
1.3.1 Conceitos de Ego e <i>Self</i>	33
1.3.2 Paternidade em Winnicott	36
2 OBJETIVO	41
3 MÉTODO	43
3.1 Referencial teórico metodológico	43
3.2 Aspectos éticos	51
3.3 Participantes	52
3.4 Instrumentos	52
3.5 Procedimento	52
3.6 Análise dos dados	53
4. RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO	55
4.1 Família monoparental materna I	55
4.1.1 Narrativa André	55
4.1.2 Síntese André	66
4.1.3 Narrativa Marina	68
4.1.4 Síntese Marina	71
4.1.5 Síntese díade monoparental materna	73
4.2 Família monoparental materna II	75
4.2.1 Narrativa Sérgio	75

4.2.2 Síntese Sérgio	83
4.2.3 Narrativa Beatriz	86
4.2.4 Síntese Beatriz	92
4.2.5 Síntese díade monoparental materna	95
4.3 Família nuclear I	98
4.3.1 Narrativa Marcelo	98
4.3.2 Síntese Marcelo	103
4.3.3 Narrativa Lúcia	105
4.3.4 Síntese Lúcia	107
4.3.5 Síntese díade nuclear I	108
4.4 Família nuclear II	111
4.4.1 Narrativa Eduardo	111
4.4.2 Síntese Eduardo	116
4.4.3 Narrativa Larissa	116
4.4.4 Síntese Larissa	121
4.4.5 Síntese díade nuclear II	123
4.5 Família monoparental paterna I	125
4.5.1 Narrativa Oscar	125
4.5.2 Síntese Oscar	133
4.5.3 Narrativa Olívia	135
4.5.4 Síntese Olívia	141
4.5.5 Síntese díade monoparental paterna I	143
4.6 Família monoparental paterna II	146
4.6.1 Narrativa José	146
4.6.2 Síntese José	153
4.6.3 Narrativa Estela	156
4.6.4 Síntese Estela	159

4.6.5 Síntese díade monoparental paterna I	161
4.7 Família recomposta paterna	164
4.7.1 Narrativa Lúcio	164
4.7.2 Síntese Lúcio	171
4.7.3 Narrativa Luciana	175
4.7.4 Síntese Luciana	176
4.7.5 Síntese díade recomposta paterna	178
4.8 Família recomposta materna	180
4.8.1 Narrativa Marcos	180
4.8.2 Síntese Marcos	186
4.8.3 Narrativa Carlos	188
4.8.4 Síntese Carlos	193
4.8.5 Narrativa Cristiane	195
4.8.6 Síntese Cristiane	199
4.8.7 Síntese díade recomposta materna	200
4.9 Síntese dos pais	202
4.10 Síntese das filhas	209
5 DISCUSSÃO	219
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	231
8 ANEXOS	239
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (escola)	239
Anexo B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais)	241
Anexo C – Classificação sócio-econômica – ABIPEME	244

1 INTRODUÇÃO

A família ocupa um lugar de grande importância no desenvolvimento da criança: é responsável por fornecer condições de sobrevivência, por transmitir normas, valores pessoais, culturais e pelo suprimento das necessidades afetivas. É a “porta de entrada” para o processo de socialização do indivíduo (Ferrari & Kaloustian, 2002; Oliveira & Camões, 2003).

Nesse sentido, desde o século XIX é ressaltada a importância da família para o desenvolvimento da criança e do adulto, e para a compreensão de seus distúrbios psicológicos (Barbieri, 2002). Freud (1916-1917/1996), em seu conceito de “Equação Etiológica” e/ou “Séries Complementares”, afirma que a etiologia dos transtornos emocionais relaciona-se diretamente à disposição inata do indivíduo e à sua interação com o meio ambiente, particularmente o familiar. Essa interação acontece ao longo de toda a vida, mas nos primeiros anos, parece ter um efeito determinante para o desenvolvimento emocional saudável ou patológico dos indivíduos (Freud, 1916-1917/1996). Winnicott (1960/2005), em sua “Teoria do Desenvolvimento Emocional”, também destaca a grande influência que a família exerce na organização da personalidade do indivíduo. Para ele, os cuidados maternos são capazes de estimular ou dificultar a tendência inata para o desenvolvimento que a criança possui. Além disso, a interação familiar é uma espécie de prévia da maneira como irá ocorrer a relação da criança com a sociedade. Os neurocientistas Winograd, Coimbra e Landeira-Fernandez (2007) sustentam os mesmos pressupostos de Freud e Winnicott, pontuando que a infância é um período crítico e nela o ambiente é entendido como estruturante, capaz de moldar a organização do sistema nervoso e a atividade mental do indivíduo.

A influência que o ambiente familiar desempenha no desenvolvimento da criança também pode ser percebida, na prática, durante o processo terapêutico infantil. Segundo Symon (2006), as condições emocionais dos pais da criança atendida em psicoterapia se relacionam diretamente com o andamento, positivo ou não, do caso. Além disso, muitas vezes, quando se trata de uma criança cuja queixa não reflete alguma questão já internalizada, uma intervenção/orientação direcionada aos pais, sugerindo algumas modificações no ambiente, pode ser suficiente para interferir positivamente nos sintomas apresentados pelo filho. Para Winnicott (1945/2000), o “sintoma” é sinônimo de saúde, uma vez que se trata de um pedido de ajuda e sinaliza que o processo de desenvolvimento emocional possui alguma barreira. Assim, é de grande valor que os pais reconheçam precocemente os sintomas

apresentados pelos filhos e lhes ofereça suporte para que seja retomado o processo de desenvolvimento saudável.

Desta maneira, dada à relevância que o papel parental desempenha no desenvolvimento da criança em direção à maturidade (Motta, 2006), destaca-se a importância de estudos que tenham a família como foco, principalmente a figura do pai que é pouco estudada em comparação à da mãe. O que não significa que sejam poucos os estudos que focam a paternidade; ao contrário, segundo Souza (2009) trata-se de um tema de grande relevância na literatura nacional e internacional. Romanelli (2003) compartilha da observação de que são poucos os estudos que abordaram a paternidade em comparação com os trabalhos que focam a maternidade; ademais as pesquisas mostram que a relação entre a díade pai-filho(a) vem sofrendo alterações que se relacionam com a história e cultura, o que é responsável pela noção de construção cultural da paternidade.

Assim como a noção de paternidade, a instituição familiar também não é entendida de maneira estática, mas dinâmica, sofrendo modificações ao longo da história, que se expressam/expressaram em diversos arranjos e rearranjos. Amazonas e Braga (2006) referem-se à “trans-historicidade” do laço familiar em contrapartida a uma “eternidade” da família; eles destacam a pluralidade desta instituição pontuando que não se deve falar sobre “família”, mas sim sobre “famílias”. Desta maneira, para compreendê-la, é importante manter um diálogo entre as diversas correntes do saber, como História, Sociologia, Antropologia, Filosofia e Psicologia, Psicanálise.

1.1 Família e paternidade: um possível percurso

A História revela que a instituição familiar não possui um caráter natural nas sociedades humanas, mas é produto da criação social e sofre/sofreu modificações que acompanham o contexto no qual ela se insere (Durham, 1983). Assim, a família constitui um paradoxo velho-novo: trata-se de algo muito antigo, pois, independente do vínculo que a define (consanguinidade, filantropia), o ser humano, em seu período inicial de vida, sempre vai precisar de cuidados do outro para sua existência. Por outro lado, considerar a família como algo novo é pensá-la como uma instituição que se modela e transforma de acordo com a sociedade em que está inserida (Boarini, 2003).

A família como algo antigo está presente no trabalho de Thorne (1992) quando cita o texto de Malinowski (1913). Este considera a família como instituição universal por se tratar de uma necessidade humana. Ele apresenta três características: a primeira se relaciona com o processo de nutrição das crianças pequenas; para isso, é preciso que a família seja uma unidade social restrita onde sejam reconhecidos ambos os pais. A segunda aponta para a convivência, em um espaço limitado, de indivíduos que se reconhecem e se diferenciam dos outros que não habitam este espaço; a terceira refere-se ao afeto compartilhado entre os membros. Thorne, porém, cita os nativos Zinacantecos (México), que não distinguem a família dos outros membros da tribo. Assim, alguns exemplos de tribos são contrários à noção de “família universal” de Malinowski. Contudo, Thorne (1992) afirma que ao longo do tempo os antropólogos pouco modificaram a concepção de Malinowski sobre as características da família, mas somente a alteraram no sentido de excluir a figura paterna como necessária. Assim, as características se mantêm focadas na relação entre mãe e filho. Tal modificação fez com que vários estudos deixassem de lado o pai ao pensar sobre as relações familiares.

Roudinesco (2003) caracteriza a família como antiga ao argumentar que mesmo em sociedades que possuem culturas, práticas sexuais e educacionais muito distanciadas, a família é uma instituição universal, pois em todas as sociedades há uma união, independente da duração, entre homem, mulher e filhos. Sobre a universalidade da instituição famílias, Roudinesco (2003) cita Lévi-Straus (1956), o autor afirma que A noção de família universal sustenta-se na visão naturalista da diferença entre o sexo masculino e feminino. Além disso, assinala que para que uma família exista é preciso de outras duas já estabelecidas: uma que forneça o homem e outra a mulher. Assim, é possível pensar a família por meio de um referencial psicanalítico, histórico, sociológico; que privilegiam uma abordagem vertical sobre a questão, a transgeracionalidade e suas relações. Também um estudo horizontal, antropológico, que possui as alianças como foco. Assim, ao discorrer sobre a universalidade da instituição familiar, pensa-se sobre duas perspectivas que se associam: biológica e cultural. A cultura, sociedade, tempo histórico, fundem-se com a reprodução biológica. Trata-se de duas ordens distintas que carregam uma diversidade de fatores que permeiam a constituição familiar, tais como: costumes, hábitos, comunicação, crença, território. Essa pluralidade de experiências possibilita que a família, apesar de universal, possibilita ser plural.

Por outro lado, pensar a família como algo novo demanda uma articulação entre o modelo/práticas familiares com o contexto atual em que ela se insere. Para tanto, é preciso um olhar para o passado. Engels (1982) dialoga sobre a origem da família partindo da obra de Morgan, datada de 1887, que introduziu uma ordem precisa sobre a história da humanidade,

destacando três épocas principais (estado selvagem, a barbárie e a civilização), divididas de acordo com os progressos obtidos na produção dos meios de existência. Morgan relaciona, assim, grandes épocas de progresso com a ampliação de fontes de existência. O mesmo não acontece com a noção de família que, apesar de se desenvolver de maneira paralela à humanidade, não oferece critérios conclusivos para a delimitação de períodos. Apesar desta observação, ele buscou reconstituir retrospectivamente a história da família em quatro estágios:

a) Família Consanguínea: é a primeira força de união; trata-se de um matrimônio endógeno. Como pais e filhos não podiam se relacionar sexualmente entre si, os irmãos eram necessariamente marido e mulher;

b) Família Punaluana: proíbe a relação entre irmãos, inicialmente entre irmãos uterinos e mais tarde entre irmãos colaterais (primos carnais, em segundo e terceiro graus). É uma família por grupos; surge a noção de sobrinhos e primos;

c) Família Sindiásmica: nesta, já havia união entre os pares - o homem passa a viver com uma mulher principal; a ele é dado o direito da poligamia e a ela é dado o dever da fidelidade. A linhagem é considerada feminina, o que garante à mulher o direito materno quando se rompe o vínculo conjugal; neste momento se inicia e vai se estabelecendo o patriarcado;

d) Família Monogâmica: nasce da Sindiásmica e sua finalidade é gerar filhos cuja paternidade seja inquestionável. Os laços nesse tipo de família eram mais sólidos e difíceis de romper do que os do modelo anterior, pois somente o homem podia desfazer o vínculo. Cabia à mulher tolerar a infidelidade do homem, devendo ser casta e fiel.

De acordo com Engels (1982), a despeito desta tentativa de identificar modelos correspondentes a etapas históricas específicas, não é possível considerar que eles foram homogêneos e preponderantes em todos os lugares. Porém, destaca-se no período da “Família Sindiásmica”, o surgimento do patriarcado, que estabeleceu um novo modelo de organização familiar, fortificado no estágio seguinte, marcando, assim, o domínio do masculino.

Desta maneira, faz-se necessário um olhar mais detalhado para o trajeto histórico que, assim como a instituição familiar, a função paterna também percorreu. Segundo Florentino (2002), a idéia da paternidade, advinda da relação entre procriação e ato sexual, foi assimilada no início do período neolítico por sociedades mais desenvolvidas. Anteriormente, a organização familiar e religiosa era matrilinear com a noção de procriação e filiação referindo-se exclusivamente ao sexo feminino. A noção de paternidade trouxe mudanças profundas nessa realidade cultural vigente.

Segundo Dupuis (1989), a consciência da participação masculina na procriação e as suas consequências se propagaram pelo mundo por volta do ano 5000 a.C. Este período corresponde ao surgimento das guerras entre as comunidades, em que a força masculina passou a ser conveniente e valorizada. Foram, porém, necessários muitos milênios para que se estabelecesse um sistema patrilinear, consolidação que foi favorecida pelas circunstâncias históricas (sedentarismo, guerras, início da propriedade de terras). Os homens passaram a assumir papéis importantes na sociedade, como reis, deuses e, mais tarde, como chefes de família. Junto a esta, os homens fundaram reinos e representaram a moral e a religião. Com a noção de “paternidade” se estabeleceram parentescos, o que possibilitou o surgimento dos agrupamentos familiares. A vida sexual passou a ser organizada segundo uma determinada ordem, sendo o pai quem garantiria a continuidade do grupo. A hegemonia paterna foi única e inquestionável durante um longo período.

No entanto, de acordo com Dupuis (1989), a passagem da Idade Média para a Moderna, com a substituição do discurso religioso pelo científico, acarretou o início de uma perda lenta e progressiva da hegemonia paterna, presente até os dias atuais. A abolição da monarquia, o período industrial e os ideais de igualdade foram disseminados pela revolução francesa. A intervenção crescente da justiça e do Estado passou a defender os direitos das crianças e atribuir à mãe um papel insubstituível, que enaltecia o amor maternal em detrimento ao do pai.

Nesse sentido, no início do século XX observou-se claramente um retraimento do patriarcado na sociedade, como se os períodos anteriores tivessem criado condições para que ocorressem as atuais intervenções capazes de diminuir o poder paterno no âmbito familiar. Entende-se que este movimento ocorreu devido à interferência de diversos poderes, tais como o do estado e o médico (Goran, 2006). De acordo com Singly (2007), o Estado influencia a família através de diversos níveis: no nível jurídico com leis sobre contracepção, interrupção voluntária da gravidez, divórcio, autoridade parental; no nível econômico com a previdência social, aposentadorias, incentivo à poupança, por meio de certas ajudas como os abonos para pai/mãe sozinhos, por meio do fisco; no nível institucional, aceitando responder à demanda social das famílias por uma escolarização precoce, tornando possível a emancipação das mães. O Estado ajudou e ajuda a diminuir os laços de dependência: da família em relação à solidariedade dos parentes e dos vizinhos; da mulher em relação ao homem. Dessa maneira, o Estado pode ser entendido como um substituto do marido, pois ele reduz diversos tipos de dependência parental.

Também contribuíram para o retraimento da importância do pai as Guerras Mundiais promotoras do trabalho feminino e o movimento feminista. Na contemporaneidade, em concordância com as mudanças culturais, sociais e econômicas, é notável uma divisão de tarefas entre o pai e a mãe nos cuidados com o filho. O manejo da criança deixa de ser primordialmente feminino e torna-se compartilhado (Amazonas & Braga, 2006).

Assim, o declínio da tradição patriarcal parece ter reinserido o homem na família de uma maneira diversificada. Apesar do destaque dado ao pai na família, até meados do século XX, na educação e no desenvolvimento do filho(a), como já ressaltado, era enfatizado o papel materno. A influência do amor paterno no desenvolvimento da criança foi amplamente ignorada. Estudos sobre a paternidade, anteriores aos anos 70, tinham duas vertentes: em uma os pais eram vistos como ineficazes e até mesmo inadequados biologicamente para os cuidados infantis; na outra era desconsiderada a influência paterna no desenvolvimento da criança ou esta era tida como muito periférica e indireta. As pesquisas feitas entre as décadas de 70-90 iniciaram um processo de desmistificação de tais crenças e passaram a assinalar a grande importância do papel paterno, apontando para o fato de que a falta do amor do pai não implica somente em um mal-estar físico e emocional do indivíduo, mas também em problemas comportamentais e psíquicos (Rohner, 1998). Porém, segundo Machado (2005), no Brasil, foi somente a partir de 1990 que se iniciou um interesse pelo estudo da paternidade. Assim, até este período, a noção de “masculino” era descrita como universal e a-histórica. O homem era visto de maneira estática, como empreendedor, guerreiro, provedor. Contudo, estudos mais recentes ressaltam uma desestabilização das representações do gênero masculino, estimulada por transformações sociais, tais como a entrada da mulher na esfera pública e críticas feministas. Dessa maneira, a masculinidade passou a ser vista com um caráter polissêmico, como uma construção social que é percebida e vivenciada de maneiras peculiares em função do contexto histórico em que se insere. Tais características também influenciaram a maneira com que o homem vivencia sua função paterna.

Pesquisa qualitativa realizada por Freitas (2009) com dez pais demonstrou que apesar das mudanças ocorridas no exercício da função paterna, tais como: oferecimento de afeto e ajuda nos cuidados dos filhos, o modelo patriarcal tradicional em que se predomina a função de provedor ainda é preponderante. Em consonância, Silva (2007) também desenvolveu uma pesquisa com pais, em seu trabalho demonstrou uma significativa participação destes na vida dos filhos em diversos âmbitos, tais como: cuidados e responsabilização pela criança. No entanto, a participação, além da questão de provisão material, mostrou variável e parece ser cadenciada pelos compromissos profissionais paternos. Os participantes demonstraram crítica

quanto ao exercício da função, uma vez que entenderam que deveriam dispor um tempo maior para o contato com seus filhos. Este estudo vai ao encontro das ideias de Hennigen (2010) a autora assinala que o homem contemporâneo vivencia um confronto de significações: há expectativas sobre seu papel no mundo público, através do trabalho; bem como no mundo privado, através de uma exigência por ser um bom pai. Apesar do declínio do patriarcado, atualmente os especialistas designaram ao homem um lugar de grande importância no ambiente familiar, sendo a presença paterna importante para o desenvolvimento infantil. Contudo, o exercício da função é atravessado por diversos discursos alheios aos do próprio pai, muitas vezes são os especialistas que apresentam e discorrem sobre os filhos. Situação que dificulta a invenção da nova paternidade que tem que se haver com expectativas plurais.

A paternidade contemporânea não deve ser entendida como contrária ao modelo tradicional, onde o valor da paternidade reside na presença diante do filho. Ser próximo não é a solução, mas meio. É preciso que o homem construa uma identidade singular, mesmo que, por vezes contraditória e flexível. Para tanto, considera-se a paternidade inserido em um contexto sócio-histórico circunscrito por uma gama de atravessamentos, tais como relações de poder (Hennigen, 2002).

A pluralidade da função paterna foi destacada no trabalho de Moreira (2009), que realizou uma pesquisa com crianças baianas de diferentes localidades e níveis socioeconômicos sobre o significado que atribuem à família e aos seus familiares; o autor utilizou entrevistas com diferentes grupos de crianças e uma das perguntas se referia ao “o que é ser pai”. As respostas foram bastante variadas, incluindo-se em diversas categorias: “lúdico”, “cuidador”, “não sei”, “provedor”, “afetivo”, “disciplinador”, “trabalhador”, “bom”. As respostas se alteraram de acordo com o nível sócio-educacional, bem como o local da moradia, mostrando, desta maneira, a pluralidade de possibilidades de atributos para o papel paterno presentes na contemporaneidade.

Assim como a reestruturação do(s) “lugar(es)” paterno(s) na sociedade, a dinamicidade da instituição familiar, principalmente nos séculos XX e XXI, também demarcou novos parâmetros nas relações de gênero e arranjos familiares (Simas, 2009; Amazonas & Braga, 2006).

Nesse sentido, Birman (2009) assinala que a biopolítica vivenciada na contemporaneidade se opõe à vigente na passagem do século XVII – XIX. A mudança articula-se com o distanciamento da mulher de um papel materno sedimentado nos ideais e valores da burguesia, estimulada por avanços da Medicina, tecnologia e movimento feminista. Assim, a mulher contemporânea é capaz de separar a reprodução do prazer, recusa-se em se dedicar somente ao exercício da função materna. Influenciada por essa plurificação do papel

feminino, a criança também é destituída de sua posição soberana dentro do lar. Nesse sentido, observa-se uma progressiva diminuição no investimento nas crianças, que passaram a ser terceirizados para além do arranjo familiar, ficando aos cuidados das babás e creches. Birman também afirma que a criança vem sendo cada vez mais indesejada e objeto de recusa, vide as baixas taxas de natalidade em países europeus.

Em relação aos arranjos familiares, Roudinesco (2003) descreve uma evolução na ordem familiar marcada por três fases: na primeira a família é tida como tradicional e tem como função a transmissão de patrimônio; na segunda (séculos XVIII-XX) a família é regida por uma lógica afetiva; finalmente, a terceira remete à família contemporânea (década de 60-70), que é caracterizada por uniões que focam a busca pelo prazer ou realização individual, havendo uma desvalorização da noção de “até que a morte os separe”.

Assim, nota-se a dissolução da idéia de amor romântico para uma vivência de “amor confluyente”. O primeiro se baseia em uma identificação projetiva em que os parceiros se atraem e se unem em uma relação única, perfeita e eterna. O segundo é entendido como um amor ativo em que há igualdade na doação e recebimento emocional; nele a satisfação sexual é muito valorizada, capaz de fortalecer ou dissolver o relacionamento. A busca pela pessoa ideal, portanto, perde o sentido. É um tipo de amor que enfraquece os laços de dependência e fomenta a igualdade entre os sexos (Giddens, 2000).

O amor confluyente parece mais adaptado à sociedade atual. Segundo Bauman (2004), as relações contemporâneas são caracterizadas como frágeis. Ao mesmo tempo em que se sente uma necessidade de se conectar com o outro para suprir relações ausentes, é preciso que tal ligação não seja forte para poder ser dissolvida com facilidade quando o indivíduo entender como conveniente. Destarte, desvalorizou-se a noção de “eternidade” e, em paralelo a tais mudanças, observa-se uma queda na predominância do arranjo familiar nuclear diante de outras tantas configurações familiares possíveis.

1.2 Famílias: diversidade de arranjos

A contemporaneidade apresenta diversos arranjos/rearranjos familiares. Como a vivência subjetiva acerca das práticas familiares nem sempre foi a mesma, as funções materna e paterna vêm sofrendo alterações (Corbin, 2008; Lobo, 2008). Atualmente, a família tradicional (nuclear) divide espaço com uma diversidade de outros arranjos, tais como:

recomposto, monoparental (pai-mãe), homoparental, gerada artificialmente. De acordo com Rios & Gomes (2009) a presença maciça de uma diversidade de configurações exige um posicionamento da sociedade em direção à sua legitimação e aceitação. Contudo, Ceccarelli (2007) afirma que muitas das configurações familiares entendidas como contemporâneas sempre existiram, mas não eram consideradas em si mesmas, ou por se afastarem do que era aceito como o padrão ideal de família ou por serem simplesmente ignoradas. Esse quadro se alterou somente quando os membros dessas famílias passaram a reivindicar os seus direitos.

De acordo com Watarai (2009), apesar dos diversos arranjos existentes, a família nuclear ainda é o modelo mais valorizado, presente no imaginário como ideal. Nesse contexto, Martins e Szymanski (2004), em pesquisa realizada com crianças institucionalizadas, mostraram que a representação que elas possuem sobre família, presente em suas brincadeiras, remete ao arranjo nuclear como o mais significativo.

A valorização que a sociedade atual atribui para família nuclear aparece também na obra de Winnicott (1960/2005). Para ele, a família unida é facilitadora no processo de desenvolvimento infantil, o que não ocorre quando ela é ameaçada de dissolução. O principal argumento de Winnicott é que diante da estabilidade familiar cria-se a possibilidade da presença interna das figuras parentais; assim, é possível buscá-las mesmo quando ausentes. Ele ressalta que o rompimento de uma família não estabelece instantaneamente uma relação de causa-efeito com o aparecimento de algum sintoma. Contudo, por vezes, ele estimula o desenvolvimento precoce e a independência/responsabilidade das crianças. Porém tais precocidades não são valorizadas por Winnicott, que considera que a saúde e a maturidade se dão em função do momento de desenvolvimento específico, “*o infante sadio de três anos tem a maturidade de um infante de três anos*” (pp.129).

Questiona-se, porém, se a união e sustentação da imagem das figuras parentais só seriam atingidas devido ao arranjo nuclear em si, ou à participação de ambos os pais (ou substitutos) na vida dos filhos. É importante, contudo, não perder de vista o contexto sócio-histórico da época de surgimento da teoria do amadurecimento emocional formulada por Winnicott (1958/1990) uma vez que a diversidade de arranjos familiares, com o seu reconhecimento como uma realidade em si somente ocorreu tempos depois no segundo período da modernidade, conforme formulado por Singly (2007). Assim, muito foi pensado sobre o desenvolvimento emocional infantil, porém, contextualizado com o arranjo familiar nuclear, por ser este o mais presente na época de surgimento da teoria winnicotiana. Destarte, pouco se pensou, naquele momento, sobre a possibilidade de desenvolvimento infantil em diferentes organizações familiares.

Apesar da disseminação dos novos arranjos, a família nuclear ainda é a predominante no Brasil: dos 54,6 milhões de domicílios brasileiros, 47,56% é ocupado por casais com filhos. Contudo, esta configuração vem perdendo espaço para as novas organizações familiares. Segundo os dados da Pesquisa Nacional de Desenvolvimento da Saúde de 2006 (PNDS), há uma tendência para o aumento do número de famílias monoparentais ou reconstituídas (Oliveira, 2010). Dados anteriores já sinalizavam esta tendência: a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios de 2004 fez um levantamento comparativo sobre os arranjos familiares, chegando às seguintes porcentagens: 9,9% unipessoal, 14,4% casal sem filho, 51,5% casal com filho, 18,1% mulher com filhos (monoparental materna) e 5,8% inseridas na categoria “outros tipos” que inclui a monoparental paterna. No cálculo tendo como foco restrito os domicílios onde há existência do filho, 25% das famílias pertencem ao arranjo monoparental e em 75% há presença de cônjuges e filhos; porém, não se discriminou se ambos os cônjuges são pais biológicos da criança, o que implica que esses dados incluem a família recomposta.

Nesse sentido, o artigo 25 Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) define a família como: *“a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes”*, enfatizando o vínculo biológico na denominação da família, independente do arranjo. Porém, segundo Pinheiro (2009), mesmo diante da crescente queda da hegemonia de famílias nucleares, as políticas públicas do Estado ainda se baseiam somente nesse tipo de arranjo como modelo para definir medidas e projetos de intervenção para a sociedade como um todo. Assim, o Estado parece não estimular e nem ao menos reconhecer na prática as mudanças pelas quais a sociedade passa no âmbito familiar.

Além de não serem parte do planejamento do Estado, os novos arranjos familiares enfrentam inúmeros desafios relacionados com a própria dinâmica familiar. Cano (2009) afirma que as famílias recompostas possuem falta de clareza ao estabelecer quais são os papéis dos membros, quanto à administração do tempo e ao exercício da autoridade. Além disso, em algumas situações, somente um dos cônjuges passou por uma união anterior, o que implica que as experiências compartilhadas podem ser distintas, cada um deles se encontrando em um ciclo de vida.

Watarai (2009) afirma que a indefinição e falta de clareza dos papéis dos membros nas famílias recompostas faz com que as relações sejam constituídas e conquistadas pela convivência. É no dia-dia que os laços de afeto são criados. Porém, há uma grande complexidade no exercício do papel de padrasto e madrasta, com diversos complicadores. Pesquisas feitas com homens de famílias recompostas apontaram para a tendência a privilegiar a questão do suporte econômico em detrimento das esferas do âmbito doméstico e

das relações familiares. Nesse sentido, Martins (2008), desenvolveu uma pesquisa com adolescentes sobre o uso de drogas e prática de infrações, ressaltou o fato de que a maioria dos participantes era proveniente de família de arranjo monoparental. Assim, entendeu que a relação entre os adolescentes com seus pais se mostrou como um fator positivo contra o envolvimento dos filhos com uso de drogas e atos infracionais, indicando a dificuldade da relação em tal arranjo. No entanto, a questão não parece ocorrer somente em decorrência da configuração familiar, mas, principalmente, relaciona-se com as relações que o adolescente estabelece com seus pais, independente da coabitação.

O arranjo monoparental, bem como o recomposto, também possui especificidades. Segundo Weissmann (2009), trata-se de uma organização familiar composta por uma figura parental única. Geralmente as famílias monoparentais são chefiadas pelas mães, havendo poucas famílias monoparentais cuja guarda pertença ao pai. O Plano Nacional de Promoção e proteção e defesa do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária (Ministério da Saúde, 2006), também aponta para a disparidade entre a quantidade lares monoparentais paternos e maternos. No entanto, enfatiza que a não coabitação não deve implicar no rompimento do vínculo com a criança e nem o distanciamento no exercício do papel paterno.

Apesar da realidade familiar mudar rapidamente, as novas configurações familiares não são acompanhadas no mesmo ritmo por mudanças culturais. Desta maneira, não há um repertório preciso e claro sobre as normas pelas quais as “novas” famílias são regidas (Thorne, 1992). Por exemplo, apesar das inúmeras conquistas femininas, a noção cultural de que é atribuído ao homem o papel de provedor parece ainda pairar sobre os dias atuais. Assim, segundo Marri (2007), mesmo que a mulher tenha salário superior ao do seu cônjuge, seu trabalho possui um valor secundário na organização familiar e as tarefas domésticas acabam sendo de responsabilidade feminina.

1.3 Winnicott: o desenvolvimento emocional e a figura paterna

A diversificação e indefinição do papel paterno mostram-se ainda mais complexas face às diferentes modalidades de arranjos familiares presentes na contemporaneidade. Com isso, a função paterna necessita ser concebida e compreendida de maneira flexível, levando em consideração as suas variações em função desses diferentes modos de estruturação familiar, abordando o seu impacto no desenvolvimento da criança.

Nesse sentido, em uma proposta de estudar a relação entre o desenvolvimento emocional infantil e a estrutura e dinâmica familiar, o aspecto fundamental consiste na investigação do significado assumido pela paternidade e maternidade, e pelas práticas educativas privilegiadas em certa cultura e em determinado período histórico. Para tanto, a Psicanálise é tida como uma abordagem particularmente relevante, tanto em termos de método, como de referencial interpretativo, uma vez que sua essência se constitui na busca por compreender os significados conscientes e inconscientes do comportamento humano.

Um autor que considerou a importância das relações e do ambiente no processo de desenvolvimento emocional e seu significado foi Donald Woods Winnicott. Segundo suas ideias, no desenvolvimento emocional saudável a criança parte de um estado de dependência total em relação ao outro até conquistar a autonomia relativa. Durante este processo os cuidados despendidos ao bebê pelos pais se alteram de acordo com o estágio do desenvolvimento emocional. O mundo da criança seria inicialmente constituído pela mãe e suas relações com ela, posteriormente passando a ser aberto ao pai e à família extensa, para depois haver o convívio e aceitação da vida em sociedade (Winnicott, 1960/2005).

Segundo Fulgencio (2007), as ideias de Winnicott atribuem ao pai uma diversidade de papéis que se alteram, acompanhando o processo de amadurecimento emocional da criança. Assim, ele se distancia do pressuposto pela Psicanálise tradicional, que atribui ao pai, essencialmente, o papel de interventor, relacionado e centrado à vivência do Complexo de Édipo. Winnicott (1960/2005) considera como determinante para o desenvolvimento emocional saudável o período da primeira infância, momento em que ocorre uma extrema dependência do bebê em relação à mãe. Com isso, ele concebe a qualidade ambiental como um fator de extrema importância para que ocorra o amadurecimento psíquico, sendo que o “Complexo de Édipo” é apenas um evento de uma de suas fases posteriores, que pode ou não ser alcançado. O pai, para Winnicott, não remete apenas às leis, mas sim a um modelo de integração que auxilia o processo de desenvolvimento individual.

Apesar da relevância desta ideia, são poucos os trabalhos que utilizam o referencial winnicottiano para a compreensão da função paterna. Tal fato pode ser explicado pela ênfase e detalhamento que este autor atribui à figura materna, o que não significa que o pai foi considerado como pouco relevante. Ao contrário, Winnicott aborda o desenvolvimento emocional tendo o “cuidado” (*holding*) como foco; assim, é de grande importância avaliar o papel do pai real que despende cuidado para o bebê e o ambiente em que ele está inserido. Afinal, as falhas paternas, assim como as maternas, podem gerar prejuízos ou serem

facilitadoras do processo de desenvolvimento emocional de acordo com a fase em que se encontra, de acordo com a maturidade da criança (Fulgencio, 2007).

O provimento afetivo oferecido à criança relaciona-se com a maturidade da mesma. Winnicott (1960/2005) considera que maturidade é sinônimo de saúde, e o indivíduo saudável é aquele que se encontra dentro dos limites e possibilidades de sua idade. Em outras palavras, a criança madura não é um adulto precoce. Desta forma, para que a maturidade seja alcançada, é necessário que a família possibilite um espaço de transição entre o cuidado familiar e a vida social, compreendida como extensão dele.

Winnicott (1945/2000) pressupõe a existência de três estágios do desenvolvimento emocional: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. Ele considera o desenvolvimento emocional um processo dinâmico, em que as aquisições de cada estágio podem ser perdidas diante de uma quebra das condições mínimas ambientais e ansiedades intensas, mas também podem ser reconquistadas em outro momento. Em meio a esses estágios ocorrem três processos: integração (facilitada pelo *holding*), personalização (sensação de possuir um aparelho mental que habita o corpo) e realização (capacidade de agir em uma realidade, dentro de determinado tempo e espaço, fazendo uso pessoal dos objetos).

Na dependência absoluta há predomínio do autoerotismo e processo primário de pensamento. Neste primeiro estágio de desenvolvimento, o bebê parte de um estado de não integração e, para se desenvolver, precisa da presença de uma “mãe-ambiente”, que se identifique com ele e lhe forneça *holding* suficiente, ou seja, sustentação física e psíquica. A intensa identificação materna, denominada de “preocupação materna primária”, permite com que a mãe atenda as necessidades do bebê possibilitando que ele tenha a experiência de ilusão, ou seja, o ambiente (mãe) vai ao encontro da necessidade do bebê, fazendo com que ele acredite ter criado o objeto de que necessita. Ele vivencia, então, um estado de onipotência, em que a mãe suficientemente boa corresponde à sua criatividade primária e a faz real. No entanto, após a experiência de onipotência, é de suma importância que a mãe possa cometer falhas, permitindo a vivência da desilusão e a inserção na realidade; somente assim a criança poderá ser capaz de considerar a existência do outro, externo e diferente dele. As falhas maternas devem ser graduais, pois, caso sejam contínuas ou abruptas, podem comprometer o desenvolvimento afetivo (Winnicott, 1945/2000).

Na dependência relativa, ou estágio das experiências transicionais, o bebê dá início às relações objetais, fase de transição em que é comum que a criança possua um objeto intermediador (transicional), um elo de ligação dos mundos interno e externo, cuja função é substituir a mãe durante o processo de desilusão que está em curso. Winnicott (1945/2000)

entende que as experiências transicionais ocorrem em uma terceira área, que é ao mesmo tempo interna e externa. A partir dessas experiências, o bebê passa a integrar impulsos de amor e ódio e discriminar o mundo interno do externo, permitindo o uso pessoal dos objetos que estão presentes em seu meio (criatividade secundária). É o início do processo de simbolização, representado principalmente pelo brincar espontâneo. Segundo Safra (2005), os fenômenos transicionais ocorrem através de um encontro entre a percepção material e objetiva do mundo com a vivência subjetiva. Assim, ele pode ser um representante da mãe, mas sua maior importância consiste em não ser a mãe. Trata-se de uma possessão da criança que está subordinada ao seu próprio gesto, possibilitando a criação deste no mundo (Safra, 2008).

O terceiro estágio, rumo à independência, é conhecido pela fase das experiências compartilhadas; nele há uma discriminação crescente da realidade e diferenciação eu-não eu. O *self* é contínuo no tempo e no espaço e a criança já é capaz de internalizar em sua memória os cuidados maternos, projetar suas necessidades e confiar no ambiente. Neste momento, a criatividade do indivíduo pode ser expressa culturalmente e a vida em sociedade tem sentido para sua existência.

Dias (2003) separa os estágios do desenvolvimento, didaticamente, em dois grandes blocos: o primeiro contempla o estágio mais primitivo em que se vivencia a dependência absoluta; o segundo ela denomina como “os estágios da dependência e independência relativas” que contemplam o percurso do segundo e terceiro estágios de Winnicott. Este segundo bloco abarca diversos momentos do processo de desenvolvimento assinalado por Winnicott, tais como: desilusão (desmame), transicionalidade, uso do objeto, “eu sou”, estágio do concernimento e estágio edípico.

O estágio do “Uso do objeto” relaciona-se a capacidade que é adquirida de fazer uso do objeto. Para tanto, é preciso ter percorrido de maneira satisfatória as etapas iniciais do processo de desenvolvimento. Nesse sentido, a mãe deve ter apresentado o mundo ao bebê de maneira lenta e gradual, possibilitando que em um momento inicial ele se confundisse com o objeto subjetivo. Mais tarde, na vivência da transicionalidade, misto de realidade interna e externa, o objeto passa a ser uma posse do bebê. Com o avanço do processo de desenvolvimento, o amadurecimento possibilita que se experimente a realidade externa e a entenda como compartilhada e objetiva, assim, torna-se possível fazer um uso pessoal do objeto, sendo este entendido como “a coisa em si mesma” (Dias, 2003, p. 245).

O estágio “Eu sou” assinala a conquista de uma integração, existência unitária decorrente do processo de desenvolvimento. Trata-se da integração de diversos âmbitos da personalidade, a discriminação entre o eu-não eu. No entanto, a percepção do mundo vem acompanhada por um sentimento de hostilidade, exposição e vulnerabilidade. Assim, é

importante que a criança sintasse protegida e acolhida. Esta conquista não oferece ao bebê o status de um ser inteiro, mas oferece condições para a vivência de uma etapa posterior e de grande importância, o estágio do concernimento (Dias, 2003).

Segundo Winnicott (1945/2000), a fase anterior ao concernimento, “pré-concernimento”, já aponta para uma existência própria, no entanto, a criança ainda não é capaz de se preocupar com o que seus atos podem acarretar. A impossibilidade de se apropriar da culpa pode ser notada através da dissociação de aspectos da personalidade infantil, onde se observa momentos de calma, mas também de excitação.

O estágio do concernimento aproxima-se da posição depressiva descrita por Melanie Klein. Neste momento, o sucesso no processo de integração facilita a discriminação de aspectos da personalidade materna e abre espaço para a vivência de sentimento de culpa. Assim, diante de um possível dano, a agressividade infantil é convertida em sofrimento e culpa. É importante que seja oferecido à criança um espaço reparatório, a fim de que a agressividade não necessite emergir novamente (1945/2000).

Segundo Dias (2003), com a conquista de uma existência unitária, o “estágio do concernimento” é um momento em que se busca a integração da vida instintual da criança, o que oferece condições para que se torne uma “*pessoa inteira capaz de se relacionar com outras pessoas inteiras*” (p. 259). Neste momento, o bebê inicia a percepção de que os impulsos não são externos a ele, inicia-se uma apropriação do seu gesto, bem como de suas consequências. No entanto, reconhecer em si os atos agressivos e ter percepção da culpa, acarreta em uma projeção da própria agressividade acompanhada de um temor de que ocorra retaliação. Neste momento, é importante a presença materna contínua que sustente a agressividade dirigida e demonstra a reversibilidade de tal ato, o chamado: “*machucar-se e remendar-se*” (p. 262) que indica o caminho da reparação. Além disso, a relação causal dos atos reforça a noção de temporalidade: passado, presente, futuro.

1.3.1 Conceitos de Ego e Self

Todos os estágios de desenvolvimento emocional, principalmente quando inseridos em um ambiente suficientemente bom, caminham para a integração do indivíduo, a constituição e continuidade de seu *self*. Girola (2004) descreve o conceito de *Self* inserido em diversas correntes do saber. Identifica que este conceito para a Filosofia relaciona-se com

“identidade”, “autoconsciência”. Também destaca a relevância do *Self* para a Psicologia analítica de Jung, como indicativo de vários fenômenos do indivíduo, sendo o *Self* capaz de integrar aspectos tanto conscientes quanto inconscientes. Para a Psicanálise, Girola (2004) aponta que esse conceito é utilizado com diferentes significados, tais como: a pessoa como um todo, como uma parte da mente e até mesmo como correspondente ao Ego.

O conceito de *self* tem importância central nos estudos de Winnicott. De acordo com Izhaki (2007) e Abram (2000), diante da dinamicidade da teoria winnicottiana, grande parte dos conceitos utilizados por este autor se modificaram ao longo de sua obra. Isso parece ter ocorrido com o significado de “Ego” e “Si mesmo” (*Self*). Segundo Dias (2003), tais conceitos foram utilizados, por vezes, como sinônimos na obra de Winnicott até 1962. A partir desta data, o autor demarcou as diferenças de maneira um pouco mais clara. Assim, para ele, o “Ego” não se refere a uma instância psíquica, mas sim a um âmbito da personalidade que, quando encontra um ambiente suficientemente bom, tende à integração. Ele é capaz de reger as defesas do indivíduo e fazer emergir um padrão pessoal que possibilita a emergência de um “si mesmo” (*Self*), inexistente antes da integração. O “si mesmo” representa a unicidade do indivíduo que é alcançada no estágio “Eu sou”; bem como em momentos que remetem à integração, mesmo que momentânea.

Outerial (2001) também traz contribuições para a discussão entre os conceitos de “Ego” e “*Self*” na obra de Winnicott; para tanto, ele se baseia nos trabalhos de Davis & Wallbridge (1981) e de Bollas (1992). Os primeiros autores afirmam que Winnicott fez uso do conceito de “Ego” para assinalar o início do “ser” do indivíduo e para sustentar que nos primórdios da vida o “*Self*” não possui relevância. O segundo entende “ego” como referente aos processos que organizam o inconsciente e são regidos por uma estrutura herdada pela criança; De acordo com esse ponto de vista, o ego também se relaciona com o ambiente (cuidados parentais) e é anterior ao *Self*.

Safra (2005) diferencia *Self*, Eu e Ego, ele escreve:

“Compreendo *self* como uma organização dinâmica que possibilita a um indivíduo ser uma pessoa e ser ele mesmo. Trata-se de uma organização que acontece dentro do processo maturacional com facilitação de um meio ambiente humano. A cada etapa desse processo há uma integração cada vez mais ampla decorrente das novas experiências de vida. O “eu” seria, para mim, um campo representacional que possibilita ao indivíduo uma identidade nas dimensões espaço e do tempo. É importante ressaltar que nem o *self* e nem o eu confundem-se com o ego, que é uma das instâncias intrapsíquicas de caráter funcional, articulador das demandas do id, do superego e da realidade.” (p. 39).

Apesar do *Self* ser entendido como posterior ao Ego, o processo de desenvolvimento inicial do indivíduo é de importância essencial para a “constituição” de ambos. Segundo Winnicott (1945/2000), quando a mãe exerce seu papel de maneira suficientemente boa nos estágios iniciais da vida da criança, ela atua como facilitadora da tendência inata para o desenvolvimento pessoal. Assim, a constância inicial materna oferece as bases para o ego do bebê e para o seu vir a ser, para seu *Self*. Inicialmente há uma relação intensa entre ego materno e o da criança. Mais adiante, as falhas maternas ainda não são percebidas como externas ao bebê, o que gera um sentimento de aniquilamento que constitui a primeira experiência de constituição egóica da criança. O fato das falhas ocorrerem de maneira gradual e reversível possibilita que o bebê crie confiança e que o ego suporte frustrações. Assim, o Ego corresponde a um somatório de experiências e tem a função de síntese e percepção que auxilia no processo de integração.

Apesar da importância do desenvolvimento inicial para a constituição do “Si mesmo”, sua manifestação é somente possível em estágios mais avançados. Winnicott (1960/1990) atribui ao *Self* a criatividade e o gesto espontâneo do indivíduo. Para que o *Self* potencial torne-se total, central, é preciso que a criança esteja inserida em um ambiente facilitador de seu desenvolvimento, capaz de possibilitar que o *Self* adquira um sentido de continuidade. O *Self* depende da estabilização dos tecidos e funções corporais e reúne a experiência do viver do indivíduo, atribuindo-lhe uma singularidade em seu existir e a possibilidade de tornar-se um ser cultural. Assim, a principal contribuição da família é oferecer um “ambiente suficientemente bom”, ou seja, que atende às necessidades reais do bebê desde o nascimento para que o *self* se desenvolva de um estágio potencial para o total, favorecendo a existência pessoal e singular.

Ainda segundo Winnicott (1960/1990), o *self* possibilita que a criança dê um significado para as identificações que vão ocorrendo com as figuras que lhe foram importantes, incluindo o pai e a mãe. Nesse sentido, vai havendo a organização de uma realidade psíquica interna, que acompanha o gesto espontâneo do indivíduo. Em outras palavras, é o *Self* que dá sentido para a ação e para o viver, desde a dependência e imaturidade até a autonomia e a capacidade de se identificar com objetos amorosos, sem perder sua identidade individual.

Segundo Abram (2000), o “*Self*” relaciona-se com a maneira como o indivíduo se percebe subjetivamente. Trata-se de um sentimento de realidade, sentir-se real. O “Ego”, é parte do *Self* responsável por organizar e integrar as experiências do indivíduo. Para Safra (2005) o *Self* relaciona-se com situações de qualidade estética. Ele entende o termo estético

como “(...) o fenômeno pelo qual o indivíduo cria uma forma imagética, sensorial, que veicula sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc. Estas imagens, quando atualizadas pela presença de um outro significativo, permitem que a pessoa constitua os fundamentos ou aspectos do seu Self, podendo então existir no mundo humano.” (p. 20). Para Safra, Winnicott trouxe uma significativa contribuição para que se pense sobre a constituição do *self*. Ele assinala a existência de um *Self* “central” que se caracteriza como um potencial herdado que se inserido em um ambiente facilitador e constante gera um sentimento de continuidade de ser. A partir daí, aos poucos, ele adquire suas características particulares, um ritmo próprio, uma realidade pessoal.

Assim, a aproximação com diversos autores que explicitaram a questão sobre Ego e *Self* para Winnicott, torna possível a percepção de ainda não se tratam de conceitos definidos com clareza, principalmente por ambos possuírem a capacidade integrativa da personalidade. Diante do exposto, assume-se que o presente estudo, ao pensar sobre *Self*, aproxima-se do exposto por Winnicott (1960/1990), com os acréscimos de Safra (2005).

1.3.2 Paternidade em Winnicott

Conforme ressaltado, *self* do indivíduo se constitui e atualiza diante de um outro significativo, diante de um ambiente, o que constitui uma experiência de qualidade estética (Safra, 2005). A constituição do *self* é iniciada através do primeiro cuidador da criança. Assim, não se relaciona, obrigatoriamente, com a figura paterna. Contudo, a figura paterna torna-se importante por garantir, não a constituição, mas a continuidade do *self*. Nesse sentido, uma figura de grande importância e que constitui o ambiente familiar da criança é a paterna. Assim, ressaltaremos a importância e atribuições paternas durante o processo de desenvolvimento emocional.

O fato de a teoria winnicottiana ter enfatizado a importância da função materna no desenvolvimento infantil não significa que o papel do pai tenha sido negligenciado. Nesse sentido, apesar de ter considerado que é a mãe a principal figura que provê física e emocionalmente o filho em sua fase inicial de dependência, Winnicott destaca que, para que ela consiga desempenhar seu papel satisfatoriamente e se mostrar suficientemente boa, precisa se sentir segura e amada dentro de seu ambiente; cabendo ao pai garantir tal segurança e permitir a sua identificação inicial com o bebê (Winnicott, 1960/2005; Winnicott, 1971/1975).

O pai, para Winnicott, exerce um papel imaginário e real no que chama de “ambiente facilitador”, inclusive com uma imago que faz parte da realidade interna da mãe e que, por outro lado, faz o *holding* da unidade mãe-bebê (Outeiral & Celeri, 2002).

Winnicott (1960/2005) considerou que durante o estágio de “dependência absoluta”, o pai se torna, para o bebê, uma extensão da figura materna. Inicialmente o pai assume algumas funções da mãe e depois, passa a ser o objeto de projeção de certas qualidades maternas associadas a regras, regulamentos, pontualidade, severidade, indestrutibilidade. Segundo Fulgencio (2007), neste período inicial é de grande importância que a mãe, por meio de seus cuidados, inicie o processo de integração da criança. Para tanto, é importante que o pai seja capaz de cuidar da díade mãe-bebê, protegendo-os das demandas da realidade externa. Além disso, a figura paterna pode também oferecer cuidados ao bebê, mas eles precisam se assemelhar aos maternos, como uma “mãe-substituta”.

A necessidade dessa similitude decorre de que nesta fase inicial, tudo que se distancia da constância do repertório materno pode ser invasivo e prejudicar o processo de desenvolvimento emocional. Dessa maneira, é importante que o pai tenha maturidade suficiente para entender a limitação de seu papel em relação à criança, e que esteja ciente da grande importância que exerce ao sustentar o ambiente e fornecer soluções para questões do cotidiano, da realidade, que o envolvimento com o bebê faz com que a mãe, no estado de preocupação materna primária, tenha dificuldades de considerar (Fulgencio, 2007).

Winnicott (1971/1975) afirma que durante o período de dependência relativa o pai inicia sua entrada na vida da criança como uma unidade, um todo. Desta maneira, ele contribui para os processos de integração do ego do bebê. Segundo Fulgencio (2007), durante este estágio o pai continuará a desempenhar o papel do estágio anterior, mas, além de sustentar o ambiente mãe-bebê, ele deve requisitar a atenção da mulher, auxiliando-a, desta forma, a distanciar-se do estado de preocupação materna primária e a inserir o “não” em sua relação com a criança. É na ponte, proporcionada pela transicionalidade, entre mãe objetivamente e subjetivamente percebida que se abre espaço para que o bebê note algumas características do pai, tais como: força, consistência e determinação. Todavia, estas qualidades serão percebidas pela criança inicialmente como maternas ou ambientais, sendo somente atribuídas ao pai em um estágio posterior. O pai passa, então, a fazer-se presente para o bebê, que o tem como seu primeiro modelo de integração.

Ao longo do terceiro estágio, rumo à independência, o bebê se torna “uma pessoa total”, o pai passa a ser parte da vida da criança que consegue perceber a existência de três pessoas diferentes no seu nicho familiar e adquirir a capacidade para um relacionamento

triangular. A criança sente-se segura ao perceber o pai como detentor de características, tais como: força e proteção; pois entende que o pai é capaz proteger a mãe de seus próprios impulsos destrutivos ainda não integrados. Esta figura, ao oferecer um ambiente indestrutível ao filho, lhe dá contorno e limita (Fulgencio, 2007). Desta maneira, o pai, por meio de seu papel continente, estabelece limites para o controle da agressividade (Outeiral & Celeri, 2002). Assim, ele intervém de maneira a proteger a criança impondo-lhe limites, atitude que lhe dá possibilidades de não necessitar inibir seus impulsos, mas sim de vivenciá-los sem ser dominado por uma angústia tão intensa que possa bloquear o seu desenvolvimento. A possibilidade de experimentar esses impulsos no contexto de um bom cuidado materno e paterno, ao possibilitar a integração da criança, abre espaço para a vivência do sentimento de culpa, preocupação, compadecimento ou possibilidade de se colocar no lugar do outro (Fulgencio, 2007). Tais capacidades possibilitam a vivência do próximo estágio, em que se desenvolve o Complexo de Édipo.

Fulgencio (2007) afirma que para Winnicott as vivências ocorridas durante o Complexo de Édipo possuem um caráter mais instrumentalizador, pois as internalizações já devem ter sido alcançadas nos estágios anteriores. Assim, vivenciam-se as conquistas psíquicas, tais como: integração de aspectos amorosos e instintivos, identidade única. Nesta etapa é atribuída grande importância ao pai; reconhecendo que ele possui diversos papéis, mas atua, principalmente, como um facilitador para o amadurecimento. Para poder rivalizar com o pai é preciso que se tenha confiança nesta figura que necessita ser real, participativa, oferecer proteção e sustentação para as relações familiares; só assim há possibilidade dele ser representativo da lei. A ansiedade de castração provocada pelo pai gera raiva e ódio, mas também alívio por evitar que a criança entre em contato com sua impotência, uma vez que seus impulsos não podem ser realizados. Assim, para o pai, aceitar rivalizar com a criança é retificar a potência dela, ajudando a discriminar fantasia dos fatos reais e permitindo que ocorra um pacto homossexual, o que possibilita a identificação e a aliança entre pai e filho. O período do Complexo de Édipo para as meninas é ainda mais difícil, pois sua rivalidade é com a própria mãe, ou seja, com sua primeira representação de amor e segurança.

Diante destas considerações, o papel do pai se mostra plural e de grande importância para o desenvolvimento emocional do indivíduo. Winnicott (1955) afirma que são amplas as maneiras de um pai enriquecer a vida de seu filho. Assim, tanto a mãe quanto o pai são figuras importantes no processo de amadurecimento emocional da criança. Winnicott (1960/2005) afirma que diante da extrema dependência que a criança possui de seus familiares, principalmente nos períodos iniciais, mas também no decorrer de toda a vida, para

o exercício de avaliação/estudo dos seus processos de desenvolvimento, é necessário que sejam incluídos os cuidados por eles oferecidos. Neste sentido, é fundamental considerar o papel dos pais/cuidadores em qualquer processo de avaliação ou intervenção para com a criança, de maneira a considerar a individualidade e as peculiaridades do ambiente. Afinal, segundo Winnicott (1968/1996, p. 80):

“Há de fato, uma diferença muito grande entre ter nascido filho de um beduíno que vive nas areias escaldantes, de um prisioneiro político na Sibéria ou da esposa de um comerciante da úmida, porém bela, parte ocidental da Inglaterra. Posso ser uma pessoa convencionalmente suburbana, ou um bastardo. Posso, também, ser filho único, filho mais velho, o do meio entre cinco filhos, ou ainda o terceiro de uma série de quatro meninos. Tudo isso tem importância e faz parte de mim.”

Nesse sentido, o presente trabalho pretende lançar luz sobre a maneira em que ocorre a relação pai filha em diversas configurações familiares, oferecendo um olhar individualizado para cada díade.

2 OBJETIVO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender qualitativamente o modo como pais de crianças do sexo feminino, inseridos em diferentes configurações familiares, experimentam a função paterna, associando suas vivências ao desenvolvimento do *Self* de suas filhas, no sentido definido por Winnicott (1960/1990), com os acréscimos de Safra (2005).

Objetivos Específicos

1. Conhecer o significado da função paterna para pais de crianças do sexo feminino de nível socioeconômico médio em diferentes configurações familiares.
2. Compreender os modos como se processam o desenvolvimento do *Self* de crianças do sexo feminino de nível socioeconômico médio desses mesmos arranjos familiares.
3. Coligir as semelhanças e diferenças nos modos de experimentar a paternidade e no processo de desenvolvimento do *Self* nas díades das diferentes configurações familiares estudadas.

3 MÉTODO

3.1 Referencial Teórico Metodológico

Segundo Safra (2009) o ser humano possui algumas capacidades que fazem parte da condição humana e são anteriores à experiência. Uma dessas facetas ontológicas se refere à capacidade de estimar e atribuir valores, dotando o ser humano de um olhar valorativo, fazendo com que o mundo seja organizado em função do bem e do mal. Outra se refere à sensibilidade, que organiza o mundo em belo/feio. Por fim, Safra cita a abertura ontológica para o conhecimento, pela verdade.

Apesar das facetas serem parte da condição humana, por muito tempo o pensamento científico entendeu que um conhecimento válido e significativo não poderia contar com a participação do bem e do belo. Assim, o valorativo, o bem, deslocou-se para o pensamento filosófico, e o estético para as artes. Afinal, entendia-se que a ciência deveria ser objetiva e distanciada de qualquer influência do pesquisador. O pensamento científico surgiu durante o período do Iluminismo, quando a verdade foi distanciada da revelação, atributo da teologia. No período das luzes, o homem elegeu a razão como o caminho para o conhecimento. Assim, ele a redimensionou, distanciando-a da subjetividade do pesquisador (Safra, 2009).

De tal modo, o pensamento positivista sobre a ciência foi preponderante em um longo período e é ainda bastante valorizado na comunidade científica atual. As chamadas “ciências da natureza” buscam, através da razão, explicar em termos de causas, retificar ou refutar hipóteses previamente elaboradas. Seus resultados tendem a ser generalizáveis, capazes de formular teorias e leis. Os resultados devem ser regulares e frequentes e estão presentes no campo da Biologia, Matemática, Física. Há, porém, certa dificuldade para a utilização deste referencial quando se busca estudar o ser humano. Quando o humano é pesquisador e objeto de um estudo, torna-se impossível a repetição dos resultados diante de múltiplas variáveis (Turato, 2008). Portanto, não é possível pensar a experiência humana através de fórmulas matemáticas, abrindo-se espaço para as ciências humanas (Safra, 2009).

Contudo, as ciências humanas recolocam o valor da subjetividade, já que produzem um conhecimento inter-subjetivo e consideram, portanto, as facetas ontológicas do ser humano. Estas ideias vão ao encontro do que Safra (2009) assinala que Winnicott atribuiu como conhecimento: para ele, este fenômeno só ocorre se há experiência que contenha o bem

e a beleza. A presença da subjetividade não pressupõe um distanciamento do rigor: apesar de as pesquisas não objetivarem a busca por uma generalização, pela verdade, o processo investigativo deve ser conduzido de maneira rigorosa. Nesse sentido, segundo Dias (2003) para Winnicott, a pesquisa que tem como foco a natureza humana deve apresentar um método compatível com seu objetivo, sendo também regida pelo rigor e pela objetividade. No entanto, é preciso distanciar-se de estudos fechados, categorizantes, afinal, tal olhar perde o humano em um sentido geral, sua natureza. Em síntese, é importante ressaltar que os fenômenos humanos devem ser pensados de acordo com suas leis e que estas diferem dos fenômenos da natureza (Turato, 2008). Assim, trata-se de modelos diferentes que devem preservar suas características. A abordagem qualitativa volta-se para a elucidação, busca o conhecimento dos processos que constituem a subjetividade e não tem como principal objetivo a predição, descrição e o controle (González-Rey, 2002). A cientificidade dentro de um referencial qualitativo não pode ser pensada como sinônimo de modelos e normas rígidas, mas sim como uma idéia reguladora de alta abstração.

Nesse sentido, Günther (2006) afirma que a escolha do método deve ser adequada às perguntas da pesquisa. Desta maneira, ressalta-se também a importância de que os estudos quantitativos sejam adequados ao fenômeno estudado. A pesquisa quantitativa busca uma explicação causal. Para tanto, formula hipóteses prévias e estratégias específicas (método) para sua avaliação. Assim, controla as variáveis e submete o fenômeno estudado à experimentação. A pesquisa foca a importância da confiabilidade e validade para que a generalização resultante seja consistente e produza medidas confiáveis. Valoriza-se a neutralidade do pesquisador (Chizzotti, 1991). Por outro lado, o método de pesquisa qualitativa considera a implicação do pesquisador. Ela incorpora as questões do sentido e da intencionalidade como essenciais aos atos, às relações e às estruturas sociais. O conceito central para a análise é o sentido, ou seja, os meandros das relações que são essência da ação humana criadora, afetiva e racional, que pode ser apreendida por meio do cotidiano, da vivência e da compreensão do senso comum (Baptista & Campos, 2007).

Valles (1997) descreve diversas maneiras de classificar o processo de análise qualitativa, como a análise de observação simples; construção e aplicação de sistemas descritivos como listas e categorias completas/parciais; dados qualitativos sugerindo relações entre variáveis como fatores explicativos, sugestão de processos, sugestão qualitativa do tipo casuística e análise comparativa sistemática de poucos casos; formulações matriciais; análise qualitativa com apoio na teoria.

Diante de tais ponderações, assume-se que a perspectiva metodológica desta pesquisa é a qualitativa, considerada como investigação por excelência para o conhecimento da experiência humana, objetivo do presente trabalho. Uma forma particular de investigação qualitativa refere-se àquela realizada empregando o método psicanalítico (Turato, 2003). Vaisberg (2004) ressalta que o método psicanalítico pressupõe que toda manifestação humana é um acontecer humano, e que nem mesmo um atravessamento biológico, uma psicopatologia grave, é capaz de romper o acontecer humano. Contudo, houve grande dificuldade para que a Psicanálise fosse capaz de teorizar esse importante pressuposto, principalmente pelo seu surgimento ter ocorrido em um período de grande valorização do pensamento positivista. Nesse sentido, elegeu-se a metapsicologia como estratégia teórica deste saber a fim de articular questões inconscientes e conscientes. No entanto, essa estratégia objetifica a singularidade humana, o que contradiz com a visão epistemológica da Psicanálise que valoriza o acontecer inter-humano e se distancia do paradigma sujeito-objeto. Ao contrário da pesquisa, a visão epistemológica sempre se fez presente na prática clínica onde se considera a importância da inter-subjetividade entre terapeuta e paciente e a compreensão das manifestações do indivíduo pautadas pelo sentido emocional e contexto sócio-histórico. Assim como na clínica, a pesquisa em Psicanálise deve privilegiar um contato emocional com o participante que não deve estar presente na posição de um objeto.

Deste modo, o conhecimento em Psicanálise surge da investigação dos processos mentais inconscientes que emergem da situação clínica. Entende-se, portanto, que o método de investigação e tratamento são produzidos concomitantemente na práxis (Sander, 2002). Em outras palavras, o método de tratamento clínico se confunde com a própria pesquisa.

A investigação em Psicanálise considera o inconsciente e, por este não possibilitar previsões, é inviável que se trabalhe de uma maneira sistemática, rígida e exclusiva (Iribarry, 2003). Desta maneira, assume um distanciamento da posição epistemológica em que os dados são brutos e independem do pesquisador, e há um fácil discernimento entre os processos perceptivos e cognitivos. É possível se referir a um “acontecer clínico” ao invés de apresentar material clínico de dados e/ou resultados (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005). O “acontecer clínico” é entendido como:

fenômeno dotado de alta complexidade e vitalidade, na assunção de uma postura que não se fia na simplificação do real como caminho para a produção de conhecimento sobre o humano. Na verdade, alinhados a uma visão que guarda parentesco próximo com a atitude fenomenológica que valoriza o mundo vivido como solo experiencial a partir do qual o conhecimento pode ser criado/encontrado, concebemos o acontecer clínico

como encontro interhumano – mais do que intersubjetivo – evento que não é jamais independente da personalidade do pesquisador (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005, p. 02)

O campo, objeto e método de pesquisa, dão singularidade para o pesquisador psicanalítico. Entende-se por “campo” o inconsciente, por “objeto” a perspectiva do enfoque na busca do inconsciente e, por “método”, a via de acesso e maneira de se aproximar dele (Caon, 1994). Conforme já ressaltado, a investigação psicanalítica assume algumas particularidades diante das demais abordagens. Ela não objetiva realizar inferências generalizadoras nem para a amostra e nem para a população, mas visa a produção de novos sentidos. Os dados e resultados perdem espaço para a “experiência dramática vivida” fruto do encontro interpessoal, sendo este o ponto de partida confiável (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005).

A investigação psicanalítica não difere das demais abordagens pela escolha dos participantes, nem pelo procedimento de coleta de dados e materiais empregados; a unicidade desta perspectiva se refere aos dispositivos metodológicos e de análise de dados, sua validade não se dá somente através da coerência e correspondência, mas, principalmente, pela sua funcionalidade (Iribarry, 2003).

O analista, após sua prática, deixa de se dirigir ao paciente buscando interpretações adequadas sobre os termos conceituais advindos da sua escuta, de seus pensamentos em função do que escutou; cabe a ele entender a maneira como o “momento analítico” foi reproduzido. É aqui que a teoria tem por função vincular a singularidade do que foi experimentado no “momento analítico” com a universalidade dos conceitos; para a Psicanálise isto é possível através da noção de mecanismos psíquicos. Esta abordagem teórica tem como objetivo determinar o tipo de processo que pode estar em jogo para produzir determinado fenômeno (Mezan, 1993).

Nesse sentido, destaca-se que a teoria psicanalítica é construída e reformulada por meio da clínica. Os relatos de caso não servem apenas como meras ilustrações clínicas da teoria, mas sim como possibilidades de construí-la, aceitá-la ou refutá-la. Este aspecto é corroborado por McDougall (1997): “os progressos teóricos são fruto de numerosas experiências clínicas que nos estimularam a reconhecer os impasses e a questionar os nossos conceitos existentes” (p. 185).

Aiello-Vaisberg e Machado (2005) descrevem diferentes tipos de trabalho que podem ser denominados como pesquisa psicanalítica: a) trabalhos baseados em sessões psicanalíticas que pouco usam o método psicanalítico: eles tendem a dialogar com teorias escolhidas

comprovando sempre o que o autor afirmou, ou submetem os dados a análises positivistas; b) trabalhos que buscam examinar hipóteses de teorias psicanalíticas e geralmente fazem uso de instrumentos psicológicos, comumente circunscritos em uma perspectiva sujeito-objeto; c) utilização do método psicanalítico para o estudo de manifestações humanas, que abordam a experiência dramática dotada de múltiplos sentidos existenciais, fazendo uso de obras de arte, costumes, instituições, fenômenos coletivos: o que é considerado por outros prismas como instrumentos é visto aqui como recursos, procedimentos dialógicos, que estão em função e são encarnação do método psicanalítico.

Uma das estratégias metodológicas usada para trabalhar com o acontecer clínico refere-se às “Narrativas Psicanalíticas”, caracterizadas por um estudo interventivo e participativo do pesquisador. Após o relato do participante da pesquisa, o próprio pesquisador é quem elabora uma Narrativa, como forma de apresentar o acontecer clínico. Trata-se de uma maneira de comunicação do “encontro” àqueles que não estiveram nele presentes, possibilitando que estes criem narrativas alternativas, tendo em vista que seu objetivo é possibilitar novos pensamentos e indagações, não um conhecer estático e pronto. Dessa forma, o rigor de tal procedimento não se dá na replicabilidade, nem na objetividade, mas sim na proximidade da transparência (Aiello-Vaisberg e Machado, 2004).

Além disso, Tachibana (2006) afirma que a fundamentação epistemológica das Narrativas considera a possibilidade de produção de conhecimento sobre o humano, partindo de um engajamento ativo do pesquisador, cuja participação é baseada na transparência e no compartilhamento de visões e reflexões, muito diferente do relatório técnico.

Aiello-Vaisberg e Machado (2005) esquematizam o procedimento de uso das narrativas, em três pontos:

1. A experiência deve ter um enquadre que possibilite o método. É o lugar da experiência do encontro entre participante e pesquisador, momento de expressão do indivíduo; o pesquisador deve fazer uso da atenção flutuante¹;
2. Elaboração de uma narrativa. Neste momento, o pesquisador relembra o encontro e faz uso da associação livre²;
3. Apresentação da narrativa ao outro. Possibilidade de leitura equi-flutuante.

¹ Segundo Freud, é preciso que o analista tenha atenção de que modo a escutar o analisando de forma livre e não privilegie partes da fala suspendendo, assim, suas próprias motivações (Laplanche & Pontalis, 1996).

² Método utilizado para expressão espontânea de todos os pensamentos que vierem a emergir (Laplanche & Pontalis, 1996).

A leitura “equi-flutuante” diz respeito ao primeiro contato do pesquisador com o material transcrito, tentando-se alcançar a mensagem que o indivíduo buscou passar por meio de sua fala (Shimizu & Ciampone, 1999).

As “narrativas psicanalíticas” convergem com a teoria winnicottiana. Segundo Dias (2003), essa teoria considera ser importante pensar e registrar os fenômenos minuciosamente, e depois levantar hipóteses tendo como base a teoria do amadurecimento. É preciso que o terapeuta consiga ter a capacidade de olhar, escutar, entender através desta teoria, na busca de direcionar fenômenos e clarificar a imaginação.

As narrativas são a descrição do encontro inter-humano entre pesquisador e participante. Em meio a esse encontro, realizou-se uma entrevista semiestruturada, mediada por algumas imagens do CAT-A. Segundo Blegler (1980/2011) uma técnica de investigação científica de grande importância para o método clínico é a entrevista. Quando utilizada, exige do entrevistador competências investigativas e teóricas. Trata-se de um instrumento que elucida fatores da dinâmica psíquica do entrevistado. Contudo, possui uma pluralidade de usos.

A entrevista pode ocorrer nas modalidades: fechada (perguntas previstas em roteiro prévio e pouco flexíveis) e aberta (grande flexibilidade na condução da entrevista, bem como possíveis intervenções). A modalidade aberta não tem como foco principal a busca pelo conteúdo manifestos das respostas aos questionamentos, mas sim a emergência do campo intersubjetivo (entrevistador-entrevistado) configurado em função das características e dinâmica do participante, a fim de se realizar uma busca ampla e profunda pela personalidade do informante. De acordo com Blerger (1980/2011) “Todo ser humano tem sua personalidade sistematizada em uma série de pautas ou em um conjunto ou repertório de possibilidades, e são essas que esperamos que atuem e exteriorizem durante a entrevista.” (p. 9).

Assim, nesta pesquisa, fez-se o uso do CAT-A como instrumento que faz parte de uma entrevista semiestruturada. Neste modelo de entrevista, apesar do pesquisador seguir um roteiro prévio, este é apenas um fio condutor e facilitador da comunicação, uma vez que o entrevistador permite e, às vezes, até incentiva o entrevistado a falar livremente sobre temas que surjam como desdobramento do foco da pesquisa (Pádua, 2000). A entrevista oferece um sutil direcionamento à discussão e garante que ela gire em torno das hipóteses e objetivos propostos, mas também dá certa liberdade ao entrevistado, pode gerar informações mais ricas e fecundas (Bleger, 1980/2011). Assim, na presente pesquisa, os disparadores foram a apresentação das imagens do CAT-A para os participantes, conforme será ressaltado na sequência deste texto, e os participantes se apropriaram de tais indagações e junto com a

pesquisadora teceram um diálogo. O uso do CAT-A vai ao encontro da perspectiva defendida por Bleger quando este autor assinala a importância da ambigüidade do campo oferecido ao participante, permitindo, deste modo, um maior comprometimento da personalidade do entrevistado, por estar diante de uma proposta que possui certa liberdade. Assim, apresentar as imagens do CAT-A para crianças e seus pais possibilita que se trilhe caminhos diversos, distanciando o participante de um enquadramento.

O procedimento completo do CAT-A consiste em dez quadros com ilustração de animais em diferentes situações. Pode ser aplicado em crianças de ambos os sexos, de 3 a 10 anos de idade. Trata-se de um método aperceptivo, que objetiva investigar a personalidade de maneira dinâmica. Ele foi desenvolvido como um facilitador para o entendimento do relacionamento da criança com suas figuras mais importantes, para compreender a pré-estrutura de personalidade infantil e seu modo-de reagir e conduzir seus problemas de crescimento (Bellak & Bellak, 1981). Além disso, este recurso possibilita uma melhor apreensão das identificações, conflitos, angústias, mecanismos de defesa, interação dos papéis familiares, nível de maturidade afetiva e desenvolvimento do superego (Anzieu, 1978/1984). Embora o CAT tenha sido originalmente desenvolvido com esse objetivo, na presente pesquisa ele foi usado principalmente de forma compreensiva e buscando a compreensão de como se procedia o desenvolvimento do *Self*.

Outra particularidade dessa investigação foi que o CAT-A não foi utilizado de forma completa. Assim, houve a seleção de 5 dos seus cartões os de número 1, 2, 3, 4 e 8. Tais figuras foram escolhidas devido às temáticas latentes que evocam, referentes a situações familiares acerca de vivências de alimentação, experiência edípica, relacionamento com a autoridade, rivalidade-solidariedade fraterna e socialização, consideradas mais convenientes para os objetivos de investigar a experiência relacional da díade pai-filha.

Por se tratar de uma pesquisa que tem como objetivo compreender a experiência da função paterna e a associação de suas vivências com o desenvolvimento do *self* de suas filhas, o estudo considera a figura tanto do pai, quanto de sua filha. No presente trabalho, as narrativas foram elaboradas tendo como recurso o uso de duas estratégias qualitativas que utilizam o Teste de Apercepção Temática Infantil em sua forma animal (CAT-A). Assim, CAT-A foi utilizado como instrumento avaliativo, mas também como um mediador dialógico, ou seja, como uma estratégia que tem como objetivo ser facilitadora da comunicação, no caso, entre participante e pesquisador (Ribeiro, 2011).

No entanto, o duplo uso do CAT-A não configura, neste estudo, um método misto de pesquisa, mas simplesmente uma estratégia que utiliza diferentes recursos para responder às

mesmas questões e é coerente com o referencial teórico utilizado. Quando isso ocorre, é possível que se tenha um entendimento mais complexo sobre o fenômeno a ser estudado. O método misto permite que se utilize diferentes combinações, tais como: qualitativas-quantitativas, qualitativas-qualitativas, quantitativas-quantitativas. No entanto, as diferentes estratégias não apresentam o mesmo teor valorativo, sendo uma entendida como primária e a outra como secundária/complementar, sendo que esta última não existiria por si só e é utilizada somente como apoio à estratégia primária (Driessnack, 2007). É neste ponto que o presente estudo difere do método misto, pois tanto a experiência do pai quanto da filha assumem igual importância.

Assim, no que diz respeito à investigação de como se procede o desenvolvimento do *Self* das meninas, embora o uso do CAT-A se aproxime mais de um enfoque avaliativo, este encontra-se inserido no contexto do que foi definido por Trinca (1984) como “Psicodiagnóstico Compreensivo”. Neste caso, os resultados procedentes dos instrumentos de avaliação psicológica são colocados a serviço de um pensamento clínico que busca compreender o indivíduo em sua totalidade, e de um modo global e integrado. Em outras palavras, os dados procedentes dos procedimentos de coleta não têm importância em si mesmos, mas somente ganham um sentido quando abordados na totalidade da compreensão do indivíduo. Diante disso, a avaliação dinâmica das produções da criança, procedente do método da livre inspeção do material, é valorizada em detrimento de análise com categorias previamente estabelecidas.

Nessas condições, o enfoque avaliativo do presente trabalho compartilha das mesmas características do Psicodiagnóstico Compreensivo como um todo, conforme definidas por Trinca (1984). Desse modo, busca-se a convergência em um mesmo estudo de caso de alguns fatores estruturantes a partir da realização um levantamento plural de informações que foquem o indivíduo inserido em seu contexto familiar e social na busca de um entendimento integral. Além disso, busca-se a clarificação da origem das perturbações da personalidade com foco nos fenômenos inconscientes que a organizam; discernimento de seus aspectos mais relevantes para discutir o caso, uso de técnicas preponderantemente baseadas na livre associação e, finalmente, a já comentada ênfase no julgamento clínico em relação ao instrumento utilizado (Trinca, 1984).

Assim, considera-se uma multiplicidade de fatores/estratégias na realização dos estudos de caso, visando buscar articulação entre as informações apresentadas, ressaltar o que se faz significativo em termos de personalidade, possibilitar um contato empático com a vida emocional do outro. Busca-se atentar para fatores da vida intra-psíquica, cultural e familiar do

indivíduo, integrando todos eles. Esta estratégia abrange entrevistas, observação, testes psicológicos, conteúdos clínicos, contato com paciente e familiar, enfim, todo procedimento que contribua para clarificar a compreensão sobre o caso, mas sempre inserido em um pensamento clínico (Trinca, 1984).

Diante disso, apesar de seu uso plural, o CAT-A por estar inserido na perspectiva do psicodiagnóstico compreensivo, permaneceu como um instrumento capaz de possibilitar uma compreensão dinâmica, qualitativa e aberta do ser humano, condizente com a estratégia metodológica global empregada. Em outras palavras, mesmo como instrumento de avaliação, o CAT-A buscou, na presente pesquisa, focar a experiência humana inter-subjetiva. Esse tipo de utilização vai ao encontro da afirmação de Aiello-Vaisberg (2004), de que, mais importante que definir qual é a natureza da tarefa quando se utiliza um instrumento psicológico, é avaliar sob qual paradigma epistemológico o pesquisador/cínico executa seu trabalho.

Diante de tais considerações, a presente pesquisa se apresenta como uma investigação cujo objetivo principal consiste em compreender o significado da paternidade, em diferentes arranjos familiares, e a sua influência na formação do *Self* infantil (em particular, da menina), sem pretensão de formular leis gerais sobre o desenvolvimento emocional humano. Como caminho para o alcance dessa meta, ela concilia as estratégias das “Narrativas Psicanalíticas” e do Psicodiagnóstico Compreensivo, como meios de propiciar o surgimento de novos pensamentos e interrogações.

3.2 Aspectos éticos

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), de modo a contemplar as exigências da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que define as diretrizes básicas de estudos científicos envolvendo seres humanos. Para tanto, foi apresentado o Termo de Consentimento da Escola (ANEXO A). Os aspectos éticos, evidenciados no TCLE (ANEXO B), incluíram o compromisso da pesquisadora com sigilo; o esclarecimento de que a participação era voluntária e a desistência possível em qualquer momento em que o pai e/ou a filha desejassem; a ausência de prejuízo e/ou ônus decorrente da participação.

3.3 Participantes

Participaram da pesquisa oito díades pais-crianças de nível socioeconômico médio, procedentes de diferentes configurações familiares: duas nucleares, duas recompostas (sendo uma com guarda paterna e outra com guarda materna) e quatro monoparentais (duas em que as crianças estão sob guarda principal do pai e duas sob guarda da mãe). No caso da família recomposta com guarda materna foram convidados para participar da pesquisa tanto o pai biológico da criança quanto o padrasto. As crianças são do sexo feminino, com idade entre quatro e sete anos, sendo primogênicas. Os participantes foram provenientes da indicação feita por uma escola de ensino Pré-escolar e Fundamental da cidade de Ribeirão Preto, além de outras fontes, como a indicação dos próprios participantes.

3.4 Instrumentos

Foi utilizado o questionário de nível socioeconômico, desenvolvido pela ABIPEME (1997) (ANEXO C). Além disso, empregou-se a entrevista semiestruturada, pois as imagens utilizados do “Teste de Apercepção Temática Infantil em sua forma animal (CAT-A)”, apesar de serem flexíveis sugerem algumas temáticas/direcionamentos.

3.5 Procedimento

Primeiramente a pesquisadora entrou em contato com escolas e pré-escolas da rede particular da cidade de Ribeirão Preto. A escolha por escolas particulares se deu a fim de buscar participantes de nível socioeconômico médio. Explicitou-se para as diretoras das escolas os objetivos da pesquisa, solicitando autorização para sua realização na instituição e a indicação de participantes voluntários. Das 5 escolas contatadas somente uma demonstrou interesse em colaborar. Assim, foi realizada uma reunião com a coordenadora desta escola. Neste encontro, foi apresentado, detalhadamente, o projeto de pesquisa e suas etapas, bem como assinada a “Termo de Consentimento” (ANEXO A).

Após receber da escola as indicações de possíveis participantes, a pesquisadora fez o contato telefônico com os pais os convidando para a pesquisa. Os que concordaram em participar foram chamados, individualmente, para o encontro com a pesquisadora, momento em que foram explicados os objetivos do trabalho, com apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE dirigido a eles (ANEXO B), a fim de contemplar os aspectos éticos da investigação. Neste momento, também foi aplicado o questionário socioeconômico da ABIPEME (1997), no intuito de confirmar o nível socioeconômico médio, requisito para participar da pesquisa. Ainda neste encontro, ocorreu a entrevista psicológica individual mediada pelos cartões do CAT-A. No contato com os pais foi feita da seguinte solicitação: “Vou lhe mostrar alguns quadros e gostaria que você, olhando-os, me contasse como foi e como é ser pai da ... (nome da criança) nessas situações”. Posteriormente à entrevista com o pai, houve o agendamento do encontro, desta vez, com a criança, para aplicação dos mesmos quadros. Com relação à criança, figuras do CAT-A foram mostradas, com a solicitação original de que contassem uma estória a respeito de cada uma delas. Todas as entrevistas foram audiogravadas em aparelho MP3. O objetivo da gravação não foi a busca da literalidade, mas sim possibilitar a revivência do encontro e a realização de novas associações após a sua ocorrência.

Os encontros ocorreram em um espaço reservado na própria escola que fez as indicações. Ao final do processo, foi proposto o oferecimento de uma devolutiva para os participantes, todos aceitaram. No entanto, já foi realizado o contato, conforme combinado, para o agendamento das entrevistas, mas ainda não houve nenhum retorno.

3.5 Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada por meio da construção de narrativas psicanalíticas, consideradas como uma forma privilegiada de organização da linguagem e do conhecimento, que possibilita compreender as identidades (Aiello-Vaisberg, 2004). Foram construídas duas narrativas de cada díade de cada arranjo familiar, uma delas referente ao encontro com o pai, e outra advinda do contato com a criança.

As narrativas foram elaboradas como forma de apresentar o acontecer clínico com o pai e com a filha. Efetuou-se, uma interpretação do material obtido no contato com o pai, outra do oriundo do contato com a criança e, por fim, uma síntese da díade, no intuito de

relacionar a experiência paterna e o desenvolvimento do *Self* da menina, conforme definido no referencial teórico winnicottiano. Posteriormente, foi realizada uma síntese comparativa preliminar dos resultados dos pais procedentes das diferentes configurações familiares, visando averiguar suas similaridades e peculiaridades; bem como uma síntese dos resultados das filhas. Todas as narrativas foram debatidas com a orientadora a fim de assegurar uma compreensão mais profunda e precisa dos casos.

4 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Nesta sessão serão apresentados resultados das entrevistas referentes a todas as díades participantes. Inicialmente serão apresentadas, separadamente, as narrativas psicanalíticas de cada membro seguidas de suas respectivas sínteses; na sequência será apresentada a síntese da díade seguida de uma breve discussão em que se foca a teoria winnicottiana. Por fim, as sínteses de todos os pais seguidas pelas sínteses de todas as filhas e uma discussão.

Segue a tabela com os participantes de cada arranjo familiar:

Tabela 1: Formação de cada arranjo familiar, com nomes fictícios dados aos pais e às filhas

Díade	Pai	Filha
Monoparental Materna I	André (32 anos)	Marina (7 anos)
Monoparental Materna II	Sérgio (44 anos)	Beatriz (7 anos)
Nuclear I	Marcelo (42 anos)	Lucia (4 anos)
Nuclear II	Eduardo (32 anos)	Larissa (4 anos)
Monoparental Paterna I	Oscar (43 anos)	Olívia (7 anos)
Monoparental Paterna II	José (42 anos)	Estela (7 anos)
Recomposta Pai	Lucio (28 anos)	Luciana (5 anos)
Recomposta Mãe	Carlos (36 anos – pai) Marcos (34 anos – padrasto)	Cristiane (7 anos)

4.1 Família Monoparental Materna I

4.1.1 Narrativa André

André tem 32 anos e é professor na rede pública. Ele é contatado pela coordenadora da escola colaboradora e autoriza que ela me passe seu número de telefone para o agendamento de nosso encontro. Sua filha é aluna na escola. Entro em contato, apresento-me, mas em seguida a ligação cai. Ligo novamente, porém, não sou atendida; o mesmo acontece nos dois

dias posteriores. Aguardo uma semana e retorno a ligação, consigo contatá-lo, ele é bastante simpático, mas oferece pouca disponibilidade de horários. Agendamos o encontro para dali três semanas, em um dia em que ele teria que levar seu filho para a escola de idiomas, em um local próximo ao da entrevista. André pede para que eu ligue alguns dias antes para lembrá-lo

Ligo três dias antes e ele confirma sua participação. Chego para a entrevista, passados vinte minutos do horário combinado, como ele não havia chegado, eu ligo telefone; ele afirma ter esquecido, mas diz que irá. Exatos dois minutos após desligar o telefone ele chega e se desculpa.

Entramos na sala, ele veste roupas esportivas, é agitado, fala alto e mostrou-se bastante participativo durante o encontro. Apresento-me, explico rapidamente a pesquisa. André revela em sua primeira fala que além de sua filha Marina (7 anos), possui um filho três meses mais novo. Conta que a filha mora com a mãe e com os avós, mas que a mãe vai se mudar, pois irá se casar e morar com o marido. Deixa claro, espontaneamente, que meu contato com a família da mãe de Marina seria complexo: *“É meio complicado você ir lá para fazer a entrevista com ela”*. Questiono-me se o contato não seria possível ou se era ele que não gostaria que ocorresse. Afirmando que, se ele estiver de acordo, posso conversar com Marina na escola; ele concorda. Peço para que André leia o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, ele o lê, assina e, então, inicio a gravação.

Ao término da assinatura ele pergunta: *“Quanto tempo vai durar? É um processo muito longo?”*. Reafirmo que o contato com ele e com sua filha é único e que a entrevista dura, em média, uma hora, mas que não se trata de um tempo exato, podendo variar. Ele diz aliviado: *“Minha maior dificuldade é para marcar horário, mas se é uma só é tranquilo!”*. Pede, porém, se não pode interromper a entrevista para buscar a esposa na rodoviária: *“Eu preciso buscar ela, eu vou lá e volto, pode ser?”*. Afirmando que sim, digo que ele pode ir antes de iniciarmos a entrevista, mas também lhe dou a possibilidade de conversarmos em outro momento. Ele diz preferir voltar: *“Qualquer problema ela espera na aula de idiomas com meu filho”*. Digo que o aguardarei. Essa atitude de André parece deixar clara uma significativa resistência em participar da pesquisa e pensar sobre a paternidade de Marina.

André retorna após vinte minutos, retomo pedindo para que ele me conte sobre sua experiência de ser pai da Marina. Ele afirma: *“É muito bom, foi um acidente que acabou sendo um presente”*. Ele prossegue descrevendo o período difícil que passou com a descoberta da gravidez. Conta que na época em que engravidou a mãe de Marina ele tinha acabado de terminar o relacionamento que tinha com a atual esposa, e segue: *“Não sei se foi erro, não sei o que foi, eu me envolvi com outra muito rápido que é a mãe da minha filha e,*

de cara, ela engravidou. Nós ficamos no máximo três meses juntos. Mas minha cabeça foi a mil, meu psicológico ficou para baixo. Daí depois de três meses minha atual esposa disse que também estava grávida, nos reencontramos nesse meio de tempo. Foi muito louco, fiquei muito pirado, foi tenso, eu sempre fiz tudo certinho, na minha família foi sempre o “pai e a mãe” e daí vai eu lá, o único da família e entorta tudo isso.”.

Percebo que parece ter ocorrido uma espécie de “luto” por ter perdido a família que ele tinha como idealizada. Pontuo que ele parece valorizar a família nuclear, ele concorda, e diz: *“É, tanto que quando a minha esposa, ainda quando namorava, falava que estava grávida, eu ficava super feliz, e depois ela falava que não era, e nossa! Eu sempre tive uma vontade de casar, de ser pai, mas daí teve esse acidente e não era isso que eu queria para a minha vida”.*

Afirma que conseguiu se sentir melhor quando notou que o que lhe aconteceu, apesar de entendido como ruim, não era nenhuma tragédia comparada com outras experiências: *“Mas com palavras de consolo de outras pessoas de outras áreas, outros setores, confortando. Às vezes eu falava o que fiz e ouvia uma história bem pior e acabei achando o meu caso fichinha.”.*

A descoberta da gravidez teve tamanha intensidade que foi capaz de causar um problema, entendido por ele, como de origem emocional: *“Logo depois de saber da gravidez eu fiquei uma semana com a coluna travada, travou devido ao psicológico, com o tempo eu fui melhorando, fui acalmando, até que eu segui o caminho certo. Hoje eu sou casado, tenho o meu filho com a minha mulher, minha filha (tosse) apareceu na minha vida assim (tosse)”.*

André, mais uma vez, exalta a família nuclear como sendo a mais adequada, questiono-me se sua filha teria espaço em sua família nuclear. Na sequência, ao declarar *“A mãe dela agora vai casar, tem um outro filho, mas eu acho que ela vai acabar ficando com os avós”*, percebo que ele parece entender que o espaço da filha seria idealmente com a mãe. Apesar de não incluir a filha em sua família, ele verbaliza de maneira descontente que Marina não seguirá para a casa da mãe, esta formará uma família nuclear onde a filha também não se encaixa. Parece-me implícito o pensamento de que a figura materna deve assumir um papel de maior responsabilidade que a paterna.

André conta que foi e é bastante participativo na vida da filha: *“Ela nasceu, eu compartilhei tudo, participei do parto, acompanhei, sou participativo até hoje.”.* A filha morou com a mãe, na casa de seus avós maternos, desde o nascimento; família em que é a primeira neta. O fato de ter sido primogênita, segundo percepção de André, parece ter facilitado com que a avó materna tenha assumido o papel de mãe, apesar da proximidade da mãe biológica: *“Marina é a primeira neta, é tudo primeira na família dos avós. Na minha*

família meus pais já tinham dois netos. Então, o que aconteceu, ao meu ver, foi a avó quem assumiu o papel de mãe, ela quem cuida mais. A mãe e a avó trabalham perto da casa, então Marina tá sempre junto”. Fica evidente que há um descontentamento por parte do pai sobre a maneira com que a mãe de Marina desempenha seu papel, noto que ele deixa de questionar o próprio papel e dispara críticas.

Questiono sobre como é o contato dele com a filha. Ele diz que ela gosta muito de ir em sua casa e, quando ela vai, ela nunca pede para ir embora. Sobre a rotina, afirma: *“Meu contato com ela é de quarta que eu pego ela na aula e a levo para casa da avó e domingo que passamos o dia juntos. Antes eu pegava ela de sexta, daí ela passava comigo sexta de noite, mas a mãe dela começou a interferir. A mãe diz que na minha casa não tem quarto direito e que ela só vai quando regulamentar tudo, quando tiver cama. Mas eu acho que é ciúmes porque a Marina já falou que não vai querer ficar na casa dela.”.* Explicita, portanto, a existência de um conflito com a mãe de Marina. Pergunto como ele entende tal situação, ele responde: *“Para mim foi muito revoltante, porque, meu, eu quero ficar com a minha filha. O pai verdadeiro da mãe da Marina acabou a deixando, ela foi criada por um padrasto. Mas o pai deixou porque a mãe começou a dificultar de se verem e eu não quero que isso aconteça. Mas eu falei que qualquer coisa eu entro na justiça, já ameacei ela, porque nós não temos nada na justiça. Mas eu faço todo meu dever. Eu não pago pensão, mas eu pago a escola e cursos, acabo pagando bem mais do que eu pagaria se eu pagasse pensão, mas não tem nada a ver. Mas eu falo que eu vou entrar na justiça e pedir a guarda dela.”.*

Questiono se entrar na justiça para tentar a guarda é somente uma ameaça ou algo que ele gostaria de fazer, ele afirma: *“É mais revolta. Tão colocando muito pêlo em ovo (...) e a minha filha já está acostumada com a casa, com os avós. Mas qualquer aperto que eles tiverem eles podem mandar para mim sem problema nenhum.”.*

André muda de assunto, prossegue contando sobre o passado: *“Fiquei afastado das duas mães dos meus filhos por um ano, pagava as contas, via as crianças. Depois que nasceram as crianças eu achei que devia ficar mais perto e que o certo seria eu voltar com a minha ex-namorada”.* O ideal de família nuclear parece ser anterior ao amor, ao sentimento. Mesmo sem morar com Marina, afirma que a convivência entre eles é muito boa: *“Ela fala dos problemas dela para mim, fala quando ela tem medo, somos bem próximos, apesar de não estarmos todos os dias juntos. Eu acho até que eu acabo sendo mais próximo dela do que a mãe, porque ela tá lá, mas, ao mesmo tempo, não está. Nós somos bem próximos mesmo, antes eu acho que ela tinha um pouco de medo porque qualquer coisa que acontecia eles falavam que iriam falar com o pai. Mas o convívio é muito bom, com os dois!”.*

André valoriza a qualidade dos cuidados que despende à filha durante o pouco tempo que passam juntos, entende o contato como superior ao suprimento emocional que a mãe oferece, mesmo estando mais próxima fisicamente. Porém, até o momento da entrevista ele não descreve uma relação que demonstre haver suprimento afetivo de fato. Assim, sua percepção parece que não condiz com a realidade. Para entender mais sobre a relação que tem com a filha pergunto sobre como é com seu filho, alguém com quem ele passa mais tempo junto. André responde que há diferença, mas se contradiz: *“Não tem como falar que não tem diferença entre os dois porque tem. Com ele eu fico o tempo todo junto, então qualquer coisa que aconteça, qualquer gesto dele eu saco. Com ela, é como eu falo, com ela também por mais que eu não fique o tempo todo com ela, eu penso como pode, sabe? Mas com ela também, eu entendo ela, não sei o que é isso, não é o contato porque não é todo dia que estamos juntos, é algo além, sei lá!”*. Percebo que André preocupa-se em passar uma imagem de bom pai.

Pergunto se ele quer complementar algo sobre a experiência de ser pai de Marina, ele afirma: *“Não, é muito bom ser pai”*. Digo, então, que vou lhe mostrar algumas figuras e que, após olhá-las, gostaria que ele me dissesse como foi e como é ser pai de Marina em tais situações.

Mostro a primeira figura, ele repete minha fala: *“Como foi e como é?”*, eu respondo afirmativamente. Ele afirma que remete aos momentos em que almoçam e jantam juntos, diz que se trata de bons momentos: *“Eu pego ela de manhã, ela chega e já fala com a minha esposa, minha esposa e ela se dão super bem. Às vezes eu acho que a minha esposa cuida mais dela do que do meu filho, eu acho isso legal, sempre foi assim. Mas depois surgiu esse problema de dormir na casa e acho que também é um pouco por esse motivo. Mas sempre que ela está na minha casa a gente janta junto, almoça junto, daí ela brinca com o meu filho, se tiver que passear a gente passeia, vai ao clube. Às vezes eu tenho coisas para fazer, diário de aluno, então, às vezes é corrido para mim, eu acho que acabo não dando muita atenção e fico meio longe, mas ela fica lá brincando com meu filho. Às vezes eu acho que eu tenho pouco tempo, mas o tempo que ela fica em casa eu tento deixar o máximo possível para ela curtir o irmão mesmo, às vezes tem um racha normal. Ela é parte da família, a gente toma café da manhã junto, acho que ela não toma na casa da avó pois quer tomar comigo, então, eu tenho certeza que tem essa preocupação, então, ela faz parte da família, eu fico mais com o meu filho, mas não tem diferença. Ele às vezes tem mais coisas porque ele tá no lugar, pede e a gente compra, mas afetivamente não tem diferença. No amor, eu sou do mesmo jeito com ele e com ela.”*

Percebo que seu papel de pai é ocultado de sua fala que prioriza a relação de Marina com outros, questiono como ele é e ele descreve seu comportamento como idêntico para os dois filhos e que o fato da filha não morar com ele não traz benefícios para ela: *“Se eu sou bravo com ele eu sou com ela também, se eu sou amoroso com ele eu sou com ela também. Eu tento não diferenciar, tem gente que fala que quando o filho mora com a mãe quando está com o pai faz tudo, comigo não é assim não, eu não acho isso certo, eu mantenho o que é com ele, eles sabem que eu tenho um amor muito grande com ele. O convívio em casa é bem legal.”*.

Mostro a segunda imagem e ele prontamente remete a figura a sua disputa com a mãe de Marina: *“Cabo de guerra, em relação à minha filha com a mãe. Quando eu falo que eu vou entrar na justiça, daí a mãe dela diz para eu não fazer porque quem vai ser prejudicada é ela. Eu vejo ela com a mãe e eu sozinho.”*.

Pergunto como é ver a menina do lado da mãe, ele diz: *“Não é que ela fica, é que lá, vamos dizer. Então, às vezes colocam muitas coisas na cabeça dela, tem vez que eu falo para ela ir em casa e não deixam porque dizem que a amiguinha dela vai estar lá. Mas eles chamam a amiguinha, ela não iria lá brincar se eu não tivesse chamado. Às vezes a mãe dela começa com frescura e eu digo que vou pegar de vez, mas eu não quero que chegue nesse ponto. É o que eu disse, às vezes elas querem complicar a minha vida. Mas às vezes a avó dela diz que não tem problema que eu sou o pai dela.”*.

De acordo com a fala de André, percebe-se que a família materna de Marina parece mostrar ambivalência diante do contato da garota com o pai, ele diz: *“Quando a mãe dela decidiu que ia casar, o pai dela (avô de Marina) veio conversar comigo, perguntou o que eu achava, pois ela pensa em levar a garota, apesar que eu sei que isso não vai acontecer. Eu disse para ele que não tem problema que ela é filha dela também. Agora mesmo, eles não falam para mim que ela não vai, eles nunca deixam as coisas abertas, como se fosse um faz de conta que ela vai viver com a mãe, mas ela vive com a avó. Eu sei que a mãe dela já fica de vez em quando na casa nova, eles esquecem que ela me conta as coisas e que a Marina me fala, ela diz que mora e vai morar com a avó. Eles falam isso porque sabem que correm risco, porque a guarda é da mãe. Então se a mãe não mora com a menina eu vou poder recorrer da guarda. Toda vez que eu levo a minha filha de volta a mãe não está lá. A mãe não pega, não leva e nem passeia com a menina. Eu acho que ela tá perdendo no cabo de guerra.”*.

E, prossegue: *“Então, eu penso que a mãe vai acabar perdendo, porque papel de pai ela tá tendo, mas o de mãe é a avó que faz, e isso é prejudicial para a mãe. A avó cuida muito*

bem dela, ela fala que o avô chama atenção dela, dá tapa. Eu acho que o chamar atenção e bater são coisas do cotidiano, que acontecem, não tem o que reclamar deles, só quando impedem alguma coisa para mim, daí eu já fico revoltado, isso foi duas vezes. Mas é isso, elas falam que o problema é a minha casa, minha casa tem dois quartos, um é do meu filho e é dela também. Porém, no quarto não tem cama para Marina, daí falam que ela não pode dormir lá porque não tem a cama. Agora quando eu resolver isso eu quero ver qual vai ser a próxima desculpa que vão dar, mas eu vou arrumar. É uma barreira que eles colocam. Mas eu vou comprar a caminha, depois se eles implicarem com algo eu vou ser bem claro, vou falar ‘vocês não querem a Marina aqui? Então não dificultem a minha vida, se eu tiver que pegar ela para dormir eu vou pegar, porque senão eu vou pelo caminho da justiça, daí quero ver como fica. Porque mesmo se a mãe ganhar, vocês vão ser prejudicados, pois ela não vai ficar aqui com vocês. Eu não quero isso’. Então eu vou tomar uma atitude.”

Pergunto como é a reação dos avós maternos quando ele ameaça recorrer pela guarda, ele afirma que nunca falou, contrariando seu discurso anterior, e prossegue: *“Eu nunca falei isso para eles, eu só falei para a minha família, mas eu disse que eu vou providenciar tudinho e quando eles começarem a procurar pêlo em ovo eu vou falar e batalhar pelo meu direito. Ou eles me ajudam, ou eles vão ser prejudicados! A minha filha vai ser prejudicada, mas eles também. Daí eu acho que eles vão abrir os olhos da mãe da Marina. É difícil, eu falei isso para a mãe dela e ela disse que eu quero confundir a cabeça da menina. O que eu falei que eu como pai tenho direitos e deveres, mas que até agora eu só estou trabalhando com os deveres, os direitos eu não tô tendo. Daí, ela quis começar a chorar no telefone e eu disse que o caminho não era aquele. Ela fala que eu posso ir na justiça mas eu vou prejudicar a criança. É isso.”*. Mais uma vez percebo que Marina fica em segundo plano, pouco aparece em sua fala.

Diante da terceira figura, ele responde: *“Eu vejo um leão velho, eu imagino os avós, tanto dela quanto os meus. Aliás, agora que ela tá mais solta com a minha família, ela é muito tímida. Com os avós maternos ela é mais solta, pela convivência. Eu tento levar a Marina o máximo possível, eu acho importante a proximidade com os avós, primos, primas. Mas eu sinto que ainda tem uma distância por conta do pouco contato, tirando que as poucas vezes que vai não tem todo mundo ou tem gente demais. Eu sinto que a distância entre ela e a minha família está diminuindo um pouco, acho que porque ela tá crescendo e a timidez diminuindo um pouco. Tem veneno de rato aqui? Tem um ratinho pequeno.”*. Pergunto se ele quer falar mais alguma coisa, ele diz que não. Neste momento sinto mais uma vez que há uma

desapropriação do papel de pai, André provavelmente deve se identificar com o pequeno ratinho.

Ele afirma que não sabe como a filha vai lidar com as imagens, afirma que se trata de uma criança tímida que demora certo tempo para se soltar. Apresento a quarta figura, ele descreve: *“Nessa eu vejo minha esposa, meu filho e ela. É bem assim mesmo, tá todo mundo junto. Ela comenta mais as coisas com a minha esposa do que comigo, mesmo do irmãozinho dela que nasceu, ela comenta muito mais com ela que comigo, comigo é muito raro. Eu acho que ela tem uma imagem minha muito bravo, de autoridade, ela tem um pouco de medo, um pouco pelo que colocaram na cabeça dela.”*. Ele parece se sentir pequeno diante da filha, novamente parece sentir que suas ações e atitudes não tem influência diante dos problemas externos.

Peço para que ele explique melhor sobre a relação da imagem que ela tem do pai e a influência dos outros familiares, ele parece não responder a pergunta, acaba, ao contrário, mostrando-se influenciado pelo que acredita que a família materna de Marina pensa, o que acaba problematizando sua relação com a filha, ele diz: *“Eu sei que às vezes eu sou muito firme com o meu filho e com a minha filha, como eu também sou professor eu acho que eles têm que ter uma boa disciplina perante a escola que estudam e com os professores. Também se eles reprovarem vão perder a bolsa de estudo que tem. Mas é isso, a minha esposa eu vejo ela mais aberta, comigo ela também é. Mas, se leva para a maldade você pensa que ela faz para cutucar, fazer perguntas e levar informações da outra casa, mas não é, pelo contrário, é um vínculo de amizade que ela criou. Minha esposa conversa e orienta ela, naturalmente. Às vezes ela me conta, acha engraçado. Às vezes eu acho que bloqueio ela devido a família dela, então eu faço uma barreira. Eu falo para ela não vir falar nada que a mãe dela mandou, ou que a mãe falou para ela e ela vem falar para mim, então, pode ser que às vezes seja algo dela e eu já bloqueio. Eu não gosto de colocar ela como mensageira, então, eu corto isso, mas às vezes eu corto coisa que não é. Por exemplo, outro dia ela veio falando que a mamãe pediu para eu comprar um abrigo para ela, daí eu já explodo e falo que não vou comprar abrigo nenhum, a mãe dela que compre. Daí minha esposa fala para eu ter calma e comprar para ela, mas eu acho que quem vive tem obrigação de dar roupa, comida, banho. Agora se eu quero colocar ela na escola boa eu vou lá e pago, pago convênio, curso, faço a obrigação de pai não presente. Agora roupa, comida, eu acho que é obrigação de quem mora com ela. Mas tem aquele negócio de uma hora ou outra pode, mas eu acho que fica aquela coisa para provocar mesmo, como se eu tivesse mais que comprar. Mas agora eu to me policiando muito com ela, estamos conversando mais.”*. Assim, o oferecimento de algo à filha parece ser

confundido como beneficiar a família materna. Mostra que, por vezes, a visão que tem da filha é ofuscada pelos sentimentos que possui relacionados com a família materna e, desse modo, isso influencia na capacidade dele de suprir as necessidades da menina.

André diz que acredita que a proximidade entre a sua esposa e sua filha vem da necessidade de Marina em buscar uma pessoa neutra. *“A minha filha nessas situações busca uma pessoa neutra que é a minha esposa, então ela deve se sentir no meio de uma guerra entre eu e a mãe dela. Para sair disso ela vai lá com a minha esposa que é uma pessoa neutra. É isso.”* Parece ficar claro para ele que há um clima hostil entre ele e a família da mãe da menina, que afeta diretamente a garota. Ele parece se revelar aos poucos.

Pergunto se ele quer complementar e ele responde que não, novamente, no momento em que eu vou tirar a figura, ele faz uma afirmação sobre algo que entende como sendo um detalhe: *“tem uma bailarina³ aqui, não tem?”*, questiono sobre o que ele pensou, ele diz que não pensou nada, só quer saber se há uma bailarina na figura, respondo que não tem certo e nem errado, mas ele se cala.

Mostro a última figura, ele afirma: *“Aqui é família e eu sou muito família. Sempre quero estar perto dos meus familiares, dos meus pais, irmãos. Eu vejo isso quando eu vou viajar eu levo todo mundo, minha mãe, meu pai, minha sogra, só minha filha que eu não levo, mas porque eles não deixam. Na verdade, eu nunca forcei muito viagem, só viajamos uma vez que fomos para um parque aquático, mas nunca foi de ficar uma semana, tenho vontade de fazer uma viagem maior, mas às vezes eu penso que eles vão falar não, daí eu nem perco tempo.”* Mais uma vez percebo a filha em segundo plano, ela não está presente em sua fala como participante das atividades. Porém, ele segue descrevendo seus planos futuros e reivindicações: *“Mas eu tô devagarzinho, eu esperei cinco anos para ela dormir comigo de novo, eu estou nesse processo, primeiro comprar a caminha, depois levar ela para viajar. Eu cheguei a pedir, eu podia ser bem mais cruel, mas eu não faço esse papel. Por exemplo, fui para São Paulo levar meu filho e minha sobrinha no parque da Xuxa, ficamos três dias lá. Eu falei para a mãe de Marina que eu queria levar a minha filha, ela viu e falou não. Eu não cheguei na minha filha e falei que eu queria levar ela no parque e a mãe não deixou, mas eu sinto que a mãe faz isso. Por exemplo, ela falou para mim, “Ah minha mãe disse que quando meu irmão estiver maior ela vai me levar para o Hopi Hari”, daí eu falei que ela não precisava esperar tudo aquilo, que é só falar que eu levava, não tem problema. Daí a mãe já fez essa lavagem de que ela só vai quando o irmão estiver maior, ou seja, se eu quiser levar ela agora ela não vai, então ela já tá com esse pensamento. Eu não falei essas coisas para*

³ André aponta para uma mancha da figura como sendo a bailarina.

ela, só falei que quando ela quiser ir nós podemos ir. Acabei deixando ela com outra carta na manga, ela pode chegar para a mãe e dizer que prefere ir com o papai, então, não sei, se a mãe tiver coração mole ela vai deixar. Mas eu acho que isso prejudica a mãe e a minha filha e eu não consigo fazer essas coisas de fazer a cabecinha dela. Isso eu não faço, eu poderia ser malvado e falar as coisas para ela, mas o que eu falo é que eu vou comprar uma caminha e que ela vai voltar a dormir comigo. Tudo isso aconteceu porque teve um dia que ela dormiu comigo, daí depois ela dormiu fora com a mãe e ela pediu para dormir na cama de casal, e ela ligou brava falando que na casa dela tinha regras e que não é para criança dormir no meio de adultos. Daí eu falei que eu dormi na cama com os meus dois filhos e minha esposa dormiu na cama do menino. Então eu vejo família aqui.”

Pergunto como é para uma pessoa que valoriza a família lidar com uma frequente ausência da filha, ele diz: *“Às vezes eu chego e pergunto onde está a Marina e dizem que ela não veio. Quando vejo ela eu fico feliz, ela é muito amável, adorável, é muito gostoso estar com ela. Às vezes eu tô com a minha família e ela não tá, a vida continua, ninguém fica triste, a vida continua. Só que a gente sente que ela poderia estar lá e por conta de uma coisinha ela não está. Que nem, nesta quarta-feira vai estar todo mundo junto, ela não vai. Ela falou que na Páscoa ela vai viajar com a avó e com a mãe, mas depois ela falou que a mãe não vai, mas a avó vai. Eu podia falar para ela ir comigo, mas é isso que eu falo, eu dou tempo ao tempo, não sei se isso é bom, eu não quero pressionar ela, quero deixar ela de boa. Se ela vier e pedir para ficar comigo, daí eu vou brigar.”*

Pergunto se ele acredita que Marina não sinta vontade de ir ou que ela não sente ter espaço para manifestar sua vontade: *“É um pouco de tudo, ela sente vontade, falta de espaço ela não sente, mas eu sinto que falta para ela eu chegar e falar para ela que estou indo para tal lugar, se ela quer ir, mas eu não faço porque eu tenho medo de ela querer muito ir e a mãe dela não deixar e ela ficar mal. É uma bobeira. Prejudica os passeios dela. Tem vez que o irmão dela fala que foi em tal lugar e que foi muito dez, ela ouve e não dá muita corda, talvez não quer nem saber, ela só ouve. Mas acho que falar depois dói menos do que se tivesse falado antes.”*

Pergunto se ele quer me falar mais alguma coisa, ele diz que não e complementa: *“Foi legal participar, não foi nada sete cabeças. É uma maneira talvez de estar ajudando. Eu peço desculpas porque é tudo muito corrido, tenho que levar eles de um lado para o outro o tempo todo, mas é mais o problema de tempo porque eu falei que queria participar, foi bem na boa.”*

Agradeço sua participação e ele começa a falar sobre sua profissão; diz que para ser professor tem que gostar muito, tem que ter o dom, principalmente na escola, ter um domínio

de classe. Conta que às vezes briga na escola por melhores condições de trabalho, diz: “*Já estou na escola faz mais tempo, estou brigando com elas pelo mesmo objetivo de levar a escola para frente, então para ser professor tem que ter o dom*”. Afirma que sempre gostou das atividades de docente e afirma gostar da educação infantil, da formação do aluno, conta: “*Não me vejo em academia, mas eu me vejo em escola com as crianças. Ficar com cinquenta alunos o dia todo é complicado, tem que ter dom. Os professores acomodam muito, teve uma escola que eles faziam só duas atividades, daí os outros professores começaram a olhar grosso para mim, os alunos começaram a optar para a minha aula, e os professores olhavam feio, mal cheguei e já queria bater pênalti? Gerou um desconforto. Mas eu iniciei um processo para eles conhecerem novos esportes, como handball. Tem muito profissional engessado que sempre fica parado naquilo, daí quando você chega mostrando coisas novas parece ser mal visto*”. Assim, afirma que se inseriu em um espaço hostil e conseguiu conquistar seus alunos. Esta situação parece remeter à imagem que possui como pai, mesmo com menos contato com a filha e acredita ter uma relação de melhor qualidade que a mãe biológica, diz ter conquistado a garota.

Prossegue falando sobre o problema do *bullying*, afirma: “*a mídia vai divulgando, tem aluno que não tem nada na mente e com a super divulgação da mídia, o aluno se pega naquilo. A mídia, a internet rápida dá um maior destaque, impacto para a notícia, que nem o terremoto do Japão. Sempre teve terremoto no mundo, mas parece que assusta mais por conta da exposição. A mídia estraga muito. Agora qualquer coisa que eu falo o aluno fala bullying*”. Continua discorrendo sobre questões do cotidiano: “*Agora compra um carro, antes a primeira coisa que comprava era um adesivo de santo, agora é a família, e agora todo carro tem o adesivo com os membros da família, coloca a família com o risco de ser sequestrado*”. Sua fala é ininterrupta e eu não consigo perceber o que ele busca me comunicar diante de tanta informação. “*Às vezes eu falo para os meus alunos que eu vou me formar em Psicologia também, às vezes eu vejo umas brigas iguais no primeiro ano e no terceiro colegial, daí eu tenho que ter muita calma para saber o que eu vou falar. Tem que ser muito verdadeiro, eu tenho um vínculo legal com eles, já fui homenageado, já fui em viagem da turma. Agora eu falo para os alunos convidarem outras pessoas, porque às vezes na escola é chata, mas fora da escola é bem legal. Mas Educação Física é quase unanimidade, muita gente gosta. Mas não é todo mundo, hoje mesmo eu estava em uma escola e chegou um aluno novo e passou na quadra onde eu estava com outro menino que não gosta e disse que não vai fazer Educação Física nem a pau, daí eu pensei que quanto eu mais rezo mais assombração aparece! Daí esse eu vou ter que dar trabalho. Mas olha, na nossa área tem que gostar, mais*

é isso, foi legal conversar.”. Pergunto se ele pensou mais alguma coisa sobre a experiência de ser pai. Ele responde que não, reafirma ter gostado de participar. Agradeço-o novamente. Ele diz que eu posso ligar para ele caso precise de algo, mas reafirma que acredita que seria complicado eu tentar entrar em contato com a família da mãe de Marina. Digo que ele pode ficar tranquilo. Parecia estar com receio do que eles poderiam me contar. Agradeço novamente e ele vai embora e diz para que eu fique com Deus.

4.1.2 Síntese André

A entrevista de André é marcada pela ambivalência; apesar de muito comunicativo, parece ter dificuldade para pensar sobre seu papel de pai. Desta maneira, ele demonstrou uma significativa resistência em participar do encontro. A vivência da paternidade parece ser circunscrita por um sentimento de culpa por ter tido dois filhos em um curto espaço de tempo com mulheres diferentes. Afirma que a filha foi *“um acidente que foi um presente”* (sic). Porém, a notícia da gravidez foi bastante mobilizadora, capaz de paralisá-lo, tanto concretamente (suas costas), quanto subjetivamente.

André optou por reatar o relacionamento com a sua ex-namorada, mãe de seu filho, constituindo, assim, a idealizada família nuclear, entendida por ele como o *“caminho certo”*, mas que necessariamente exclua um dos seus filhos. Apesar disso, descreve sua família como sinônimo de perfeição. Afirma, em vários momentos, principalmente nas figuras 1 e 4, que Marina tem um excelente relacionamento com sua mulher e seu filho, *“Minha esposa cuida mais dela do que do meu filho”*. Porém, André parece ter medo de que Marina abale a *“perfeição”* do lar nuclear com intrigas arquitetadas pelo *“contaminado”* lar materno, receio que parece dificultar a clareza na comunicação com a filha, como na passagem em que ela pede para que ele lhe compre uma roupa.

Apesar de André descrever como muito positivo o convívio de Marina com sua atual família, ele não narra momentos seus com a filha, relata possuir uma postura autoritária que exige disciplina. Ele se diz próximo, mas também afirma ser distante, ameaça entrar na justiça para requerer a guarda, mas declara que a filha está bem na casa de sua avó, mais uma vez denotando aspectos ambivalentes em sua relação com ela.

Sobre sua imagem de pai, acredita que Marina o veja como autoridade, maneira facilitadora para preservar o envolvimento afetivo. Apesar de assumir que há uma diferença

no tratamento entre os filhos, induzida pela constante presença do menino, tenta minimizar esta situação, mas sente culpa. Assim, parece haver uma menor disponibilidade para a filha. Embora a entrevista tenha sido um convite para conversar sobre ela, não foi um momento exclusivo de Marina, mas sim um período em que o filho se ausenta por estar em sua aula. Notar que a filha não é parte de sua família nuclear, assim, não desfruta dos mesmos privilégios, parece gerar um sentimento de culpa que geralmente é projetado na mãe de sua filha, dinâmica que é facilitada pelo fato dela realmente dificultar o contato entre pai e filha.

Nas imagens 2 e 8, André relata claramente uma disputa com a mãe de Marina, apresentada também no início de sua fala. Assim, em diversos momentos ele declara ser mais participativo na vida da menina que a mãe biológica e a critica por entender que o papel materno não é desempenhado de maneira adequada. Porém, André pouco reage diante das dificuldades que a mãe impõe, como o fato de Marina não poder dormir em sua casa ou não participar de viagens. O comportamento passivo parece estar relacionado com a ambivalência: ao mesmo tempo em que gostaria de ter proximidade com a filha, tem dificuldade de inseri-la em sua família. Desta maneira, a filha fica em segundo plano e em função de seu relacionamento com a mãe.

Apesar de sua fala exaltar seu bom desempenho como pai, André parece se sentir desprovido de seu papel paterno. Na figura 4 não se identifica com o Leão, o “*ratinho*” percebido parece estar em um lugar errado, assim, deve ser eliminado. Ele questiona se há veneno de rato. Demonstra, assim, agressividade pouco integrada ao buscar o aniquilamento através do veneno. Assim como rato, sua filha parece não possuir um espaço próprio.

Ao mesmo tempo em que não se apropria do papel de pai, sente-se cobrado em desempenhá-lo por si e pela sociedade. Dessa maneira, parece ter muita dificuldade para discorrer sobre a experiência da paternidade diante das temáticas apresentadas nas imagens, projeta a sua dificuldade em sua filha quando afirma não saber como ela irá reagir em nosso encontro. Além disso, há um receio relacionado com a maneira como é visto como pai pela filha e pela família de Marina, em diversos momentos diz que será grande a dificuldade em contatá-los, fala entendida como uma tentativa de excluí-los do processo para que eles não me “envenenassem” contra ele.

André parece narrar suas vivências de maneira idealizada, porém, a entrevista lhe deu uma oportunidade de pensar sobre a maneira real que exerce a função paterna. Assim, entrou em contato com um espaço nebuloso, repleto de culpa e projeção. Viu-se diante da dificuldade de enxergar a filha, pouco falou sobre afeto em relação a ela e as atividades que compartilham juntos, além de notar a diferença no vínculo entre os filhos. Assim, apesar de

ter dificultado o contato com a pesquisadora, ao término da entrevista ele parece querer mostrar seus aspectos positivos; revela que tem sucesso como docente, mas que sua profissão é muito difícil, assim como é árduo ser pai. Dificuldade intensificada pela impossibilidade de inserir todos os membros de sua família em um único adesivo de carro.

Desta maneira, a entrevista foi marcada não só pelo sentimento de culpa do pai e de seu conflito com a mãe de Marina, mas também, pelo distanciamento afetivo. A filha é figura pouco presente em sua fala e pouco inserida em suas atividades cotidianas. O esforço de viver uma paternidade idealizada parece distanciá-lo as reais necessidades da menina, como, por exemplo, de afeto e cuidado.

4.1.3 Narrativa Marina

A entrevista com Marina dura 28 minutos e ocorre em sua escola. Enquanto eu arrumo a sala, a secretária a chama e leva Marina até o local. Ela entra bastante retraída, parecia estar encolhida e com um pouco de receio do que poderia acontecer. É uma criança muito bonita. Apresento-me e digo que tenho como tarefa fazer uma lição de casa em que converso com meninas e com seus pais. Digo que conversei com seu pai em outra situação, pergunto se ele contou e ela balança a cabeça negativamente.

Questiono se ela quer me ajudar em minha “lição de casa” e ela concorda, de maneira bastante tímida. Pergunto quantos anos ela tem e ela responde que tem sete anos. Início de maneira bem livre, peço para que me conte sobre o que gosta de fazer e ela diz: *“Gosto de brincar de Barbie, jogar bola e andar de bicicleta.”*. Pergunto qual Barbie que ela gosta e ela diz: *“Barbie moda e magia, sereia, escola das princesas”*. Conto que vi o filme da *“Barbie moda e magia”*, ela responde que também viu e que gosta de DVDs e desenhos que passam no canal *Discovery Kids* e *Disney*. Digo que ela parece gostar bastante de desenhos, pergunto se ela retorna da escola e vai assistir, ela diz que não e passa a se apresentar de maneira mais solta. Marina conta: *“Não, eu chego da escola e a minha avó fala que a minha amiguinha tá me esperando, daí eu vou lá chamar ela, brinco um pouquinho, assisto TV, e a minha avó fala para eu ir tomar banho. Minha amiga é minha vizinha e brincamos de muitas coisas. Na casa dela brincamos de Poly, de Barbie que é na minha casa e de boneca que é na minha casa.”*. Conta que apesar da amiga ter 8 anos, ela *“ainda é magrinha e pequena, bate aqui em mim!”*.

Sua fala me fez pensar que a garota que inicialmente mostrou-se de maneira retraída, agora é capaz de comunicar sua força e grandeza, mas de maneira sutil e calma.

Convido-a então para ver as figuras e me contar/inventar uma estória, qualquer uma que ela queira, ressaltando não ter certo e nem errado. Ela responde prontamente: *“Eu não sei (...) eu não sei ler e nem escrever”*. Digo que ela não vai precisar ler e nem escrever e afirmo: *“Você precisa somente me contar uma estória, qualquer estória, não tem certo e nem errado. Você pode inventar tudo que desejar!”*.

Neste momento, achei que Marina ficou um pouco assustada com a tarefa, voltou a se mostrar retraída. Novamente passei a conversar livremente com ela, disse que aquela era a minha lição de casa e perguntei se ela tem lição para fazer. Ela respondeu, mais aliviada, que sim e complementou: *“Mas quando é aniversário de alguém ou dia do brinquedo a tia não dá, e na noite do soninho a tia também não dá.”*. Pergunto o que é a noite do soninho, ela conta que é quando as crianças dormem na escola, questiono se são todas as turmas e ela diz: *“Mais ou menos, vem só um pouquinho. Dormem todos os primeiros anos: a, b, c. A gente acorda, vai tomar café da manhã. Daí, depois da gente dormir a gente come pizza e vai para o desfile de pijama.”*. Ela relata de uma maneira bastante feliz, apesar da voz ainda um pouco contida e baixa, ela continua: *“É a gente dorme no colchão com a turma.”*. Afirmo que o encontro deve ser bastante divertido, ela responde: *“Deve, antes da gente comer pizza a tia coloca músicas e aquelas luzes, parecia boate. Dançamos um monte de músicas.”*. Acho bastante curioso ela contar sobre as luzes e dizer que parecia boate.

Volto à ideia de lição de casa para tentar reintroduzir a tarefa com o CAT-A, pergunto se ela gosta de fazer lição e ela diz que varia: *“Tem dia que sim, tem dia que não”*. Afirmo que gosto bastante da tarefa que eu tenho para fazer. Pergunto se posso mostrar a primeira figura para que ela me conte uma história, ela diz que sim. Mostro-a e ela afirma prontamente: *“São três pintinhos e uma galinha almoçando.”*. Pergunto o que mais está acontecendo, ela afirma, bastante dengosa, que não gosta de contar, mas prossegue: *“estão almoçando e a mãe tá atrás vendo. Eles tão conversando que um gosta de jogar bola, o outro de desenho e o outro de bicicleta. A mãe tá quieta (...) Eles tão comendo minhoca, pintinho come minhoca.”*. Digo que ela me contou uma história de três pintinhos que estavam comendo minhoca e conversando sobre bola, fazer desenho e andar de bicicleta; que a mãe estava atrás olhando. Pergunto o que ela achou e ela responde: *“legal”*, com uma voz mais segura. Pergunto se ela quer contar algo a mais sobre a história, ela diz que não.

Mostro a segunda figura: *“um urso, um urso e um ursinho. Eles tão brincando de puxar corda, um puxa a corda daqui e o outro daqui, quem deixar o amigo cair ganha. Eles*

estão brincando.”. Pergunto quem ela acha que vai ganhar, ela diz: *“O que tá sozinho, olha quanta corda ele já puxou!”*. E não complementa a estória. Ela reparou em um detalhe quase nunca notado, apesar da disputa não estar balanceada, um urso está sozinho de um lado e do outro está uma dupla, ela percebe que o que está sozinho possui mais corda, mesmo com, teoricamente, menos força.

Mostro a terceira figura, ela diz: *“É um leão que já é velhinho e tá vendo o céu e a nuvem lá no fundão. Ele tá pensando que vai lá para o céu e vai ficar bem longe. Ele tá pensando isso.”*. Pergunto se ela conhece alguém que já foi para o céu, ela diz que não e continua: *“E esse pequenininho aqui deve ser filho ou neto do leão, ele tá olhando o leão e pensando porque o leão tá com uma pata na boca. E ele tá com uma pata na boca porque ele está pensando.”*. Questiono sobre o que mais pode acontecer, ela diz não saber: *“é só isso!”*.

Pergunto o que ela achou da figura anterior, ela afirma ter gostado. Mostro a quarta figura, ela diz: *“Três cangurus andando de bicicleta. A mamãe andando de bicicleta, quer dizer, a mamãe com o filho mais novo andando de bicicleta. E o outro é o filho mais velho andando de bicicleta. O canguru que tá dentro da barriga da mãe é o mais novo. Eles vão fazer piquenique lá na floresta, fim.”*. Pergunto o que a mãe está pensando, ela diz não saber. Falo que ela me contou uma estória sobre a mãe e irmãos, pergunto se ela tem irmãos, ela diz: *“Tenho dois, um bebê e um meio que da minha idade que estuda aqui na escola, mas em outro horário.”*. Pergunto sobre como é a relação com o irmão: *“Ele é legal, só que às vezes ele fica meio louco, às vezes quando ele vai brincar ele fica fazendo careta, umas coisas. A gente briga de vez em quando, mas não é toda vez. Hoje eu vou ver ele que eu faço música com ele, ele faz depois de mim (...) o pequeno é bem pequeno, eu já consigo segurar ele, ele é bem pequeno. Ele puxa meu cabelo. Ele já tá comendo caldinho de feijão, ou arroz e feijão.”*.

Pergunto se o irmão mora com ela, percebo-me bastante influenciada pela entrevista com o pai, ela responde: *“Mora, mas tem vez que ele não fica. Tem vez que eu vou dormir na casa do meu pai, ele vai comprar uma cama. Quando a minha mãe mudar para a outra casa vai ter uma cama para mim lá. E tem uma cama para mim que é a que eu sempre durmo, na casa da minha vó.”*. Exclamo: *“Nossa, então você vai ter três lugares. E o que você acha de ter tantos lugares para passear?”*. Ela responde: *“Eu só vou querer três, porque quatro não dá não, porque tem que ir para uma casa, depois acorda e vai para outra, acorda e vai para outra. Daí não dá tempo! Daí uma eu saio aqui e vou para a aula de música e vou para o meu pai. Minha mãe vai vir buscar aqui na escola e levar na minha vó.”*. Ela se mostra bastante cansada neste momento, afirma que fica a maior parte do tempo na casa da avó e silencia.

Mostro a última figura, ela responde de uma maneira mais completa e empolgada: *“Era uma vez quatro macacos: um menino, outro menino, uma menina e outro menino. Esses daqui estavam conversando, esse aqui tava falando que não pode brincar, correr e nem deixar os amigos brigar. Esse tá falando que o café tá bem docinho. Aí esse aqui tava quase indo embora e esse menino aqui puxou ele, ele queria ir embora para brincar de pega-pega.”*. Pergunto sobre o que ocorre no final da estória, ela afirma: *“Esse aqui não apronta mais, daí o pai dele não briga mais com ele.”*. Pergunto se alguém briga bastante com ela, ela diz que o pai e a mãe não, mas que: *“a avó é brava, mas o avô é bonzinho!”*. Pergunto o que ela acha, ela afirma: *“nada”* e sorri, como se me mostrasse conformidade.

Espalho todas as figuras pela mesa e pergunto qual foi a que ela mais gostou, ela aponta uma a uma e diz: *“A do canguru, a da comida e as outras duas. Só não gostei muito do macaco.”*. Pergunto se ela quer me falar mais alguma coisa, ela diz que não e sorri. Agradeço por sua participação. Ela me dá um beijo e sai da sala. Senti muito carinho durante a entrevista, é uma criança bastante doce.

4.1.4 Síntese Marina

Marina apresenta-se de maneira receosa, mas aos poucos parece ficar mais à vontade. Porém, fala pouco e calmamente. Suas estórias resumem, com mínimas exceções, a descrição dos personagens, com pouco de afeto, movimento, vitória ou fracasso.

Estabelece um diálogo com a pesquisadora, mas se retrai quando lhe é dada a tarefa de contar/criar estórias. Ela se mostra insegura diante de uma exigência externa, mostrando-se incapaz de realizar a atividade. Por não saber ler, sente-se insegura.

Contudo, aceita participar da pesquisa e descreve uma boa interação com seus amigos da escola. Na figura 1 e 8 apresenta personagens que possuem desarticulação entre as falas e atividades. Nesse sentido, aparenta estar inserida em um ambiente confuso e pouco seguro.

Ainda na figura 8, além da pouca interligação entre as atividades dos macacos, Marina os apresenta como sendo crianças. Ela sugere, através da figura, que o lazer é visto como algo negativo, o macaco não pode brincar, correr e nem brigar. Parece haver pouco espaço para ser criança; é preciso obedecer, reprimir os afetos para agradar os pais (o macaco obedeceu e o pai não brigou mais com ele), pois qualquer gesto menos contido e mais espontâneo pode desagradá-los. Seu gesto abafado, sua pouca exigência, parecem se relacionar com a

percepção de que o ambiente não tem muito para lhe oferecer. Assim, o ambiente parece ser visto como confuso, invasivo e cheio de exigências, restando pouco espaço para a desorganização e espontaneidade.

A rigidez vivenciada parece ser explicitada na imagem 2, momento em que Marina apresenta uma fala adulta, como se não quisesse se comprometer, nem se expor. A sua estória se prende ao visível e não ao imaginativo. Conta de maneira sucinta e objetiva que quem possui mais corda ganha, mesmo estando sozinho. Assim, Marina comunica que sua ajuda não é de muito valor. Esta percepção parece se relacionar com um entendimento de que sua presença não é vista pelos outros/ambiente como muito significativa. Desta maneira, entende que seus gestos parecem ter pouco alcance, são pouco capazes de oferecer ajuda ao outro. Além disso, é pouco o auxílio que lhe é ofertado.

Contudo, Marina possui ligação com três famílias: a de seu pai, seus avós e sua de sua mãe que vem sendo formada. Durante a figura 4, conta uma estória bastante objetiva que abre espaço para que fosse perguntado sobre sua família. Ela parece sobrecarregada ao afirmar que possui três casas, mas que não teria disponibilidade para um quarto espaço. Porém, parece sentir um maior pertencimento à casa de seus avós. As duas casas de seus pais parecem não oferecer um lugar para que ela habite de imediato, afirma que o pai precisa comprar a cama e a mãe também, mudar-se oficialmente. Assim, ela tem, de fato, somente a casa de seus avós, mas sente-se confusa diante de tantas demandas e de tantos lugares a serem ocupados por ela.

A importância dos avós é assinalada na imagem 3. Ela identifica o leão como alguém mais velho, possivelmente o avô. Porém, o sentimento diante desta figura é o medo de perdê-lo, assim como o do filhote é de perder o leão. O medo de perder parece reforçar a necessidade de um comportamento mais alinhado com pouca espontaneidade. Em um momento da entrevista ela afirma que sua avó é brava, atribuindo-lhe a imagem de autoridade, e o avô de mais acolhedor.

Marina parece se desenvolver em um ambiente onde entende como necessário submeter seus desejos em função do meio externo. Ela busca preservar o ambiente em que vive, apesar de percebê-lo como tendo pouco a lhe oferecer. Sua vida parece ocorrer da maneira que descreve os personagens de suas estórias: com pouco movimento, afeto e ousadia. Apesar de possuir vínculo com três famílias, sente-se só e parece possuir uma idade superior à que tem, para dar conta da demanda exigida.

4.1.5 Síntese Díade Monoparental Materna I

As questões apontadas por Marina vão ao encontro do que foi exposto por André. A característica da criança parece se relacionar com a vivência em um ambiente pouco acolhedor que dificulta a expressão de sua criatividade e do gesto espontâneo, exigindo-lhe uma postura mais adulta e contida. André parece ser uma figura muito inconstante e ambivalente na vida de sua filha, ainda entendida, ao mesmo tempo, como um acidente e presente. Há pouca proximidade afetiva no contato entre a díade, o pai parece ter dificuldade para exercer seu papel e sente uma culpa velada por isso.

Apesar de Marina ter vínculo com três famílias, ela parece não sentir pertencente a elas. Assim, o ambiente se mostra inconstante e repleto de exigências. A vivência no ambiente familiar paterno é regida pelo relacionamento entre seus pais biológicos, com isso, qualquer atrito entre eles pode ser capaz de alterar sua rotina. Por exemplo, o veto da mãe sobre a díade dividir a mesma cama fez com que a garota não pudesse mais passar a noite na casa de André. O pai, apesar de se sentir afetado, não reage ativamente diante das exigências da mãe e nem da necessidade da filha. Desta maneira, Marina é colocada em segundo plano e em função das vontades de seus pais, é vista em meio a uma rivalidade, a um cabo de guerra, em que se sente sozinha. Não há espaço para que a filha se manifeste e mostre sua vontade. Ela não sabe o lugar que possui, assim como seus pais não sabem, exatamente, o espaço/provisão que podem lhe oferecer. Novamente, ela não está presente em nenhum “adesivo” de famílias.

A mãe de Marina aparenta ser uma figura distante. Aos avós, parece ser atribuído um lugar especial, de maior importância e participação. A imagem do leão remeteu Marina a uma figura já idosa a qual parece estar prestes a perder, pois ela irá se mudar para o céu. O medo do falecimento de seus avós faz com que o lar mais constante seja envolvido por um receio de que pode ser abalado em breve, há insegurança e medo de perder as pessoas que cuidam dela.

Nesse sentido, nenhum lar parece oferecer um suprimento adequado às necessidades da garota, o gesto afetivo foi pouco referido e é grande a submissão às necessidades do meio externo, restando-lhe pouco espaço para ser criança. Esta insatisfatória provisão ambiental parece se relacionar com a maneira pouco criativa e espontânea apresentada por Marina durante a entrevista. Segundo Winnicott (1971/1975), o gesto criativo relaciona-se com a provisão ambiental oferecida principalmente, mas não só, no início da vida. É o gesto criativo que faz com que o indivíduo entenda o viver como algo atrativo; sua ausência faz com que ocorra uma necessidade de atender e se adaptar às demandas externas.

O gesto criativo se faz presente de diversas maneiras em diferentes pessoas: seja na obra de um artista ou no desenho de um arquiteto (Winnicott, 1971/1975). Ele é um dos produtos da área transicional, interliga o mundo interno e externo. A criatividade possibilita que o indivíduo encontre um significado pessoal em algo que lhe foi apresentado. Assim, quando há ênfase em boas maneiras, no domínio cognitivo e objetivo, a criatividade perde espaço para um comportamento mais engessado (Winnicott, 1963/2005).

Marina mostra sua vida de maneira muito concreta com dificuldade de inserir algo pessoal em suas vivências. Há insegurança diante de tarefas que exigem uma contribuição pessoal. Quando foi convidada para contar estórias sobre as imagens, ela se retraiu e afirmou não saber ler e nem escrever, denotando incapacidade antes de buscar entender e aprender com a tarefa. Este receio se relaciona com sua insegurança em relação a sua capacidade criativa e dificuldade de explorar o mundo. Segundo Winnicott (1963/2005), para que ocorra a aprendizagem é preciso que o indivíduo articule o que lhe é apresentado com o seu mundo interno, com suas vivências. Aprender é, portanto, um gesto criativo.

Além da aprendizagem, o comprometimento do gesto espontâneo e criativo parece refletir na dificuldade de Marina em demonstrar suas vontades e necessidades. Desta maneira, o pai pouco se depara com as exigências da filha que poderiam apontar para a necessidade de um maior provimento ambiental.

A pouca reivindicação de Marina evita com que o pai entre em contato com sua culpa. Este sentimento é presente na fala de André, porém, de maneira indireta. Há culpa por não inserir a filha em sua família nuclear. Diante da dor causada por este sentimento, ele utiliza mecanismos de defesa como a projeção e negação. Assim, descreve-se como um bom pai e ressalta que a mãe biológica não cumpre seu papel de maneira satisfatória. Contudo, em alguns momentos, ele se contradiz, revelando que também oferece pouco afeto à filha. Assim, mesmo a provisão ambiental, muito ressaltada por André, é apresentada de maneira contraditória; ele diz pagar escola, mas depois afirma que seus filhos possuem bolsa de estudo.

Há um sentimento de culpa presente, principalmente ao final do encontro, momento em que ele ressalta suas qualidades como docente e parece querer pontuar seus aspectos bons diante da dificuldade de assumir o papel de pai. Segundo Winnicott (1958/1990), o sentimento de culpa é uma aquisição dentro de um amadurecimento saudável, para que ele ocorra é preciso sustentar a ambivalência adquirida no período inicial de vida. Assim, a possibilidade de sentir culpa é sinal não só de saúde, mas também de esperança. Pois, é através da culpa que se torna possível a realização de algo construtivo, a possibilidade de um

novo vínculo. Além disso, o tempo e a importância do outro (intersubjetivo) são fatores de grande importância para que se possa vivenciar a culpa.

André parece ter dificuldade em integrar os sentimentos ambivalentes que tem pela filha, o que dificulta a vivência de seu sentimento de culpa. Apropriar-se de tal sentimento poderia demandar em uma reorganização no vínculo com a menina, algo que ele parece ter dúvidas se gostaria ou não de vivenciar. Afinal, ora afirma gostar de tê-la mais perto, ora expressa a crença de que gostaria que ela continuasse com a avó; diz que vai comprar cama, mas não o faz. Assim, manter o afastamento não o coloca diante de seu sentimento de culpa e ambivalência, porém, no contato com a pesquisadora, a fala sobre sua experiência parece ter sido mobilizadora.

A postura paterna parece fortalecer o comportamento retraído de Marina que também não se sente merecedora de reivindicar uma maior aproximação. Afinal, ao contrário do que foi afirmado por André, ela não aparenta vê-lo como figura de autoridade, este papel é atribuído à avó.

Importante ressaltar que apesar das dificuldades apresentadas, Marina alcançou um desenvolvimento emocional saudável que poderia ser potencializado diante de um ambiente acolhedor. O vínculo com seus avós mostra-se positivo, o avô preocupa-se com a permanência da garota em sua casa, chega a conversar com André sobre o fato de que a mãe de Marina vai se mudar, sugerindo um medo de que a neta não coabite mais com ele. Apesar do sentimento de despertencimento, ela parece ter encontrado figuras importantes facilitadoras de seu desenvolvimento.

4.2 Família Monoparental Materna II

4.2.1 Narrativa Sérgio

Converso com a coordenadora da Escola sobre a indicação de uma díade monoparental com a guarda materna. Ela se lembra de uma família de amigos e diz acreditar que eles aceitariam participar. No entanto, moram em outra cidade. Digo que aceitaria encontrá-los, caso concordem em colaborar. Neste momento, a coordenadora liga para a amiga e explica rapidamente sobre a pesquisa, diz que estou ao seu lado. A mãe aceita conversar comigo.

Apresento-me e ela afirma ter interesse que a filha participe, mas, antes de confirmar, precisa contatar o pai da garota. A mãe pede meu telefone e diz que entraria em contato assim que tivesse alguma resposta, mas que acredita que ele gostaria de colaborar, exclama: “*Sérgio (pai) é bacana!*”. Minutos depois, ela retorna a ligação, diz que o pai de sua filha aceitou participar. Ela me passou o telefone do trabalho de Sérgio e pediu para que eu ligasse no dia seguinte, pois ele estava muito ocupado naquele momento. Percebi que os pais da garota tem possibilidade de diálogo.

Entro em contato com o pai no dia combinado, mas ele não se encontra em seu local de trabalho. Retorno no dia seguinte e sou direcionada para outro departamento. Ele afirma ter interesse em participar, porém, demonstra muita dificuldade em conseguir um horário para se encontrar comigo. Marcamos a entrevista para uma quarta-feira, dali a duas semanas. A entrevista ocorre em seu local de trabalho, em um departamento em uma faculdade Sérgio trabalha em uma universidade particular bastante conceituada, possui um cargo técnico. Durante a entrevista, ele continua atento ao seu trabalho: estava monitorando um experimento.

Chego alguns minutos antes, a secretária liga para informá-lo sobre minha presença. Sérgio vai até a recepção me receber e acompanhar até sala onde trabalha. Ele tem por volta de quarenta anos, mas se veste jovialmente com muitos brincos e tatuagens. Acolhe-me de maneira calorosa, simpática. Agradeço a disponibilidade dele em participar da pesquisa. Ele diz que gostou muito do convite e que a dificuldade em conseguirmos um horário se deu devido a sua agenda, que é muito cheia. Ele faz questão de mostrar sua agenda online, mas o computador estava sem internet. Entendo que ele queria que eu a olhasse, não só para se justificar, mas também para que eu soubesse o quanto ele é ocupado e importante. O participante passa a falar sobre seu trabalho, faz isso durante um período de 20 minutos. Explica a importância e detalhes sobre a sua função profissional, principalmente o que desenvolve no momento da entrevista. Discorre sobre os equipamentos de ponta com que trabalha. Ressalta que se trata de uma tecnologia bastante desenvolvida que não tem em outras faculdades, principalmente públicas. Por diversos momentos, ele afirma iria encerrar sua fala para iniciarmos a entrevista, mas isso não acontece. Tento, inúmeras vezes, finalizar o assunto, no entanto, ele o reinicia com uma nova fala sobre seu trabalho. Sérgio se mostra agitado e ansioso.

Pareceu-me que ele precisava falar sobre si, sobre seu trabalho, antes de falar sobre sua filha. No entanto, quando percebo que sua fala se estende, sou mais direta e digo que acho bem moderno e interessante seu trabalho e pergunto se podemos iniciar nossa conversa sobre

Beatriz. Ele disse que sim, eu lhe entrego o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”. Ele o lê atentamente e diz, sorrindo: “Esse negócio de se emocionar é complicado, hein?”. Pergunta também sobre o que é a “Devolutiva”.

Início perguntando como é para ele a experiência de ser pai de Beatriz. Ele responde “*Nossa, mas essa pergunta é muito subjetiva!*”. Eu sorrio e ele prossegue dizendo que gosta muito de ser pai. Conta que foi casado anteriormente e não teve filhos, nem pensava em ter. Nunca teve a paternidade como um sonho, como uma prioridade. A filha foi fruto de um namoro: a mãe de Beatriz descobriu que estava grávida depois que eles já haviam terminado o relacionamento.

Quando soube que seria pai, disse que sentiu medo da responsabilidade, das alterações que poderiam ocorrer em sua rotina, sua vida. Ele conta que ficou apreensivo por estar separado da mãe de Beatriz: “*Tinha medo de como seria nossa vida dali para frente, pais separados, eu também sou filho de pais separados. Então eu tinha uma preocupação nesse sentido, como seria para criá-la estando separado da mãe. Cheguei a pensar se eu teria idade para criar, eu estava bem mais velho, hoje tenho 44 anos. Então pensava que não seria como aquele pai novinho de vinte anos. Então, era tudo coisa da minha cabeça, tudo receio, medo, aquilo que eu não esperava, que não tinha programado. Mas depois, meu, foi muito bom, tem sido muito gostoso cada momento com ela. Eu tenho aprendido bastante também.*”. Conta que a vivência tem sido muito prazerosa, que filha é prioridade em sua vida e que sua vinda ajudou com que ele organizasse a sua rotina.

Quero entender melhor como foi a experiência dele como tendo sido filho de pais separados, questiono-o. Ele conta que a separação de seus pais ocorreu quando ele tinha oito anos de idade e foi bastante traumática. Afirma que o pai os abandonou quando ele ainda era uma criança. Quando adolescente, Sérgio foi procurá-lo, conversaram por poucos minutos e nunca mais estabeleceram contato. Apesar da experiência negativa com o pai, afirma ter tido um: “*Padrasto que foi uma figura maravilhosa em minha vida. Ele foi meu pai (...) me ajudou a fazer as coisas, deu duras, me ajudou bastante (...) apesar de nunca ter chamado ele de pai, foi isso que ele representou*”.

Sérgio conta que foi muito discriminado por ter tido pais separados, principalmente na escola. Isso o deixou preocupado no momento que soube da gravidez da namorada. Afirma, porém, que entende que hoje: “*Os tempos são outros*”. Contudo, conta que, em virtude de tal situação, buscou reatar seu relacionamento com a mãe de Beatriz durante o período gestacional, com objetivo de oferecer um lar intacto para a criança. No entanto, a tentativa fracassou devido a inúmeros desentendimentos com a mãe de Beatriz: “*Teve um dia que*

conversamos e pensamos que iríamos dar um lar ruim, ou dois lares bons. Aí a gente procurou ter dois lares bons. Eu me dou muito bem com a mãe da minha filha, a gente conversa, brinca, ri, mas não temos nenhum tipo de intimidade. Mas a gente se dá bem”.

A boa relação com a mãe de sua filha possibilita que eles consigam negociar os dias da semana que a garota fica com cada um, sempre respeitando os planos individuais. *“Nós temos uma base dos dias que normalmente eu fico com ela, mas não significa que eu não posso ficar mais, ou trocar os dias, ou não ficar se acontecer alguma coisa. O problema maior de trocar é por conta mais da Beatriz do que da mãe. Normalmente eu vejo ela de segunda por conta de facilidade: eu pego ela na escola no almoço e levo ela na casa da minha mãe porque ela tem inglês com a minha sobrinha. Depois ela já embala e dorme comigo e eu a levo para a escola na terça. Na sexta ela também fica comigo, que é um dia que a mãe dela gosta de sair. Ela tá certa, tem que curtir a vida e aproveitar. Aí a Beatriz embala comigo, fica sábado, às vezes fica domingo também, mas isso depende muito se eu tô viajando ou não. Daí às vezes emenda o final de semana, mas o normal é na segunda e na sexta. Acho bastante interessante a maneira com que os pais se relacionam. Ele passa a impressão de vivenciar um relacionamento bastante maduro com a mãe de sua filha.*

Sérgio segue afirmando que acha muito interessante a experiência de ser pai e que ela possibilitou com que ele entendesse melhor sua própria mãe. Ele diz ter a filha em primeiro lugar, *“Então eu abro a mãe das minhas coisas, até mesmo pelo pedaço de pizza. Parece bobeira, mas é muito interessante esse lado que eu nunca tinha experimentado. É muito legal”.* Ele parece falar sobre um vínculo bastante intenso nunca antes experimentado, ele afirma que sempre que pode, tenta estar com ela, que a acompanha nas tarefas escolares, sempre está presente em suas apresentações na escola.

Até então Sérgio havia me contado somente sobre as partes positivas de ser pai. Acho importante questioná-lo sobre as dificuldades. Tento fazer com que ele sinta que nosso encontro é um espaço livre em que ele pode se mostrar mais. Afinal, até este momento, eu o senti um pouco defensivo, como se tentasse me passar uma boa impressão.

Sobre os aspectos negativos, ele diz que: *“Tem dia que ela tira a gente do sério, que a gente fica bravo. Eu procuro chamar ela na “chinha”, dou uma dura, falo o que eu tenho que falar no pé do ouvido, porque eu não gosto de escândalo. Falo para ela o erro, porque isso é fundamental, eu não fui criado assim, mas meu objetivo é esse”.* Ele conta que cada dia é uma novidade, que tudo sempre é muito novo, e que, por vezes, ela o surpreende: *“Outro dia ela chegou me perguntando se eu sabia como nasce bebê, daí eu pensei “Lá vem a história da sementinha...”.* Meu, ela veio, isso ela tava com cinco anos, ela chegou na lata,

com termos infantis, e contou para mim, eu espantei. Então não se sabe o que esperar, você tem noções, é preciso ter a cabeça no lugar para saber como agir. Eu procuro ter ela como minha amiga, pelo menos eu tento o máximo que eu posso. Já teve muitas vezes que ela veio me contar coisas que ela tem medo de contar para a mãe, por outro lado, como eu e a mãe dela conversamos bastante sobre ela, e a mãe conta que acontece o contrário”. Assim, o pai afirma ter domínio e clareza mesmo diante dos aspectos negativos em seu relacionamento com a filha.

Pergunto se ele gostaria de falar mais alguma coisa sobre a sua experiência como pai. Ele responde: *“Nossa, é difícil pensar, não tem pergunta, é difícil! Se tivesse perguntas objetivas seria mais fácil. Agora se for ficar divagando, divagando, aí a gente vai achando, mas falar assim é mais difícil.”*. Digo que esta é a proposta do meu trabalho e que ele vem me trazendo ricas contribuições.

Explico que vou lhe mostrar algumas figuras, as mesmas que eu mostrarei para Beatriz, mas com ela eu afirmo que pedirei para que ela conte uma estória. Ele responde: *“Eu não vou ter que contar estória não, né?”*. Digo que não, afirmo que gostaria que ele me contasse como foi e como é ser pai da Beatriz nas situações representadas nas figuras. Mostro a primeira imagem e ele dá gargalhadas e diz: *“Achei engraçado primeiro a figura e depois a situação. Psicólogos são linha dura (...) mas eu achei engraçada a cena porque já me vi em um situação similar!”*. Ele afirma que muitas vezes se viu na posição da galinha, *“tomando conta de longe (...) deixando ela à vontade para comer, ir ao parque, ir à festinha de aniversário (...) ela está brincando e eu estou rastreando atrás, sem interferir*. Diz que se trata de situações em que ele está presente mais para cuidar, caso ocorra algum problema, e complementa que por vezes fica distante pois *“Eu acho que ela tem que passar pelas experiências dela, e se eu ficar ali segurando a mãozinha dela, eu sei que isso vai ser prejudicial para o futuro dela e eu não quero isso”*.

Questiono se é uma maneira que ele busca para educá-la, ele responde que sim, *“Foi o que eu vi, porque as figuras das crianças são bem nítidas. A galinha e o galo está obscuro, escondidinho, é o que eu costumo fazer com ela, falo para ela ir, mas fico ali vendo, escondido”*.

Mostro a prancha seguinte, e ele afirma não saber reportar aquela situação para sua vida. Ele responde: *“Sei lá, essa daí eu não sei. A visão que eu tenho é que estão disputando alguma coisa, medindo forças, sei lá, eu nunca me vi em uma situação assim. Eu vejo a imagem de competição, eu não me vejo competindo com a Beatriz e nem ela comigo, muito*

menos com a mãe dela e vice-versa. Eu não vejo nada de competição, a gente tem uma harmonia bem interessante por não estar junto.”

Pergunto se o clima harmonioso sempre se fez presente. Ele disse que não. Logo após o término do relacionamento, a mãe de Beatriz era arredia com ele devido a um medo que ele as abandonasse. Afirma que, com o tempo, ele mostrou que isso não aconteceria e o clima passou a ser harmonioso. Lembro-me do momento inicial da entrevista em que ele afirma que seu padrasto foi substituto de seu pai, questiono como seria se a mãe de Beatriz arrumasse um outro companheiro, se isso já aconteceu. Ele responde *“Ela já teve namorados, eu não acho, nunca pensei em uma competição com a pessoa. Minha posição como pai está bem definida em relação com a minha filha, apesar de não morar junto, eu sou muito presente. Posso até estar equivocado, mas quando ela namorou o rapaz, eu não vi uma competição da minha parte “Poxa, e agora?!”*

Sérgio afirma que tem uma namorada que possui um excelente relacionamento com a sua filha, e já chegou a conversar algumas vezes com a mãe de Beatriz. E termina o relato sobre a figura reafirmando que: *“Nunca pensei em competição, acho que é como eu falei, eu tenho a minha posição de pai e acho que isso ninguém nunca vai tirar. É, uma coisa que não é a gente que define, é a criança. E da minha parte, a gente se dá muito bem”*.

Mostro a terceira figura, ele se identifica com o Leão logo no primeiro momento. Diz: *“Você força a amizade, hein? Eu não tô tão velho assim, não. Eu não me sinto assim não, ele é um leão velho, bem velho, dominador, possessivo pelo jeito, cachimbo na mão, bengala, bem chefeão. Não sei te falar dessa aí não hein, mandão”*. Mas parece encontrar alguns aspectos de identificação. Diz que: *“Às vezes eu posso ser até mandão”*. Afirma que em alguns momentos até exagera, afirma que gosta: *“Das coisas no lugar!”*. Relembra uma situação ocorrida no dia anterior ao da entrevista. Conta que soube somente tarde da noite que a filha tinha uma lição de matemática que deveria ser feita para o dia seguinte: *“Daí eu falei com ela “Filha, você tá doida? As obrigações precisam vir antes! Então eu chamo a atenção nesse sentido, que tem que fazer as coisas antes de brincar. Eu sou um pouco controlador e mandão, mas acho que são orientações para ela ter uma vida um pouco mais.... porque se for deixar para a criança, ela desbanca, né?”*

Sérgio afirma que a filha sempre o obedece: *“Eu não sei se é por ter mais medo ou receio, a figura paterna desperta mais medo, né?”*. Ele entende que a filha é um pouco cautelosa com ele, *“Porque ela fala assim: “Pai eu ia te contar, mas eu tenho medo de falar”, daí eu falo que ela não precisa ter medo, que nós podemos conversar. Aí ela começa a história assim, “Ai eu queria te contar, mas eu tenho medo de ficar bravo comigo”, mas acho*

que ela me vê às vezes como mais rígido, mais durão”. Ele diz que impõe alguns limites, mas já traz quase que simultaneamente experiências positivas *“A gente brinca, estou ensinando ela a andar de patins, jogar xadrez, vamos no cinema, tem um equilíbrio bom, quando tem que dar bronca eu dou bronca (...) eu fico bravo, mas depois passa”*.

Mostro a quarta prancha. Mais uma vez ele faz um comentário pejorativo sobre a atividade proposta: *“Esse chapéu é horrível! Tá cada vez pior suas figuras, não quero nem imaginar a última”*. Em seguida, ele diz que a figura remete a *“curtição, viagem!”*. Ele conta sobre algumas viagens curtas que fez com a filha, e fala que tem planos para fazer uma viagem mais longa, com ela e talvez com sua namorada. Afirma que passeiam bastante na cidade que moram, mas que a filha tem maior preferência por shopping, e ele procura intercalar outras atividades, principalmente porque no shopping *“ela quer tudo!”*. Neste momento da entrevista ele para por alguns minutos para resolver um problema em seu trabalho. No começo do encontro me senti bem à vontade, achei-o uma pessoa desembaraçada, mas já neste momento algo, que eu não sei expressar exatamente o que, começa a me incomodar.

Ele volta para nosso encontro e passa a falar, espontaneamente, sobre as despesas. Ele afirma pagar pensão e divide com a mãe a escola e os gastos mais pesados que aparecem. Afirma que a filha *“Sabe que tem mais mordomia comigo do que com a mãe, então a gente negocia e ela sabe que não vai ter tudo, então ou é uma coisa ou é outra. Daí se estamos no shopping, ela pede um balão para mim. Daí eu falo: O quê você vai fazer com um balão, vai pegar mais um balão para estragar, aí daqui a pouco você vai querer um lanche. Então eu deixo ela querer mais coisas e escolher dentre as opções, porque senão a gente quebra. Mas ela é muito gente boa nesse ponto, ela não é complicada”*.

Sérgio elogia a mãe de sua filha, a maneira que criam a criança e a própria natureza da filha. *“É muito legal a maneira que a mãe foi criando ela, porque eu não fico com ela diariamente. Daí quando eu falei isso, a mãe disse que achava que era eu quem ajudava. Então quer dizer, a criança já é assim, é da natureza dela ser maleável nesse sentido de ser flexível com as coisas, de não ficar pedindo muita coisa. A gente foi impondo sem querer para ela, mas ela não é uma criança que faz birra, que briga. É uma questão que eu e a mãe dela temos como interessante, só para comentar, é que a gente combinou que um não tira a autoridade do outro. A gente combina e conversa entre a gente para ela não pegar a gente de calça curta”*.

Sérgio destaca, neste momento, a boa relação que tem com a mãe de Beatriz: *“É uma coisa que eu agradeço muito a mãe dela é que eu vejo muitos casais separados que tá sempre*

cutucando a criança contra o pai, e no caso, a mãe dela nunca fez isso, graças a Deus, e vice-versa, eu também não faço”. Neste momento ele é chamado novamente no trabalho, fica por volta de dez minutos para resolver um problema. Sinto que ele busca passar uma imagem quase idealizada de um pai, consegue ter uma relação bastante positiva com a mãe da criança, e ainda tem uma filha que tem uma “boa natureza”. Fico muito curiosa para conhecer a criança.

Mostro a última prancha, ele responde da seguinte maneira: *“Pode, essa aqui é fofoqueira, tá fazendo fofoca. Detesto gente fofoqueira. Para mim é uma família reunida, onde tem a fofoqueira ali, uma “sabe tudo” aqui, e tem o que fica tomando conta de butuca, porque ele tá conversando, mas olhando para outra conversa, acho que é mulher, né? Porque tá de brinco. Ah sei lá, para mim é uma família reunida que não me traz muita coisa que me lembre (silêncio), é mais fácil inventar uma estória como a minha filha vai fazer.”*

Digo, sorrindo, que ele pode ficar à vontade para inventar. Ele responde que não, diz que não consegue ver nada na figura que remeta à sua relação com a filha. Pede desculpas por isso e continua a descrever a figura: *“Esse cara é muito observador, esse aqui gosta de ser a coordenadora que orienta, olha faz isso, e esse tá de olho”*. Pergunto se ele se identifica com algum personagem da figura. Ele responde que se identificaria com o observador, mas que não estaria: *“Lá não!”*, pois diz odiar fofoca e *“conversinha”*. Ele cita uma corrente que recebeu na internet que fala sobre algumas “dicas” para não “cair” na fofoca. Ainda, mais uma vez ataca o trabalho da pesquisadora: *“Eu odeio texto de internet, eu respeito a sua profissão, mas essas falsas psicologias de internet, detesto essas porcarias! Eu também detesto redes sociais. Dependo muito da internet para meu trabalho, mas eu acho que essas redes é tudo falta do que fazer, mas... eu não gosto da questão no sentido de que para alguém me contar alguma coisa, eu só dou ouvido se for sério”*. Ele diz gostar de *“Coisas claras e objetivas, baseadas na realidade, se você não tem certeza, não enche meu saco!”*

Pergunto se ele quer me falar sobre mais algum assunto sobre sua experiência, ele diz *“É bom, mas eu vou ser sincero com você, não sei se gostaria de ter outro filho, por vários fatores”*. Ele diz que um filho exige muito: *“Presença, participação, tudo. Ela quer você junto, desde o momento de ver TV, brincar, conversar, contar algo que aconteceu com ela, às vezes eu não quero escutar, sabe aquelas coisas bobas que aconteceu na escola? Mas é claro que eu escuto, eu estou ali para isso. Ela fica bem à vontade em casa, mas ela já acostumou que eu faço muita coisa para ela, pede para eu pegar água. Na verdade, ela ficou meio folgada.”* Ele afirma que a filha cobra e valoriza os momentos que estão sozinhos. Apesar disso, ressalta notar que Beatriz chama a casa da mãe de “minha casa”, e a casa do pai como

“casa do pai”: *Ela só fala que tem duas casas quando alguém cutuca (...) eu queria que ela ficasse tranqüila, entendesse que a casa é dela também”.*

Notei que ele consegue ser mais autêntico nessa passagem, mas seu próximo comentário é em um sentido de racionalização, *“Eu queria que ela ficasse mais tranqüila, entendesse que a casa também e dela. É foda essa questão de não querer ter outro filho, porque além da atenção também tem a questão material, porque eu prezo por uma boa educação. Daí eu vejo que não conseguiria dar uma boa escola, que não é barato, uma série de fatores, eu penso nesse sentido. O maior problema seria o financeiro. A questão física a gente acaba dando um jeito.”.* Ele diz, em tom de brincadeira, que um novo irmão seria tarefa da mãe de Beatriz e não dele. Ele ainda justifica que não sabe se realmente Beatriz gostaria de ter um irmão. Ele entende que ela gostaria de uma companhia, mas não sabe se ela gostaria de dividir suas coisas, ainda mais por ser a caçula e bastante paparicada.

Pergunto se ele quer falar sobre mais algum assunto e ele diz que não. Encerro a entrevista e ele volta a falar sobre seu trabalho. Pergunta qual é a minha idade e diz que trabalha naquele local há mais tempo que eu existo. Pergunto como foi a experiência da entrevista, ele responde *“Foi tranqüilo, sossegado, espero que tenha ajudado um pouco!”.* Agradeço e digo que ele muito me ajudou.

4.2.2 Síntese Sérgio

Sérgio apresentou uma postura inicial simpática, calorosa e acolhedora, mas que, aos poucos, passou a ser desconstruída. Assim, ao longo do encontro o participante passou a exprimir uma agressividade mais autêntica que o distanciou um pouco da maneira idealizada que se descreve no papel de pai. Sua fala, geralmente elaborada, racional e idealizada, sobre sua relação com a filha, na maioria das vezes, se aproxima da perfeição. Assim, traz dúvidas sobre a vivência real da idade e indica certa dificuldade na vivência da paternidade.

Nesse sentido, em diversos momentos da entrevista, principalmente no contato com a pesquisadora, seu discurso se mostra contraditório. Apesar da grande disponibilidade demonstrada em participar do trabalho, são oferecidos poucos horários. O encontro não foi em um momento exclusivo para a entrevista, mas em meio ao seu trabalho. Ainda, há dificuldade para que ele inicie a fala sobre a filha. Além disso, seu tom acolhedor e gentil, em alguns momentos, é substituído por críticas relacionadas diretamente com o trabalho da pesquisadora

e a instituição à qual ela pertence. Ele cita a defasagem da universidade pública se comparada com a instituição em que trabalha. Discorre sobre as “falsas” Psicologias e a falta de objetividade em alguns trabalhos. Ressalta-se que em diversos momentos do encontro criticou a subjetividade da presente pesquisa. Assim, diante de um olhar transferencial, é possível pensar que a sua fala e muitos dos seus gestos são aparentes e buscam desqualificar o outro. Para tanto, utiliza de um discurso de superioridade. Ele parece ter identificado a pesquisadora com sua filha, alguém que conversa bobagens e o faz perder tempo. Nesse sentido, ele parece buscar se proteger através de uma fala bem adaptada, uma imagem grandiosa, o que nem sempre é possível, o que também pode ocorrer na relação com sua filha.

Sérgio demonstra dificuldade de se aproximar e pensar não só sobre sua função, mas também sobre seus sentimentos, principalmente diante de uma situação não estruturada como a que foi convidado a participar. Há uma busca constante por manter o controle. Quando orientado sobre a tarefa, afirma: *“Esse negócio de se emocionar é complicado”*. Além disso, na maioria dos cartões, sua primeira reação aponta para certo desconforto, ele gargalha, faz comentários deslocados, tais como: *“Psicólogos são linha dura!”*, *“Esse chapéu tá horrível!”*.

Quando convidado a falar sobre sua experiência como pai, afirma que a paternidade nunca esteve em seu plano de vida e que sentiu medo diante da gravidez de sua, já na época, ex-namorada. Contudo, tais apreensões são entendidas por ele como superadas, uma vez que diz gostar muito de ser pai. No momento que soube da gravidez buscou reatar seu relacionamento com a mãe de Beatriz, motivado pela sua própria experiência de vida como tendo sido filho de pais separados. O participante discorre sobre sua infância, conta que foi abandonado pelo pai e criado pelo padrasto. Sofreu muito preconceito por não possuir uma família intacta. A sua tentativa de formar uma família nuclear foi fracassada devido às dificuldades encontradas na relação com a mãe de sua filha, bem como a percepção de que: *“Os tempos são outros”*. No entanto, Sérgio possui uma relação entendida por ele como muito harmoniosa, desprovida de problemas e de fácil diálogo com a mãe de Beatriz. Esta aproximação possibilita uma maior flexibilidade nos dias que passa com a filha.

Sérgio se descreve, pontualmente, como sendo um pai bastante participativo no dia-dia da menina, sendo a filha responsável por grande parte de suas preocupações. Quando questionado sobre as dificuldades, afirma que por vezes perde a paciência, mas assegura que exerce domínio e autoridade da maneira que entende como muito adequada, sem escândalos. Ele aponta as curiosidades e questionamentos da filha como algo negativo. Essa atitude da menina parece colocá-lo diante de situações novas, fora do previsto e do seu confortável

controle. No entanto, ele busca estratégias como ser “amigo” da filha para lidar com o imprevisto e ter o domínio, assim, mostrar-se como pai próximo ao ideal. No entanto, dá indícios de querer que o outro, no caso a pesquisadora, tenha uma boa impressão da maneira que exerce seu papel paterno, como um “pai modelo”. Contudo, parece se tratar de uma aparência exterior que não é sustentada por suas ações e dia-dia com a garota.

Ao discorrer sobre a paternidade em situações relacionadas com cada figura do CAT-A, Sérgio destacou, assim como na parte inicial do encontro, uma adequação ao papel paterno, enfatizando possuir grande utilidade na vida de sua filha. No entanto, revelou um distanciamento, não físico, mas de envolvimento emocional. Afinal, o distanciamento físico parece ter um significado de abandono para Sérgio em decorrência da vivência que teve com seu pai. Diante da primeira imagem, se identificou com a figura da denominada por ele como “galinha” que está distanciada. Afirma que para ele é importante ser firme e dar direcionamento para filha. No entanto, sugere que isso só é possível se mantido um distanciamento. O: “*Segurar na mão*”, a relação próxima pode fazer com que ele perca o controle por se aproximar de situações novas e predominantemente afetivas.

Assim, sugere ser mais seguro manter uma distância “protetora” que faz com seu envolvimento com a filha e com a ex-namorada não o coloque em riscos e conflitos, possibilitando um manejo concreto e simples de suas dificuldades. Na figura 4, indica que não oferece muito à filha: “*As viagens são curtas!*”, assim há controle sobre as necessidades da garota que deseja mais do que ele está disposto e que pode oferecer: “*No shopping ela só escolhe uma coisa!*”. Ainda nesta imagem, critica a postura da criança, mas na sequência a elogia, reparando, quase que imediatamente, qualquer aspecto negativo apontado.

Sua relação com a mãe de Beatriz se revela curiosa. Apesar de descrever uma relação muito saudável e madura, ausente de competição, ele consegue ver somente o “tema” de disputa da segunda imagem. É possível pensar, não de maneira clara, que não há um envolvimento a ponto de ocorrer uma disputa. Assim, essa distância possibilita que o pai seja visto de maneira positiva pela filha e ex-namorada.

O distanciamento ainda é presente na última imagem. Ele não consegue articular a figura em sua vivência com a filha. Há uma recusa e ele se identifica com o macaco entendido por ele como o observador. Assim, declara ser observador, logo, distanciado. O que parece indicar uma dificuldade em possuir relações, laços, próximos, estes parecem ser entendidos como ameaçadores. Neste momento, faz críticas diretas à Psicologia e a seriedade, objetividade. Ressalta-se, novamente, que em diversos momentos ele evidenciou dificuldade em estar diante de uma proposta pouco estruturada. Demonstra assim certa dificuldade em

estar colaborando com a pesquisa. Indicando um grande esforço para discorrer sobre suas questões e manter-se em um discurso que descreve um pai entendido por ele como muito adequado.

Contudo sua fala de “pai ideal” mostrou-se bastante defendida, e abriu espaço para uma inquietação por parte da pesquisadora. Afinal, ele parece pensar e se esforçar diante do seu papel, no entanto, há um grande impedimento no exercício de sua função e na percepção real da criança. Ele se identifica com a figura do Leão na imagem 03, caracteriza-se como uma figura “mandona”, mas não percebe o ratinho. Parece haver uma racionalidade e onipotência que encobre sua dificuldade de regressão exigida pela paternidade.

Após apresentada a última figura, ele diz que será “*sincero*”, passa a falar, espontaneamente, sobre o não desejo de ser pai novamente. Fala sobre a dificuldade no exercício da paternidade. Reclama que uma criança exige muito investimento e demanda de muita disponibilidade que ele nem sempre está disposto a oferecer. Este foi o momento mais verdadeiro do encontro. Sua fala anterior parecia artificial e um pouco arrogante. Afirma também que sente que sua filha não se apropria tanto de sua casa quanto a da mãe, apesar de ser mais distanciado que a mãe nos cuidados da criança. Parece não haver lugar constante para filha em seu mundo afetivo e compartilhado. Sérgio ameniza sua fala, justifica afirmando que o maior problema em ter outro filho seria o financeiro. No entanto, parece haver, primordialmente, restrição de recursos internos para um maior envolvimento com a filha.

4.2.3 Narrativa Beatriz

Entrei em contato com a mãe de Beatriz, via telefone, que se mostrou muito receptiva à participação de sua filha na pesquisa e optou que o encontro ocorresse em seu apartamento na sua cidade.

Ao chegar à residência, sou recebida pela mãe. Ela é uma mulher por volta dos 35 anos de idade, muito simpática. Parecia estar feliz com a participação da filha no estudo. Beatriz aparece instantes depois, bastante alegre. Ela não demonstra ser uma menina de sete anos, aparenta ter mais idade. Sua fala é muito clara, bem articulada, decidida. Logo após me saudar com um beijo, pede desculpas por não ter tomado banho, com um tom mais de formalidade do que de pesar. Ela trajava o uniforme escolar. Sorrio e digo que ela não precisa se preocupar. Uma amiga de Beatriz também estava em sua casa, elas brincavam até eu

chegar e a garota ficou esperando na cozinha, juntamente com a mãe de Beatriz até nosso encontro se encerrar.

Pergunto para Beatriz se podemos conversar. Ela diz que sim. Questiono sobre um lugar isolado para fazermos isso. A mãe diz que podemos ficar no quarto da garota, mas esta verbaliza, com um tom de voz manhoso, querer ficar no quarto de sua mãe, local onde ocorre toda entrevista. A mãe tira o cachorro que acabaram de adotar de cima da cama e conta que ela o encontrou em seu local de trabalho. Conta que o animal estava abandonado.

Beatriz e eu nos acomodamos, sentadas, na cama de casal de sua mãe. Explico para ela que sou aluna de uma faculdade e que desenvolvo uma pesquisa: *“Como se fosse uma lição de casa para adultos”*. Explico que converso com pais e crianças e gravo, conto que já conheci seu pai. Ela me interrompe e diz: *“Olha, a minha mãe já me contou. Ela disse que você conversa com pais de crianças que são separados.”*. Afirmo que: *“Converso com pais separados, mas também com pais...”*, e ela me interrompe novamente antes que eu complete a frase. Beatriz diz: *“Você conversa com pais que estão juntos também. São vários pais que precisam ter criança para você poder conversar.”*. Respondo que ela está certa, que converso com pais que tenham filha, independente da família que constituem.

Ela diz conhecer a pessoa que a indicou para participar da entrevista. Afirma: *“Para você convidar minha mãe você conversou com uma amiga da minha mãe. Essa amiga tem dois filhos, a menina menstruou.”*. Pergunto, amplamente, o que ela acha disso. Ela afirma não saber e rapidamente desconversa perguntando o que é o objeto que coloquei na cama, pegando-o. Digo que é um gravador e ela pergunta se eu o usei com seu pai. Respondo afirmativamente e complemento introduzindo a tarefa do CAT-A, digo: *“Usei sim. Também usei algumas figuras. Vou te mostrar algumas imagens de alguns bichos que são as mesmas que eu mostrei para o seu pai. Você gosta de animais?”*. Ela diz gostar e conta: *“Eu queria ter coelho, daí meu pai fala brincando que tá louco para comer coelho, e me convida para fazermos se algum aparecer. Mas eu não quero mais, na verdade eu quero, mas falaram que coelho dá muito trabalho para limpar. Minhas amigas falam “não tenha coelho de estimação porque eles são espertinhos, fogem”*”.

Pergunto se ela está gostando do cachorro. Ela diz: *“Eu tô gostando, mas dá muito trabalho. Eu que cuido dele, eu sou a mãe dele e a minha mãe é a avó, e meu pai é o avô (risos).”*. Digo para Beatriz que vou lhe mostrar algumas figuras e que gostaria que ela me contasse alguma estória sobre elas, qualquer estória, não tem certo e nem errado. Ela diz: *“Tá bom, quantas são?”* Respondo que cinco. Ela questiona: *“Eu tenho que contar uma estória?”*. Digo que sim, repito que pode ser qualquer estória, não tem certo e nem errado.

Antes de eu apresentar a figura, ela diz: *“Os bichos que eu mais gosto são: borboleta, cachorro, coelho, pintinho que não é galinha. Daí outro dia eu falei brincando que queria ter um pintinho e um jacaré. Daí meu pai falou: “O pintinho vamos comer assado ou frito?”. Sorrimos e digo: “Então seu pai quer comer todos os seus bichos?”. Ela responde: “Não, é brincadeira para não dar. O cachorro ele já não come, o coelho e galinha ele já comeu.”.*

Beatriz pergunta: *“Eu vou poder pegar a figura na mão para ver?”.* Digo que sim, mostro-lhe a primeira. Ela a pega e gargalha. Pergunto, sorrindo, do que ela está rindo. Ela diz que está assim, pois sente vergonha: *“É que eu estou com vergonha. É que eu não sei se eu vou conseguir fazer uma história boa.”.* Respondo: *“Não se preocupe, o que importa é que a história seja sua. Não tem certo nem errado.”.* Ela diz: *“Vou ser rápida... uma vez eu pedi para meu pai me contar uma história que não fosse de livro, daí ele falou assim: era uma vez um gato xadrez, aí fim! (risos). Mas a estória que eu vou contar aqui é assim: era uma vez uma galinha que botou três ovos, passou muito tempo e eles nasceram, muito tempo, demorou. Um dia eles cresceram e ficaram com sete anos, por aí. A mãe fez uma comida muito gostosa e eles comeram tudo, um comeu quase a tigela inteirinha. Aí um dia o caçador veio caçar os filhotinhos, só que eles se esconderam e não deu para achar. Aí os filhos cresceram e viraram adultos. Um teve dois, outro teve três e o outro teve quatro filhos. Aí o caçador foi lá de novo tentar achar eles para caçar e eles não conseguiram porque os filhos eram minúsculos, não era mais do tamanho da foto, eles eram mais novos, bebês. Aí fim! (risos).”.* Ela dá o nome *“A galinha e os pintinhos”.* Pergunta se vai ter que contar histórias sobre todas.

Mostro a segunda figura e ela, novamente, inicia pelo título, diz: *“Vai chamar: “Urso cabo de guerra”.* Era uma vez três ursinhos, um pequeno junto com a mãe e o pai. O pequeno chamou eles para brincar de cabo de guerra, o pai de um lado e a mãe e o filho de outro. Aí eles puxaram e a corda partiu no meio, aí eles caíram no chão e tinha lama lá. Todos caíram no chão (risos). Daí, quando eles caíram na lama, a lama fez uma onda e caiu tudo em cima deles, uma onda de lama. Aí a mãe chamou (pausa) a mãe e o pai chamou para tomar banho, eles comeram, foram para a cama e fim!”. Sorrido, ela diz: *“Sabe, eu gosto de inventar desenhos também. Eu não sei se desenho bem, mas depois vou te mostrar um desenho que eu tava fazendo e não terminei”.*

Mostro a terceira figura e ela diz: *“A minha estória chama “O rei leão”, mas não é do filme, não. Era uma vez um rei que gostava só de coroa e riqueza, e ele tinha um filho que gostava de caçar e aventura, não era como o pai que gostava só de riqueza. Um dia eles tiveram uma briga de discutir. Eles discutiram bastante, o rei dizia para o filho que seria ele”.*

quem teria que governar o reino quando ele morresse, e para isso ele tem que gostar de riqueza, dessas coisas. E ele dizia que queria só aventura e caça. Um ratinho apareceu no meio da conversa: “Ei, parem de brigar!”. Aí o pai falou: “Ataca”, quer dizer, falou bem baixinho para o filho para ele pegar, aí eles fizeram uma janta de rato. Aí uma ratazana veio lá e “pá, pá” com o cajado do rei na cabeça deles. Ela não matou só deu na cabeça deles. Daí depois eles aprenderam uma boa lição, que não tem que matar ratinho, essas coisas. que pode ser aventura, caça, mas não matar.”. Eu digo: “Entendi, então quer dizer que dá para se aventurar sem matar. Pergunto do que ela mais gosta, se de riqueza ou aventura. Ela responde: “Eu gosto mais de aventura. Um dia eu já tentei fazer com a minha prima caça ao tesouro, na casa da minha avó. A gente tentou fazer, mas a minha avó não deixou porque ela queria ver TV e a gente ia ter que passar pela sala. Só que eu já brinquei duas outras vezes, e foi bem legal. Era assim, ia para a casa, pegava, aí dava quatro passos tinha uma bolsa que tinha rádio para se falar, essas coisas. Aí dava seis passos e a gente falava que tinha um buraco negro, daí depois, nossa tanta coisa que eu não lembro. Mas é tudo legal. “Só que só dá para brincar quando o meu amigo está lá e ele vai pouco.”. Comento que ela deve ter se divertido bastante com a brincadeira, ela concorda. Pergunto se ela gostaria de contar mais alguma coisa sobre a imagem, ela diz que não. Muda completamente o assunto, perguntando em que lugar tem que falar para gravar. Eu aponto o lugar do microfone, ela pega o gravador na mão e diz: “oi”, e sorri.

Mostro a imagem seguinte, ela diz: “Nooooooooossa! é difícil”. Pergunto se ela achou difícil e ela afirma: “Não achei não, essa é uma história maior. Vai chamar “O piquenique dos três cangurus”. É a mãe, o filho e os três bebezinhos. Era uma vez, três cangurus que foram fazer piquenique, que era a mãe, o filho e o bebê, com uma garrafa de leite. A mãe estava com bolsa e chapéu, o filho tava com uma varinha (bolinha), brincando. Quando eles passaram, viram dez homens matando a natureza, colocando fogo e deixando água no chão. Eles ficaram com raiva e foram lá xingar os homens. Um sabia lutar Karatê, o outro Kung-Fú, e o bebezinho fazia um haioá (bem alto) e batia, dava soco. Aí, derrotaram os homens, e falaram “Agora quero ver vocês matarem a natureza, vocês vão se ver com a gente!”. Daí chegaram em casa e não deu tempo de comer porque eles estavam lutando. E o pai perguntou: “Como foi o passeio?” E eles disseram que foi tudo bem. Não podiam contar que lutaram!”. Pergunto o motivo de que ele não podia contar, ela responde: “Porque o pai não gostava que eles lutassem porque o pai achava perigoso.”. Ela finaliza: “Daí eles chegaram em casa, tomaram banho, comeram e fim!”.

Mostro a última figura, ela diz: *“Aí meu pai (alto)! Fica alguns segundos em silêncio, na sequência diz: “Chama a “família de macaco”. Passa a mexer na parte externa da minha bolsa que também estava em cima da cama. Ela lê em voz alta o que estava escrito no zíper e afirma ter gostado dele. Em seguida inicia a estória: “Um dia uma família de macacos estava comendo, tomando café em sua casa. Aí eles decidiram ir viajar, olha não tô nem olhando na foto! Foram para um lugar que tinha mato, era um lugar lindo, eles chamavam de paraíso. Aí eles foram lá, o filho falou: “Pai, a gente tem mesmo que ir lá?” Daí o pai falou: “Tem, ou você quer ficar aqui em casa?”, “Eu quero ficar aqui em casa!”, daí o pai disse que não iria deixar o filho ficar na casa. Quando chegou, o filho pulou de galho em galho para pegar banana, daí o filho caiu e quebrou duas pernas. Não! Ele quebrou um braço e uma perna. Ele teve que ficar de repouso e o pai falou: “Viu como é perigoso, procure ir nos galhos mais firmes, porque aquele não estava firme!”. Fim! Aí o macaco fez cirurgia para colocar a perna no lugar e ele aprendeu a andar somente nos galhos firmes! Fim!*

Retorno a nossa tarefa e pergunto qual figura ela gostou mais, ela diz: *“Eu vou falar o nome de todas novamente: a galinha e os pintinhos, os ursos e o cabo de guerra, o rei leão, os três cangurus e a família de macacos.”*. Questiono novamente sobre qual ela mais gostou. Ela diz: *“A dos cangurus, porque eles lutam, fazem coisas legais e engraçadas. A que menos gostei foi a do “Rei Leão”, achei mais chata porque eu não gostei muito porque eu não usei minha criatividade, eu achei que eu não usei minha criatividade com o ratinho, eu fiquei triste que ele morreu.”*

Pergunto para Beatriz, se ela já se machucou como o macaco da última estória. Ela conta: *“Eu já torci o pé, cortei a boca, aqui, mas essa cicatriz não é disso. Eu também rasguei o olho. Eu tava na creche quando tinha seis anos, eu tava com o meu amigo que eu gosto, mas ele não está mais na mesma escola que eu. Na verdade eu gosto dele ainda, a gente não se fala mais porque ele não está na mesma escola que eu. Ele me empurrou e eu bati na minha amiga sem querer, daí eu cortei o olho e bati sem querer com o pé na minha amiga e quebrou, parecia que meu olho tava saindo para fora, o nariz da minha amiga não parava de sangrar. Daí eu desculpei ele, porque tem que desculpar o outro, e ficou tudo bem. a gente ainda ficou amigo mas a gente não se fala mais porque a gente não se vê mais.*

Para minha surpresa, Beatriz começa a falar sobre sua vida pessoal, como uma adolescente: *“Eu queria te falar uma coisa mas eu tenho vergonha, na verdade é uma dívida. O que você faz se você gosta de dois meninos? Eu estou apaixonada por eles, um é da minha sala. Eu acho que tenho que ficar com o amigo que eu mais quero. Eu gosto mais de um, mas eu gosto do outro também. Daí um dia minha amiga me ligou falando que era namorada do menino que*

eu gosto só para eu ficar com ciúmes e me deixar brava. Porque todo mundo da minha sala gosta de me irritar, porque eu sou a mais brava. Digo que ela não pareceu brava no momento que ficamos juntas. Ela responde: “Mas é que você não fez nada para me irritar. Na escola eles me chamam de gorda, tiram sarro de mim, me chamam de um personagem de um filme que passa na Nick que é gordo, me chamam com o nome do personagem, daí eu não tô gostando.”. Digo: “Nossa, você deve ficar muito chateada!”. Ela complementa: “Eu fico tão chateada que eu perco o controle. Tem hora que eu fico muito brava, o pessoal fica me irritando. Eu contei para minha mãe, ela disse para eu deixar de lado e pensar coisas boas. Mas eu fico muito irritada, não sei o que acontece comigo!”. Digo que ela parece estar me contando sobre algo que a deixa muito triste e que ela acaba ficando muito brava. Ela diz: “Eu fico brava, às vezes eu tenho vontade de dar soco porque eu sou a mais forte, quero dar soco, mas me controlo. Só que o que eu não me controlo é raiva, sentimentos ruins, sabe, essas coisas! Uma coisa ruim.” Pergunto o que ela faz e ela responde: “Eu fico falando para eles pararem, e eles não param, daí eu falo “para”, daí eu falo que vou chamar a professora e eles param. Eu nunca falei para a professora porque eles falam que não querem que eu diga, porque se eles falassem que era para eu falar, aí eu falaria. Eu só não tô gostando na escola por causa disso, do resto eu gosto. Nossa que legal isso na sua bolsa. Eu vi uma propaganda na TV de uma bolsa que dá para colocar em outras bolsas, então dá para trocar sempre de bolsa.

Olho para Beatriz e digo que entendo que ela deve achar muito chato o que acontece em sua escola, mas que é importante que ela possa falar sobre isso. Ela prossegue: *“Sabe, antes na minha outra escola eu não conseguia me controlar, eu dava soco, batia. Eu era menor e não conseguia me controlar. Então se eu queria bater, eu tinha vontade de bater, eu ia lá e batia. Se eu queria dar um soco, eu ia lá e dava.* Pergunto como ela se sentia por não conseguir se controlar. Ela diz: *“Me prejudicava muito, é melhor não bater”.* Enfatizo é que importante que ela compartilhe tais questões com pessoas em quem ela confia. Ela diz: *“Minha mãe, minha professora é tudo o que eu tenho na vida. Minha mãe, minha prima, minha família.”.* Digo: *“Nossa! Você tem muitas pessoas com quem pode contar!”.* Ela responde: *“Mais ou menos, porque, bom, tantas coisas que tem por aí! Às vezes eu fico pensando, eu não me sinto protegida, eu tenho pensamento ruim.”.* Pergunto sobre o que são esses pensamentos. Ela diz: *“Às vezes eu penso que vai acontecer algo ruim com a minha mãe, com meu pai. Antes de ele ser atropelado, eu fiquei com uma visão, antes de ele ser atropelado que os carros iam bater no meu pai.”.* Questionei como ela imaginava que os carros iam bater em seu pai. Ela enfatiza: *“Não eu não ficava imaginando, eu ficava vendo. E eu via meu pai no lugar deles. Daí eu pensava que eles iam arrombar a porta, matar a minha*

mãe e matar ela.”. Eu digo, diante do meu papel limitado: *“Sabe o que você ta me falando? Você ta me falando que seus pais são muito importantes para você. Porque quando a gente gosta muito de alguém, nós temos medo de perder a pessoa, porque ela é importante na nossa vida. Mas não é porque você tem pensamentos ruins, que eles vão acontecer na vida real, entende? Nós gostamos tanto das pessoas que não queremos nem imaginar que algo aconteça de ruim.* Ela me olha com um grande sorriso e respira e diz aliviada: *“É verdade, né? Sabe, eu gostei muito de conversar com você”*.

Pergunto para Beatriz se ela gostaria de conversar sobre mais alguma coisa. Ela diz que não, mas complementa afirmando: *“É sempre bom conversar né? Como no MSN, quando alguém manda uma carinha triste é sempre bom perguntar ou falar, digitar o que tá sentindo.* Questiono se ela utiliza regularmente o MSN, ela responde: *“Não, porque quando eu quero conversar ninguém está lá, quando eu não quero, todo mundo está lá. É sempre ao contrário!”*. Digo que parece que ela gostaria muito que as coisas acontecessem da maneira que ela deseja. Ela sorri e diz que sim! Pergunto novamente se ela quer conversar sobre mais algum assunto, ela diz que não. Agradeço, então a sua participação. Ela sorri e me dá um beijo.

Desligo o gravador e digo que gostaria de ver seu desenho, conforme combinamos. Ela me mostra um desenho ainda não acabado, tem o sol em cima das nuvens, as nuvens tem uma boca com sorriso e o sol tem os olhos. Ela me conta que gostaria de completar o desenho com mais flores, mas reclama que nunca dá tempo de acabar. Conta que tem sempre que fazer uma coisa ou outra, cita o fato de ter que parar para ir até a casa do pai.

Ela me leva até a cozinha, onde está sua mãe. Beatriz me pergunta se eu não poderia conversar com sua amiga, eu explico que não posso, pois precisaria da autorização dos pais dela. Ela sorri. A mãe a orienta para ir tomar banho enquanto ela abre o portão do andar de baixo do apartamento. A garota, no entanto, diz no ouvido da mãe que está com fome, e a mãe diz que vai arrumar algo para ela comer. Quando cheguei os sacos com as compras do supermercado estavam no chão. Agradeço a mãe pela colaboração e vou embora.

4.2.4 Síntese Beatriz

Beatriz se apresenta de maneira participativa e articulada. É bastante espontânea e curiosa. No entanto, desde o início, mostra-se bastante adaptada ao que acredita ser a expectativa do outro. Assim, logo em um primeiro momento do encontro, pede desculpas por

não ter tomado banho, mas parece não se importar por não tê-lo feito, demonstrando não se tratar de uma demanda pessoal. Além disso, afirma saber que a entrevista tem como foco pais e filhas e que se trata de um momento para falar sobre seu pai. Sobre a relação entre a díade, Beatriz sugere, em sua fala, espontânea, anterior à tarefa do CAT, que o seu pai não supre totalmente suas necessidades, ele “quer comer” os bichos que ela deseja ter, conta histórias curtas. Como se suas fantasias e desejos não fossem levados a sério. No entanto, ela fica feliz e se diverte com o que recebe. Ele oferece algo que não vai totalmente ao encontro do seu desejo, mas não permite que ela perceba concretamente a falta.

Nesse sentido, diante da primeira imagem, Beatriz aborda uma situação de conflito, demonstrando estar inserida em um ambiente que não protege, mas ameaça. É preciso ser “pequeno” para se esconder dos caçadores, ou grande para enfrentá-los. No entanto, Beatriz não é pequena e nem grande o suficiente. Assim, parece demonstrar que há um sentimento de desproteção que vem se intensificando ao longo do tempo. Percepção esta que pode ser corroborada com sua fala final na qual ela traz conflitos novos. Como se crescer estivesse a colocando diante de problemas inéditos, tais como: meninos que gosta, bullying, imagem corporal; dos quais, como ela mesmo verbaliza, ninguém a protege. Assim como ocorre em seu MSN, não há ninguém por perto quando deseja ser acolhida. O ambiente, seus pais, parecem estar pouco atentos às necessidades da filha.

Nesse sentido, na imagem dois, ela conta uma estória sobre um urso menor que convida os maiores para uma disputa, mas não é entendido com seriedade, não há competição, não há disputa, envolvimento, por ela. O cabo-de-guerra não passa de uma brincadeira, ninguém é capaz de ganhar, no entanto todos se machucam. Assim, novamente, indica que não há uma figura que supra suas demandas, suas necessidades de maneira suficiente e apropriada. Não parece sentir que os pais estão juntos por ela.

Contudo, Beatriz sinaliza, em sua terceira estória, possuir esperança, mas também receio. Ela demarca diferenças do modo em que o Leão e seu filho possuem de encarar a vida, sendo, respectivamente: razão/concretude e emoção/aventura. No entanto, diante da demanda do pai, o filho se identifica com o agressor e, juntos, acabam matando o ratinho. Assim, assinala dificuldade de se desvencilhar dos desejos do pai/Leão. Ela verbaliza a identificação com o filhote que sente como um fado ter que ser igual ao seu pai. Surge, porém, uma terceira figura benéfica, a ratazana. Ela dá “uma lição” nos Leões, busca, assim, salvar o mundo do filhote/criança de fantasia e proteção. No entanto, é representativa de uma “vingança” do mundo diante de comportamentos não muito adequados. Apesar do “final feliz”, a morte do rato deixa Beatriz triste, a ponto de escolher, esta estória como a do cartão que ela menos

gostou. Demarca, a necessidade de adequação. O ambiente busca moldá-la, é preciso deixar de lado suas vontades, não brincar, como na passagem da avó que quer silêncio para ver televisão.

Um tema presente em sua fala relaciona-se com a necessidade de se adaptar às necessidades do outro e indica que Beatriz está inserida em um ambiente que não lhe fornece segurança necessária. A figura do pai aparece na maioria de suas histórias, sempre como alguém que impõe limitações e exige que ela seja menos espontânea, verdadeira, se encaixe em um padrão de comportamento que ele entende como correto. Há uma comunicação direta sobre tais aspectos em suas histórias.

Na imagem quatro traz passagem de cangurus que lutam contra os “destruidores da floresta”. No entanto, o confronto não pode ser revelado à figura do pai, esta permanece distanciada do combate, em sua casa. A distância paterna possibilita a expressão de agressividade, mas também diversão, tanto que esta foi apontada como a imagem que Beatriz mais gostou e ela se divertiu muito ao contá-la. Diante da presença, é preciso mentir, não revelar o momento de agressividade. Assim, a figura paterna é apresentada de maneira ambivalente. Afinal, em suas histórias anteriores o pai expressa sua agressividade: é o caçador, destrói a natureza, quer comer animais. No entanto, quando ela se identifica com ele, a atitude é reprimir a agressividade da criança, antes por ele expressada. Além disso, a participante sugere que a autoridade exercida pelo pai segue o caminho do medo e não do entendimento e respeito. Ele não aparece como alguém presente, protetor, capaz de ofertar um ambiente indestrutível. É preciso se distanciar de situações de risco, limitar-se às que ela acredita que ele entende como apropriada.

No entanto, por vezes, a adequação exigida pelo pai não só não é protetora, como também pode possibilitar perigo e desproteção. Na imagem 8, o filho macaco ao ter que se submeter ao desejo do pai indo viajar, acaba se machucando. Por fim, o filhote se culpa, por não ter previsto o acidente. Assim, além de submeter o filho à sua vontade, o pai o expõe ao perigo, não o protege, nem orienta e ainda culpa pelos erros que ele próprio cometeu. Como se fosse necessário que Beatriz agisse de acordo com o que entende como expectativas do outro, sem nem mesmo ao certo saber claramente quais são elas, responsabilizando-se por possíveis erros. Exemplo disso é a já citada passagem do banho, em que ela busca atender algo que entende como sendo o que a pesquisadora tem como correto, bem como assuntos recorrentes sobre o pai.

Há um sentimento de insegurança evidenciado em diversos momentos do encontro. Ela preocupa-se diante da primeira história, parece sentir medo de não conseguir cumprir a

tarefa. Contudo, demonstra possuir recursos, mas não sabe se eles são bons suficientes para se sentir aceita pela pesquisadora, ela se esforça. Nesse sentido, ela diz gostar de desenhar, mas não sabe se sua produção é boa. No entanto, ao longo do contato, ela parece conseguir ficar mais tranquila, sente-se aceita e aproveita muito o momento. Se no início ela sentia necessidade de contar estórias segurando as imagens, na última ela enfatiza que está criando e nem ao menos olhando para a figura.

4.2.5 Síntese Díade Monoparental Materna II

Beatriz parece possuir muitos recursos, é curiosa, espontânea, engraçada. No entanto, em diversos momentos, demonstrou sentimento de insegurança, parece não se sentir inserida em um ambiente que a ampare e proteja. Nesse sentido, em algumas passagens do encontro demonstrou a necessidade de se adaptar às demandas externas, tanto da pesquisadora, quanto de seu pai. Esse comportamento vai ao encontro da descrição que Sérgio fez do seu exercício da paternidade, mais pautado na adequação da criança diante das suas exigências e seu controle do que do comportamento e personalidade da garota. Ao comentar sobre os momentos que a filha o “tira do sério”, não narra a situação em si, mas sim seu manejo para contorná-la com sucesso. Isso é recorrente em sua fala e apresenta-se como algo que é valorizado. Assim, o pai indica querer enaltecer o exercício de sua função.

A imagem ideal que Sérgio buscou passar durante o encontro aparenta superficialidade. Nesse sentido, ele demonstra dificuldades para se apropriar de sua função, diante da qual se sente exigido. O não desejo de ter filhos que possuía antes do nascimento da Beatriz, parece permanecer nos dias atuais. Assim, ele se identifica com o próprio pai que o abandonou.

A fala paterna é marcada por uma constante busca pelo concreto e controle. Há um distanciamento de situações menos estruturadas que exigem uma resposta mais espontânea. O pai se mostrou incomodado diante de situações novas e desconhecidas, principalmente relacionadas com demandas emocionais, como é o caso da pesquisa. Desta maneira, foi necessária a desqualificação da pesquisadora, da instituição, do trabalho; para que ele pudesse se sentir superior e distanciado de suas próprias limitações. Demonstrando dificuldade em pensar sobre sua função e seus sentimentos. Além disso, não alimenta as fantasias da filha. As fantasias e desejos da garota não são levados a sério pelo pai. As estórias dele são curtas e ele

afirma querer comer os bichos que ela deseja possuir. Assim, ele dificulta que a menina vivencie a transicionalidade.

O bebê, no estágio de dependência absoluta, parte de um estado de não integração: não se percebe temporalmente, não há reconhecimento de seu corpo, do outro, da realidade compartilhada. No entanto, possui uma tendência inata para o amadurecimento. Contudo, para que isso ocorra é preciso receber os cuidados de uma “mãe ambiente” que seja capaz de se identificar com o filho, possibilitando que o bebê vivencie um estado de onipotência e ilusão. Como se os objetos desejados estivessem sob seu controle mágico, sendo o objeto subjetivo e real convergentes (Winnicott, 1975). Para que o estágio seguinte seja bem sucedido é preciso que o bebê tenha experimentado a ilusão no período inicial e que passe a ser aos poucos desiludido (Winnicott 1945/2000). Possibilitando, assim, que o bebê crie os seus objetos de desejo (Outeiral, 2001)

Nesse sentido, ressalta-se que desde o início da vida, o infante se aproxima da questão sobre a relação entre sua percepção subjetiva e objetiva. A solução para esta questão encontra-se na área intermediária, no espaço transicional, onde a criatividade e a objetividade primária se encontram. Trata-se de uma região de neutralidade e sem questionamentos que nunca se completa. Este espaço, muito importante para o bebê, mais tarde passa a ser o espaço da vivência da arte, cultura. (Winnicott 1945/2000). Assim, o ser humano vivência, ao longo de toda sua vida, um conflito entre o que é objetivamente e subjetivamente percebido. Tal conflito é amenizado diante das vivências da área transicional, elo de ligação entre o mundo interno e externo que tem início diante das falhas graduais maternas e como base a ilusão (Dias, 2003). No caso apresentado, o pai não é facilitador na vivência da fantasia, da ilusão. Ao contrário, chama a filha para a concretude. Evidenciando uma dificuldade pessoal diante da regressão exigida pela paternidade, assim de vivenciar sua própria transicionalidade.

Além da fala paterna distanciada e com pouco envolvimento emocional que parece ter como função a proteção nas relações e laços, o pai expressou sua agressividade no encontro. Tal agressividade parece ter sido apontada nos estórias de Beatriz, nelas também é possível observar um movimento no sentido de apresentar o pai como uma figura distanciada e ambivalente. O pai aparece como uma figura que não oferece um ambiente indestrutível, ao contrário, por vezes oferece perigo. Alguém para quem é preciso mentir. Ele não delimita no sentido de proteger. Na terceira estória, o pai convida a filha para a agressividade, para matar o ratinho. Neste momento é expressa a revanche do mundo, personificada pela personagem da ratazana que faz justiça. Assim, a menina parece sentir-se insegura, pois percebe a agressividade paterna e entende que o mundo pode revidar e o prejudicar. No entanto, quando

ela se identifica com o pai ele busca fazer com que ela contenha sua agressividade, como observado na quarta estória.

Assim, o pai não parece ser capaz de manejar sua agressividade e preservar o objeto. No entanto, exige que a filha execute tal tarefa. Nesse sentido, Beatriz não pode satisfazer a sua própria agressividade através de sua fantasia, pois é tolhida pelo pai que a chama, como dito, para a concretude. Desta maneira, não parece ter ocorrido segurança para que ela experimentasse seus impulsos destrutivos integradores, pois sente que o pai não é protetor do ambiente.

Nesse sentido, o encontro com Beatriz permite-nos pensar que ela pode ter/tido dificuldades em vivenciar o estágio de rumo à independência. Momento este do desenvolvimento que o pai possui um papel de destaque. É importante que a criança atribua a esta figura características, como: proteção e força. O pai deve ser visto como alguém capaz de oferecer um ambiente indestrutível que permite que a criança vivencie seus impulsos destrutivos, ainda não integrados, possibilitando uma posterior integração; além de importantes aquisições, tais como: culpa, compadecimento, preocupação (Fulgencio, 2007). Beatriz não parece perceber seu pai como uma figura continente, mas sim distanciada, não protetora, a quem é preciso, por vezes, mentir. Assim, não há reconhecimento do pai com atributos como força e proteção. Desta maneira, a vivência dos impulsos destrutivos por Beatriz, apesar de ter ocorrido, parece ter deixado marcas em sua vida atual. Há uma angústia que lhe traz sofrimento, medo de perder o que ainda não parece ter sido internalizado. Grande sentimento de insegurança e desproteção. Evidente, principalmente no final de sua entrevista.

Sérgio oferece algo à Beatriz, mas não exatamente o que ela necessita. No entanto, faz entender que oferece muito, assim como fez sua contribuição com a pesquisa. Suas dificuldades são pouco claras em uma fala racional e articulada. No entanto, declara que a filha exige muito investimento e disponibilidade, o que ele não demonstra estar sempre apto a oferecer. Assim, o pai parece possuir uma real dificuldade que se traduz em falta de provimento que dificulta com que ela se expresse verdadeiramente e a faz sentir-se insegura diante de seus gestos e vê como necessário se ajustar às vontades paternas. Assim, a garota encontra-se um dilema diante do qual se sente pouco amparada: como defender-se de um mundo hostil preservando os objetos que ama?

4.3 Família Nuclear I

4.3.1 Narrativa Marcelo

Marcelo chega pontualmente para a entrevista. Ele tem 42 anos, trabalha em uma empresa e tem ensino superior em andamento e uma filha de 4 anos. Parece um pouco tímido, mas mostra-se bastante empenhado em “ajudar”. É um homem bem educado, bem vestido e de fala correta. Noto-o um pouco apreensivo, preocupado com suas palavras. A entrevista não teve um caráter “espontâneo”, mas sim formal. Ao longo do encontro ele se mostrou preocupado, muito possivelmente com a imagem que iria transmitir. Por outro lado, foi participativo e pareceu gostar.

Mostro-lhe o TCLE, ele o lê lentamente e não expressa dúvidas. Assina o termo, concorda com a gravação. Questiono-o sobre como é ser pai, ele afirma: *“É mágico, é muito bom”* e conta como é sua relação com a filha, ressaltando que se trata de uma experiência muito positiva. Porém, pontua que a garota tem um *“problema”*, é muito tímida. Acredita que a timidez se relaciona com algumas questões de sua esposa. Conta que sua mulher é bastante insegura e que isso prejudica diretamente o comportamento da menina, e que, por vezes, ela critica o relacionamento do pai com criança: *“Minha esposa conversou com a pediatra que falou que a culpa é da minha esposa e da forma que ela a trata. Minha esposa foi até lá e disse para a médica que estava pensando em levar nossa filha para um Psicólogo; a doutora disse que não era o caso de levar a garota no Psicólogo, mas de ela procurar um (...) a impressão que eu tenho é que a minha esposa tem muito medo de perder, é assim que eu vejo. Porque o nosso relacionamento é muito bom, minha filha me respeita, não tem necessidade de bater, basta chamar atenção e, ao mesmo tempo, é muito carinho, mas eu sou muito exigente”*. Ele afirma, neste momento da entrevista, que tenta aliar a autoridade, o carinho e a exigência. Fico curiosa em saber como é conjugar todos esses papéis em um contexto em que a esposa não aparece como um apoio, mas eu não o questiono, deixando-o livre.

Ele passa a descrever sua relação com a filha: *“Eu brinco com ela, mas na hora do não é não, eu falo uma vez só, eu sempre falei para ela que eu quero falar uma vez só, na hora que é para brincar o papai brinca, mas na hora que é sério é sério (...) quando eu sou um pouco mais áspero é porque é assim, ela é muito teimosa, acho que como toda a criança. A minha esposa como teve uma vida muito complicada em relação ao pai dela, teve uma série*

de problemas e por isso quando eu sou um pouco mais áspero ela acha que eu estou me excedendo. A própria médica disse que não, que seu marido é seu marido e seu pai é seu pai”.

Porém, apesar das intervenções da esposa, diz-se seguro quanto à maneira que exerce seu papel paterno. *“Isso me deixa preocupado e chateado às vezes, porque, poxa vida, minha filha está sempre ao meu lado, vindo comigo, ela me abraça, me beija e isso é uma coisa muito boa. Se fosse ao contrário, eu não sei se teria essa reação com ela”.* No entanto, percebo certa insegurança em seu discurso, sua fala parece estar atrelada a uma imagem de si racional e idealizada, ou seja, ele afirma com clareza que sua esposa age de maneira equivocada, mas os questionamentos dela são capazes de mobilizar Marcelo.

Afirma entender o problema de sua esposa e que seu papel é dar suporte para ela, mas ele se mostra inseguro diante das intervenções da mulher sobre sua relação com a filha. Em alguns momentos aparenta estar um pouco irritado com esta situação, mas logo se recompõe. Percebo que ele busca anular/justificar os aspectos negativos relacionados com a filha e com sua esposa. Marcelo afirma que a garota o respeita muito, mas o mesmo não acontece com a sua esposa. *“Ela me respeita muito, e a mãe dela ela não respeita. Às vezes a mãe dela fica quase louca e pede para eu dar um jeito nela, eu digo que não”.* Pergunto como ele entende este comportamento diverso da filha diante dos pais, ele diz acreditar que a sua esposa não usa um tom capaz de impor respeito, e que ela tem dificuldade de impor autoridade. Justifica o posicionamento da esposa em decorrência de sua história de vida, afirma que ela teve uma relação complexa com o pai.

Apesar desta dificuldade, o participante diz sentir gratidão pela esposa: *“falo para ela que se ela tem consciência eu estou do seu lado sempre, então eu tô do seu lado, até porque devido ao nosso casamento, porque ela é uma pessoa muito especial, me ajudou muito. Eu tenho carinho, amor e grande gratidão pela minha esposa.”.*

Descreve-se de uma maneira idealizada, como acredita ser “pai modelo”, ou seja: preocupado com o bem-estar da filha, da esposa, bastante afetivo, mas quando é preciso impõe autoridade. Tem uma proximidade grande com a filha, passam muito tempo juntos: *“a gente acordava entre as oito e nove horas, fazia leite para ela, fazia o café da manhã. E ora a gente assistia desenho, ora alguma coisa de esporte. Quando era mais ou menos 11 horas eu já começava a preparar o almoço, aí nós almoçávamos juntos. Aí meio dia e meia eu a levava para a escola, essa era a nossa convivência, daí depois eu chegava uma hora da manhã e ela já estava dormindo”.* A proximidade era facilitada pelo seu turno vespertino-noturno de trabalho, porém, Marcelo afirma que está de férias e que quando elas acabarem ele vai passar

a trabalhar das 8h até às 17h, e iniciará um curso de graduação no período noturno. Pergunto sobre como ele vê esta nova situação com o tempo bastante limitado e ele responde que vai ficar pouco tempo com a filha, mas que mudou de turno com o intuito de estudar e, logo, muda de assunto.

Volta a falar sobre sua esposa. Conta que diante da mudança de horário de seu trabalho, a filha passou a estudar em período integral e que vem ocorrendo certa dificuldade no processo de adaptação à nova rotina, principalmente quando é dia de sua esposa levá-la à escola. Ele diz que acredita ser importante impor limites à filha para que ela se adapte ao novo período da escola. Afirma que quando ele a leva à escola procura conversar no dia anterior, afirmar a importância de se estudar, também mostra sua necessidade de cumprir o horário de trabalho, assim, ela não apresenta problemas e entra na instituição de ensino de maneira tranquila. Porém, quando é dia da esposa levá-la, a garota chora e diz não querer ficar. Ele acredita que a esposa apresenta uma postura ambivalente que dificulta a separação entre elas. Neste momento, fica claro o quanto o pai é capaz de transmitir segurança para a filha.

Afirma que o mesmo problema acontece na hora de dormir. Conta que mudaram recentemente de apartamento e que sua esposa sente medo de deixar a menina no quarto sozinha, e que muitas vezes precisa sair de seu quarto para elas dormirem juntas e confortavelmente. Ele faz este relato de maneira bastante apática e eu questiono como ele se sente nesses momentos, ele responde de maneira um pouco exaltada que transparece um sentimento de raiva: *“Não acho tranquilo, eu acho horrível, horrível, eu me sentia assim, poxa tem que ser tomada uma atitude. Nós temos que educar essa criança melhor, temos que fazer com que ela saiba. A gente faz de tudo, coloca tudo que ela gosta no quarto, enfeite de bichinho que ela gosta. No começo ela até vai, mas daí vai voltando, vai voltando e aí a qualidade de sono é horrível! Essa semana mesmo, eu falo que eu estou de férias mas eu não estou. O ambiente está muito ruim, eu não tenho qualidade de sono, eu fico o dia todo em casa, estou sem ânimo para fazer nada, é ruim nesse ponto”*. Neste momento ele consegue deixar uma postura mais idealizada, mostra-se mais real.

Ressalta a dificuldade, mas diz que se identifica com a filha: diz também ter sido uma criança tímida, e retoma um discurso ameno, sem muita exaltação: *“Antes eu achava que ninguém ia gostar de mim, que nenhuma mulher ia gostar de mim, mas com o tempo eu fui trabalhando, estudando, percebi que tinha que gostar de mim em primeiro lugar (...) percebi que não posso ficar de braços cruzados, que tinha que ir buscar.”*. Logo em seguida repete que a esposa teve uma infância complicada com o pai. Conta que ela foi vítima de agressão e que tem medo que a filha passe pela mesma situação, mas tanto ele quanto a psicóloga de sua

mulher afirmam que as histórias de vida se distanciam muito. Neste momento ele se define de uma maneira mais real, mas ainda busca categorizar sua família como ideal: *“E, nossa! Eu não vou falar para você que eu sou uma pessoa, um santo, sempre bonzinho, eu sou uma pessoa muito calma, mas eu tenho meus momentos enérgicos, mas eu nunca precisei bater na minha filha. Nunca discuti com a minha esposa de ofender e xingar, e são dez anos já que estamos juntos. Isso ela fala para todo mundo, a gente sempre lidou com nossos problemas pelo diálogo. Depois que nossa filha nasceu ficou melhor ainda, nunca discutimos na frente dela, nunca demos motivo para ela temer que nós brigássemos ou algo parecido”*.

Valoriza o relacionamento que tem com a esposa, compara com familiares que são divorciados e os taxa como “problemáticos”. Acredita que a separação causa uma confusão enorme para a criança, e afirma não querer ter mais filhos por não poder *“dar do bom e do melhor!”*. Mas volta a ressaltar o problema da timidez da filha, diz que ela tem dificuldade no contato com outras crianças, mas que acredita que ela é *“acima da média, é muito inteligente, fala corretamente. Em casa ela é muito hiperativa, quer brincar a todo momento. Ela é muito esperta, muito inteligente, mas quando está com outras pessoas ela trava”*. Afirma que o primeiro contato com a criança é bastante complicado, pois ela *“se fecha”*, mas que aos poucos se aproxima e *“gruda na pessoa”*. Conta que no dia anterior ao da entrevista eles foram ao supermercado e a garota não viu que eles estavam próximos e começou a chorar e gritar pela mãe. Complementa que em festas de crianças ela só vai brincar se sua mãe estiver o tempo todo por perto; tais situações o preocupam. Finaliza esta primeira etapa afirmando que de modo geral a experiência de ser pai é muito positiva, mas existem algumas questões que o preocupam. Reafirma que ele se sente tranquilo quanto às práticas educativas utilizadas, uma vez que a filha demonstra um carinho enorme por ele, sempre pede sua presença, chama-o para brincar, para dar banho, para irem ao parque. Afirma que sente que a filha deposita nele uma grande confiança e que entende isso como um sinal de que segue o caminho certo. Entendo, porém, que há uma certa insegurança.

Questiono se ele quer contar algo mais sobre sua experiência paterna e ele diz que não. Explico que mostrarei algumas figuras e que eu gostaria que após vê-las ele me dissesse como foi e como é ser pai da Lúcia naquelas situações. Ele diz ter entendido.

Mostro a primeira figura, ele olha para a sombra da galinha e diz que se trata de um rosto e me pergunta se deve falar sobre: *“o que eu entendi da figura, que eu observo”*. Repito a instrução anterior. Agora, ele fala, de maneira rápida e ansiosa, que sempre foi muito próximo da filha, que desde o seu nascimento a acompanhou de perto. Conta que quando era mais jovem não tinha o desejo de ser pai, por isso teve a Lúcia somente aos 36 anos. Quando

soube que a esposa estava grávida ficou assustado e feliz, questionando se seria um bom pai, pois não tinha afinidade com crianças. Afirma que desde o nascimento de Lúcia aconteceu algo muito especial, que a relação é “*mágica*”.

Conta que foi feito tratamento para a esposa engravidar, que ambos tinham problemas de fertilidade. Durante o período gestacional sua esposa desenvolveu diabetes: “*Eu passei um apertado, ela não podia comer carne, então, não tinha carne em casa, fiquei nove meses sem comer, e eu sou louco por carne! Mas eu aceitei tudo numa boa, sempre fui muito companheiro dela*”. Fico surpresa neste momento da entrevista, ele parece sentir-se obrigado a acompanhar a fragilidade de sua esposa. Afirma ser muito feliz com sua família, que ele entende ter uma vida equilibrada, uma situação financeira equilibrada e que o que mais gosta é quando ficam somente os três juntos, sem mais ninguém por perto, “*a sintonia é muito boa!*”. Ele silencia por alguns instantes. Digo que ele trouxe contribuições importantes, mas questiono se tem algo mais que ele gostaria de falar sobre a experiência de ser pai nesta situação, aponto o cartão 1 novamente. Ele diz sucintamente que gosta muito dos momentos das refeições, que ele divide o preparo das refeições com a esposa e que a filha sempre elogia a refeição que ele prepara.

Mostro a segunda figura, ele diz prontamente: “*Essa daqui é uma disputa do pai com a mãe, uma disputa do modo de interpretação minha, né? Tá aqui a mãe, a filha e o pai do outro lado, é mais ou menos assim lá. Por mais que exista afinidade a mãe sempre prevalece, o que eu acho justo, mas isso não causa briga, ciúme, inveja; pelo menos da minha parte*”. Questiono o que ele entende como “justo”, ele afirma que toda mãe sofre por muito tempo para ter filho, e a filha desenvolve um grande apego com a mãe: “*é algo natural!*”. Afirma que se fosse um garoto poderia ser mais próximo dele. Apesar da proximidade com a mãe, deixa claro que passa muitos momentos com a filha, mas que tal proximidade é motivo de reclamação por parte da mãe: “*você fica só com seu pai, não mais comigo, ela fica com ciúmes, mas eu acho natural.*” A mãe parece tentar excluir o pai da relação.

Mostro a figura 3, ele apresenta um maior tempo de latência. Após alguns segundos afirma: “*Seria eu lá na minha poltrona e quem manda sou eu, tudo do meu jeito senão a coisa vai ficar feia. Mas comigo não é assim, eu tenho a minha poltrona do papai na sala, mas não é cativa minha não, todo mundo senta, ela adora ficar sentada lá. Eu gosto de sentar lá porque é meu canto, dá a impressão que a casa é minha, que eu sou o chefe da casa e tudo mais, que a casa é minha, mas isso é quando tem muita gente. Quando está só nós não, eu fico tranquilo*”. Acredito que este momento foi bastante representativo sobre como ele se sente diante do papel de pai, de homem, o quanto ele gosta desta posição de autoridade. No

entanto, também parece haver ambivalência, pois há dificuldade de se colocar em seu ambiente familiar, de ocupar o espaço de autoridade, como se ele não tivesse um lugar próprio em sua casa.

Diante do cartão 4 ele pede explicação *“Aqui é para falar sobre a hora de lazer?”*. Respondo que ele pode ficar à vontade, que não existe certo e nem errado. Ele conta que nas atividades de lazer a filha prefere sua presença à da mãe. Afirma que sua esposa não gosta de passeios ao ar livre, além de, por vezes, não concretizar os planos relacionados ao lazer: *“No nosso lazer a Lúcia confia mais em mim do que na mãe. Porque tudo que ela se propõe a fazer, fica difícil dela colocar em prática. Eu já não, a gente sai de bicicleta direto, vamos no parque perto de casa, ela sabe que com a mãe não tem como ir, então, ela sempre fala: “pai, vamos no parque, vamos andar de bicicleta?”. Então a gente sempre faz as coisas juntos. A gente faz os três juntos também, mas na maioria das vezes só nós dois”*.

Mostro a última figura, de número 8. Ele diz que se trata de uma situação em que a criança está atrapalhando. Conta que quando estão em um ambiente com adultos, ele prefere que a filha não fique entre eles, mas sim com as outras crianças. Porém, geralmente Lúcia fica perto dos adultos e não das crianças.

Ao término dos quadros, questiono se ele quer dizer mais alguma coisa. Ele começa a falar novamente sobre sua esposa, diz que ela sempre teve problemas com os pais, ela sempre teve medo de diversas situações e foi aprendendo aos poucos como era estar casada, que não precisava sentir medo. Digo que ele se mostra bastante preocupado com a esposa, ele concorda. Impressiona-me o fato de ele buscar tantas vezes justificativas para o comportamento dela. Ao término, ele afirma ter gostado da experiência e que poderia ficar conversando por horas. Agradeço sua participação, ele se diz disponível para outros contatos, caso necessário.

4.3.2 Síntese Marcelo

Na entrevista com o pai, ele se mostra de maneira bastante cautelosa. Apesar de ter sido convidado para discorrer sobre sua experiência paterna, ele passa grande parte do tempo falando sobre a esposa e o quanto as dificuldades da filha estão atreladas aos conflitos de sua mulher. Entende-se, assim, que a relação entre pai e filha passa, necessariamente, pela mãe e ele tem dificuldade de amparar/sustentar a relação entre a díade.

Desta maneira, Marcelo, apesar de buscar desempenhar um papel de autoridade e cuidado diante da filha, não consegue situar qual é o seu papel de pai. Sente-se inseguro diante das exigências da esposa, que confunde limite com agressão, e ele acaba mostrando-se confuso em alguns momentos em que tenta aliar as necessidades da menina e da esposa com as suas. Esta situação se faz clara no momento em que relata a dificuldade da cômputo em deixar Lúcia dormir em seu quarto, em que a atitude de Marcelo é sair do próprio espaço, mesmo a contragosto, para dar conforto a ambas.

O participante atribui à esposa uma grande fragilidade, justificada em decorrência de uma história de vida marcada pela violência; assim, não só desapropria a esposa dos conflitos dela que afetam toda família, como também possibilita que ela tenha um grande poder de dominação junto a ele e à filha. A esposa deixa Marcelo inseguro sobre como deve cumprir seu papel de pai, fazendo com que ele se sinta culpado.

O uso de racionalização por parte de Marcelo esteve presente em diversos momentos do encontro: assim que assumia alguma questão negativa referente à filha ou à esposa, apresentava, quase que simultaneamente, um aspecto positivo da relação. Mostra, assim, uma atitude bastante protetora diante das duas. Em diversos momentos da entrevista ele apresenta um sentimento de dívida e gratidão diante de sua mulher, como se ele não se sentisse merecedor do afeto dela e do relacionamento com ela. Diante da fragilidade da esposa, que não desilude Lúcia (ou faz, por vezes, abruptamente), ele se sente compelido a cumprir a função materna e paterna, situação que o deixa inseguro e ele confunde-se. Descreve sua família de maneira idealizada; não só não cogita possibilidades de mudança na dinâmica familiar, como também condena o divórcio. Ao que tudo indica, tal insegurança dificulta desempenhar um papel definido tanto de pai, quanto de marido. Tal conflito mostra-se presente na terceira figura: nela, ele afirma que tem uma cadeira “do papai”, mas que todos do ambiente familiar podem se sentar ali.

Apesar disso, parece clara a proximidade e o vínculo positivo entre ele e a filha, a criança parece sentir-se mais segura diante do pai. Há um esforço paterno na tentativa de suprir as falhas e a insegurança da mulher; e a esposa parece sentir-se enciumada com o relacionamento entre a díade pai-filha. Marcelo dá indícios de uma disputa entre as partes no “cartão 2” do CAT-A, mas ele afirma que é uma competição em que sempre a mãe prevalece, reafirmando o domínio da esposa no ambiente familiar, demonstrando a dificuldade dela em permitir que ele se aproprie do ambiente familiar. Ao afirmar que entende como “justo” que a mãe vença sempre, ele retoma a questão de sentir gratidão pela esposa. Afirma no “cartão 1” que a mãe sofre durante o período de gestação. Demonstra uma culpa com relação à esposa,

relata que deixou de comer carne durante toda a gestação devido a uma restrição alimentar de sua companheira. Assim, demonstra que a esposa é quem exerce o domínio no âmbito familiar.

Na última figura do CAT-A mostra-se ambivalente, culpa a sua esposa pela timidez da filha. Ao término da entrevista, ele retoma o problema da cômpute e enfatiza sobre o quanto ele é justificável pela sua história de vida. Assim, busca reafirmar a imagem de uma família harmônica e feliz, encobrindo todo o desapontamento para com a esposa e suas dificuldades.

4.3.3 Narrativa Lúcia

Lúcia tem 4 anos, ela chega acompanhada de sua professora. Está com um semblante de muito cansada e a professora diz que ela estava dormindo. Apresento-me, e ela só me olha, com um olhar envergonhado, mas me encarando. Pergunto se podemos passar um momento juntas e ela balança a cabeça consentindo. Indago se ela gosta de animais de estimação, ela responde com uma voz baixa e triste: *“Gosto, mas minha mãe não deixa”*. Percebo uma fragilidade, é o primeiro momento que ouço sua voz e a sua fala possui um tom de conformidade e passividade.

Digo para ela que minha tarefa é de fazer algo como uma “lição de casa”. Conto que converso com crianças e seus pais, e mostro para eles figuras de animais. Pergunto se ela aceita me ajudar e ela balança a cabeça timidamente em sinal de concordância. Apresento o primeiro quadro de uma maneira bastante espontânea, digo quase que cantando: *“Um, dois, três e jááááá”*. Ela olha e fica em silêncio. Afirmando que não tem resposta certa e nem errada, e ela continua em silêncio. Percebo que ela não pega o cartão. Depois de quase um minuto, ela diz: *“São três passarinhos em uma mesa, eles estão comendo”*. Peço então para que ela conte uma história sobre os passarinhos. Ela diz: *“Eu não sei mesmo!”*. Tento estimulá-la a falar, digo que ela está contando a história de passarinhos que estão comendo em uma mesa, pergunto sobre o que está acontecendo; ela silencia. Noto que estou tentando fazer com que ela me dê uma resposta, ao invés de respeitar o seu momento e sua vontade. Ela também diz não saber qual seria o título da história.

Mostro a segunda figura. Ela responde em tempo menor, timidamente: *“São dois ursos tentando puxar alguma coisa, uma corda”*, e silencia. Pergunto sobre o que mais está acontecendo, e ela afirma que eles estão bravos. Questiono o motivo e ela diz: *“Eles estão*

bravos porque não conseguem puxar a corda". Acrescenta, de um modo bastante inseguro, não saber mais nada sobre a figura. Também diz não saber sobre o título. No quadro seguinte (3) ela afirma prontamente que se trata de um leão sentado que está triste. Digo que ela está contando uma estória sobre o leão que está triste e que podemos brincar de "era uma vez" para tentar saber mais sobre ele. Ela diz não saber o motivo da tristeza e também não dá um título.

Apresento-lhe a quarta figura, ela diz: *"É um andando e o outro também, eles estão indo para a floresta fazer piquenique, mas a minha mãe não deixa"*. Pergunto se ela gostaria de ser uns dos cangurus da figura para fazer piquenique, ela responde que sim. Pergunto sobre o que mais acontece no piquenique, e ela diz não saber. Mostro a última figura (8) e ela diz somente que são macacos conversando e que não sabe contar, não sabe o que está acontecendo.

Afirmo que acabaram os cartões e inicio uma conversa informal, pergunto sobre sua casa, sua família. Ela inicia descrevendo a sua casa: *"Lá fora tem um portão bem grande, daí tem um quintal e lá dentro tem meu quarto e a minha televisão"*. Eu digo: *"Nossa, que legal!"*, e ela responde: *"Minha mãe fica sem, ela assiste TV só na sala"*. Pergunto se elas assistem juntas e ela responde que não, que a mãe vê novela e que ela não gosta, prefere desenhos. Passa a me contar sobre seu filme predileto, que é de um esquilo. Conta que assistiu ao filme sozinha, pois: *"Minha mãe fica cozinhando e meu pai vendo ela cozinhar"*. Digo que me parece que ela gostaria de estar com eles, e ela diz um pouco ansiosa e enfática: *"Meu pai assistiu, ele assistiu até o final"*. Neste momento ela demonstra sentir a mãe como ausente, mas não o pai.

Ela fala de maneira bem lenta, com uma calma aparente. Conta que faz muitas atividades com o pai: eles vão até o parque e ele a está ensinando a andar de bicicleta sem rodinha. Contudo, afirma, de maneira melancólica, que tem medo de cair, de não conseguir: *"Meu pai fala que eu tenho que andar de bicicleta sem rodinha, mas eu tenho medo de cair"*. Noto que ela se mostra insegura, como se conseguir andar de bicicleta fosse entendido por ela como uma exigência que ela não era capaz de alcançar. Diante desta situação, eu trouxe uma experiência pessoal, disse para ela que quando tinha a sua idade, também tive medo de cair, mas fui aprendendo devagar, tirei a rodinha de um lado, depois de outro e, quando percebi, já estava andando sem nenhuma, mas que é muito difícil conseguir fazer isso rápido, que leva tempo. Após meu relato ela se mostra bastante aliviada, abre um sorriso e exclama com um tom mais vivo: *"Meu pai ficou segurando atrás do banco. Daí, depois na hora que a gente tava indo embora, ele soltou, daí eu fiquei um pouquinho sem ele segurar e depois a bicicleta começou a girar!"*. Digo que parece ser confortante ter o pai ao seu lado. Ela concorda e

afirma que: “*Quando eu aprendi a andar de bicicleta com rodinha eu também fiquei com medo, mas agora eu não tenho mais. Eu aprendi sozinha, mas às vezes para descer um degrau eu preciso de ajuda.*”. Afirmando: “*parece ser melhor quando tem alguém por perto, né?*”. Ela concorda, parecia estar gostando de “conversar”.

Em seguida falamos sobre a escola. Ela diz que não gosta de ficar no período da tarde, que prefere só a parte da manhã, pois durante a manhã tem só lição, e ela gosta mais de fazer lição do que brincar. Eu me surpreendi com tal afirmação e fiquei refletindo sobre o que poderia significar esta rejeição pela brincadeira. Encerramos o nosso encontro, agradeço por ela ter participado e ela diz: “*achei muito legal!*”, dá um beijo no meu rosto e vai até sua sala.

4.3.4 Síntese Lucia

Lúcia mostrou-se uma criança retraída. Lentamente ela foi se revelando, mas foram poucos os momentos em que ela conseguiu ser espontânea. Logo no início, momento em que as palavras ainda eram escassas, apresenta sua mãe como uma figura proibitiva que a impossibilita de ter as vivências que gostaria (cachorro, piquenique), Lúcia tem um tom de conformidade e fragilidade diante de tais restrições.

Sua dificuldade em contar histórias sobre as imagens pode ser entendida como uma dificuldade de explorar o novo, como o medo de se colocar diante de uma situação de maneira criativa e única, permeada pelo sentimento de insegurança. Entende-se, porém, que ela contribuiu com o máximo que conseguiu, dentro de seus limites e possibilidades, ela possui apenas 4 anos e a aplicação do CAT-A nesta idade nem sempre é tão fértil.

As histórias criadas sobre os quadros apresentados, apesar de concretas e pouco criativas, apresentam um conflito no ambiente familiar. A figura 2 é entendida como a figura de um casal que está bravo, pois buscam, sem sucesso, cada um de um lado, “puxar uma corda”. Apresenta, assim, uma disputa entre seus pais que não a leva para lado nenhum. Na terceira figura, descreve um Leão que está triste e ela diz não entender o motivo; também não sabe o que os macacos conversam na figura 8. Tais descrições parecem apontar para um sentimento de não apropriação do ambiente em que vive; as situações parecem não serem claras para ela que não entende a suas reações. Enfim, sente que vive em um ambiente bastante inconstante que não lhe dá segurança.

Diante da quarta figura, ela apresenta um conflito entre “a autonomia e a dependência”: afirma que gostaria de ser um dos cangurus que fazem piquenique, mas que sua

mãe não a deixa realizar tal atividade. Neste momento, a mãe parece estar ligada aos momentos proibitivos e o pai aos momentos de autonomia.

No decorrer do encontro, ela ainda mantém seu pai como representativo de autonomia, porém, revela uma duplicidade de papéis. Assim, ora ele se apresenta como o seu refúgio (*“Meu pai ficou segurando atrás do banco”*), ora como sua chance para a autonomia (andar de bicicleta sem rodinha). Revela, então, que o pai mescla ambas as representações. Ele assume a função de *“falhar gradualmente”*, de acordo com a capacidade da criança.

O pai é apresentado como uma figura de grande proximidade, mais presente nas atividades que a figura materna. Porém, Lúcia mostra que ele não está presente em todos os momentos que ela gostaria (*“Minha mãe fica cozinhando e meu pai fica vendo ela cozinhar”*); mas não sustenta tal percepção, pois afirma, quase que instantaneamente, que o pai é presente (*“Meu pai assistiu, assistiu até o final!”*).

A dificuldade em ser espontânea e a insegurança diante de atividades menos estruturadas é presente em sua afirmação de que prefere ficar na escola no período em que são transmitidos conhecimento teóricos, do que no período da tarde, em que ocorrem predominantemente brincadeiras. Ao término da entrevista, a menina mostrou-se satisfeita, afirmou ter gostado e deu um beijo no rosto da pesquisadora, mostrando, assim, a possibilidade de se vincular de maneira positiva.

4.3.5 Síntese Díade Nuclear I

As temáticas apresentadas tanto na entrevista do pai quanto na da filha são convergentes. A criança mostra-se bastante retraída, com uma dificuldade para ser espontânea; o pai mostra-se da mesma maneira. Ambos apresentam o vínculo pai-filha como positivo e o descrevem como uma relação de grande proximidade e afeto.

Contudo, a díade relata a existência de um ambiente familiar instável. O pai mostra-se ambivalente em seu papel devido às diversas exigências do ambiente familiar, principalmente da mãe, figura que é apresentada como impeditiva. Assim, diante de tantas demandas, o pai acaba por possibilitar uma provisão, por vezes, inadequada para a filha, já que em muitos momentos a mãe impede a proximidade dos dois. A figura paterna, assim como o restante da família, parece ter dificuldade para expressar sua individualidade e integrá-la às necessidades

dos demais membros, já que a esposa mobiliza constantemente sua culpa e ele se mostra condescendente, assim, ele parece não sentir ter lugar na família como figura de autoridade.

A vivência do papel paterno parece ter uma significativa influência no desenvolvimento emocional da filha. Segundo Winnicott (1960/2005), a saúde mental da criança e o decorrente desenvolvimento emocional relaciona-se, inicialmente, com o cuidado natural que a mãe tem pelo filho na primeira infância. Assim, no decorrer do desenvolvimento, o lar, quando satisfatório, passa a ser facilitador do desenvolvimento emocional de maneira que as constatações e vivências mais importantes acontecem neste espaço. Mas, para isso, é preciso que os pais assumam a responsabilidade de prover um ambiente que possibilite o desenvolvimento emocional satisfatório.

Uma das características que dificultam a provisão ambiental no caso estudado relaciona-se com o comportamento materno, a mãe parece não dar espaço para que o vínculo entre pai e filha ocorra de maneira espontânea e saudável, ela interfere na relação da díade exercendo um domínio sobre a figura paterna, impedindo que ele se aproprie de seu papel. A mãe parece temer a proximidade do marido com a menina, como se isso fosse excluí-la da relação. Winnicott afirma que o papel do pai varia de acordo com a fase de desenvolvimento emocional apresentada pela criança (Fulgencio, 2007). No caso apresentado, a mãe exige que o pai se comporte como sua extensão e de acordo com seus princípios, assim, exige-lhe um comportamento incompatível com o nível de desenvolvimento da filha, ideal somente para a fase inicial do desenvolvimento emocional, já superado. Assim, a menina parece ter tido dificuldade para, na fase de dependência relativa e concernimento, perceber a figura paterna como total, provida de autoridade, uma vez que para a esposa o limite é confundido com agressividade. Há, portanto, dificuldade em pensar o pai como figura impeditiva e ativa, percebendo-o como alguém que precisa ser poupado, protegido, o que faz com que ela tenha que inibir seus impulsos, dificultando a expressão do gesto espontâneo (Fulgencio, 2007). Por consequência, o pai parece ter dificuldade para vivenciar o seu “elemento masculino”, que é representativo da ação no mundo, do uso construtivo da agressividade (Winnicott, 1963/2005); tais elementos parecem estar mais presentes na figura materna, mas de uma maneira descoordenada, que chega a ser impeditiva do crescimento emocional.

No caso apresentado, o lar representa um ambiente confuso, ambivalente, com inúmeras restrições. A dinâmica familiar parece influenciar e dificultar com que Lúcia sinta que possa ter um lugar no mundo; para tanto, seria necessário sentir um acolhimento que ela não sabe se possui. O mesmo parece ocorrer com o pai. A falta de provimento ambiental é mostrada pela participação da figura materna, que se mostrou pouco coerente e firme, e

parece ter usado de extrema autoridade e severidade para esconder as próprias inseguranças e para impor suas próprias necessidades.

A falta de amparo pode ser entendida como uma provisão insuficiente de *holding*. Para Winnicott (1960/2005), o desenvolvimento emocional satisfatório é aquele que alia um desenvolvimento maturacional com um ambiente facilitador. Assim, destaca a importância do fornecimento de *holding* para o estabelecimento de um ambiente suficientemente bom. Tal definição extrapola a noção de suporte físico oferecido pela mãe (ou substituta) ao bebê, inclui também o suporte psíquico, sensibilidade cutânea, presença, proteção fisiológica. Para que haja *holding* suficiente é preciso que a mãe seja capaz de se identificar com o bebê, trata-se de cuidado que auxilia no desenvolvimento emocional; caso contrário, ocorre um enfraquecimento do Ego, e dificulta a ação criativa da criança (Winnicott, 1963/2005). Destaca-se que os processos iniciais que acompanham o desenvolvimento nunca são finalizados e totais, e é essencialmente através do *holding* que a criança começa a sentir-se integrada e diferenciada do mundo (Mello-Filho, 1995). Assim, a insegurança e dificuldade de Lúcia em “ocupar seu lugar no mundo” pode ser remetida à vivência em seu ambiente familiar que parece não ser capaz de atender suas necessidades e acolher suas dificuldades. Assim como seu pai expressou durante a entrevista, ela também parece não se apropriar afetivamente de seu lar.

No entanto, apesar das dificuldades apresentadas, o processo de amadurecimento emocional de Lúcia não aparenta ter um comprometimento alarmante. Sua maturidade parece estar além de sua idade cronológica, o que não aponta um desenvolvimento ideal (Winnicott, 1960/2005). Algumas características da fase do concernimento parecem já estar presentes, tais como: sentimento de culpa e capacidade de perceber o outro como diferente (Winnicott, 1958/2000). O sentimento de culpa e conformidade parecem ser aspectos característicos dela e também de seu pai.

Entende-se que se trata de uma díade em que há um esforço para que o pai cumpra seu papel, além disso, ele também precisa cumprir o papel da figura materna, que se mostrou insuficiente. O sentimento de baixa estima, insegurança e culpa do pai parecem fazer com que haja uma dominação da figura materna que se mostra impeditiva da relação espontânea entre a díade; dificultando a provisão ambiental. Contudo, apesar das dificuldades, o pai apresenta um vínculo positivo com a filha.

4.4 Família Nuclear II

4.4.1 Narrativa Eduardo

Eduardo tem 32 anos e é vendedor. Ele mora em uma cidade do interior de São Paulo com a esposa e sua única filha Larissa de 04 anos. Comparece no local e horário combinado. Veste roupas casuais, é alguém bastante “brincalhão”. A entrevista ocorre em um clima bastante descontraído. Apresento-me, entrego o TCLE, ele o lê rapidamente e pergunta se sua filha também irá participar. Digo que se ele consentir e ela concordar, eu gostaria que participasse.

Afirmo que nosso encontro terá um caráter de conversa. Assim, peço para que ele me conte como foi e como é ser pai da Larissa. Ele diz que sempre quis ter uma filha por acreditar que mulheres são mais dóceis e apegadas com o pai. Afirma que sua filha é: *“Tudo de bom”*.

Conta que é bastante próximo da filha. Durante a semana não a vê muito, mas é sempre ele quem busca a garota na escola. Afirma que nos finais de semana eles fazem diversos passeios juntos. Revela que Larissa é muito próxima da mãe, mas sempre que se sente em alguma situação de perigo chama pelo pai. Diz gostar muito de estar com ela e sempre pontuar o que é errado e o que é certo.

Neste momento do encontro, ele cita a expressão: *“Papel do pai”*; questiono sobre qual é o significado desta expressão para ele. Eduardo responde que: *“Sinto que é ser a referência para a criança, ela te procura para uma coisa que tá certo, que tá errado. Quando ela faz alguma coisa, ela já dá uma olhada; quando ela faz algo e sabe que é errado, ela já dá uma olhada para mim, já achando que eu vou dar uma dura. Com o dia-dia, eu vou corrigindo, vou ficando bravo. Quando ela faz alguma coisa errada, ela tem certeza que eu vou ficar bravo com ela. Eu não bato, mas olho feio, dou uma entortada na cara com ela. Quando ela faz uma coisa que é errado, mas que é da inocência dela que não sabe o que é certo e o que é errado, eu vou lá e converso com ela, digo que aquilo não é o certo. Por eu ser a referência, a criança já cresce com isso. Ele é o pai e é ele quem manda, ele sabe o que é certo, é ele quem vai falar o que é certo.”* Eduardo, inicialmente, passa a imagem de um pai que consegue dosar a autoridade com o afeto, fico bastante curioso para entender melhor como o seu papel paterno é vivenciado.

Pergunto se ele quer contar mais alguma coisa sobre sua experiência como pai. Ele diz que não, mas complementa afirmando que a maneira como vivencia a paternidade vai ao encontro das suas expectativas anteriores: *“Eu imaginava que teria uma filha para brincar. Eu gosto de ficar apertando ela, mas ela reclama, ela não gosta. Eu falo que para isso ela puxou para a mãe. Eu gosto de ficar pegando ela, apertando ela, e ela logo diz: “Vai pai, solta.”. Mas é isso, é muito bom!”.*

Explico que vou apresentar algumas imagens com figuras de animais e que gostaria que, diante delas, ele me contasse como foi e como é ser pai da Larissa em tais situações. Referente à primeira figura do CAT-A, ele diz que a imagem relaciona-se aos momentos de refeição. Lamenta não estar sempre presente nos dias de semana, mas afirma que nos finais de semana sempre faz a refeição junto com a filha.

Relata que sente muita dificuldade em relação à alimentação de Larissa. Conta que, em sua casa, todos os membros da família tem lugares certos na mesa, mas que Larissa sempre coloca sua cadeira, mais alta, entre ele e sua esposa. Lamenta que a filha é bastante enjoada para comer: *“Por exemplo, se tem frango com molho, ela fala que quer a carne mas não quer o molho, daí temos que tirar o molho, desfiar o frango. Isso está me preocupando, porque a Larissa não come comida, mas come muito doce, muita porcariada. Eu fico preocupado porque ela não come e sempre temos que prometer alguma coisa.”.* O pai revela uma “estratégia educacional” utiliza com sua filha e tem como base chantagem e recompensa. Parece contradizer o que apresenta inicialmente sobre ter controle sobre a filha.

Eduardo exemplifica a prática utilizada: *“Por exemplo, ela fazia bastante xixi na cama, daí agora falamos para ela que cada vez que ela não fizer xixi na cama, ela vai ganhar uma estrelinha. Daí quando você juntar dez estrelinhas, você vai ganhar um presente. Ela disse que queria uma “Barbie Sereia”, mas daí eu falei que quando ela fizesse xixi eu tiraria uma estrelinha. Ela ficou umas três noites sem, mas em uma noite ela fez. Só sei que nessa brincadeira ela completou dez estrelinhas e ganhou a boneca. Questiono se trata de uma estratégia, uma tática, ele diz que sim: “Porque tudo é difícil! Igual comida, você tem que ficar prometendo alguma coisa para ela, se ela chega querendo um doce, nós falamos que para isso ela precisa comer o frango, daí ela reclama: “Eu tô com fome, o frango me dá dor no estômago”. Para tudo ela tem uma desculpa! Daí eu falo que ela só pode comer o doce se na barriga tiver um pedaço de frango, porque ela não pode comer só o doce com a barriguinha vazia. Daí ela pega um ou dois, se falamos para ela comer cinco, daí ela chora. Daí ela pede: “Deixa dois, pai”. Daí ela come os dois na marra para poder comer o doce depois”.*

Pergunto sua opinião sobre a prática utilizada. Eduardo diz acreditar ser uma boa maneira pois: *“Se ela fizer sempre só o que ela quiser, ela que vai se prejudicar”*. Ela narra outras situações em que precisa prometer algo ou chantageá-la para que ela tenha o comportamento desejado: *“Por exemplo, ela não gosta de colocar cinto de segurança na cadeirinha dela, então a gente tem que falar: “Olha a polícia vai pegar!””, daí ela coloca. Tudo o que a gente fala, ela bate o pé, Ela é birrentinha, então, tudo o que você fala “não” para ela, você tem que ir com jeitinho. Natação, ela implicou com a professora e já não quer ir mais. Não conseguimos de forma alguma levá-la para a natação, então em tudo tem que dar um jeitinho”*.

Afirmo, delicadamente, que o casal parece ter dificuldade para fazer com que Larissa obedeça pelo caminho da verdade, mas sim, através de promessas. Eduardo justifica que se não fosse essa maneira de educá-la, ele teria que ficar bravo com a garota o tempo todo, mas que isso ele não quer.

Explica que a tática utilizada que funciona mais do que ficar bravo é a tática de: *“Fazer com que ela tire o foco daquilo e vai fazer com que ela faça o que eu quero”*. Neste momento, percebo a dificuldade que ele tem em lidar com os próprios sentimentos relacionados com a filha: ele parece não conseguir impor autoridade, pois isso lhe é dolorido, pareceu-me ser uma criança grande. Ele diz se sentir seguro com as “táticas” utilizadas, diz que elas a protegem do “perigo”.

Resumo sua fala, afirmo que ele entende que tais estratégias são meios que ele utiliza para proteger a criança e fazer com que ela faça o que ele quer. Assim, Larissa age não por obediência e por entender a situação real, mas por ter algo em jogo, que às vezes é uma recompensa. O pai concorda e prossegue afirmando que se ele abusar da autoridade (*“Coloque o cinto senão você vai levar um tapa!”*), ela também vai fazê-lo, então são duas maneiras que levam ao mesmo comportamento. Ele enfatiza que a prática que utiliza é fácil e *“Bem melhor que bater!”*.

O pai relata que a esposa é bem mais despreocupada que ele. *“Por exemplo, às vezes ela fala que se a Larissa não quer colocar o cinto, é melhor a deixarmos sem!”*. Ele se descreve como muito menos calmo, diz que por vezes fica nervoso e sente vontade de bater. Conta que já bateu na filha algumas poucas vezes. Pergunto como ele se sentiu e ele afirma: *“Bem mal, parece que quem apanhou foi eu, bate o maior arrependimento, daí eu pego ela no colo “Vem cá, o pai te bateu, o pai tava muito nervoso, desculpa, o pai não vai fazer mais”. Daí ela fica muito brava e fala “Sai daqui!”. Daí depois de um tempinho eu acho ela, a gente brinca, daí passou”*. Chama-me atenção a inconsistência de sua atitude e a maneira que a filha se refere a ele. Pergunto se ele quer dizer mais alguma coisa sobre a figura e ele

diz que não: *“Não, é isso mesmo, o foco aqui é o nosso almoço, e tem alguns dias na semana que eu como em casa”*.

Mostro a figura seguinte, de número 2, ele diz que a imagem representa a participação do pai na vida da filha: *“Acho que aqui é a participação do pai, o pai sempre presente, sempre junto, participando junto, tipo uma defesa, né? Sempre protegendo ele do outro, defendendo.”* Ele entende que quem está do outro lado da corda é um estranho: *“E do outro lado, uma outra pessoa, uma outra circunstância, uma outra situação. Mais no sentido de proteção mesmo”*. Disse que colocou a sua filha como prioridade absoluta em sua vida desde o momento do seu nascimento e que ele busca protegê-la a todo o momento: *“Ela tá brincando com o amiguinho e vejo que ela tá tendo desvantagem, eu já fico bravo, já vou lá e tirar de perto”*.

O pai parece tentar proteger a filha, tanto quando está em desvantagem diante dos amigos, quanto de comentários de seus familiares: *“Interfiro quando ela está apanhando muito, quando ela está brincando, por exemplo, com uma priminha e percebo que ela está apanhando muito, eu não deixo, vou lá e falo para ela sair. Tudo que é do lado ruim eu vou lá e protejo. Eu não aceito que nenhuma pessoa dê opinião, que fale que xingue. A avó mesmo, tem dia que avó fala: “Olha que você fez, eu vou te dar uma chinelada”. Eu não gosto disso! Mesmo que eu saiba que ela tá errada, a avó não tá errada, mas eu não gosto que tratem ela assim, isso eu não gosto. Em tudo eu quero defendê-la, em tudo, tudo! Eu posso até entender que ela tá errada, mas eu quero tirar ela daquela situação constrangedora. Não suporto o outro querer falar, querer bater nela.”*

Ele justifica a proteção devido ao prazer de estar com a filha, *“Agora aquele momento de brigar com ela, ficar bravo com ela, isso eu não gosto. Eu gosto muito dela, é muito prazeroso, você acorda para trabalhar pensando nela, às vezes eu tô trabalhando eu pego e ligo. Então é ela em tudo! Se estamos no shopping e ela vê uma boneca que gosta, eu quero comprar. Minha esposa fala “É, vai, fica comprando o que ela quer”, mas é muito prazeroso. É muito gostoso estar com ela, de sábado a gente acorda e já fica junto, a mãe dela vai para o instituto de beleza e ficamos juntos.”*

Quando mostro a terceira figura, ele responde, prontamente, que a imagem representa a maneira que a filha o vê, como alguém bravo e autoritário. Ele diz que sempre que ela faz alguma coisa errada ela olha para ele e já entende que ele não gostou: *“Essa parte [autoridade] ela saca na hora!”*. Complementa afirmando que o pai também representa proteção nas situações complicadas: *“Na hora de brincar, ela brinca, brinca, brinca, brinca, mas na hora que alguma coisa envolve perigo, ela me chama “Papai, vamos lá comigo”, por exemplo, para descer do toboagua”*.

Pergunto se ele entende seu exercício da paternidade de maneira condizente como acredita que a filha o vê. Ele responde ser “autoritário”, mas parece significar a “autoridade” não como deter o poder, mas sim como algo que se aproxima ao apego, confiança: *“Porque ela sempre vai procurar eu. Quando ela vai dormir, ela fica na minha cama até dormir, daí eu levo ela para cama. Antes nas férias, agora que voltaram as aulas não mais, porque ela fica cansadinha e dorme, mas antes nas férias ela demorava para dormir, daí a minha mulher falava “O homem do saco vai vir te pegar!”, daí ela pega pula em mim e me dá um abraço”*. O pai parece também entender que deve impor limites ao mundo e não à criança.

Na quarta figura, ele se inclui em um desenho em que a representação do adulto é de uma mulher. Diz que a imagem se refere ao papel de protetor que o pai tem para com o filho: *“É como eu te falei, aqui é uma mãe e um pai protegendo o filho. Ajudando ele a andar de bicicleta, levando a bolsa. Acho que é bem mesmo o papel do pai, o papel de protetor. É como eu te falei, a gente protege nossos filhos até. Às vezes falam que eu tenho que desligar, mas não adianta, depois que você tem um filho você não desliga, você vai ao mar e procura um mar que não tenha onda. Depois que você tem um filho, você sempre fica em alerta, procurando “cadê, onde tá?”. Dormir mesmo, antes eu dormia tranquilo, agora às vezes que ela dorme comigo, eu fico muito preocupado porque ela dorme no meio e eu tenho medo de rolar”*. Ele diz que divide os cuidados com sua esposa, sempre está atento e preocupado com a filha, que tal comportamento já é parte de sua rotina.

Apresento a última figura, ele descreve uma situação bastante concreta: *“Essa aqui parece aquela coisa que eu te falei, quando ela faz alguma coisa de errado, as pessoas ficam todas comentando e eu (ou a minha mulher) chamo ela do lado para falar que está errado”*. Conversamos um pouco sobre como a interferência de terceiros sobre o comportamento de sua filha o incomoda. Ele diz que a interferência ocorre com pouca frequência e que geralmente: *“Quem se mete”*, são os familiares. Ele diz não gostar que chamem a atenção de Larissa, mesmo quando ela está errada: *“Mesmo quando a pessoa está certa, porque ela geralmente está, afinal, não vão chamar a atenção da Larissa à toa, eu gosto que eles me chamem, ou chamem a minha esposa, e falem o que acontece. Não gosto que chamem a atenção diretamente, gosto que falem para nós e nós tomamos as providências”*. Afirma que quando ocorre algo errado, ele gosta de fazer como na figura, deixar as pessoas de lado e falar diretamente com ela.

Pergunto se ele quer me contar mais alguma coisa, ele diz que não. *“Eu gosto de falar, porque seu filho é seu orgulho, é tudo, então é muito bom”*. Afirma ter gostado de participar e se despede.

4.4.2 Síntese Eduardo

Eduardo se mostrou bastante disponível durante a entrevista, foi participativo e espontâneo. Iniciou declarando um encantamento diante da paternidade e que sempre teve o desejo de ser pai de uma menina por entender que elas são mais: “*dóceis e apegadas*” do que os meninos. Em um primeiro momento, apresenta-se como um pai ideal, como sendo capaz de dar afeto, proteção e limite para Larissa. Afirma ser uma referência para a filha e que ela o respeita facilmente: “*Basta um olhar*”.

Porém, já diante da primeira imagem, revela que a filha possui um grande poder e domínio sobre ele e sobre a sua família. Há dificuldade no exercício da autoridade e imposição de limites à criança. Diante disso, o pai faz uso de chantagem e recompensa para que a filha o obedeça, nem sempre com sucesso. Tais práticas são descritas com naturalidade, uma vez que entende que a atitude alternativa seria fazer uso da violência verbal e física o que ele não gostaria. Assim, demonstrou uma apropriação e satisfação diante de sua “estratégia educacional”.

A escolha é pelo caminho da chantagem e recompensa, logo, pelo distanciamento da clareza e verdade. Esta opção parece apontar para uma dificuldade do próprio pai em lidar com a sua frustração, distanciando-se de situações que podem colocar em risco o que entende como o exercício de sua função. O pai parece acreditar ser mais vantajoso usar de chantagem a correr o risco de ser odiado, mesmo que momentaneamente, pela filha ou frustrá-la. Essa conduta parece ser reflexo da dependência do afeto que ele tem pela menina.

A dificuldade de mostrar-se como uma figura de autoridade também pode ser percebida em sua fala diante da terceira imagem. Ele diz que a filha deve identificá-lo com a figura do Leão: alguém bravo e autoritário. No entanto, parece confundir autoridade com apego e confiança, como descrito em sua exemplificação de “autoridade” em que a filha o “agarra” quando sente medo de algo.

A imposição de limites, rigidez, enfim, o exercício da autoridade, parecem ser entendidos como um risco, uma possibilidade de perda do amor. Assim, ele entende que é preciso remeter a autoridade ao outro de maneira que não se acesse um caminho da verdade; busca-se o policial que pode puni-la por não colocar o cinto de segurança, o bicho-papão, etc.

Em alguns raros momentos em que o pai encontra uma maneira extrema de impor a autoridade, através das palmadas, sua ação mostra-se inconsistente devido ao enorme sentimento de culpa. Em suma, o pai apresenta incoerência na imposição de limites e

dificuldade de lidar com a frustração da filha. Assim, parece não tolerar limite nem para ele e nem para a garota; com isso, qualquer tentativa disciplinar é coibida.

Nesse sentido, o pai entende que sempre que Larissa está em desvantagem, ela deve ser protegida, independente de estar certa ou errada, como observado, principalmente, diante das imagens 2 e 8. Diante da segunda figura, o pai parece demonstrar que tem como adversário, no outro lado da corda, todos que afetam sua filha. Assim, é preciso protegê-la sempre. Na oitava imagem, retorna seu discurso sobre seu repúdio a qualquer interferência de terceiros em sua relação com a filha. Desta maneira, o pai não poupa a criança somente diante de possíveis frustrações em relação à vivência da díade, mas do conjunto social como um todo. Ela parece ser seu objeto narcísico e ele demonstra depender do amor dela. Assim, impede a todo custo que ela se frustre e ele também.

Outro aspecto relevante em sua fala foi a pouca menção que fez sobre a esposa e sua relação com a criança. Apesar de afirmar que a díade mãe-filha possui uma boa relação, praticamente excluiu a figura materna de sua fala e se incluiu na imagem 4, a qual não apresenta referência masculina. Assim, ele parece buscar isolar figura materna, como um desejo de que a mãe ocupe menos espaço na relação com a filha. Esta parece também satisfazer as vontades da filha, mesmo quando elas podem colocá-la em risco, como na passagem sobre o cinto de segurança.

Por fim, entende-se que há dificuldade no exercício da paternidade por Eduardo que parece projetar suas questões pessoais na garota. O pai muito se identifica com a filha, ou seja, também é incapaz de tolerar a frustração. Demonstra sentir que o principal perigo do mundo do qual precisa proteger a filha, é da frustração.

4.4.3 Narrativa Larissa

A secretária da escola pede para que meu encontro com Larissa ocorra em uma sala de aula vazia. Combinamos, ao final, que eu a acompanharia a participante até sua sala e ela me direcionaria. Entro no espaço onde vai ocorrer a entrevista, a professora está arrumando as mesas, seus alunos estão brincando no pátio. Trata-se de um local de livre acesso aos discentes e funcionários. Apesar das portas terem permanecido encostadas, fomos interrompidas quatro vezes durante a entrevista, sendo duas por alunos e outras duas por funcionários.

Larissa chega agitada e imponente. Ela tem quatro anos, parece ser bem vaidosa, mas não delicada. Estava com as unhas pintadas; achei-a engraçada. Apesar de tumultuado, nosso contato inicial foi bem agradável. Larissa fala alto, quase que gritando. Olha-me e diz saber qual é a minha proposta para o encontro; afirma que eu vou lhe mostrar algumas figuras. Respondo que sim e questiono sobre como ela soube. Ela diz que não me contará, afirma ninguém lhe falou e que ela descobriu sozinha.

Pergunto se ela gosta de animais, ela diz que sim, e complementa: *“Um dia eu fui colocar a mão em um leão, ele veio e nhac [barulho de mordida], mas ele nem me mordeu”*. Perguntei onde ela viu um leão, ela respondeu que na África: *“O trezinho da escola levou a gente para a África.”* Pergunto, então, se ela foi em uma excursão da escola que a levou até um zoológico e ela diz que sim. Percebo em sua fala uma mistura de fantasia e realidade, comum nesta idade.

Neste momento inicial, a professora ainda permanece na sala, mas muito distante de nós. Larissa grita para ela: *“Eu não sou mais “pequeninha”*, a professora responde que ela era sua “pequeninha”: conta que Larissa foi sua aluna e se retira da sala. Explico para a garota que estou lá para desenvolver uma *“Tarefa de casa”*, que preciso que ela me conte uma história sobre cada figura que eu vou lhe mostrar, qualquer história. Pergunto se ela gostaria de me ajudar e ela responde que sim.

Mostro a primeira figura; ela fala quase que gritando: *“Eu não tô entendendo nada!”*. Sorrio e explico novamente, digo que ela pode inventar a história que quiser. Por duas vezes ela diz de maneira bastante manhosa que não sabe e quer mostrar sua sala para mim. Percebo uma mudança quase que instantânea em sua postura. Neste momento, sua fala é baixa e doce, porém não a senti como verdadeira.

Digo que ela pode ficar tranquila que não tem certo e nem errado, que podemos inventar qualquer história de “era uma vez”, Ela começa a lamber a manga de sua blusa e a esfrega em seu rosto. Logo em seguida diz: *“É a história de uma galinha que está comendo.”* Pergunto o que mais está acontecendo na história e ela diz que não sabe e também se recusa a dar um título.

Mostro o segundo cartão. Ela diz, após alguma hesitação, que são dois ursos que estão bravos: *“um pegou uma corda e o outro tá puxando!”*. Ela afirma que os três personagens estão puxando a corda. Ela aponta para um personagem e diz ser um “homem”, e em seguida fala para o urso *“Não irrite a mulher urso!”*. Repito a história que ela me contou e pergunto se o que eu entendi está correto. Digo: *“Tem ursos puxando a corda, a mulher urso está brava e disse para o urso não irritá-la. É isso?”*, ela responde que sim. Ela acha no cartão do CAT-A

o formato da letra “I”, começa a dizer nomes de pessoas da sua sala que começam com “I”. Pergunto se ela quer me contar alguma coisa sobre eles e ela diz que não. Percebi que ela buscava me mostrar seus atributos intelectuais. Pergunto se ela gosta de *estórias*, ela diz não saber nenhuma. Indago se ela não conhece nem a da “Chapeuzinho Vermelho”. Ela responde que sabe somente a música, pergunto como é e ela diz que não quer cantar. Digo que sei a letra e começo a cantar a música; Ela me interrompe e diz, rispidamente, que eu comecei errado. Tento de outra maneira, mas ela diz que não está certo. Sorrio, e digo então que eu realmente não sei a música e rimos juntas. Pergunto se ela não quer dizer mais nada sobre a figura e ela diz que não.

Mostro a figura seguinte dizendo: “*Só quero ver o que você vai dizer sobre esta figura!*”. Ela diz prontamente: “*Leão!*” Afirma ser um leão que está sentado na cadeira. Questiono-a sobre mais informações e ela diz não saber e completa: “*Sou um bebezinho agora!*”. Digo que ela deve sentir vontade de ser um bebê de vez em quando, mas que ela é uma criança de 4 (faço com as mãos) anos. Ela passa então a conversar sobre seu aniversário, cujo tema será a “Moranguinho”. Conta que irá convidar somente mulheres, exceto um garoto de sua sala. Diz que a mãe dela não deixou convidar os meninos porque eles batem nela, só o que não bate é que vai ser convidado. Neste momento, uma pessoa passa próxima da sala que estávamos com alguns alunos menores; ela aponta para um me mostrando, mas a criança passa muito rapidamente e eu não a vejo. Prossegue afirmando que precisa ver o número de convites que tem para saber quem ela poderá convidar. Digo que isso é importante. Neste momento, percebo que ela revela algo muito íntimo que possui, mas que não pode compartilhar com todos, inclusive comigo, assim como ocorre no encontro. Mostro novamente a imagem do Leão e ela diz não saber: “*Mais nada!*”.

Diante da quarta figura do CAT-A, ela afirma que é um burro arrumando o chapéu. Não entendo sua fala, repito “costurando”, ela me fala bastante enfática: “*Não, é arrumando*”. Conta que eles estão indo para a floresta procurar um lobo e que quando acharem o lobo o matarão; o lobo será comido por eles que ficarão felizes. A resposta parece ter sido influenciada pelo meu comentário anterior sobre Chapeuzinho Vermelho. Pergunto novamente sobre o nome da *estória* e ela diz não saber: “*Fala você!*”. Digo que estou lá para ouvi-la. Ela diz, com um tom autoritário, que depois que terminarmos ela vai me levar até a sua sala para que eu conheça. Digo que poderemos ir, assim que acabarmos nossa tarefa. Ela passa a ficar mais agitada e imperativa.

Mostro a última figura, ela diz “*Macaco! Que esquisito!*”, Ela aponta para alguns e diz que estão cochichando, e o que conversa com a criança está dormindo. Não sabe também

qual título dar. Neste momento, entra um garoto na sala, ela passa a provocá-lo chamando-o de “pequeninho”, Chega bem próxima dele e mostra ser mais alta; o garoto responde que ele é o mais alto, que ele tem 03 anos e ela diz que acabou de fazer 04. Ele sai da sala.

Volto nas primeiras figuras na tentativa de que ela complemente as histórias contadas inicialmente. Ela diz na primeira figura que as galinhas estão comendo areia, que já comeu e tem gosto de farofa, que elas estão tomando café da manhã, e que ela não gosta de café. Pergunto sobre o que ela gosta de comer e ela entra embaixo da mesa, diz ter visto um elástico e que vai estourar. Responde que gosta de pão, de pão puro. Diz ansiosa e autoritária: “*Agora chega, vamos lá que eu vou te mostrar minha sala*”. Digo de maneira doce que ela está muito brava e que eu gostaria de conversar um pouco mais com ela. Neste momento, impressionei-me com o tom utilizado pela participante.

Apresento a segunda imagem e ela diz: “*Eu já falei que ele tá puxando a corda já, porque eles estão brigando e o pequeno está ajudando*”. Mostro a “figura 3”, pergunto por que ele está sentado na cadeira, ela responde que ele está pensando e aponta para a “bengala” do leão e diz: “guarda-chuva”, diz ser um “jota”. Pergunto o que o leão está pensando, ela diz não saber, coloca a mão na cabeça e bate na mesa. Afirmo que ela está muito brava. Ela responde “*Tô mesmo, vamos logo*”. Digo que podemos ir, pois terminamos, mas que eu preciso arrumar as minhas coisas antes.

Enquanto arrumo as minhas coisas continuamos a conversar. Pergunto o que ela estava fazendo antes de me encontrar e ela diz que estava escovando os dentes com a sua escova da Barbie. Ela mostra as suas unhas; elogio a cor e ela diz que é a cor que a Barbie ama, que suas amigas acham que é roxo, mas que não é. Conta que vai passar outra cor. Neste momento ela se encontrava de pé próxima à porta. Comento sua posição com um tom de brincadeira e ela diz que está lá porque senão a porta ficaria abrindo e fechando. Diz preferir da porta fechada, pois não gosta de barulho. Pergunto se ela quer me contar mais alguma coisa e ela diz para irmos logo embora.

Ao término das imagens ela já se levantou, não teve muita paciência para esperar. Exclama: “Vamos, vamos!”. Olhei para ela com um sorriso e disse: “*Sim, senhora!*”. Levantei-me e ela afirmou querer ir ao banheiro. No caminho até o banheiro ela anda na minha frente e não pega na minha mão. Chega no banheiro e diz para que eu espere na parte de fora. Afirma imperativa: “*Espere aí fora e não deixe ninguém entrar*”. Ela sai do banheiro e nota que havia uma garota esperando para entrar, ela olha para a menina e diz de maneira autoritária: “Agora você já pode entrar!”. Olha para mim e diz para irmos até sua sala. Sigo-a, ela abre a porta de uma sala e diz gritando: “*Gente essa é a Andressa, ela me mostrou*

figuras”. Olho envergonhada para a professora e percebo que aquela não era a sala de Larissa. Peço desculpas por interromper e a professora diz para os alunos me saudarem. Neste momento fico bastante envergonhada. Por fim, peço licença para a professora e entramos na sala correta, Larissa tumultua, grita para os amigos, que estavam concentrados em uma tarefa, que viu um leão sentado na cadeira: “*Super legal*”. Questiona: “*Tia, dá para colocar um leão na cadeira?*”, a professora diz que se ele for bom, dá sim.

Vou até a recepção e espero até a chegada da secretária que acumula o cargo de monitora de alunos e está sempre rodeada de crianças. Peço desculpas para ela por ter entrado na sala errada. Ela diz que não tem problema que: “*Larissa é meio doida mesmo*”.

4.4.4 Síntese Larissa

Larissa se mostrou como uma criança bastante exigente e autoritária. Já no início da entrevista busca demarcar domínio sobre a pesquisadora, afirmando ter conhecimento sobre o que irá ocorrer. Ela parece não se interessar pela tarefa proposta de contar *estórias* sobre as figuras do CAT-A.

O desinteresse parece se relacionar com uma característica marcante durante toda sessão: a onipotência. A garota parece querer agir somente de acordo com a sua vontade. Em diversos momentos deixa marcas de sua onipotência, por exemplo, ao afirmar que colocou a mão no leão e não foi mordida, o lobo foi morto na atividade de caça na quarta estória. Esta necessidade de domínio parece se relacionar com uma grande intolerância à frustração, também presente em várias passagens do encontro. Ela se irrita com a pesquisadora diante da impossibilidade de ir até a sua sala no momento que gostaria, mostrando inflexibilidade quando seus desejos não são prontamente atendidos.

Além disso, diante da segunda imagem, ela afirma que o urso não deve irritar a urso. Esta passagem, além das marcas da onipotência e intolerância à frustração, possibilita que se levante a hipótese de que há uma identificação dela com a urso e não com o “urso criança”. Afinal, em vários momentos da entrevista ela busca mostrar-se adulta, tanto através de sua vaidade, quanto nos diversos momentos em que afirma não ser “*pequeninha*”. Ressalta-se que a figura masculina é desvalorizada.

Contudo, apesar da tentativa de mostrar-se como adulta, diante da imagem do Leão da figura 3, afirma ser um “*bebê*”, como se não soubesse qual é o seu real tamanho. Não conta

estória e passa a falar de uma maneira manhosa, calma e com um tom de voz mais baixo, dando impressão de uma não autenticidade. Assim, apesar de desprezar a figura de autoridade, mostra-se como alguém frágil, a quem nada deve ser imposto e/ou exigido. O mesmo aconteceu no início do encontro, momento em que alterna um tom de voz alto e impotente, por uma fala baixa e doce na tentativa de não fazer a tarefa proposta pela pesquisadora. Assim, aparenta estar inserida em um ambiente onde é preciso usar da sedução para conseguir o que deseja. Afinal, conforme relatado diante da última imagem, a criança não demonstra ter um espaço, um lugar diante do outro: filhote conversa com o macaco que está dormindo, assim, não é possível ser entendida. Tal fato não se limita ao ambiente familiar, as amigas também não reconhecem a cor de seu esmalte.

Em outro momento da entrevista, em que ela parece sentir-se insegura diante de uma exigência externa, ela manipula sua blusa com a boca, parece ter ocorrido uma regressão diante de uma situação entendida como difícil.

O cartão que mais mobilizou Larissa foi o terceiro. Logo após responder que a figura remete a um leão sentado, ela inicia uma fala pessoal. Afirma que é um bebê e prossegue discorrendo sobre sua festa de aniversário, conta que os meninos de sua sala não serão convidados porque sua mãe não quer a presença deles, pois eles batem nela. Larissa mostra, então, que seu comportamento provocativo, está fazendo com que o outro reaja a ela, o ambiente vem em resposta a sua falta de delimitações. Ela grita, ofende e desafia os amigos, como ocorreu durante o encontro. Sua mãe, no entanto, parece tentar excluir todos os elementos que reagem ao comportamento da filha, buscando protegê-la e isolá-la de uma frustração provocada pelo outro. Quando a pesquisadora a questiona novamente sobre a figura do leão, ela se mostra extremamente irritada e chega a bater na mesa. Distancia-se da figura de autoridade.

Larissa se comporta de uma maneira invasiva ao entrar em duas salas de aula aos gritos e parece ser percebida e mal vista por alguns funcionários da escola. Ela parece não saber seu tamanho, ora é autoritária e hostil como um adulto, ora, apresenta-se como um bebê. Em diversos momentos houve um desmerecimento diante da tarefa proposta pela pesquisadora. No entanto, a atividade foi valorizada no momento em que entrou em sua sala de aula para mostrar para os amigos. Assim é preciso valorizar o que possui e desqualificar o outro, como no momento em que a pesquisadora iniciou uma música.

4.4.5 Síntese Díade Nuclear II

Apesar de Eduardo afirmar que a sua preferência por crianças do sexo feminino se dá por entender que meninas são mais dóceis e apegadas, sua filha, Larissa, distancia-se de tais características. Apresenta-se de maneira autoritária e exigente. A descrição inicial que o pai faz sobre a maneira que exerce a paternidade, sendo capaz de articular o oferecimento de afeto, proteção e limites, mostra-se inconsistente ao longo da descrição de sua experiência real, abrindo espaço para um exercício da paternidade confuso e inconsistente.

Eduardo apresenta dificuldade para impor limites e frustrar a criança. Em contrapartida, a garota exerce um grande domínio sobre seu pai. Durante o encontro de Larissa com a pesquisadora, ela demonstrou ser onipotente e intolerante à frustração, querer agir somente de acordo com suas vontades e ter seus desejos prontamente atendidos.

O comportamento de Larissa reflete a dificuldade de Eduardo no exercício de sua função. O pai opta por um caminho por ele entendido como mais fácil: uso da chantagem e recompensa; o que o distancia a díade de uma relação autêntica e clara. A criança se mostrou adaptada a tais práticas. Assim, em alguns momentos do encontro alterou seu tom de voz e postura na busca de que a pesquisadora realizasse sua vontade. Afastando-se do gesto espontâneo e assinalando uma fragilidade e necessidade de domínio, de lidar com o conhecido.

Winnicott (1945/2000) afirma que no período após o nascimento a mãe busca adaptar-se totalmente às necessidades do bebê. Assim, possibilita que ele entre em um “estado de ilusão” e acredite ter controle; a onipotência torna-se, portanto, um fato da experiência. Após possibilitar que o bebê experimente a onipotência, é preciso que se inicie o processo de desilusão. As falhas devem ocorrer de maneira gradual, limitada, para permitir que ocorra o processo de desilusão (Dias, 2006). A tarefa de desiludir é anterior à do desmame e deve prosseguir deixando de ser uma tarefa essencialmente materna, mas que se abre para o pai, familiares e professores (Winnicott, 1945/2000). Assim, o processo de desilusão de Larissa parece estar sendo desenvolvido com dificuldades, haja vista seu comportamento onipotente, como se houvesse resquícios ainda muito presentes do processo de ilusão. Afinal, os pais buscam poupá-la de frustrações e ela exerce domínio sobre o ambiente externo.

Nesse sentido, segundo Araújo (2003), experienciar a onipotência durante o período inicial de vida, é de significativa importância, pois distancia a criança de um sentimento de descontrole relacionado ao processo de desintegração, proporcionando o início da sensação de

“ser”. Assim, Larissa ainda busca o sentimento de existência através de sua onipotência e domínio sobre o outro, maneira que consegue se perceber e ser percebida. Afinal, Eduardo parece não apreender a filha de uma maneira clara e real. Ela demonstra, através da última imagem, sentir dificuldade para ser ouvida e realmente percebida. O macaco dorme, está com os olhos fechados, enquanto o filhote se manifesta. Assim, Larissa parece entender que sua autenticidade não tem lugar diante do outro, é preciso também seduzir e chantagear para conseguir o que deseja. No entanto, suas conquistas, por não serem autênticas, não são capazes de satisfazê-la. A criança aparenta sentir que possui pouco. Diante disso, é preciso desvalorizar o outro, como fez com a pesquisadora e os colegas da escola.

Aliás, o ambiente social, tal como a escola, parece responder ao comportamento de Larissa. Ela apresenta conflitos e uma imagem negativa diante de adultos. Os colegas a enfrentam, ela não consegue exercer um pleno domínio, podendo, assim, sentir-se frustrada. Nesse sentido, o pai parece entender o ambiente social como inimigo, quem está do outro lado da corda (imagem dois) e é capaz de prejudicar o exercício de sua função, uma vez que pode agir na direção diferente daquela que ele acredita como correta, a que não frustra. Também dá pouco espaço para a figura materna.

Assim, o pai parece não se apresentar como figura facilitadora no processo de desenvolvimento emocional de Larissa. Segundo Winnicott (1990/1958), no período de desenvolvimento inicial, a criança não possui seus impulsos integrados. Inicialmente, o impulso agressivo é expresso através da motilidade e possibilita o contato com o meio externo, a resposta deste diante do gesto infantil é capaz de, aos poucos, possibilitar a percepção de que ela não é capaz de controlar tudo que está a sua volta. Assim, o gesto agressivo facilita a percepção do “não eu”. Neste momento, é importante a existência da figura paterna, ou outra representativa, para conseguir delimitar a agressividade infantil, passar segurança de que a criança pode experimentar seus impulso sem conseqüências avassaladoras.

Fulgencio (2007), descreve características importantes a serem atribuídas ao pai, tais como: percepção: força, consistência, determinação, estas não parecem ser percebidas por Larissa como atributos de seu pai. Ao contrário, ela chega a desvalorizar e dominar o masculino: *“Não irrite a mulher urso!”*. Assim, pode haver dificuldade para experimentar seus impulsos e, em conseqüência, em possuir importantes aquisições tais como: sentimento de culpa, compadecimento e preocupação. O pai parece depender do afeto da filha, assim, deixa-se ser dominado. Seu gesto, na maioria das vezes, não é firme e consistente. Ele não se

compromete, quando o faz, em momentos extremos como quando a agride, mostra-se ambivalente. Nesse sentido, Larissa não desfruta de um ambiente seguro.

A maneira que percebe seu pai dificulta que a garota internalize referências capazes de a delimitarem, o que mais compromete que favorece a formação de sua personalidade. Afinal, ao impor autoridade a criança tem a possibilidade de discriminar o que é desejo seu e o que é desejo do outro, ao contrário, quando se manipula, como no caso apresentado, perde-se a possibilidade de discriminar se o desejo é pessoal ou do outro.

Nesse sentido, há pouca delimitação e consistência no exercício da paternidade. O comportamento da participante que se apresenta por vezes como o de um adulto e, em outros momentos, como de uma criança, relaciona-se com as diferentes posições que o pai a coloca. O participante por vezes facilita que a filha comporte-se como um adulto; ele valoriza e negocia, mesmo que através da chantagem, a maioria das vontades da filha, isso faz com que ela sinta ter poder, domínio e sustenta sua onipotência e força. Por outro lado, tende a proteger a garota das interferências do mundo externo, colocando-a em uma posição de fragilidade, como um bebê. Assim, deixa a menina desprotegida diante das reações do mundo externo, afinal, distancia-a da frustração e da falta, dificultando que ela enfrente e supere suas dificuldades e desenvolva tolerância. Deste modo, limita sua capacidade simbólica, de ilusão e o desenvolvimento de seu Ego. Além disso, com essa exclusão, as relações não se desenvolvem e não há lugar para o perdão e a reparação.

Desta maneira, os encontros realizados com pai e filha, mostraram-se complementares. As dificuldades de Eduardo são facilmente notadas em Larissa. A falta de domínio e autoridade do pai sustenta a voracidade e a onipotência da filha, o que, como já ressaltado, parece não estar sendo um facilitador no processo de desenvolvimento emocional da menina.

4.5 Família Monoparental Paterna I

4.5.1 Narrativa Oscar

A coordenadora do colégio conversou com Oscar, que aceitou participar da pesquisa e autorizou que ela me encaminhasse o número de seu telefone. Liguei para ele por volta das 18h e ele pediu, de maneira concisa, para que eu retornasse no mesmo dia após as 20h30;

assim o fiz. No contato telefônico ele reafirmou sua disponibilidade para participar da pesquisa, porém, demonstrou dificuldade para marcar a data, dizendo ter uma agenda bastante tumultuada. Marcamos nosso encontro para uma sexta-feira, quinze dias após o contato telefônico, às 18h30, na escola. Ele pediu para que eu ligasse no dia anterior ao combinado para lembrá-lo. Ele parecia pouco receptivo em nosso contato via telefone.

Oscar comparece sem atraso. Apresento-me e agradeço sua participação. Ele é um homem de 43 anos, eletricitário, possui uma grande estatura e um semblante de serenidade. Peço para que ele leia o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, ele assim o faz e o assina. Antes de iniciarmos ele pergunta sobre como seria a devolutiva e demonstra interesse por ela. A entrevista inicia com um tom de formalidade cadenciado por ele.

Convido Oscar para que me conte como foi e como é sua experiência como pai de Olívia (7 anos). Ele afirma que *“é gostoso”*, mas já assinala que não se trata de uma relação perfeita: *“mas tem hora que é complicado, ela é geniosa, um pouco teimosa. Quando ela bate o pé fica um pouco difícil, tem que esperar dar uma acalmada, esperar passar um pouco para depois resolver.”*. Afirma que geralmente tem a postura citada, mas em alguns momentos perde a paciência. Passa a descrever sua filha: *“Mas ela é uma menina bastante dada, bastante extrovertida, se ela conhece uma pessoa, se ela gostar ela vai, senta no colo, conversa. Ela é esperta. Tenho também um filho mais novo, ele é um pouco teimoso também, mas ele é mais sentimental que ela, mas é tão teimoso quanto.”*. Neste início de entrevista ele alterna características positivas e negativas de seus filhos.

Oscar fala sobre sua experiência de ser pai com a ausência da mãe. A coordenadora da escola já havia me informado de que se tratava de um pai viúvo, mas não forneceu mais nenhum dado. Ele conta que a esposa faleceu há 1 ano e 9 meses. Diz que passou a ter uma rotina *“complicada”*, apesar de contar com a ajuda de sua mãe. Sua fala não é carregada de emoção, mas sim de um pesar e de uma aparente conformidade; seu tom de voz continua o mesmo. Passa a descrever a rotina de Olívia após o óbito da esposa: *“É complicado, quem me ajuda é minha mãe. De manhã eu os levo para a escola, minha mãe vai buscá-los na hora do almoço, daí eles vão na casa dela, almoçam, fazem lição. Eu saio do trabalho e vou buscar eles lá. Quando estou trabalhando eles ficam na minha mãe. Às vezes minha mãe não consegue fazer com que eles obedeçam, de vez em quando tem um pouco de atrito. Os meus dois filhos não gostam muito de andar na linha.”*. Oscar me dá a impressão de ser uma pessoa bastante correta e autoritária, tanto pelo seu discurso quanto pela sua postura diante de mim, indicando que as crianças podem estar submetidas a um alto nível de exigência.

Sua fala seguinte parece ir ao encontro de minha hipótese. Ele afirma que ocorreram muitas mudanças após o falecimento de sua esposa: *“Mudou porque era assim, ela permitia mais as coisas, com ela eles ficavam mais à vontade. Eu deixava ela lidar mais com as crianças mais do que eu, ela tinha mais contato com eles, eu participava quando precisava. Agora eu tive que fazer o papel dela, a adaptação foi complicada.”*

Peço para que ele me explique mais sobre como ele entende o papel materno que afirmou ter assumido. Ele diz: *“Eu assumi o papel dela (mãe) só que mais rígido. Eles tiveram que buscar em mim um pouco dela. Eu dou a ordem, tem que fazer, eu sou desse jeito. Ela era mais sensível, eu não sou. Para mim tem que ser assim e isso, isso, isso.”* Ele declara possuir um nível de exigência superior ao da esposa, assim, as características que ele entende como sendo atribuídas ao papel materno parecem ter pouco espaço em sua relação com as crianças.

Na sequência, sua fala segue uma nova direção. Diz que para que eu entenda como foi o seu período de adaptação após o falecimento, é importante que eu saiba que há um conflito entre ele e a família da esposa, mas não revela o motivo: *“É porque eles... (respira fundo). Deixe eu te explicar uma coisa, eu e a minha sogra não nos damos muito bem, é uma situação um pouco mais complicada, porque eles tinham algumas coisas que ficaram escondidas de mim até a morte dela e começaram a aparecer depois da morte”*. Neste momento, seu tom de voz se altera, parece se tratar de um assunto delicado em sua vida.

Devido ao problema familiar, o pai entendeu como necessário impedir a visita da avó materna: *“Eu quis cortar a visita da avó e eu pedi para o juiz, pois é algo que influenciaria as crianças, queria que desse um tempo para depois voltar. Ficou uns quatro, cinco meses meio complicado. Hoje tem uma visita obrigatória que eles têm que fazer para ela, de terça e quinta, umas duas horas e pouco; e final de semana sim, final de semana não, eles ficam com ela, tanto que eu acabei de deixar eles lá.”*. Afirma que apesar de ter sido uma decisão judicial, foi ele quem optou para que a divisão dos dias ocorresse da maneira citada. Oscar se mostra bastante indignado com o sistema judiciário, pois acredita que o pai é desfavorecido: *“A família da minha esposa tem mais direito até que eu. Até discuti com a advogada. Infelizmente, a lei da voz de causa para a avó e não para o pai. Como eu trabalho e tenho que sustentar a casa, até concordo que as crianças fiquem um pouco com a avó, mas é uma lei ridícula e retrógrada.”*

Oscar afirma que apesar de tolerar a avó materna de seus filhos, ainda tem constantes atritos com ela, principalmente por ela não ser clara sobre o que ocorre durante o período em que fica junto com as crianças. Ele diz: *“Essa semana teve atrito, porque o meu menino é um*

pouco safado, então ele oculta certas coisas, tem coisas que ele não me conta. E a minha menina tá indo mais o menos nesse lado. Então acontecem algumas coisas na casa da minha sogra e eles não me contam, eu tenho que descobrir. Ela faz algumas coisas escondidas e orienta eles para não me contarem. Então tem coisas que eu nem fico sabendo. Teve um dia que eu quase fui lá para a advogada cortar as visitas. Agora eu tô jogando a responsabilidade para ela, falo para ela ajudar nas lições, porque ela quer participar, mas quer participar só na parte boa.”

Questiono sobre quais acontecimentos ela esconde. Ele afirma que ela não lhe conta quando faz passeios com as crianças, contrariando sua ordem: *“Eu falo para ela que se ela for fazer algum passeio ela tem que pedir autorização para mim porque “o pai deles sou eu, a senhora é a avó deles, somente a avó, ponha-se no seu lugar!”, dessa forma que eu falo com ela. Então, outro dia soube que ela foi em uma cidade vizinha sem me falar, aí vão aumentando os atritos e eu quis cortar isso aí. Agora eu acho que não tá acontecendo nada, minha filha de vez em quando vem e conta o que aconteceu, meu filho já não. Eles gostam da avó”*.

Oscar revela, espontaneamente, na sequência de sua fala, a origem do conflito familiar. Ele diz que um dos irmãos da sua esposa é golpista, dava golpes em mulheres: *“Arruma muita encrenca”*, muitas pessoas foram até a casa de sua sogra atrás de dinheiro perdido. Diz que a origem do problema se deu quando seu sogro, já falecido e de quem Oscar muito gostava, pediu para que ele o levasse até onde o filho morava para *“Tirar a história a limpo”*, Oscar o levou e acabou sendo *“o ruim da história”*. Então, desde que soube dos golpes ele se afastou da família da esposa. Somente ela participava deste convívio.

Oscar atribui, claramente, à família de sua esposa a causa da doença que a levou a óbito. Conta que em decorrência dos problemas com o irmão ela apresentou, por quatro anos, um quadro depressivo em que foi necessário o uso de *“medicamentos fortes”*. Oscar acredita que os remédios utilizados para o tratamento da depressão dificultaram o diagnóstico da doença que levou a sua morte: *“Os remédios acabaram escondendo a doença dela. Ela tinha tumor na cabeça, quando descobriu, deu quarenta dias e ela faleceu. O médico dela disse que ou o câncer se desenvolveu rápido ou ela estava (doente) fazia algum tempo e não sabia. Perdi o fio da meada, o que eu estava falando? Bom, eu acho que por tantos remédios que ela tomava, acabou escondendo a doença dela.”*. Ao contrário do que percebi no início da entrevista, o falecimento da esposa parece ser revivido com uma grande carga emocional.

Ele conta que nenhum de seus filhos quis ir ao enterro da mãe e que não foi tarefa simples levá-los ao cemitério. Afirma que ao contrário de seu irmão, Olívia não sofreu com a

falta da mãe e pouco fala/falou sobre o assunto. Tal atitude o preocupou inicialmente; assim, ele resolveu perguntar a opinião de um profissional psicólogo. Conta que a procura pelo profissional se deu em função do comportamento de seu filho diante do falecimento. Ele diz: *“Levei meu filho no psicólogo, teve umas três, quatro sessões, eu não lembro como ele chama. E aí falei sobre Olívia, sua não manifestação. Ele me explicou que ela estava tendo aquela reação pois é como se tivesse desligado ela, ele usou um termo. O psicólogo disse que foi o fim de uma história e acabou. Ela sente falta da mãe mas não demonstra da mesma maneira que o menino sente. Explicou que até os sete anos, não lembro direitinho como ele explicou, mas ele disse que até os sete anos de idade é como se fosse um gibi, como se a vida fosse um gibi e chegou no fim e acabou.”*. Pergunto se a explicação do psicólogo fez sentido para Oscar que respondeu positivamente e silenciou.

Segundos depois, questiono se ele gostaria de comentar mais alguma coisa sobre sua filha e ele volta a falar sobre a sua falecida esposa e sua família. Ele afirma: *“Ela gosta de animais, minha esposa tinha trinta cachorros, vinte gatos. Em casa a gente ainda tem. Daí no ambiente que a minha mulher cuidava, a minha sogra passou a assumir, eu não quero. Era uma das brigas que eu tinha com a minha esposa, porque ela pegava todos os bichos que apareciam, daí, às vezes, a gente deixava de dar alguma coisa a mais para as crianças, e não era só ela, todo mundo que pegava, levava lá e eu era quem tinha que bancar. A gente vivia bem, mas tinha os momentos ruins!”*. Ele silencia. Questiono se ele quer fazer mais algum comentário, ele diz que não.

Neste momento, passo a utilizar o CAT-A como intermediador de nossa comunicação. Digo que vou lhe mostrar algumas figuras e que as olhando, gostaria que me dissesse como foi e como é ser pai de Olívia em tais situações.

Mostro a primeira figura e sua reação inicial é afirmar que há uma galinha e um pintinho e rir muito. Parece-me uma atitude nervosa, embora ele demonstre estar mais à vontade em nosso encontro que no início. Em seguida, afirma: *“É mais ou menos a minha esposa com os dois moleques embaixo da asa, um pouco, eu um pouco mais afastado. Era ela quem andava com eles para cima e para baixo, e eu um pouco mais distante.”*. Assinalo que sua fala remete ao passado, ao *“como foi”*, pergunto como é agora. Entendi que ele estava com o foco voltado para o passado durante toda nossa conversa e busquei estimulá-lo a falar também sobre o presente. Ele responde: *“É, hoje em dia a gente tenta fazer isso aí, não em casa, às vezes eu venho até a minha mãe, não gosto de ficar em casa, eu me sinto muito sozinho; ou vamos para o rancho do padrinho da minha filha. A madrinha gosta muito dela, daí dá para a gente ter esses momentos.”*

Oscar conta que os momentos que sai de casa com sua filha são bons e passa a falar sobre a relação de Olívia com sua madrinha; trata-se de um relacionamento de muita proximidade e carinho: *“Você vê que ela tem um sentimento para a madrinha como se fosse a mãe. Eu acho muito bom para ela”*. Não relata, porém, os seus momentos com a filha.

Mostro a segunda figura. Ele novamente inicia remetendo às situações de quando sua esposa era viva. Oscar diz: *“Esses são alguns momentos maus, nossas brigas. Eles estão do lado dela, da mãe. Eles sempre ficavam do lado da mãe e não tinha como não ser. O contato com ela era muito maior do que comigo. Nessa época aqui, eu trabalho em uma empresa e eu trabalhava em uma função que nem final de semana era respeitado, então eu era um pouco ausente, não tinha hora, tinha que ficar até resolver o problema, ou então chegar em casa, estar começando a dormir e ter que voltar. E em algum momento acontecia briga.”*. O pai conta que todos reclamavam muito de sua ausência e que, antes mesmo de sua esposa falecer, mudou de área e passou a ter um horário de trabalho fixo.

Oscar afirma, literalmente, que muitas vezes se via como *“o urso sozinho”* e assinala que ocorria uma divergência entre as práticas educativas que ele acreditava serem corretas com as da esposa. Tal conflito era geralmente estimulado pelo filho mais novo, que segundo o entrevistado: *“Gosta de aprontar, é muito sapeca!”*. A esposa tendia a defender o garoto mesmo quando ele estava errado, Oscar, por sua vez, acredita que: *“As coisas tem que ser corrigidas, para mim o que é certo é certo e o que é errado é errado. Daí sempre tinha conflito. Eu vejo isso nesta figura!”*.

Apresento-lhe a terceira figura, ele a olha e imediatamente questiona: *“Tem um ratinho aqui ou não?”*. Digo que não tem resposta certa e nem errada. Oscar afirma: *“O leão é um avô, o pai da minha esposa que é um pouco solitário. O atrito que eu tinha era com a mãe dela, a mãe dela também tinha muita coisa que escondia do meu sogro. Um dos motivos de ter feito o que eu fiz, foi porque ela escondia muita coisa errada que os dois filhos dela faziam. Às vezes eu sentia que ele ficava muito sozinho, ele vinha conversar muito comigo, triste. Acho que não se relaciona muito com a Olívia a figura, ela tinha três anos quando ele morreu. Ele gostava dela, era afilhadinha dele também, mas como ela era muito pequena eu não consigo relacionar essa foto com ela.”*.

Como ele não tinha discorrido diretamente sobre sua experiência de ser pai, pergunto se ele tem algo a mais a falar sobre sua relação com Olívia naquela situação. Ele diz: *“Tá com rostinho triste aqui e ela não me faz ficar triste. Ela tá fazendo algumas travessuras recentes agora, repetindo o que o irmão faz, mas ela triste eu não vejo. Ela é muito amorosa e às vezes ela é muito pegajosa, ela vem no colo e não quer um beijo ela quer um monte. Às vezes eu*

estou fazendo algo e ela quer vir no colo e eu preciso falar ‘agora não!’”. Pergunto como ele se sente diante de tamanha expressão de afeto, afirma: *“Eu não vejo só comigo, ela é assim com todo mundo. Agora eu não sei se ela é assim porque eu não tenho muito tempo e é uma necessidade dela, daí ela vai com outras pessoas. Mas às vezes eu gosto, às vezes não. Tem hora que eu tô fazendo algo mais sério e não posso dar (atenção), mas ela percebe e vai fazer outra coisa. Mas ela não fica, tipo assim, magoada, às vezes eu tenho que falar alguma coisa. Desde que a mãe morreu, a atitude dela é assim, sempre foi. Antes devia ser assim, mas como eu não ficava muito com ela, eu não devia notar, mas é assim, a verdade é essa. Mas daí ela sai, vai ler um gibi dela, ela adora gibi.”*

Neste momento da entrevista noto uma dificuldade de Oscar sobre qual é seu papel diante de sua filha. Pergunto como ele entende que Olívia o vê, tentando elucidar melhor o que ele acredita representar para ela. Ele diz: *“Ela deve achar que eu sou um pouco bravo, não sei se isso é momentaneamente, porque ela gosta muito de fazer bilhetinho, desenho. Ela desenhava antes a mãe, o irmão e ela, às vezes colocava eu e os bichos no desenho. Tinha sempre a figura dela com alguém, comigo era pouco. Mas agora é o contrário, ela coloca sempre eu, mas não sei o motivo, não cheguei a perguntar para ela, não perguntei.”*

Apesar de Oscar entender que a imagem que a filha tem dele é de autoridade, ela apresenta uma resposta afetiva a todo momento. Questiono-o se/como ele consegue atender as duas demandas, ele responde que era mais rígido e que continua sendo, mas que agora percebe que a filha tem a necessidade de sua presença e que isso mudou. Afirma sentir-se, por vezes, falho diante da demanda afetiva, confunde o “afeto” com “estar perto”. Ele diz: *“Eu me sinto às vezes falho, achar que não consigo ficar o tempo necessário, porque eu tenho muita coisa para fazer. Acordo cinco e meia na maior correria, tenho os afazeres da casa, os bichos para cuidar, aí eu acordo eles e levo para a escola. Quando eu saio do trabalho também é correria, eles tão meio enrolados, não tão tomados banho, não jantaram, eles jantam na minha mãe. Eu não cozinho em casa, só muito raramente, mas meia noite é pouco para eu conseguir dormir. Então, às vezes eu tenho que esperar eles na minha mãe, daí eu fico bravo, aí eu chego em casa tem que lavar quintal, cachorrada. Isso faz com que eu não tenha muito tempo para eles. Se eu der embora os animais, daí eles vão ficar bravos comigo, porque os animais são deles não meus. Eles também já estão velhos e eu também me sentiria mal. Então eu não consigo ficar muito com eles. A hora que eu teria para ficar, eles já estão dormindo. Eu tenho que colocar eles na cama cedo, mas às vezes eles querem assistir TV, daí eu vou lá e desligo a TV, eles esperam e a ligam novamente, daí eu arranco o cartão da TV a cabo e*

falo que eles vão dormir. Eles são bem espertos.”. Impressiona-me a quantidade de atividades que Oscar assumiu em sua rotina.

Ele ressalta que ocorreram muitas mudanças com o falecimento da esposa e novas tarefas surgiram. Revela que tem certa dificuldade para sair em lugares públicos com as crianças, o que parece gerar um sentimento de culpa: *“Final de semana eu não gosto muito de sair, não gosto muito de shopping, não gosto muito de lugar com movimento. Nisso eu também acho que sou falho, porque eu devia levar eles em lugares que eu não gosto, mas que eu sei que eles gostam, mas eu me sinto mal. Vou mais na casa da minha mãe, no rancho deixo eles mais soltos, eles gostam de ficar mais com as outras crianças. Eles se juntam, eu não fico muito com eles porque eles ficam brincando, mas também é natural.”. Mesmo em momentos de lazer, sua proximidade com a filha é um pouco difícil.*

Mostro o quarto cartão. Novamente ele inicia falando sobre sua esposa, agora sua fala é serena, com pouca carga emotiva. Ele diz: *“Era assim que era, minha esposa levava eles para cima e para baixo. Levava eles no terreno onde tem os bichos, onde o meu cunhado mora, do lado do terreno dos bichos. E é por isso que eu não gosto de ir lá. Ela levava todo mundo para cima e para baixo, era um tipo de motorista da família, levava eles para a escola, a família dela toda no médico, e um pouco disso acabou com a saúde dela, eu acho que é isso. Eu não tenho esse chapéu aí, mas estou tentando vestir. Com ela eu acho que está melhor, o meu filho que está ficando mais complicado, mas faz parte”.* Neste momento, Oscar se revela, partilha sua dificuldade, sentimentos de culpa advindos de sua ausência, ressentimento pela dificuldade em exercer o papel que era desempenhado pela esposa; mas também o empenho em suprir as necessidades dos filhos.

Diante da última figura ele, novamente, de maneira serena, inicia pontuando a falta de sua esposa: *“Essa é um pouco, vamos dizer assim, em casa, mas falta um aí, falta essa aqui (aponta) para a família ficar reunida, a gente não tem mais ela. O antes não me faz lembrar, lembra meu pai, ele é muito obeso, ele não sai da cama, então a gente vai tudo para o quarto dele fazer companhia para ele. Eu ficava o tempo todo quase com ele no quarto, almoçava e ia lá ficar com ele, conversava e depois assistia o jogo, ele é são paulino, meu cunhado também ficava junto. A minha esposa ficava mais longe, então eu não lembro muito. Hoje a gente continua indo, eu não parei de fazer o que eu fazia, o que falta é ela. Minha filha gosta muito da minha cunhada, ela gosta das tias, mas gosta mais da minha cunhada porque ela é dada com crianças, teve dificuldade para ter filhos, depois de um tratamento longo conseguiu ter filhos. Quando a gente vai no rancho ela fica muito com a madrinha, a madrinha dá perfume, esmalte, batom. Daí ela passa e eu encho o saco dela brincando. Acho que ela*

busca a parte afetiva feminina. Como tá muito corrida as coisas, eu perco muita memória, pode ser que depois eu lembre de mais alguma coisa. Mas por agora não lembro de mais nada.”.

Agradeço sua participação e ele diz: *“Tenho que enrolar agora até às 23h, hoje tem um show que eu vou, uma banda que eu gosto. Gostei muito da conversa!”.* Seu comentário me surpreendeu, como se ele quisesse comunicar que está se abrindo, ao seu tempo, para a vida. Após eu desligar o gravador ele conta que a filha demora muito para acordar, ela dorme no carro indo para a escola, mas assim que chega, ela desperta. Conta também que ela é uma criança bastante desligada, exemplifica dizendo que se pede para ela buscar um copo de água, ela no meio do caminho esquece e faz outra coisa. Diz, porém, que não acredita ser um problema e que entende ser o “normal” dela. Além disso, pede para eu entrar em contato com ele antes de ir realizar a entrevista com Olívia, pois deseja questioná-la em um momento posterior ao da entrevista, e afirma que não vai revelar para ela o que será conversado, que prefere que seja surpresa para ela. A entrevista teve duração de 53 minutos.

4.5.2 Síntese Oscar

Oscar mostra-se franco e direto durante toda a entrevista, porém, parece um pouco cansado. Sua fala inicial já marca que a paternidade é vivenciada por ele como algo positivo, mas repleto de dificuldades, principalmente após o falecimento de sua esposa. O óbito fez com que ele assumisse mais responsabilidades diante das crianças. Se antes sua participação na vida dos filhos era mais distante, agora é entendida por ele como constante e requisitada.

O luto diante da perda da esposa parece ainda pouco elaborado. Ela é presença constante em sua fala/vida, apesar de convidado para discorrer sobre a filha. O falecimento acentuou um ódio, já antigo, direcionado à família da avó materna de seus filhos; exceto ao avô, figura com a qual parece se identificar, como contado ao falar da figura 3. O conflito se dá por ele entender que alguns membros da família possuem posturas inaceitáveis, cujo contato com seus filhos seria prejudicial. Além disso, entende que foram tantos os problemas e preocupações que tais familiares causaram em sua esposa, que sua morte pode ter sido em decorrência de uma dificuldade de diagnóstico, devido ao uso de medicamentos para tratamento de uma depressão que Oscar entende como sendo causada por estes familiares.

Apesar da aparente dificuldade para elaborar o luto pela esposa, em diversos momentos Oscar parece capaz de integrar aspectos positivos e negativos de seu relacionamento conjugal. Porém, os aspectos negativos, em sua maioria, relacionam-se com problemáticas referentes à família de sua mulher. Ele parece ter muita mágoa do que ocorreu, seu luto se distancia do sofrimento e se aproxima da raiva, sentimento este que se estende à justiça brasileira que, ao seu modo de ver, prejudica o pai, a figura masculina.

A preocupação de Oscar com os filhos se insere, principalmente, em situações em que ele entende como não possuir o controle. Afinal, o domínio por meio de ações concretas parecem ser atributos valorizados para que ele consiga assumir o novo papel em sua família diante dos filhos, principalmente relacionados com a proteção. Além disso, sua concretude é transformada em ação, o que garante o exercício de uma importante característica do papel paterno.

Porém, tais características dificultam sua percepção de necessidades afetivas que não podem ser objetivadas pela filha. Ele prefere acreditar que Olívia não sofre e que o falecimento de sua mãe não deixou marcas. Contudo, este pai parece ter consciência que vivencia as situações do dia-dia de uma maneira racional e concreta, pois atribuiu estas características para si, ressaltando que sua esposa tinha como foco o sentimento, a subjetividade. Assim, pelo relato de Oscar, entende-se que se tratava de um casal altamente especializado em termos de suas funções, dividindo-as e compartilhando-as. Oscar parece atribuir gestos de afeto e sentimento ao sexo feminino, mostrando-se pouco à vontade em exercer tal função entendida como materna, conforme explicitado nas figuras 1 e 8. Diante da dificuldade de integrar ambos os aspectos, objetividade prática da vida e afeto, parece que ele recorre a figuras femininas, como a madrinha, para suprir algumas necessidades de sua filha, momentos em que ele se afasta. A dificuldade em expressar gestos de afeto se relaciona com o receio de que esta aproximação com os filhos seja prejudicial, pois entende que há um risco quando há contato afetivo, prejudicando a inserção de limites.

Na figura 3, apesar de afirmar que a imagem do Leão remete ao seu sogro, ele dá indícios de ter compartilhado o sentimento de solidão, abandono e de que lhe foram escondidos importantes fatos. Tais temores também foram expostos no cartão 2, em que ele afirmou ter ficado muito sozinho e distante da família. Assim, a dificuldade de Oscar de se inserir na família e descrever-se como figura de autoridade parece se relacionar com um sentimento de que não exerce seu papel de maneira adequada. Afinal, a figura do pai autoritário parece remetê-lo ao lugar que ocupava na família antes do falecimento da esposa,

momento em que se sentia solitário e deslocado. Assim, entende como necessário, mas difícil, aproximar-se das crianças diante das circunstâncias por ele vivenciadas atualmente.

Oscar apresenta culpa pela dificuldade de se aproximar afetivamente dos filhos. Há uma grande exigência por parte da filha que demanda, em diversos momentos, uma resposta afetiva, seja por meio de beijos, abraços ou desenhos. O pai passou a ser figura importante para Olívia, mas parece difícil para ele entrar em contato com esta nova posição de grande relevância na vida dos filhos. Opta por não entender o motivo de ser figura constante em todos os desenhos que a garota faz de sua família, algo que não ocorria anteriormente. Porém, apesar de, por vezes, ignorar o novo papel que ocupa, entende sua inclusão na família como uma necessidade.

Em resumo, apesar das dificuldades apresentadas, Oscar parece exigir muito de si diante do novo papel que exerce sobre o cuidado da filha: são muitas tarefas e é grande a responsabilidade. Ele demonstrou se esforçar para suprir às demandas concretas, materiais. Porém, apresenta muita dificuldade para suprir as necessidades afetivas entendidas como pertencentes ao universo feminino. Dessa maneira, permite e sente-se tranquilo quando figuras femininas se aproximam de sua filha. Finalmente, durante o encontro pouco foi narrado sobre as vivências da díade pai-filha.

4.5.3 Narrativa Olívia

Olívia tem sete anos, um corpo magro, estatura baixa para sua idade e um grande sorriso. Ela entra na sala de maneira tímida, parece receosa. Apresento-me e ela sorri. Conto para ela sobre a minha pesquisa, explico que sou aluna da universidade e que faço um estudo com algumas crianças e com seus pais. Pergunto se ela gostaria de participar e ela gesticula afirmativamente.

Início uma conversa na tentativa de estabelecer um contato, ela responde de maneira muito positiva, sua fala se mostra bastante espontânea. Questiono sobre a sua casa, ela diz que mora com o seu pai e que tem um irmão um pouco mais novo; conta que brinca e briga muito com ele, depois ri. Afirma que gosta de *“Dormir, comer e brincar!”* e novamente dá risada, alta e contínua, mas ainda contida. Mostra-se um pouco mais à vontade.

Pergunto se ela gosta de animais e ela diz que sim. Digo, então, que a atividade que vou propor se relaciona com bichos, eu oriento: *“Vou te mostrar algumas figuras e vendo-as*

gostaria que você me contasse uma estória sobre elas, qualquer estória, não tem certo e nem errado!”.

Olívia observa a primeira figura e afirma, calmamente, que a figura a faz lembrar da história da galinha ruiva. Enquanto narra a sua estória eu interajo naturalmente com ela, por vezes, imito alguns dos personagens repetindo sua fala. Ela diz: *“Tinha uma galinha que chamou todos os animais para ajudarem ela, porque ela achou um trigo e ela ia fazer um pão de trigo. Ela pegou o trigo e falou para todos os amigos ajudarem ela a levar o trigo, só que eles responderam que tinham muita coisa para fazer. Ela pegou o trigo com os três pintinhos dela. Daí ela chamou os pintinhos para ajudar, perguntou quem ia ajudar, daí eles falaram: ‘Eu! Eu! Eu!’.* Daí, ela perguntou quem queria comer o pão de trigo, daí todo mundo falou ‘Eu! Eu!’, daí a galinha respondeu que não, só ela e os pintinhos iam comer porque os outros não ajudaram. *Aí eles comeram e os animais ficaram com vontade de comer.”* Atribui à estória o título de *“galinha ruiva”*. Ela conta a estória em um tom constante, sem muita emoção.

Como a primeira estória de Olívia já era parte de seu repertório, antes de mostrar a figura seguinte enfatizei que ela poderia contar qualquer estória. Podendo já ser conhecida ou inventada. Mostrei-lhe a figura, ela a olha e diz instantaneamente: *“Três ursos!”*, em seguida pergunta se pode inventar, reafirmo que sim. Ela conta uma estória de maneira calma e ininterrupta: *“Tinham três ursos na casa, né? Três filhotes. Daí a mamãe e o papai foram buscar alguma coisa para os três filhos comerem. Aí ele tava na casa dele, um ursinho falou: ‘vamos brincar de alguma coisa?’.* E o outro ursinho falou: *“Do quê?”.* Aí, né, o outro (maior) falou, *“vamos brincar de pega-pega!”.* Aí eles brincaram. Depois, os ursos perguntaram: *“Do que nós vamos brincar mais?”.* Ele falou: *“de pular corda!”.* Aí ele não queria dividir a corda. *Esse aqui queria a corda só para ele, e esse aqui queria a corda só para ele também. Aí a mamãe e o papai veio com a comida, chamou para comer, aí eles foram lá, comeram e depois puxaram a corda outra vez. Aí esses dois puxaram e ganharam do outro sozinho que ficou sem nenhuma corda.”.* Ela silencia e eu repito a estória exatamente da maneira que ela me contou para me certificar que eu havia entendido, ela diz: *“É isso mesmo”* e complementa: *“Aí a mamãe falou para eles dividirem as cordas, um bate e outro pula e depois troca. É isso.”.* Atribui o título de *“três ursinhos brigando pela corda!”*. Ao final, ela ri.

Pergunto se ela gosta de pular corda, ela diz que gosta, que na casa dela tem espaço, mas que na da sua avó tem espaço maior ainda e que ela brinca com seu irmão. Olívia, neste

momento, já parece estar bem à vontade, conta estórias de maneira bastante espontânea como se eu fosse alguém de sua convivência.

Pergunto se posso mostrar a próxima imagem, ela diz que sim. Ao ver logo diz: “*O Rei Leão! Vou inventar, tá?*”. Reafirmo que ela pode ficar à vontade para inventar qualquer estória. Inicia: “*O rei mandou o macaco pegar água para ele servir ele com comida, o macaco o obedeceu. Em seguida, o rei mandou que ele pegasse um esquilo (aponta para o ratinho), pois ele ia mandar tirar a casca das nozes para ele comer. O esquilo se escondeu no Leão. O macaco pulou em cima do leão e o leão perguntou: “Macaco, o que você tá fazendo em cima de mim?”. Ele respondeu que “tava pegando o esquilo como você mandou”. Daí o esquilo correu para todo lado. Daí, o macaco pegou e mordeu o dedo, o esquilo mordeu o dedo do macaco, o esquilo foi lá e mordeu o nariz. Daí o macaco mordeu e o esquilo viu um quadro (aponta para o da sala), era uma foto de mata. O esquilo olhou porque queria morar na mata igual no quadro. Daí o esquilo mordeu as nozes e deu para o rei comer, mas tinha formiga. O esquilo queria enganar o leão para ele não ter lugar na mata. O rei ia morder a nozes com formiga e ir embora do castelo, daí o esquilo seria o rei. Aí o esquilo chamou as suas amigas formigas para ajudar, daí elas foram dentro das nozes e deu para o leão, aí ele comeu e quando ele foi no lago, ele correu lá no lago para tirar as formigas. Depois ele fechou a porta do reino e o esquilo virou rei. O leão virou escravo do esquilo e o macaco ficou para abrir a porta.”. Exclamo que o esquilo pequenino dominou tudo, ela ri e diz que sim. Afirma que a estória vai chamar: “*O Leão Bobão!*”. Pergunto quem ela achou mais legal na estória, ela diz que o esquilo. Digo que vou mostrar à penúltima, e enfatizo que faltam somente duas figuras.*

Ela inicia a quarta figura afirmando: “*Já vou falar o título da estória para depois não precisar falar, tá? Vai chamar: ‘o canguru e seus filhos’. Não, não! Vai chamar ‘a mamãe canguru e seus dois filhos!’*”. Percebi que ela ainda estava um pouco ansiosa com a figura anterior. Ela conta: “*Um dia os filhotes estavam na casa, daí eles foram passear de bicicleta para fazer um piquenique, aí eles acharam um monte de índios. Os índios estavam fazendo uma fogueira, aí eles foram, passearam de bicicleta e ficaram aqui (aponta). Aí os índios falaram: “Tem um canguru!”, “Não, tem dois cangurus!”, “Não, tem três cangurus!”. Aí eles correram atrás dos cangurus para comer. Você sabe aquele sapo que tem as costas venenosas? Então, os índios pegaram uma folha e passaram no veneno do sapo. Aí eles correram atrás dos cangurus. Os cangurus estavam indo embora, mas eles quase conseguiram pegar um canguru, mas não conseguiram porque os cangurus perceberam e vazaram. Aí eles atiraram uma flecha, mas a flecha pegou no índio e ele ficou deitado. Aí os*

índios foram ajudar o índio, tiraram a flecha e colocaram na toca, aí eles pegaram ele e colocaram na toca. A mamãe canguru fez piquenique em outro lugar, aí eles comeram pouco, tomaram só um pouco de leite. Aí eles fugiram dos índios e deixaram toda comida lá. Aí os índios acharam a comida e comeram. Aí eles perceberam que tinha uma onça vindo, eles correram dela. Os índios foram dormir e a onça ficou de guarda vendo os cangurus, porque a onça é amiga dos cangurus. Daí eles foram em casa dormir”. Exclamo, “nossa, que aventura!”, ela somente ri.

Digo que vou lhe mostrar a próxima figura, ela exclama de maneira neutra: “*A última!*”, como se falasse para si mesma. Ela inicia uma estória bastante longa, com muitos personagens, lugares, detalhes: “*Esse é o filho (aponta para o macaco com a xícara de café) conversando com a mãe, e o pai tá conversando com o outro filho. Daí tem a avó no quadro. O irmão macaco que tá falando com o pai porque ele tava jogando bola e bateu com a bola na cabeça do pai. Enquanto isso, o outro tava conversando sobre revista de moda com a mãe. Aí, o pai foi lá e colocou o filho de castigo por causa da bola. Aí a mãe e o filho foram lá no quarto dele conversar, porque na casa tava muito barulho porque o pai tava conversando alto, brigando.*”. Ela interrompe sua estória e exclama: “*Isso aqui é como contar a roda de leitura!*”. Pergunto o que é roda de leitura, ela diz “*Cada um conta e o outro continua, mas aqui só tem uma página*”. Prossegue sua estória: “*Então, daí eles foram conversar no quarto, a mãe e o irmão. O pai e o filho foram lá fora conversar. Enquanto o pai estava conversando o filho ficou brincando de caminhão porque o pai tava com o olho fechado, mas aí o pai foi olhar para ele e ele largou o caminhão e ficou sentado no chão. O pai ia ficar bravo porque eles estavam conversando e ele não tava prestando atenção, tava brincando. Aí ele largou o carrinho e pegou um cacho de banana para o pai. Aí o pai comeu e ficou feliz, não ficou mais de castigo. Ficou brincando. Daí o pai foi no quarto conversar com o outro filho sobre trabalho, aí a criada foi buscar comida. Comida, não, café para o pai conversar com a mãe e o filho. Aí o outro filho tava brincando. O pai tava comendo banana e vai tomar café. Aí o pai falou para o outro filho tomar banho. Aí o pai, o filho maior e a mãe estavam conversando sobre o trabalho do filho maior, sobre o trabalho dele que era com moda e ele era dono de uma escola também.”.*

Mais uma vez ela interrompe sua estória e me pergunta como poderia chamar a macaca, questiona se pode ser “macaca ou caca”. Continua: “*Ele falou: “caca vamos conversar sobre o trabalho?”*”. Daí a criada trouxe outro café, ele tinha tomado 60 xícaras de café, com mais uma, 61. Daí quando eles foram jantar, a mãe falou para os dois filhos tomarem banho. A casa tinha quatro banheiros, para ele, para ele, para ele e para ela (vai

apontando os macacos na figura). *Cada um foi tomar banho, depois a mãe e o pai tomaram banho. Todos ficaram arrumados, pois eles iam sair para o trabalho do filho. Aí todo mundo foi lá, comeu rápido. Aí eles encontraram com a avó no caminho, a avó tava indo justo para o trabalho do filho. O filho fazia tempo que via a avó, mas ele não contou nada para a mãe e nem para o pai. Daí a mãe perguntou: “filho, porque você não contou para nós que a avó tá viva?”. Porque eles achavam que ela tava morta, mas não tava. O mais velho sempre via a avó porque ela era a diretora da escola dele.”.* Pergunto o motivo dele não contar para os pais que a avó trabalhava na escola. Ela responde: *“Porque se ele contasse, todo dia eles iriam na escola dele, no trabalho.”.* Questiono o motivo deles não poderem ir até a escola, ela diz: *“Porque todo mundo ia rir dele porque os pais tinham roupas engraçadas.”.* Prossegue: *“Era uma escola de todos animais, daí os animais da floresta da escola se uniram para fazer tipo um carnaval. Daí eles conversaram na escola do macaco. Aí o macaco pequeno também estudava na escola do irmão, daí eles se reuniram e queriam fazer um carnaval com roupas engraçadas para alegrar a escola, porque na escola só tinha brinquedo e ninguém gostava. O dono da escola não sabia que ia ter carnaval, só o filho menor sabia, os pais também sabiam porque o filho menor contou, porque não pode guardar segredo dos pais. Menos o pai e a mãe, o pai pode guardar segredo dos filhos e da mãe e a mãe também pode. Aí os pais chegaram de fininho, eles abriram uma porta de fininho, o filho menor tava lá e a avó também. Aí os pais se esconderam porque também era aniversário do filho que era dono da escola, por isso que ele não sabia. Daí tinha um bolo que era gigante com todos os animais, porque era uma escola para todos os animais. Aí o filho leão e o pai leão que eram os mais grandes arrumaram tudo para a festa e para o carnaval, o pai ajudou mais que o filho, pois ele era maior. Eles arrumaram tudo, até os presentes. Aí tava tudo arrumado, tava tudo escuro, na hora que o macaco chegou, acendeu a luz, todo mundo gritou: “Surpresa!” e jogaram confete nele. Tinha também aquele negócio, como chama? Língua de sogra! Aí o leão abriu os presentes. Os elefantes só deram confete de presente. Daí tinha outros macacos, já viu aqueles da bunda vermelha? Daí eles brigavam, mas compraram bananas. Aí eles foram todos para o zoológico, porque era também o presente de aniversário dele, para ele ver outros macacos e animais. Aí quando eles foram eles viram um leão gigante. Sabe aquele leão que mora no gelo? Aquele bonito bem grande?”. Pergunto se leão ou urso, ela responde: “Não, leão, o urso é só no final.”.*

Fico impressionada com a duração da estória, noto que Olívia parece perdida em meio a tantos personagens e detalhes. Ela prossegue: *“Aí, eles entraram lá, ao invés de ser humano que abria as portas, eram os animais. Era um mundo de animais! Aí o macaco entrou no*

lugar dos macacos, ficaram conversando e tomaram uma xícara de café. Os animais fizeram várias surpresas para o macaco, uma mais bonita que a outra. Aí eles passaram para uma sala com muitos instrumentos de música”.

Olívia demonstra em sua fala que a estória parece ter fugido de seu controle, como me questionei no momento anterior, ela diz: *“Nossa! Desse jeito eu vou ficar até o final da aula (ri), não faço a mínima idéia de como ela vai acabar (ri).”*. E prossegue: *“Aí, colocaram um gravador porque era aniversário, para guardar de lembrança para ele que ele foi no zoológico no dia do aniversário de 27 anos dele. Aí todo mundo deu os presentes e eles foram embora. Aí as gaiotas pegaram tipo um presente maior que o mundo e o macaco adorou. Enquanto o rei era macaco, porque cada animal tinha um mundinho e um rei. Aí os macacos foram lá e o macaco diretor (dono da escola) não sabia que o rei dos macacos estava lá, mas o rei teve um infarto e morreu. Daí a mãe falou para o filho, dono da escola, que ela tem uma notícia boa e ruim. Os macacos sabiam que o macaco dono da escola ia ser o rei, ele sempre quis, então todo mundo sabia e não contou para ele. Aí a mãe perguntou se ele queria a boa ou a ruim primeiro, ele disse que queria a ruim. Aí a mãe disse que a ruim é que o rei morreu, a boa é que ele ia ser rei. Ele ficou feliz e triste, o rei tava muito velho. Daí no outro dia ele foi para a coroação e viu tudo a festa da coroação. Ele falava “quem vai ser o rei? Quem será?”. Pergunto se a mãe não tinha lhe contado, ela responde: “A mãe falou, mas ele achou que era o irmão”. Afirma com uma certa alegria: “A estória tá quase no fim, está no meio.”. E continua: “Aí o macaco falou que ia assistir a coroação, daí falaram pra ele “mas você não sabe ainda? Mas você vai saber na hora da coroação”. Aí o irmão menor disse que ele que seria coroado, daí o irmão mais velho disse que achava que era o menor. Daí ele ficou na frente e ele já tinha uma namorada que ia ser rainha, né? Daí a coroação é como um casamento, né? Daí teve primeiro o casamento e depois a coroação. Depois teve a festa do casamento e coroação. Daí teve o casamento e coroação, tá? Daí casou e foram na coroação, ficaram mil horas esperando, era de noite já porque tinha que ser de noite. Aí finalmente chegou, eles levantaram e ele falou: “por favor, se levante que vamos coroar você e a rainha”. Daí eles coroaram. Daí deu sabe esse negócio de rei? Como na novela das seis, deram a capa e o negócio para segurar. Daí, o macaquinho foi lá, depois que eles morressem ia ser o macaquinho (irmão menor)”. Neste momento entra uma funcionária da escola na sala em que a entrevista estava sendo realizada, ela olha para Olívia e diz: *“nossa, você ainda está aí?”*. A garota sorri e responde: *“Minha estória está grande, mas já está acabando!”*. Retoma sua narração: *“Daí o macaquinho cresceu e ia todos os dias visitar o irmão. A vovó virou rainha também, mas de outro mundo, ela vinha no foguete até o mundo dos macacos,**

era a rainha de outro mundo. Aí, todo mundo foi para a escola porque o rei queria saber como tava a escola, daí todos foram juntos, todas as crianças cresceram e fim.”

Pergunto como vai chamar a estória e ela diz: *“O macaco rei, não, os dois macacos reis e a vovó!”*. A extensão da última estória e a calma de Olívia para contar faz-me pensar que ela estava gostando de estar ali comigo desempenhando a atividade, como se ela quisesse prolongar o nosso contato, tão curto e limitado.

Ela afirma que a estória que mais gostou foi a do “Rei Leão” e que não tem nenhuma que ela pudesse afirmar não ter gostado. Questiono se alguma das estórias que ela me contou a fez lembrar sobre algo, ela responde que sim, conta que teve uma festa surpresa e que *“foi muito legal, tinha bolo de abacaxi morango, cereja, era bonito!”*, mas não se estende. Pergunto se ela quer me falar mais alguma coisa, ela diz que não. Indago sobre como ela se sentiu em participar, ela abre um enorme sorriso e diz: *“gostei muito!”*. Agradeço sua participação, ela me dá um beijo, abraça-me e se despede.

4.5.4 Síntese Olívia

Olívia inicia com um olhar receoso e contido. Porém, ao longo do encontro, parece confiar e desfrutar do contato. Suas estórias sobre as figuras iniciam de maneira mais estruturada, um relato já conhecido; mas, ao longo da apresentação de novas imagens, as narrativas ficam menos estruturadas, mais complexas e progressivamente longas.

Nas duas primeiras figuras, Olívia apresenta, de maneiras distintas, um conflito relacionado com a necessidade de ser cuidada, alimentada. Na figura 2, ela revela que há uma dificuldade para elaborar a desordem sem a presença de adultos. Aponta a mãe como alguém que orienta, é ela quem divide o tempo da corda e soluciona o problema. Assim, a figura materna introjetada transforma a rivalidade em cooperação e ajuda mútua. Desta maneira, parece haver uma orientação sobre como o afeto deve ser manejado. O pai não aparece nestas situações de resolução de conflitos, não por ser excluído, mas por se fazer ausente. Porém, a figura paterna é presente nos cuidados da alimentação, cuidado concreto. A primeira estória possibilita que se pense que Olívia entende que para se ter algo é preciso fazer esforço e merecer.

Assim, a criança apresenta certa dificuldade em relação aos seus conflitos diante da ausência da mãe, pois ela representava uma figura organizadora. Com relação à figura do pai,

por vezes, ele é visto como aquele que dá segurança; como nas associações da figura 4, em que o personagem leão protege a família. Mas, em outros momentos, atribui ao pai características de fraqueza e desvitalização; como no relato da figura 3, em que Olívia demonstra um aspecto dominador capaz de desafiar a autoridade dele, entendida como sem muita sustentação. O pai, neste contexto, parece ser entendido de maneira ambivalente: ama-o, mas também sente frustração por ele não oferecer o que era ofertado gratuitamente pela figura materna.

As estórias das figuras 3 e 4 apresentam temas relacionados à etapa edípica, particularmente relativos à disputa pelo poder. Na figura 3 parece haver um conflito, representado na figura do esquilo, em se associar ou não aos poderosos e aceitar sua autoridade. A estória reúne em si as questões das figuras 1 e 2: cooperação e competição. Na imagem 4 Olívia, mais uma vez, apresenta a ambivalência diante da maneira em que deve manejar a rivalidade. A estória trata de uma situação em que tomar o lugar de alguém, no caso entrar no território dos índios, pode gerar a possibilidade de um conflito que coloca em risco a sua integridade.

Também na última imagem, em diversos momentos, discorre sobre a questão edípica por meio dos sentimentos de culpa e reparação em relação ao pai; por exemplo: no momento em que o filho o desrespeita e depois lhe dá banana. A estória deste cartão é apresentada de maneira longa e pouco articulada, narrada de forma verborrágica. Olívia parece acometida por uma torrente de ideias que a levam a uma desorganização e incapacidade de síntese. Dessa maneira, parece comunicar que vivencia um momento de muitos conflitos não resolvidos, uma dificuldade de integrar a ambivalência. Afinal, ela demonstra não ter clareza sobre qual o lugar que vai ocupar/ocupa em sua família, bem como qual é o papel de seu pai em sua estória. Ainda não se sabe claramente para quem vai a descendência do trono do “rei leão”, ela deve disputar ou se aliar? Afinal, trata-se de uma notícia entendida ao mesmo tempo como boa e ruim.

A figura 8 também remete à figura de sua avó. Olívia parece confusa e ressentida devido ao distanciamento entre seu pai e a avó. Ela parece não compreender o desentendimento, mas a situação gera certo sofrimento, pois entende precisar de ambos. Diante do afastamento (a avó só pode ser rainha em um planeta distante), ela desenvolve um conflito de lealdade. Sua narrativa tornou-se confusa a partir do momento que fala que os familiares não poderiam saber da existência da avó. Como, se a partir deste momento, ela se aproximasse dos problemas decorrentes da desintegração familiar. Além disso, a extensão da

estória parece indicar uma tentativa de prolongar o contato com a pesquisadora e querer agradá-la com uma longa narrativa inventada.

Olívia, por sentir-se inserida em um ambiente confuso e pouco acolhedor afetivamente, parece não conseguir realizar muitos de seus desejos, estes precisam ser adequados ao que o ambiente exige dela. Porém, parece se tratar de uma criança que se desenvolve emocionalmente de maneira satisfatória, como será visto na síntese da díade.

4.5.5 Síntese Díade Monoparental Paterna I

A articulação dos dados obtidos nas narrativas de Oscar e de Olívia permite afirmar que a perda materna demandou readaptação no ambiente familiar, em que o pai assumiu novas tarefas, tanto concretas como afetivas. Há um esforço muito grande de Oscar para suprir as lacunas deixadas pela ausência da esposa, porém, ele se vê falho no suprimento afetivo, o que lhe traz um sentimento de culpa e cansaço. Por sua vez, Olívia passa a dirigir a ele cada vez mais suas demandas afetivas, demonstrando, contudo, frustração ao perceber que ele não pode cumprir plenamente um papel de substituto da mãe.

Segundo Winnicott (1960/2005), um lar normal se torna desintegrado com o falecimento de um dos pais. Neste contexto, é importante avaliar o desenvolvimento emocional da criança no momento em que o ambiente bom foi afetado. O lar vivenciado por Olívia, nos primeiros anos de vida, parece ter sido muito positivo e se mostrado suficientemente bom. A sua história indica que a mãe foi capaz de oferecer uma provisão satisfatória de *holding* que se complementava com uma postura mais rígida e delimitadora do pai, importante para possibilitar o desenvolvimento de um ego integrado.

Segundo Winnicott (1960/2005) a maneira que a criança entende o *self* e o mundo relaciona-se com a sua realidade emocional interna, que pode ser regida por elementos tanto positivos quanto negativos e é adquirida já no final do primeiro ano de vida. O teor valorativo depende da qualidade do que foi experienciado pela criança. Um conteúdo positivo possibilita que o *self* preserve o bom e isole o mau, além de permitir que os objetos possam se relacionar de maneira ambivalente: afeto e agressão. O que parece ter ocorrido com Olívia.

Apesar de ter experienciado um ambiente desejável, o falecimento da mãe de Olívia parece não ter sido vivenciado apenas como o *“final de uma história de gibi”*, como avaliado pelo profissional psicólogo que a atendeu. Segundo Winnicott (1960/2005), a criança

responde de maneiras distintas diante de uma desestruturação ambiental. A resposta pode ocorrer por meio do uso de defesas, como a cisão, em que uma parte funciona de maneira compreensiva e a outra de forma espontânea que mantêm o foco em fantasias e idealizações; ou a regressão para fases iniciais do desenvolvimento. Winnicott (1958/2000) sugere a possibilidade de dois tipos de regressão: uma relacionada com a falha no desenvolvimento emocional e outra com momentos de êxito. Nesta última, a regressão encontra uma situação ambiental positiva de adaptação às necessidades do ego e id na história do indivíduo.

Olívia dá indícios de estar respondendo à ausência por meio de um comportamento bem adaptado, que aparenta ser facilitado pelo momento já avançado de desenvolvimento emocional em que ocorreu o óbito de sua mãe. No momento da perda, a figura materna já havia sido internalizada, bem como a lembrança de algo positivo vivenciado, distanciando Olívia de uma dinâmica como a da tendência antissocial, na qual ela buscaria pelo objeto bom perdido (mãe). No caso da manifestação antissocial a perda de algo bom se dá por um período maior do que a capacidade do indivíduo em manter viva a memória do que foi experienciado. Assim, busca-se, por meio do roubo ou da destrutividade, recuperar algo que não se sabe concretamente o que é (Winnicott, 1958/2000). Ao contrário do que acontece na tendência antissocial, a figura materna é apresentada de maneira vívida nas histórias de Olívia e remete a características como afeto, organização, resolução de conflitos.

Contudo, a falta do provimento afetivo atual parece trazer um sentimento de vazio. Para Winnicott (1963/2005) o vazio refere-se a um sentimento de querer algo dentro de si referente ao passado. Eventualmente Olívia parece responder a este sentimento de maneira maníaca, conforme seu relato na figura 8. Ela busca recuperar a provisão afetiva na figura do pai e da avó. Porém, os desentendimentos entre ambos, os quais Olívia parece não alcançar a significação, geram um conflito de lealdade. Desta maneira, além do desentendimento diminuir a possibilidade de provisão ambiental (pois a avó poderia ser substituta da mãe no oferecimento de tal provisão) ele também pode dificultar a elaboração do luto materno. Afinal, a mãe era representada como figura apaziguadora, em sua presença havia a possibilidade de desfrutar do contato com a avó, sem culpa. Importante ressaltar que o uso da defesa maníaca, presente na última história, parece ser uma regressão pontual diante da apresentação do conflito decorrente da relação entre seu pai e sua avó. Desta maneira, o uso da defesa não configura um distúrbio de personalidade, também não é compatível com os recursos que ela possui.

Afinal, Olívia não só alcançou a transicionalidade, como parece vivenciar uma fase mais avançada no processo de amadurecimento, a fase edípica. Para tanto, percorreu um

longo processo dentro do qual o pai aparenta ter exercido sua função a contento. Sua postura, relatada como mais distanciada, mas sustentadora do lar. Suas características pessoais permitiram oferecer a Olívia um modelo de identificação que contribuiu para a introjeção de uma figura paterna marcada pelas qualidades de severidade, pontualidade, organização, consistência.

No entanto, a vivência da fase edípica ocorre de maneira particular, afinal, não há uma figura concreta para rivalizar. Não há disputa com a sua mãe. Segundo Winnicott (1960/2005), durante o período do complexo de Édipo, a presença de uma terceira figura tem um caráter tranquilizador; no caso da menina, a presença materna possibilita que ocorra a conservação do desejo pelo pai. Diante da ausência materna, a criança sente-se diante de duas alternativas: distanciar-se da figura paterna ou se aliar a ela. No caso de Olívia, o afeto, amor e rivalidade estão situados na mesma pessoa, na figura paterna, diante da ausência de um terceiro. Desta maneira, a relação com o pai se mostra ambivalente, Olívia parece não saber se luta pelo poder (afastando-se) ou se alia. Porém, apesar das peculiaridades desta fase, a sustentação da figura materna internalizada e a possibilidade de que outras pessoas supram suas necessidades, como seria feito pela presença da mãe, indicam, que, possivelmente, Olívia percorrerá este período de maneira satisfatória. Segundo Weissmann (2009) e Ceccarelli (2007) a figura paterna é representada não só pelas pessoas, mas também por situações que sejam representativas de um “outro terceiro” que a mãe valorize. Assim, é possível pensar que quanto ao desenvolvimento emocional da filha, a figura materna também possa ser substituída por um “outro” que pode ser representado pelo social, principalmente neste caso, onde a figura materna está presente internamente. Segundo Winnicott (1960/2005), o afastamento dos pais ocorre somente de maneira concreta, pois, se tudo ocorreu bem no processo de desenvolvimento, as figuras parentais se fazem constantemente presentes na realidade interior.

Ceccarelli (2007) pontua, partindo dos estudos de Freud (1917/1976, 1920/1976), que a escolha de objeto e o trajeto das pulsões são mais significativos para a constituição do Ego que os atores principais da situação edípica. O autor prossegue afirmando que o trajeto dos afetos é circunscrito pela cultura, ordem simbólica. Assim, as imagens do masculino e feminino se alteram de acordo com a cultura que a criança se insere. Desta maneira, o caminho das pulsões, advindas do complexo de Édipo, relaciona-se com a maneira em que o meio social se articula, diferente da interdição que sempre ocorre independentemente do meio.

Desta maneira, acredita-se que, apesar das peculiaridades do ambiente em que Olívia se insere, há possibilidade de contar com a figura paterna. Oscar é capaz de perceber seus

limites, potencialidades e também suas falhas. Ele busca suprir as necessidades da menina, mas vivencia uma perda real que necessita de um tempo para elaboração do luto e do conflito, o que influencia sua capacidade de suprir afetivamente sua filha. Porém, diante das novas circunstâncias, ele passou a pensar sobre seu papel de pai, apropriou-se e parece estar disposto a aprender com seus filhos no intuito de se aprimorar.

4.6 Família Monoparental Paterna II

4.6.1 Narrativa José

Entro em contato com José via telefone, já informada pela coordenadora do colégio de que se tratava de um pai de família monoparental, cuja esposa faleceu há três anos. Apresento-me e explico rapidamente o tema da pesquisa. Ele se mostra interessado em participar, porém, disponibiliza poucos dias e um horário bastante restrito para que a entrevista ocorra. Afirma que não possui horário fixo para sair do trabalho e que seus finais de semana: “*São complicados*”. Somente tem livre o horário do almoço, momento em que, além da refeição, leva suas filhas para a escola. Pergunta se é possível realizar a entrevista em quarenta minutos. Respondo que não é possível estimar precisamente o tempo. Ele afirma, no entanto, que somente consegue oferecer meia hora, no máximo cinquenta minutos. Combinamos que nos encontraríamos em seu horário de almoço. Caso fosse necessário mais tempo, voltaríamos a nos encontrar.

O participante chegou 10 minutos atrasado. Estava ofegante, como se tivesse corrido para chegar até o local. Ele possui 42 anos, 2º grau completo e trabalha no setor administrativo de uma empresa. É uma pessoa muito agradável, simpática e extrovertida; sua fala é alta e rápida, acompanhada de muitos gestos. Logo nos primeiros instantes afirmou que teria disponibilidade para conversarmos durante uma hora, tempo maior do que o oferecido durante o contato telefônico. Contudo, nosso encontro teve a duração de 42 minutos. Desta maneira, não houve a necessidade de agendarmos outro momento.

Apresento o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ele o lê, diz concordar com ele. Explico as questões éticas, sigilo, devolutiva. Ele ouve atentamente. Pergunto como ele prefere que eu o chame, ele diz que de Zé. Na hora de assinar o termo, ele pergunta se é para

colocar o nome da filha mais nova (6 anos) ou mais velha Estela (7 anos). Respondo que é da mais velha, pois ela é quem será o foco do nosso encontro.

Indago-o sobre como é a experiência de ser pai de Estela. Sua primeira frase já traz a temática sobre a ausência da esposa e as mudanças acarretadas pelo seu falecimento. Ele responde: *“Como foi e como é? Você diz antes de ela morrer?”*. Respondo de uma maneira neutra: *“O passado e presente de sua relação com a Estela”*. José diz que sua filha é muito tranqüila e nunca trouxe nenhum problema. Novamente reaparece a temática da esposa: *“Graças à Deus ela é muito tranqüila, muito sossegada. A mãe dela era assim, ela era muito tranqüila. Eu já sou muito agitado. Ainda bem que ela puxou a mãe.”*

O pai prossegue afirmando que sua relação com a filha é ótima, que não há nada do que possa reclamar. Diz que procura ser muito amigo. Volta a falar sobre a esposa: *“Faz três anos que ela perdeu a mãe; no começo ela chorava bastante. Mas graças à Deus deu problema só nos dois primeiros meses, ela chorava muito, sentia falta. Eu percebi que ela foi se fechando e eu fui tentar mudar isso, sempre falava sobre a mãe. Eu acho que tem que falar, tem que comentar, eu já fui criado assim, no segredo, não quero que ela também seja. Vou mudar isso porque a pior coisa que existe é você ficar retraído, e quis mudar a cabeça dela. A família é contra, mas eu quis fazer do meu jeito”*. José descreve uma relação de proximidade com a filha. Ressalta que é ele quem define as práticas com as quais educa Estela e que elas estão de acordo com o que acredita ser o mais correto. Tais práticas parecem se distanciar do que foi vivenciado por ele em sua própria infância. Mostra-se insatisfeito e crítico sobre a maneira como foi criado.

O modo como José educa sua filha por vezes é questionado por seus pais. Os avós paternos de Estela defendem que o correto é que se evite comentar sobre alguns assuntos perto da criança, principalmente os que se relacionam com o falecimento da mãe. José, por sua vez, acredita o contrário: *“Eu digo que ela tem que saber e acabou! É a mãe da menina, qual é o problema de falar?! A mãe nunca fez nada de errado, muito pelo contrário, sempre foi uma santa. Só que eu deixo bem claro para a minha família que quem manda lá sou eu, eu sou pai das meninas, eu que responsabilizo e acabou. Só que hoje até isso já estão mudando, eles comentam mais sobre a mãe perto dela falam sobre a mãe. Hoje está mais natural, pode falar perto dela sim”*.

Prossegue apontando as mudanças ocorridas na maneira como exerce a função paterna após o falecimento de sua esposa: *“Mudou tudo! Mudou muito. Antes eu chegava em casa de noite, conversava com todo mundo, brincava um pouquinho e acabou. Agora não, agora é 24h, me ligam, eu levo na escola e vou buscar, eu levo no médico, faço tudo, entendeu?”*

Assumi muitas responsabilidades. Porque antes você divide com a mãe, tem um lado que é o papel da mãe, né? Mas agora não, sozinho tem que fazer tudo”.

Pergunto como ele se sente exercendo o que chama de “*papel de mãe e de pai*”. José diz não saber se realmente consegue exercer os dois papéis e que, por vezes, sente-se muito cansado, “*Dá vontade de chutar tudo!*”. Ressalta, porém, que o tempo lhe trouxe certa calma, “*Com o tempo você vai vendo que não é nenhum bicho de sete cabeças!*”, mas entende que a presença de sua esposa simplificaria sua vida: “*Seria muito mais fácil se ela estivesse me ajudando. Os dois discutindo um problema seria muito mais fácil, porque você sozinho você tem que pensar, resolver sozinho, tem a família e os outros que interferem.*”.

José destaca que ocorreram muitas mudanças em decorrência da ausência de sua esposa: “*Você tem que mudar muito, você é obrigado a mudar seu comportamento, seu jeito, tudo em você. Mudou muito, algumas coisas para melhor, outras para pior. Mas eu estou tentando chegar a um equilíbrio para tentar contornar as coisas.*”.

Resume sua relação com a filha como uma mistura de afeto e autoridade. Novamente resgata experiências de sua infância: “*Ela é bem amorosa e carinhosa. Eu procuro ter esse contato com ela, mas tem hora que eu sou durão, eu não nego isso porque eu fui criado assim, né? Eu procuro ser diferente, mas tem hora que eu não consigo. Você chega cansado, daí tem mais problemas, eu acabo dando umas broncas, mas graças a Deus nunca bati nela, nunca tive que fazer isso. Eu apanhei muito, tenho até uma cicatriz na cabeça. Eu apanhei até, mas eu nunca precisei fazer isso com elas. Eu falo muito, às vezes eu dou um berro e muda na hora. Graças à Deus eu sempre tive autoridade diante delas. É isso!*”.

Explico que vou lhe mostrar algumas figuras e que observando-as, gostaria que me falasse como foi e como é ser pai da Estela. Ressalto que serão as mesmas figuras que eu mostrarei para ela. Ele diz que sua filha é tímida e não sabe se vou conseguir fazer com que ela fale, pois: “*Ela não é falante como o pai!*”.

José olha a primeira figura e com um sorriso no rosto afirma: “*Eu vou te falar uma coisa, isso aqui me mostra uma coisa bacana, e nunca tinha pensado nisso, pelo menos é o que eu estou percebendo aqui. Antigamente eu não tinha horário de almoço com elas, eu acordava bem cedo, ia para o trabalho e às vezes chegava bem tarde e elas já estavam dormindo. Depois da morte da minha esposa eu tenho isso aqui todo dia. Eu tive que mudar de emprego, então eu tenho todo dia isso aqui. Também eu percebi que eu precisava ficar mais tempo junto com ela, então eu almoço todo dia, jantar é quase todos os dias, mas o almoço é todo dia e levar e buscar na escola é sagrado.*”.

Ele descreve o horário de almoço como sendo um espaço em que tem um contato intenso com a filha, momento em que ela o atualiza sobre suas atividades escolares e que os problemas são resolvidos. Conta que sua filha: *“fala mais que a boca”*, no momento da refeição. Declara, assim, que para que a filha se exponha é preciso ter intimidade, remetendo à frase em que acredita que eu terei dificuldade para estabelecer um contato com a garota. Além disso, conta que Estela cobra quando sente que seu pai está dando mais atenção para sua avó que para ela. José acha: *“legal”* tal cobrança. Ele conta que sua mãe é quem prepara as refeições, mas quando ela se ausenta é ela quem a faz. Afirma e que tal afazer só não é uma rotina devido à sua falta de tempo.

Mostro a segunda figura e sua resposta parece remeter ao seu principal conflito: a dosagem de afeto e autoridade, ele diz: *“Tem uma briga, a minha esposa sempre falava. Eu lembro de uma coisa que ela viu em algum lugar uma vez e ela sempre falava isso. Depois que ela faleceu, eu percebi que era aquilo mesmo. Ela dizia que mãe é amor e carinho, pai é o mais enérgico, o que dá bronca é o que dá o rumo na vida do filho. Eu sempre penso isso, é lógico que com a falta dela eu tento dar amor e carinho, mas homem é mais difícil, eu não tenho o jeito de mulher, mas o rumo certo eu procuro sempre fazer. A mãe tem que falar uma coisa, mas depois vai lá, passa a mão na cabeça, é diferente. Agora o homem não, é mais durão. A mãe não, ela chega passa a mão na cabeça, mais é essa situação.”*

Pergunto em que lado da corda ele se vê mais, José responde: *“Eu ainda puxo mais para um lado, mas eu tento fazer, eu percebo que em algumas horas tem que ser diferente.”*. Questiono sobre o que o quadro o faz perceber, ele diz que é a lembrança de sua esposa: *“Lembro da minha esposa, do que ela fazia, então eu tento ser o mais próximo possível. Porque eu sei que ela tá certa em algumas coisas.”*. Refere-se à esposa utilizando o tempo presente.

José afirma: *“A mãe tem que ser mais apaziguadora e o homem mais enérgico que dá a direção. Quero dar uma direção para ela ser tranqüila, viver bem, viver feliz, ter uma família daqui um tempo, né!? Namorar, casar. Ou se ela não quiser fazer isso, estudar, ser alguém, coisa que eu nunca fui porque tive que trabalhar logo cedo. Mas é isso, nessa foto é isso.”*. Neste momento, o participante ainda marca a diferenciação do masculino e feminino, como se não entendesse como seria possível ter uma família e sucesso profissional.

Quando mostro a terceira figura, ele exclama em um tom de brincadeira *“Nossa, mas tem foto aí, hein?! Já estou até suando!”*. Entendo esta mensagem como uma tentativa de comunicar um desgaste emocional devido à tentativa de sustentar a função paterna anteriormente explicitada. Prossegue descrevendo que a figura representa um ideal vencido.

Nossa, com essa barba branca está parecendo eu, tá igualzinho (ri). Eu já me vi assim, mais velho de casa, pensativo. Hoje eu já não me vejo assim não. Antes eu queria ser assim, eu acho que pensava isso, hoje como eu tenho que correr e fazer tudo, eu não me vejo como um cara mais quieto, pensativo. Sabe aquele cara que dá conselhos, essas coisas? Hoje eu não me vejo mais assim. Mas como a vida mudou, eu hoje não consigo me ver assim, eu vou, brinco, levo de um lado para o outro. Mesmo de noite, às vezes, eu tenho algo para fazer em casa eu dou um beijo nelas, pego uma marmita com a minha mãe e vou para casa.”. O participante descreve a mudança de um ideal: “Eu não dou mais valor para isso, dou mais valor para o que eu sou hoje, que vivo em uma correria, estou sempre alerta, uma liga e pede uma coisa. Isso, porque, claro, eu não tenho minha esposa mais, eu tento substituir meu lado pelo dela.”.

Questiono, então, como foi e como é ser pai na situação da figura. Ele responde: “Eu não me vejo mais assim, não faz mais sentido para mim não. É algo que eu queria ser, nunca fui e não quero mais ser. Era, um ideal, mas a vida muda, no meio do caminho acontece os atropelos. Não quero mais ser assim, não sei o que a vida me reserva, mas eu não quero ser assim, prefiro ser como sou porque assim tenho as meninas mais perto de mim.”. José demonstra, mais uma vez, que quer assumir a função materna e paterna.

Afirma gostar do contato com suas filhas. Contudo, revela que desde que sua esposa faleceu, tem muita dificuldade para sair de sua casa, referindo-se à casa de sua mãe. Geralmente são os irmãos de José que levam a filha e a irmã para passearem. Afirma até que mesmo com a atual namorada, primeira após o falecimento de sua esposa, dificilmente frequenta programas sociais. Conta que suas filhas a adoram. Ele diz: “Então, eu estou muito fechado ainda. Eu nunca fui muito de sair. Eu era mais assim na adolescência, não parava um minuto em casa. Depois que eu casei, fiquei mais caseiro. Depois que ela faleceu, eu fiquei mais caseiro ainda. Então eu sou difícil de sair, a oportunidade que eu tenho de sair eu fico com elas na casa da minha mãe.”.

Somente neste momento da entrevista José conta que sua filha dorme na casa de sua mãe. Justifica: “Ela não quer voltar para a casa desde que minha esposa faleceu, então eu fico o tempo todo na minha mãe com elas. Só vou na minha casa para dormir e não deixar a casa sozinha. Elas não querem voltar para lá por conta da lembrança da mãe.”.

O pai diz tentar fazer com que a filha se readapte em sua casa. Afirma: “Agora que um domingo sim e outro não eu a levo para ver a avó materna. Geralmente procuro passar em casa de propósito para pegar alguma coisa, até porque é caminho. Falo para ela que vamos passar em casa para pegar algo que esqueci, daí ela entra lá, eu ligo a televisão, mostro

alguma coisa para ela. Então ela tá começando a se acostumar novamente, mas ela diz que sair da casa da avó ela não quer, então eu acho que vamos acabar ficando lá.”. Neste momento, apesar de dormir em sua casa, ele se inclui como sendo morador da residência de sua mãe.

Afirma sentir-se tranqüilo diante da maneira como a sua rotina e das suas filhas se organizou: *“Se eu falo de tirar as meninas de lá sai até guerra, não querem de maneira nenhuma. As meninas se adaptaram bem, eu trabalho no quarteirão de baixo da casa da minha mãe, a escola é a dois quarteirões daqui. O bom para mim é que ficou tudo muito fácil, muito perto, ajuda muito, tanto que eu só vou em casa tarde da noite para dormir. Nossa eu já tô falando muito aqui, Deus me livre!”*.

Conta, porém, que pretende se casar novamente no futuro, mas que mesmo assim a sua filha terá que ficar na casa de sua mãe, pois sua namorada trabalha durante o dia. Completa: *“Mas mesmo assim não sei se elas voltam para casa, porque a minha esposa, digo, namorada, olha eu adiantando as coisas! Ela também trabalha e eu vou querer que ela continue trabalhando, então a casa vai continuar sem ninguém o dia todo. Então elas vão ter que passar o dia na casa da avó. Agora não sei amanhã ou depois, quando a minha mãe faltar, daí eu vou ter que dar outro jeito.*

Quando mostro a penúltima figura, ele se apropria do lugar feminino mostrado na imagem. A figura o remete às idas ao colégio com a garota: *“Nossa, o que é isso? (ri). Seria eu levando elas na escola, seria isso? Porque aqui na figura é uma mãe carregando no colo. Antigamente quem trazia era a minha esposa. Como eu disse, como eu trabalhava muito, era ela quem fazia tudo. Agora eu tomei o lugar da minha esposa, mas agora eu não deixo mais ninguém vir buscar ela; eu gosto de fazer. Buscar na escola é uma oportunidade para conversarmos.”*. José entende como um momento em que sente que a filha vem cultivando mais confiança e explica: *“Porque antes quando era a mãe, elas nem vinham perto de mim, eu é quem tinha que ir chegando, conversando, brincando. Agora sem a mãe, elas estão mais perto, estão com mais confiança. Elas não me beijavam, eu que acostumei a elas virem e me beijarem, tudo isso mudou depois do falecimento. Eu obrigo elas no telefone, porque eu falo “filha eu te amo” e elas respondem “eu também”, então eu obrigo elas a falarem, “eu te amo também”. Eu tô vendo que está mudando, elas estão aceitando mais!”*.

Sobre a última figura, ele exclama: *“Macacada, meu deus! (ri). Pelo jeito o filho fez uma arte e as visitas estão lá no fundo comentando.”*. Afirma que a situação não remete à Estela. Conta que ela é muito tranqüila, educada e delicada, e complementa: *“Quando chega alguém em casa, ela não abre nem a boca. Lembra a minha infância, além de eu aprontar*

muito, a minha mãe não deixava passar nada, dava muita bronca por tudo! Não acho isso certo". Contudo, afirma que a relação que sua mãe estabeleceu com as netas é diferente da vivenciada com ele. Conta que sua mãe tem um novo marido de quem ele gosta muito. Reafirma que após o falecimento de sua esposa, teve alguns atritos com sua mãe e padrasto sobre algumas práticas educativas. Porém, atualmente sente-se mais respeitado: *"Agora eles me respeitam mais, quando é alguma coisa fora da rotina, alguma decisão, eles a orientam a vir conversar comigo. Antes o meu padrasto dava coordenadas para elas, dizia que era para elas fazerem "assim, assim, assim e acabou". Daí elas me falavam que o avô tinha orientado, mas eu sempre falei que quem manda sou eu e não o avô. Aí teve uma vez que nós batemos boca por causa disso, mas nunca aconteceu nada de mais. Agora eles respeitam, falam para me esperarem para conversar comigo e o que for decidido tá bom para eles."* Afirma, porém, que os avós possuem uma certa liberdade: *"Mas é claro que eles tem liberdade, quando ela faz algo errado podem dar bronca, isso eu já falei que podem, isso não tem nada de mais. Outros assuntos sou eu que quero resolver, senão a menininha vai ficar doida porque ela não vai saber quem que manda, se é o pai o avô, quem ela deve obedecer. Eu já expliquei para elas que os avós mandam porque elas são crianças, agora se tem que decidir algo da vida delas, sou eu, é o pai. Certo ou errado não interessa, sou eu."*

Afirma que houve somente uma situação em que ocorreu o que denomina de *"bate-boca"*. José disse que se os direcionamentos dados às filhas não ocorressem da maneira como ele acredita ser a melhor, as filhas deixariam de morar na casa dos avós. O pai diz que não saberia em que lugar poderia levá-las, mas que ele assim o faria. Porém, seus pais ficaram muito preocupados: *"Pediram pelo amor de Deus para eu não tirá-las!"*

José deixa claro, em diversos momentos, que é ele quem exerce o papel de pai. Ele diz: *"Não tem outra forma, eu sou o pai delas e ninguém mais é. Como eu vou abandonar as crianças? Eu sempre me coloco no lugar delas e vejo o que eu gostaria ou não. Não é porque eu apanhava dia e noite que eu vou fazer isso com elas. Tem como educar os filhos sem repetir os erros do passado."*

José afirma que seu principal problema não se relaciona com as filhas, mas sim com ele. Passa a contar o que aconteceu de fato com sua esposa. Faz isso com muito alívio. Diz que a esposa faleceu muito rapidamente. Foi diagnosticada leucemia e demorou somente três meses para ela vir a óbito. Relembra que os dois primeiros meses foram bem difíceis para ele, mas que ele percebeu que suas duas filhas buscaram poupá-lo. Elas não choravam em sua frente, mas mesmo assim ele percebia um imenso abatimento nas garotas. Com o tempo a situação foi se acalmando, eles contaram com muito apoio dos amigos, uma amiga psicóloga

ajudou bastante, sugeriu que comprassem um cachorro. José afirma que ainda tem o animal; Conta, rindo, que seu apelido é “Prejuízo”, pois come muito. Conclui que a mudança brusca que sua vida tomou trouxe novos significados: *“Mas é isso aí, a gente vai tentando, com isso eu vejo que estou mudando até a cabeça da minha família. Eles são muito antigos, minha mãe tem quase 70 anos, foi criada assim e quis passar. Eu já sou diferente, estudei um pouco com eles, procuro ser diferente, ver o que é certo e errado. É o que eu falei antes, se meus pais erraram comigo, mas não é por esse motivo que eu vou fazer a mesma coisa. Mas é isso.”*

Afirma que aprendeu muito sendo pai sobre o que é ser pai: *“É muito bom ser pai, aprendi muita coisa, cresci. Eu não queria ter filho, falava para minha esposa que não dava conta nem de mim (ri), mas na vida temos que ter desafios para crescer, e é muito bom. Antes da minha esposa falecer eu não tinha na minha cabeça o que é ser pai de verdade, antes eu achava que pai tinha que ir trabalhar, colocar dinheiro na casa e voltar a trabalhar, não tinha esse negócio. É isso, acho que eu já falei muito”*

Agradei sua participação e ele complementou avaliando a experiência de participar da pesquisa, a importância e dificuldade de sobre falar sobre suas questões: *“Nossa, eu tava bem preocupado antes, não sabendo o que eu iria falar para você. Foi muito legal. Se você me chamasse dois anos atrás eu não viria, falar, desenvolver esse assunto me atrapalhava muito, era muito complicado lembrar do falecimento, a vida vai passando e a gente vai aceitando mais. Antes as pessoas me falavam que a vida continua, eu respondia que infelizmente ela continua. Mas hoje eu consigo falar mais, não falaria tanto, mas ainda assim não é tão simples. Foi muito legal.”*. Antes mesmo de terminar sua fala, já se levanta, e diz: *“Obrigada! Posso ir, ainda tenho que passar na farmácia comprar um remédio para minha mãe. Ela fez uma cirurgia no coração e tá dando muito trabalho. Quer dizer, agora tá melhor. Mas eu tenho que correr; ainda preciso voltar ao trabalho.”*. Ele novamente se despede e vai embora quase correndo.

4.6.2 Síntese José

No contato telefônico, José ofereceu pouca disponibilidade para participar da pesquisa. Parecia demonstrar um desejo de se preservar. Por isso, não poderia oferecer muito. Este questionamento inicial foi corroborado no final de seu contato com a pesquisadora, quando ele verbalizou que gostou de ter participado, mas que no momento anterior ao encontro,

preocupou-se com os assuntos que poderiam ser abordados. Afirma que o tempo vem possibilitando que ele tenha um maior contato com temáticas relacionadas ao falecimento de sua esposa.

Apesar do receio, o participante demonstrou uma postura progressivamente ativa ao longo do encontro, apresentando importantes questões vivenciadas, principalmente após o falecimento de sua mulher. Assim, para ele, falar sobre sua experiência como pai remete diretamente ao falecimento de sua esposa. Assinala, portanto, que o óbito o colocou diante de um novo papel em seu ambiente familiar, assunto presente em toda entrevista. Antes José era pouco participativo na vida da filha; após o falecimento da esposa, reorganizou sua rotina, seu emprego, e passou a ser mais presente, disponível e atento às necessidades da criança.

Contudo, por vezes, mostra-se sobrecarregado e inseguro, afirma que seu dia a dia seria mais ameno com a presença da mãe biológica das meninas, principalmente por se questionar se é capaz de desempenhar ambos os papéis. Demonstrou dificuldade na vivência do luto pela morte da esposa. A dificuldade em ser a figura principal na vida de sua filha parece ser intensificada pelo fato de que os cuidados com as crianças eram regidos pela esposa e não foram construídos e compartilhados por ambos, uma vez que José era distanciado de tais afazeres. Assim, o participante viu-se diante de uma nova prática. Ademais, ele declara que, em sua infância, não lhe foram oferecidos os cuidados que entende como adequados, ou seja, não tem a vivência de um modelo consistente, considerando seus pais como exemplos não muito positivos.

Ele discorre sobre a primeira imagem de maneira concreta, do mesmo modo como descreve o contato com a filha. O papel masculino, representado por ele pelo trabalho profissional, se mostrou ainda prioritário e é necessário. A avó paterna de Estela aparenta ocupar um lugar mais afetivo no cuidado e na vida da criança, com quem reside. Entretanto, José demonstra um descontentamento por não cumprir as duas funções e privilegiar as demandas mais concretas da criança. Esta questão é explicitada na segunda imagem. Nela, ele não descreve conflitos externos, por exemplo, com sua falecida esposa ou com sua mãe. Ao contrário, explicita uma disputa interna, representada pela necessidade em exercer, por um lado, a função materna e, por outro, a paterna. Diante do dilema, ele assume o lado masculino. Apesar disso, percebe que sua filha também necessita do que entende como provisão materna. Diferencia os papéis, sendo a mãe provedora de amor e carinho; o pai de necessidades mais concretas que possibilitam direcionar a vida da criança. Apesar de se esforçar para oferecer suprimento afetivo, se vê como falho nessa função. Justifica sua dificuldade em exercer os cuidados maternos devido à sua *natureza masculina*. Ressalta, no entanto, a importância que

uma postura autoritária, mas não de autoritarismo, pode acarretar no futuro de filha, valorizando, assim, seu papel.

Diante da escolha por priorizar a função masculina, utiliza a terceira imagem para descrever como significa a vivência atual da função paterna e ressalta se tratar de um caminho novo. A imagem ideal de pai, como alguém sábio e distanciado, foi desconstruída com o falecimento da esposa e diante das necessidades de cuidados com a filha. Assim, foi necessário se adequar a uma nova situação que fez com que ele assumisse, de fato, a função paterna e abandonasse a ideia do que entendia como pai ideal. Desta maneira, apesar de ter assumido uma pesada rotina e uma maior carga de responsabilidade diante das, agora percebidas, necessidades de Estela, passou a ter algo muito valioso que é a proximidade da filha, algo antes restrito à sua falecida esposa.

No entanto, apesar de se esforçar para exercer o papel materno e paterno, não há clareza sobre a maneira que seria possível esta articulação. Deixa claro que não contempla os mesmos cuidados ofertados pela mãe biológica de Estela. Há um medo de não ser bem sucedido ao assumir ambos papéis, mas também de ser bem sucedido devido à culpa por assumir o lugar da esposa. Apesar do conflito, ele oferece uma provisão que prioriza as necessidades concretas de sua filha, mas está atento também às questões afetivas.

Diante da última figura, passou a falar de si. Afirma que a imagem descrita como de um macaco que fez “*arte*” em um evento social e recebe bronca dos pais, não remete à Estela, pois ela é uma criança educada e quieta. No entanto, se apropria da situação descrita e discorre sobre sua própria infância. Conta que era uma criança que aprontava muito e era muito castigado. Reafirma descontentamento diante da postura de seus pais nesse período. Seu pai biológico pouco foi mencionado durante a entrevista. Assim, demonstra não possuir os modelos de figuras parentais que entende como adequados, os quais poderiam clarificar a maneira de exercer o papel paterno.

Atualmente José afirma ter uma relação positiva com sua mãe e com seu padrasto. Talvez amadurecida pela experiência da paternidade. Descreve-os como importantes cuidadores de suas filhas, o que muito o ajuda. Contudo, ressalta que o cuidado que a mãe despense à Estela é de melhor qualidade do que recebido por ele em sua infância. Apesar do vínculo positivo entre seus pais e sua filha, relata ter tido desentendimentos com o casal, relacionados com a delimitação do papel que podem exercer na vida da neta, principalmente relacionado com a questão da autoridade. José afirma que, apesar de Estela viver na casa da avó, é ele quem tem a palavra mais forte e final. Entende-se que ele sente necessidade de assegurar a exclusividade da sua função de pai. Assim, impede que qualquer outra pessoa

assuma tais atributos. Ressalta-se que se trata do papel em que José possui mais domínio e segurança em exercer. Como exposto anteriormente, foi o “lado da corda” escolhido. Demonstra que apesar de entender a necessidade de suprir todas as demandas da filha, vê a necessidade de ajuda de outras pessoas.

Nos últimos momentos do encontro, continua a falar sobre si. Conta sobre o motivo do falecimento da esposa e confessa que sente que o maior problema parece ser ele, não sua filha. Descreve que, após o óbito, sentiu que suas filhas quiseram poupá-lo da tristeza que sentiam. Conta que elas não choravam na sua frente, mas ele percebia um abatimento. Assim, revela uma preocupação de suas filhas com ele diante de um momento muito doloroso para todos.

Atualmente, José ainda apresenta algumas dificuldades, tais como: retomar sua vida social, reocupar o espaço da casa em que morava com a esposa e as meninas, possibilitar que a namorada assuma o lugar materno. No entanto, com o passar do tempo ele parece estar conseguindo não só uma aproximação com as filhas, como também uma melhor elaboração do luto.

Nos momentos finais do encontro, José verbaliza algo que sugeriu durante grande parte de sua fala. Afirma acreditar que antes do falecimento não era, de fato, um pai. Assim, o novo papel assumido traz tanto prazer, como medo e dificuldade. Ele possui um receio de ser questionado por si e pelo outro. Afinal, diante da insegurança do novo papel, sente-se ameaçado em demonstrar sua fragilidade e fraqueza. Assim, parece explicar que a pouca disponibilidade inicial em participar da pesquisa relaciona-se com um medo de mostrar algo desconhecido, falar sobre uma função que entende como importante, mas que também o faz sentir, por vezes, impotente, principalmente diante da função materna.

4.6.3 Narrativa Estela

Estela, apesar de ter completos sete anos de idade, aparenta ser mais nova. É pequena, sua postura é retraída, parece querer se esconder. No entanto, sua face é iluminada por um sorriso no momento em que me apresento. Explico que conversei com alguns pais e suas filhas. Relato que já me encontrei com seu pai e pergunto se ela aceitaria conversar comigo. Ela responde timidamente que sim. Ligo, então, o gravador.

Tento manter um contato espontâneo com Estela, mas suas respostas, apesar de doces, eram curtas e diretas. Decidi começar a apresentar os cartões. Pensei que talvez utilizá-los como intermediadores facilitaria a sua comunicação e isso realmente aconteceu.

Digo que vou lhe mostrar algumas figuras e que gostaria que me contasse uma estória sobre cada imagem. Ressalto que não há resposta certa e nem errada. Mostro a primeira e ela pergunta instantaneamente: *“Isso aqui são passarinhos?”*, parecia estar insegura. Afirmo que pode ser tudo o que ela imaginar. Ela responde: *“Tá, do desenho?!”*. Demonstra, mais uma vez, dificuldade inicial para ser espontânea.

Inicia sua história sobre a primeira figura com uma fala bastante pausada. Conta: *“Os patinhos estavam (bem lentamente) comendo e aí quando eles acabaram de comer eles foram passear, foram em uma fazenda. Aí lá tinha um moço que encontrou eles e ficou com eles. Eles ficaram brincando com outros animais, conheceram mais animais ainda. O moço começou a cuidar deles e cada dia ele ganhava um animalzinho a mais para cuidar, cada dia ele ficava amigo de um. Fim”*. Deu o nome para história de: *“Os passarinhos e os outros animais”*.

Pergunto, sem nenhum objetivo além da tentativa de criar um espaço mais espontâneo, se ela gosta de animais. Ela responde sucintamente que sim. Conta, com uma fala menos lenta e mais leve, que gostou muito e gosta muito de animais.

A segunda estória, Estela conta de uma maneira mais leve (relaxada). Chega a rir durante a narração, imita vozes dos personagens. Conta: *“Os ursinhos estavam brincando de esconde-esconde, eles eram amigos. Daí depois o outro falou: “Vamos brincar de alguma outra coisa? De cabo de guerra? Aí ele foi brincar, aí depois o outro ursinho falou “Vamos comer que eu tô com fome?”. Ele respondeu: “Sim”. Daí, depois, eles foram brincar de novo. Aí eles cansaram e foram passear em uma pracinha”*. Estela silencia. Questiono sobre o que eles fizeram na pracinha e ela responde: *“Eles ficaram brincando, como chama? De Pega-pega. Aí eles foram comer e foram para a casa.”*. Afirma, com um sorriso, que a história vai ser chamar *“Os brincalhões”*.

Pergunto se ela já participou da brincadeira “cabo de guerra”, ela, novamente, responde de maneira pontual e doce que sim e que achou legal. Questiono sobre outras brincadeiras como “pega-pega” e “esconde-esconde”. Novamente ela afirma que elas lhe agradam.

Mostro a terceira imagem. Neste momento, ela narra uma estória mais complexa que as anteriores, mas ainda assim inicia questionando se o animal da figura é um leão: *“Um leão, é um leão, né?”* Respondo que pode ser tudo o que imaginar. Ela inicia: *“É um leão que toda*

vez ele, não.”. Recomeça: *“É um leão e ele tinha um casinha lá, aí toda vez ele pensava, né? Aí um dia alguém chamou ele para sair da casa dele e ele falou que sim, aí ele foi andar lá no jardim que tem na casa dele, na casa nova. Foi um outro amigo que chamou ele para mudar de casa. Aí depois, é, o leão, ficou todos os dias saindo com o outro amigo dele, aí cada dia onde ele passava ele arrumava um amigo novo, aí chegou um dia e ele tinha um monte de amigo lá. Teve um dia que ele esqueceu de sair, ele esqueceu de sair, aí depois o amigo dele perguntou porque ele não queria sair, aí ele respondeu “não quero!” (enfática), daí o amigo dele ficou pensando “por quê? Toda vez ele saía com a gente!”. Aí depois ele é (silêncio curto), o leão ficou pensando muito, aí o leão não quis mais sair de casa e ficou doente, aí ajudaram ele e ele ficou bem.*

Estela afirma que sua terceira história vai se chamar *“Os amigos do rei”*. Digo para ela que na estória o leão ficou triste e logo conseguiu melhorar, as pessoas ajudaram ele e que é muito bom ter pessoas por perto que cuidem de nós. Ela concorda e diz ter muitos amigos.

Mostro a quarta figura. *“O canguru tava na casinha dele, aí a mãe falou para o filho: “Filho, vamos sair para fazer um piquenique? Ele falou “Sim”. Aí um ficou com a mãe e outro ficou na bicicleta. Ele foi até o lugar onde tinha o piquenique, mas choveu, aí ficaram em um lugar onde não chovia. Aí os filhos falaram que estavam com fome e queriam comer. Eles arrumaram a cesta e comeram, passaram a noite toda nesse lugar. Depois, quando amanheceu, eles brincaram e foram para a casinha deles. Só. Vai chamar “Os cangurus que passeiam”.*

Neste momento do nosso encontro, senti que Estela trazia muitos de seus conflitos. Senti-me angustiada diante da limitação de meu papel naquele momento. Fiquei receosa de despertar algumas angústias que poderiam não ser trabalhadas mais a fundo, simplesmente tentei acolher. Disse novamente somente *“Como é bom ser cuidado!”*.

Na última figura, ela conta a seguinte história: *“Os macacos tinham um filho que não tá aqui. Aí o pai dele tinha chamado os amigos para fazer uma festinha que era aniversário dele. Aí o filho começou a bagunçar tudo, aí o pai dele deixou ele um pouquinho de castigo. Daí ele chegou na festa e fez a festa. Ai quando ele saiu e todo mundo foi embora, ele conversou com o filho dele e disse que não era para ele fazer mais isso porque ele tava fazendo aniversário. Aí o filho falou que tá bom, que não ia mais bagunçar! Ele teve que ficar no quarto. O pai disse que quando o filho ficar quietinho, ele vai sair com o filho. Daí chegou o aniversário do pai e ele não bagunçou e ele saiu mais uma vez. Vai se chamar “Os macacos que tinham uma festa”.*

Digo que o cuidado desta vez apareceu como uma bronca. Ela conta que seu pai já a deixou de castigo e que ele disse para ela: *“Filha eu vou te deixar de castigo, mas depois não é mais para você fazer bagunça assim!”*. Complementa dizendo que nunca mais fez aquela bagunça.

Pergunto quais foram as figuras que ela mais gostou. Ela responde que a preferida foi a do *“pintinho”*. A que menos gostou foi do leão. Indago se ela quer me contar mais sobre algo; ela afirma que não, mas complementa dizendo que achou *“muito legal”* contar histórias para mim. Afirma que seu pai havia lhe contado que uma *“moça”* iria conversa com ela. Pergunto o que ela pensou quando o pai comentou, ela apenas respondeu que gostou. Para finalizar eu afirmo que gostei muito de tê-la conhecido e a agradeço.

4.6.4 Síntese Estela

Nos primeiros momentos do encontro, Estela parecia preocupada. No entanto, seu rosto foi iluminado com um grande sorriso no momento em que a pesquisadora se apresentou. No decorrer do contato, apesar de ela não ter se mostrado como uma criança comunicativa, não expressou medo e nem receio, mas sim uma tímida alegria e postura contida, apesar de manter o foco nos olhos da mestrande. É uma garota baixa e magra.

Sua comunicação iniciou de maneira pontual. Respondia sucintamente ao que lhe era questionado, sem se prolongar, mas demonstrando interesse. Sua expressão parece ter sido facilitada quando o contato com a pesquisadora passou a ser intermediado pelas figuras do CAT-A. Demonstrou, assim, insegurança, receio e cautela para falar diretamente sobre si. No entanto, trouxe diversas questões pessoais, de maneira indireta, através das estórias sobre as imagens. Esta mudança de atitude, do obscuro ao esclarecedor, mobilizou a pesquisadora diante da pontualidade de seu trabalho que impediria um maior aprofundamento em tais questões. Diante da percepção e reconhecimento desta angústia, a postura da psicóloga foi de tentar não reprimir a ansiedade de Estela, mas sim de acolhê-la.

Por diversos momentos, quando lhe era apresentada a imagem, ou mesmo no decorrer de sua estória, Estela questionava se sua percepção estava correta, como se precisasse de uma indicação de que estava seguindo o caminho certo. Assim, mais uma vez, dá indícios de insegurança. Esse comportamento é explicitado, principalmente, na primeira figura, em que ela questionou a pesquisadora se o animal presente na imagem era o que ela acreditava ser.

Este comportamento parece sugerir que sua insegurança repercute na sua auto-imagem, havendo dificuldade no discernimento de seus limites e possibilidades. Estela parece acreditar que pode e possui pouco.

Outro aspecto que pode ser destacado é a ausência de temas e personagens geralmente identificados por outras crianças nas histórias das imagens 1 e 2. Na primeira delas, Estela não apresenta a figura da mãe, mas inclui um personagem masculino humanizado que não é presente no desenho. Atribui a ele a responsabilidade pelo cuidado com os animais. Narra que os afazeres deste homem são acrescidos diariamente com a chegada de um novo animal. Assim, parece que diante da ausência materna, Estela quer comunicar que está submetida aos cuidados paternos e que tais cuidados não lhe são exclusivos, pois entende que se trata de alguém muito atarefado. Assim, parece entender que não há possibilidade de que lhe seja oferecida a provisão que gostaria. Diante disso, ela se conforma e não luta pelo afeto. Assim, acredita que seus gestos precisam ser mais contidos, o que parece ser expresso na imagem dois. Nesta figura, em sua história, há ausência de conflito, rivalidade e agressividade, bem como de um terceiro. O mesmo parece acontecer em sua vida. Há um receio diante do gesto agressivo e um predomínio da passividade.

Na terceira imagem, Estela narra a história de um leão que ficou só, ausente da vida social. Adoeceu e precisou de ajuda de outras pessoas para melhorar. Parece remeter à imagem paterna. Seu pai ficou só diante do falecimento de sua mãe. Assim, mais uma vez, Estela parece entender que seu pai precisa receber mais de cuidados do que os pode oferecer a ela.

Até a terceira imagem, participante, em diversos momentos de sua fala, ressalta a proximidade de outras pessoas, como seus amigos. Assim, há indícios de que há uma tentativa de intensificar as relações com os pares como uma forma de sentir menos a falta materna da mãe.

Neste momento, foi pontuado pela pesquisadora a importância do outro e do cuidado. Isso parece ter permitido com que ela pensasse sobre a importância também ser cuidada por alguém. Assim, pela primeira vez no encontro, apresenta um representante da figura materna. Demonstra, através de sua quarta história, os cuidados que lhes foram oferecidos pela mãe, como: proteção, amparo, afeto. Ela demonstra lembrar e valorizar as vivências compartilhadas com a mãe já falecida; portanto, elas ainda estão presentes em sua realidade psíquica. Por outro lado, utiliza a última imagem para demonstrar agora ela se sente amparada de maneira diferente. Apresenta o pai como uma figura de autoridade e objetiva, mas não severa e bastante coerente. Ela demonstra compreender o sentido de quando ele opta por

tomar medidas mais rígidas. A criança parece demonstrar sentir que há uma condicionalidade no afeto: deve comportar-se bem para que seja merecedora do gesto afetivo e da companhia paterna.

Assim, Estela foi ao longo do contato apresentando questões importantes. Na primeira imagem ela exclui a figura materna, na segunda demonstra a impossibilidade entrar em conflito, na terceira discorre sobre a solidão do leão. Na quarta imagem, enfatiza a importância de ter sido cuidada pela mãe e na última revela que possui em novo cuidador: seu pai e que ele possui características menos afetuosas, mas também importantes para seu desenvolvimento. Diante destas questões, Estela parece exigir pouco do ambiente, por entender que ele não pode lhe oferecer muito. Contudo, seu processo de desenvolvimento parece ocorrer bem.

4.6.5 Síntese díade família monoparental paterna II

Foi possível observar congruência entre as entrevistas de José e de Estela. Em decorrência do falecimento da esposa o pai se viu diante da necessidade de assumir os cuidados integrais de sua filha. Primeiramente entendeu que deveria complementar sua função paterna incluindo as atribuições entendidas por ele como maternas. Contudo, a aproximação com a criança o fez perceber que o modo como ele exercia a paternidade havia sido distante, durante os anos em que a esposa esteve presente. Assim, a ausência materna possibilitou com que ele se apropriasse mais de sua função paterna. Por outro lado, sente-se diante de um dilema, pois se vê impossibilitado em suprir ambas as funções, optando por executar tarefas mais objetivas e relacionadas com características masculinas.

Estela parece entender a trajetória paterna desencadeada pelo falecimento de sua mãe. Em sua entrevista relata alteração na maneira como os cuidados lhe foram e estão sendo oferecidos atualmente. Demonstra que anteriormente recebia de sua mãe primordialmente afeto, aconchego e proteção; agora se vê diante de um cuidado mais objetivo e delimitador, oferecido pelo pai. Assim, Estela confirma o exposto no encontro com José, ao demonstrar que suprimento das suas demandas concretas passou a ser priorizado. Além disso, apresenta estes cuidados como provenientes de uma figura que exerce a função paterna de uma maneira coerente, clara, o que parece facilitar a definição dos limites de seu *self* e exercer uma função delimitadora superegoíca.

Por outro lado, Estela, por entender as limitações de José e sua impossibilidade de assumir integralmente a função materna e paterna, percebe-o, por vezes, frágil. As restrições citadas pela garota são confirmadas no encontro com seu pai. Ele declara que diante do falecimento, ele é o “problema” maior e apresenta algumas de suas dificuldades, como retomar a sua vida social. A garota parece preocupar-se com esta situação. Afirma que o leão da figura 4, representante do pai, deixou de “sair de casa”, ficou sozinho e adoeceu. Passou a necessitar dos cuidados do outro. Assim parece entender que não pode exigir muito de seu pai, pois além de necessitar de cuidado, trata-se de uma figura bastante sobrecarregada.

Parece haver a percepção, por parte da criança, do receio que o pai possui de não conseguir suprir as suas demandas. Diante disso, ela passa a limitar as exigências que faz a ele. Nesse sentido, a impressão do José de que pode oferecer pouco, também foi presente no encontro com a pesquisadora, expressado pelo tempo limitado que impôs, inicialmente, para a participação na pesquisa. No entanto, no contato com a pesquisadora, sua restrição se flexibilizou e ele conseguiu não só um tempo maior, como aproveitar o encontro como um momento de exposição e, possivelmente, de elaboração.

Estela parece estar se adaptando (ou experienciando) o novo lugar que seu pai ocupa após o falecimento de sua mãe. Afinal, durante seus primeiros anos de vida, a garota parece ter tido dificuldade para se reconhecer no olhar paterno. Winnicott (1975/1971) discorre sobre a importância do olhar do outro para o desenvolvimento individual, ressaltando a importância inicial do olhar materno. Ele entende que a capacidade da criança se reconhecer diante da face materna possibilita a sensação de existência. Para tanto, é preciso que a mãe ofereça a criança cuidados e um olhar identificado, não refletindo, assim, seu próprio humor e suas defesas. A mãe de Estela parece ter lhe oferecido um olhar de amor e carinho que lhe foi muito positivo e ainda é lembrado como uma experiência boa.

Segundo Winnicott (1975/1971), com o tempo, a criança também é capaz de se reconhecer no olhar dos outros familiares, tal como no paterno. Trata-se de um movimento importante no processo de desenvolvimento da personalidade, pois capacita a criança a reconhecer os pais no olhar dos outros indivíduos. Como dito anteriormente, apesar de Estela ter se reconhecido no olhar materno, isso parece não ter ocorrido inicialmente com o paterno em função do afastamento, algo que vem sendo construído atualmente. Assim, mostra-se receosa sobre a maneira como lhe será oferecido o olhar do outro.

Isso se mostrou presente em dois momentos da entrevista. Inicialmente sua postura retraída foi iluminada por um belo sorriso quando a pesquisadora a olhou e se apresentou. O segundo, aparentemente mais significativo, deu-se no momento em que lhe foi ressaltada a

importância de ter sido cuidada. Como se nesse momento ela encontrasse o olhar que procurava. Diante do encontro passa a “existir” mais, dar um toque pessoal, no contato com a mestrandia, trazendo questões sobre si, suas necessidades e vivências. Winnicott, afirma que o psicoterapeuta deve, aos poucos, demonstrar ao paciente o que ele mesmo apresenta. O terapeuta deve ter a função de uma face que reflete algo que deve ser visto, possibilitando ao paciente a sensação de existência e realidade única. Assim, o acolhimento sobre a importância do cuidado possibilitou que Estela fosse mais vívida.

Assim, a participante parece necessitar reconhecer-se no outro para posteriormente ter o sentimento de segurança. Winnicott (1960/2005) considera que para que a criança se sinta segura é preciso que algo não seja somente experienciado como bom, mas que também ofereça conforto, confiança, seja percebido como indestrutível. Desta maneira, a participante demonstra ter vivenciado sentimento de segurança através da relação com sua mãe. Apesar do falecimento, há preservação desta figura em seu mundo interno, trata-se de uma experiência que se transformou em elementos positivos em sua realidade emocional interna (Winnicott, 1960/2005). A figura paterna, diante do falecimento da esposa, passou a construir uma nova relação com a filha que apesar da dificuldade em relação ao suprimento afetivo, também vem sendo capaz de fazer com que a filha sinta-se segura. Este sentimento possibilita com que a criança seja protegida de diversas invasões não desejadas do mundo externo, bem como as do mundo interno (Winnicott, 1960/2005).

Segundo Winnicott (1960/2005), as crianças tendem a testar seus pais na busca de retificar que podem estar seguros ao lado deles. O pai de Estela demonstra sentir-se frequentemente testado pelos novos afazeres. No entanto, apesar de inseguro, demonstra ter clareza sobre as demandas da filha e seus próprios limites e possibilidades. Assim, José faz o que Winnicott (1960/2005) descreve como satisfatório, ou seja, ele tem uma relação real com a filha, suas ações são advindas do que ele entende como sendo necessidades da criança. Assim, seu cuidado não é uma tarefa mecânica. Desta maneira, apesar de ressaltar que seus pais não foram exemplos que ele considera adequado, isso faz com que ele vivencie a relação com a filha distanciado de modelos, o que o deixa inseguro principalmente por não ter recebido de seus próprios pais cuidados que considera consistentes. No entanto, isso possibilita uma relação viva com a filha e não estereotipada. Segundo Winnicott (1960/2005), pais que oferecem demasiada proteção podem tornar suas crianças aflitas; no sentido oposto, oferecer pouca segurança pode trazer medo e confusão para as crianças. Assim, o mais importante é estar atendo às reais necessidades das crianças, assim como parece fazer José,

isso facilita o processo de desenvolvimento infantil, possibilitando que a criança acredite em si e no outro.

Estela demonstrou diversas capacidades adquiridas na fase de concernimento, como, por exemplo, de colocar no lugar do outro (Winnicott, 1945/2000), principalmente em relação a seu pai. Apesar de considerar seu pai como representativo de autoridade, ela também é capaz de perceber suas necessidades de cuidado, ela é capaz de entender as limitações de seu pai. Há uma visão real, não idealizada.

Ao longo da entrevista, a participante apresentou uma postura contida. No entanto, sua espontaneidade e criatividade foram preservadas. O que pode ser representativo de que seu processo de desenvolvimento parece estar ocorrendo de maneira harmoniosa. Em suma, o desenvolvimento do *self* de Estela relaciona-se com a maneira que seu pai exerce sua função. Ela parece entender as limitações e sente-se segura diante da clareza dos limites e possibilidades. Ela demonstra entender o objetivo do pai puni-la quando necessário, bem como percebe a necessidade de cuidado e receio que ele tem sobre o exercício de sua função. Assim, por vezes não exige muito.

4.7 Família Recompota Paterna

4.7.1 Narrativa Lúcio

Entro em contato com Lúcio por telefone, ele se interessa em participar da entrevista. Mostra-se muito atencioso e flexível para marcar o nosso encontro. Porém, por duas vezes, desmarca duas horas antes, em decorrência de problemas profissionais. Encontro-o na escola de sua filha, ele chega pontualmente, possui uma jovialidade tanto em sua aparência quanto em sua maneira de vestir. Tem uma grande tatuagem no braço com o nome de uma mulher, sua atual esposa.

Ele se mostra, desde o início, bastante contido, educado e pouco à vontade. Peço para que leia o TCLE, ele assim o faz e concorda em participar da pesquisa. Inicio a gravação. Pergunto como é a experiência de ser pai de Luciana. Ele responde que não possui a guarda da filha, mas já entrou na justiça com o pedido. Afirma que optou por regularizar a situação,

pois sente medo de que a mãe biológica da menina requeira a guarda. Diz que nunca pagou pensão para a ex-mulher, mas paga escola para a filha e que a criança mora com ele.

Prossegue contando sobre seu relacionamento anterior. Afirma que morou por sete anos com a mãe de Luciana, mas que mesmo durante este período era ele o principal cuidador da filha: *“Quem olhava mais ela era eu, porque a mãe dela trabalhava de noite. Eu pegava ela na escolinha e ficava com ela, depois ia buscar a mãe dela umas onze da noite no trabalho.”*. Afirma que estão separados há 2 anos e que no início, por 6 meses, Luciana ficou com sua mãe biológica. Ele a via somente aos finais de semana. Porém, nos meses seguintes, a mãe não teve disponibilidade para cuidar da garota e perguntou se o pai assumiria os cuidados: *“Ela não tava dando conta porque ela estudava e trabalhava, daí a menina ficava lá encostada. Um dia ela perguntou para mim se eu tinha interesse em ficar com a menina, porque ela não tava dando conta. Eu disse que ficava sem problema. Falei que ia entrar com a guarda, mas ela disse que não queria que eu pedisse, porque se um dia ou outro a vida dela melhorasse, ela ia querer a menina novamente. Mas eu disse que já que eu ia ficar eu queria fazer uma coisa direito, porque eu vou colocar ela em uma escola particular, ao invés de dar a pensão eu vou pagar a escola. Daí eu entrei com os papéis e tudo. Estou esperando a papelada ficar pronta.”*.

Quando Luciana passou a morar com o pai, ele já estava morando com Camila, sua nova esposa. Disse que não ficou com a filha desde o início porque morava em um apartamento pequeno com sua irmã. Mas, assim que mudou para a nova casa, conversou com a esposa afirmando desejo de ter Luciana morando com eles e ela aceitou. Camila tem duas filhas que também residem com eles, mas declara que a relação com sua filha é diferenciada: *“A Camila também tem duas filhas que moram com a gente, uma de seis e outra de oito, mas a Luciana é especial na minha vida. A mãe dela sempre foi muito ausente, quando nós nos separamos ela sentiu muito, ela baqueou.”*.

Na sequência, Lucio fala diretamente sobre sua relação com a filha. Ele afirma que sempre gostou e assumiu seus cuidados: *“Sempre cuidei muito, desde pequena eu dava banho e trocava, eu aprendi tudo com ela. Sempre fui muito próximo”*. Ele justifica o fato de oferecer cuidados à filha como natural, pois sempre teve que ajudar em sua casa: *“Minha mãe se separou do meu pai eu tinha oito anos, daí eu ajudava a minha mãe a ajeitar a casa, sempre fui muito companheiro. Depois a Luciana nasceu e eu sempre cuidei muito dela, sempre fui muito próximo dela. Eu gosto muito, se ela pegar a menina de volta, eu não consigo mais ficar sem ela”*.

Conta que a mãe biológica de Luciana continua muito ausente: *“A mãe é ausente por causa do tempo e também afetivamente. Ela gosta muito de sair de noite, ela não liga muito de ficar com a menina. Então, foi sempre eu que ficava e cuidava dela. Quando a Luci morava com a mãe, eu ficava com ela no final de semana, geralmente pegava na quinta. Hoje em dia, nos finais de semana, fica só eu a Camila e a Luci, porque as meninas vão com o pai.”*

Prossegue reafirmando que foi muito bom quando sua ex-mulher pediu para que ele ficasse com a filha, mas enfatiza que não tratou somente de um pedido, pois ele sempre quis que a garota morasse com ele. Acredita, também, que Luciana gostou da mudança, prefere estar com ele a estar com a mãe: *“Era uma vontade minha porque eu tenho mais condições financeiras que a mãe. Luci estudava em escola pública, daí ela via as meninas com uniforme da escola particular e queria estudar, eu também fui conversando com a mãe dela para me deixar ficar com ela. De domingo, quando eu a levava embora, ela não queria ir de jeito nenhum. Era o dia que a gente passeava, ia no shopping, parque, assistia filme. Sempre teve muito brinquedo para ela em casa, espaço para ela andar de bicicleta. Ela gostava mais de ficar comigo.”*

Reafirma que sempre gostou de ter sua filha próxima e que isto fez com que ele retardasse a separação: *“Eu sempre gostei de ter a minha filha perto de mim, a minha separação mesmo eu segurei um pouco, porque eu sempre quis ter ela perto de mim; levei uns três anos por conta da menina. Era complicado porque ao mesmo tempo eu queria ficar longe de casa, porque eu brigava muito com a mãe dela, mas eu também queria muito ir para a casa, porque eu queria ficar com a minha filha. Apesar de que meu tempo com a mãe dela era pouco, eu só pegava ela no trabalho e daí eu já ia dormir já. De manhã eu saía cedo para trabalhar e nem voltava para almoçar. Então, meu tempo com ela era curto, mas, mesmo assim, o tempo todo a gente brigava, não dá! Quando um não quer dois não brigam, não tem jeito. Eu quero a minha filha próxima de mim, eu quero ela comigo.”*

Pergunto se ele quer falar mais alguma coisa sobre a experiência de ser pai e ele diz que não. Digo, então, que vou mostrar algumas figuras de animais e que após olhá-las, ele me diga como foi e como é ser pai de Luciana. Mostro a primeira imagem. Ele responde: *“Para mim normal (...), família reunida na mesa para poder almoçar, jantar, para a refeição.”* Pergunto se remete a algo sobre como foi e como é ser pai de Luciana. Ele diz que não recorda nada e descreve os momentos de refeição como muito agradáveis: *“Nada não. Isso para mim é normal. Eu gosto, a gente sempre almoça e janta tudo junto, fazemos questão de reunir na mesa, todo mundo junto, é legal, gostoso isso. Ela se alimenta muito bem, tem coisas que ela não gosta, mas ela se alimenta muito bem. Nós temos uma empregada. A Camila trabalha e eu também, daí é a empregada que prepara. A gente fica junto na hora do*

almoço e de noite, só nessas horas. Eu gosto disso, é um momento que temos que cultivar. Eu gosto disso”. Na sequência, ele volta a falar sobre sua ex-esposa e o pouco tempo que dispõe para ficar com a filha. Porém, parece entender a indisponibilidade dela como algo positivo, pois garante mais tempo da filha com ele. Contudo, mostra-se confuso em relação à atitude da ex-mulher: *“Às vezes eu acho que ela pega a menina porque tem que pegar. Às vezes eu acho que ela pega porque quer ficar com a menina. Não entendo! Mas eu acho que ela tem que ficar mais próxima da menina, ela deve sentir falta da mãe, todo filho sente falta da mãe.”*. Novamente relata uma experiência pessoal: *“Eu perdi a minha quando eu tinha 16 anos e eu sinto falta até hoje. Ela deve sentir falta da mãe, mas eu acho também que a Camila tenta preencher a falta que a mãe faz para ela.”*

Lucio descreve a relação de sua filha com a madrasta como muito positiva, *“Ela assumiu esse papel de mãe muito bem, ela gosta muito da Camila, elas se dão muito bem.”*. Depois retoma o discurso sobre a ex-mulher: *“Eu não sei se ela pega por obrigação ou porque ela quer, sempre é muito pouco. Ela não demonstra ter vontade de pegar.”*. Conta que a atitude distanciada da mãe biológica gerou muitos conflitos, que foram amenizados por Camila: *“Eu tinha muito conflito por conta disso, mas a Camila disse para eu deixar de lado, ela disse que se ela quiser pegar a menina é para deixar, agora se ela não quiser é até melhor porque a menina fica junto com a gente. Eu concordei. Mas antes a gente brigava muito porque ela não participava da vida da menina, eu brigava muito para ela participar mais, mas larguei mão. Daí a gente parou, nós conversamos muito pouco, só o essencial. Mas me afeta porque ela é minha filha, né?! O que eu não quero para ela eu não quero para mim, eu não aceito as coisas. Mas é isso.”*

Pergunto se ele quer contar mais alguma coisa sobre a figura e ele diz que não. Mostro a segunda imagem. Ele responde rapidamente: *“Cabo de guerra, isso eu nunca, eu nunca fiz isso na minha vida, cabo de guerra essas coisas, eu nunca brinquei com isso (...) isso não me recordo de nada. Cabo de guerra eu acho que tá representando quem pode mais, né? Acho que seria a mãe, o filho, o pai sozinho. O que eu entendo é isso.”*. Questiono se a imagem remete a algo sobre sua relação com a filha, ele diz que não, afirma que não há disputas com a mãe, pois ela abriu mão da guarda e complementa: *“Mas não é uma disputa porque a mãe abriu a mão. Eu nunca quero tomar ela da mãe dela, eu quero ficar com ela por livre e espontânea vontade dela. A escolha seria dela. Hoje se a mãe quisesse a guarda, Luciana não iria. Se futuramente a mãe tivesse condições de estar com a menina eu até deixaria, mas eu acho que ela não ia querer.”*

Conta que com a atual esposa também não existe disputa: *“a Camila me preenche muito, eu não me sinto sozinho, estamos sempre juntos, não consigo ficar sozinho. Nós trabalhamos em locais diferentes, mas estamos sempre juntos, se falando. É isso que me recorda”*.

Sobre a rotina, diz que aos finais de semana as filhas de Camila passam com o pai e que sua atual esposa, diferente de sua ex-mulher, não gosta de ficar longe delas. Afirma, na sequência, que tem uma relação muito positiva com as filhas de Camila e que tem medo que o pai requeira a guarda. Contudo, acredita que é algo que dificilmente poderá acontecer: *“hoje para o pai tirar a guarda da mãe tem que ser alguma coisa muito grave para tirar”*. Diz que o ex-marido de sua esposa é um pai pouco presente e tem preferência declarada pela filha mais nova que é muito apegada com ele. Assim, a mais velha, que apanhava dele frequentemente, aproximou-se muito de Lucio.

Porém, apesar da menor proximidade com a filha mais nova de sua mulher, Lucio afirma que as trata de maneira similar. Apesar da mais velha, por vezes, ser mais próxima que a própria filha biológica, ele reafirma ter uma relação especial com Luciana devido, principalmente, à ausência da mãe: *“Eu tenho mais carinho pela Luciana porque ela fica longe da mãe, então eu tenho que preencher tanto o papel de mãe quanto de pai. Essa eu acho que é a diferença, porque mãe é diferente, eu tento cumprir o papel dos dois.”*.

Pergunto como é cumprir o papel de pai e mãe, ele responde: *“É sempre estar próximo dela, ajudar ela a fazer as coisas dela. Se ela pede alguma coisa, se eu posso dar eu dou, faço de tudo. O papel de mãe é mais o carinho, amor, a filha sempre quer ficar mais próxima ali do carinho do amor. O pai, ele faz uma parte mais de corrigir de dar dura, de ficar em cima. Eu sempre faço o papel dos dois para ela.”*.

Apesar de afirmar que também supre as necessidades afetivas da filha, pouco foi descrito até este momento. Assim, pergunto sobre seus sentimentos e ações diante do duplo papel. Ele diz gostar; complementa se distanciando da pergunta: *“Já com as outras duas eu faço um papel mais de pai porque a Camila tá sempre junto com elas, a educação delas é muito boa. Eu acho que conversar é a melhor coisa que tem. Bater tem a hora certa, às vezes eu dou umas palmadas, o diálogo é melhor. É um caminho mais difícil, mas depende da criança também, tem criança que precisa dar sempre dura e bater para ver se para, agora elas já não, só de olhar elas já param. Porque a gente conversa muito com elas, então ela sabe disso. É isso.”*. Pergunto como são os momentos mais afetivos, ele responde: *“normal”*.

Mostro a terceira imagem, ele a olha e diz: *“Um avô sentado na cadeira. Eu não conheci meu avô, eu não tive isso, a Luciana também não tem. O avô é mais, os netos gostam*

de ficar perto dos avós, ir na casa deles, tem coisas gostosas para comer. Eu não tive, queria ter passado por isso. A Luciana não tem, mas ela já acostumou. Ela só tem a avó materna mas elas não são muito próximas.”. Parece perceber, então, que se trata de mais um papel ausente na vida de sua filha.

Na quarta figura discorre sobre os momentos de lazer que passa com a família e acaba revelando um plano futuro. Ele diz: *“Essa aqui eu vejo uma família fazendo piquenique, é gostoso. A gente nunca fez isso, mas nós sempre vamos viajar muito. Eu voltei da praia faz menos de um mês. É muito gostoso, gostamos de viajar, de ficar todo mundo junto. Nós gostamos muito. Estamos pensando em mudar para a praia.”*. Mostra-se confuso sobre os motivos que levariam a tal mudança: *“Ah, lá é mais gostoso, é uma cidade diferente, menor. Não tem tanta violência, você não vê... é um lugar diferente, é mais gostoso morar lá, viver. A gente não trata ir morar lá como um refúgio, a gente pensar em ir lá para construir uma vida nova, montar um negócio para a gente viver lá, ter uma vida diferente.”*.

Confessa que entende que a mudança de cidade complicaria a vida dos pais biológicos, mas volta a justificar o desejo da mudança afirmando que vão ao litoral com frequência e passam sempre por volta de vinte dias lá. Ele diz: *“Sempre falamos que um dia vamos morar lá. Ficamos pensando que daqui um ou dois anos vamos mudar para lá, já estamos estudando de ir para lá, tem que ter o pé no chão. Eu até gosto daqui, mas lá é mais gostoso”*.

Pergunto se ele acredita que a mudança iria alterar a configuração de sua família. Ele responde rapidamente que sim, afirma: *“Lá seríamos mais unidos ainda, lá é um lugar gostoso que gostamos de sair para caminhar beirando a praia. Seria melhor para a gente, é mais gostoso, teria mais passeio. O pai das meninas tem condições de ir lá toda semana, agora a mãe da Luciana eu acho que eu teria que dar dinheiro para ela ir. Estamos pensando desde o ano passado.”*.

Diz que um dos motivos que impedem a mudança imediata é um processo na justiça que a sua atual esposa está envolvida em decorrência da separação: *“Ela está esperando a situação dela na justiça que ainda não deu certo, isso porque faz três anos que estão separados e quatro que não dormem juntos. Ela diz que fazia um bom tempo (que eles não dormiam juntos), ele sempre foi ausente, nunca ficava em casa. Eu gosto mais de ficar com a minha família, eu gosto de ficar com elas, eu trabalho de manhã, não vejo a hora de ir embora para pegar elas e ficar com elas.”*.

Conta que Luciana tem constantes brigas com a filha pequena de Camila. Ele diz tentar conversar com as duas: *“Eu converso, sento com as duas. Digo que não precisam brigar, que elas podem brincar com o brinquedo. Mas de resto não me dá trabalho nenhum,*

se dão muito bem. Elas disputam muito a atenção da maior, elas gostam de ficar com a maior brincando, mas a mais velha já brinca diferente, gosta mais de desenho e filme, as menores gostam de ficar brincando e pulando.”. Finaliza afirmando que gosta muito do que a prancha representa, pois entende que se trata de todos juntos, unidos, na família.

Ao ver a última prancha, diz que ela se relaciona com a anterior. Afirma: *“É o que eu tava falando, a família reunida em casa. O que eu acabei de falar, ficar reunido em casa, eu gosto também, é o que eu vejo. Eu tô entendendo isso como a família reunida em casa.”*. Pergunto sobre o que a figura remete em sua relação com Luciana, ele responde: *“Não me lembra nada!”*. aguardo alguns instantes e pergunto se ele quer falar mais alguma coisa, novamente ele traz o conflito relacionado com sua ex-mulher: *“Eu gosto muito da Luciana perto de mim, eu até acho bacana ela ficar com a mãe dela, mas se ela pudesse ficar somente perto de mim eu gostaria. Gostaria de proteger, deixar ela perto de mim, onde eu posso ver ela e saber se ela tá bem. Quando ela não tá perto, eu fico pensando como ela tá, o jeito que ela tá, com quem ela tá dormindo. Porque tem vez que ela pega a Luciana de sábado e ela sai de casa, daí eu não sei com quem minha filha está dormindo. Sempre quando ela pega ela sai, não fica com a menina. Eu fico preocupado de deixar ela em outro lugar. É isso, não tenho mais nada para falar”*.

Depois relata a relação com sua nova esposa e as tarefas, comparando-a com o relacionamento anterior: *“Eu e a minha esposa dividimos tudo. Conversamos muito e dividimos tudo, até limpar a casa, nenhum faz mais, nenhum faz menos. Eu gosto de estar participando do gasto e da limpeza. No meu outro casamento era diferente, eu mais limpava a casa e fazia comida, ela pagava mais as contas, mas com meu dinheiro. Agora a gente divide, conversa, faz tudo junto.”*.

Afirma não se lembrar de mais nada para me contar. Agradeço sua participação e nos despedimos com um aperto de mão. No caminho para a porta de saída, Lúcio para em frente da cadeira que estava sentado e passa a falar sobre sua profissão e sobre seu pai. Conta que trabalha como serralheiro desde os 12 anos, iniciou a profissão como ajudante de seu pai e com o tempo virou sócio. Porém, eles se separaram há dois anos. O motivo da separação foi uma discussão que tiveram e que foi relacionada com sua madrasta. Ele não entrou em detalhes, mas afirma que sente muita falta do pai, gostaria de tê-lo ao seu lado para conversarem e para que ele o ajudasse em seu trabalho. Mas ressalta que nunca se sentiu tratado como um filho, com atenção, cuidado, proximidade, que ele e seu pai eram colegas de trabalho.

Lucio afirma que no trabalho o pai cuidava das questões burocráticas e ele era responsável pela produção. Assim, com a separação, viu-se diante da necessidade de aprender a fazer o trabalho de seu pai. Conta que foi a primeira briga que tiveram ao longo da vida. Porém, afirma que, em algumas situações importantes, não pode contar com a ajuda paterna. Narra que quando os pais se separaram o pai se tornou muito ausente. Depois, com o falecimento da mãe, Lucio não tinha onde morar e o pai não aceitou tê-lo morando na casa de sua nova família. Ele foi residir em um pequeno apartamento com sua irmã, local em que saiu quando se casou, aos 18 anos, com a mãe de Luciana. Ao se separar dela, ele voltou para a casa da irmã.

Lucio enfatiza: *“Eu quero ser para a minha filha o que meu pai não pode ser para mim!”*. Diz querer estar sempre presente. E prossegue: *“Não quero que ela passe o que passei. Minha mãe foi muito grudada comigo, ela separou do meu pai com 8, 9 anos e fiquei com ela até ela falecer, foi difícil.”*. Em seguida, diz que precisa ir, pois está atrasado, não se mostrou disponível para qualquer comentário/pergunta que eu pudesse fazer. Agradece-me pelo encontro e se despede.

4.7.2 Síntese Lúcio

Lúcio demonstra estar confuso diante de seu papel de pai. Em diversos momentos descreve-se de maneira não condizente com sua realidade. A incongruência já se faz presente no início do contato, momento em que se mostra muito disponível para participar da pesquisa, mas desmarca a entrevista por duas vezes. Apesar de apresentar uma aparência de jovialidade, possui uma postura contida e rígida o que faz com que ele aparente ter uma idade superior aos seus 28 anos.

A contradição também parece ser vivenciada em relação a assuntos ligados com a ex-mulher, tema de muito destaque em sua fala. Quando convidado para discorrer sobre sua experiência como pai, não descreve suas vivências, mas apresenta questões relacionadas com a guarda da filha e seu relacionamento com a mãe dela. A relação conjugal foi bastante conflituosa, o divórcio somente não ocorreu em um momento anterior porque Lucio entendia que manter os laços seria positivo para a filha pequena. Valorizava, portanto, a família nuclear. Durante a entrevista, parecia preocupado em ressaltar que a sua ex-esposa exerce a maternidade de maneira negligente e distante. Porém, por vezes, aponta para o distanciamento

como algo negativo por acreditar que seria importante que a filha tivesse um maior espaço na vida da mãe; mas também o significa como algo positivo e que possibilita uma maior proximidade entre ele e a filha.

Apesar de descrever sua relação com Luciana como muito próxima, sendo ele seu principal cuidador desde o nascimento, não narra situações que vivenciam juntos. Refere-se pouco à filha, afirma somente que gostam de viajar, que sua atitude é de oferecer tudo o que é pedido pela criança e que Luciana não dá trabalho (apesar das constantes brigas com a filha menor de sua enteada). Descreve suas experiências através das figuras apresentadas, de maneira superficial, sempre atribuindo características idealizadas à sua atual família e projetando aspectos negativos para o mundo externo, principalmente para a mãe de sua filha.

A superficialidade, idealização e projeção podem ser notadas na maneira que abordou a primeira imagem. Nela, ele afirma entender as refeições como momentos importantes de convívio familiar, mas não justifica e nem ao menos assinala situações e problemas vivenciados neste momento do dia; trata o assunto de maneira pouco profunda. Neste momento, Lucio também supervaloriza sua atual esposa, descreve-a com inúmeras qualidades e sem defeito algum, sua fala a aproxima de uma figura idealizada. Sobre sua atividade paterna, relata um aspecto negativo no momento em que afirma dispor de pouco tempo para ficar com a filha, restrito somente ao almoço e período da noite; instantaneamente inclui em sua fala a ex-mulher e a indisponibilidade dela no contato com a menina. Dessa maneira, projeta sua dificuldade na mãe de Luciana, mostrando-se superior a ela no cuidado com Luciana.

A comparação com a mãe de Luciana também é presente na segunda figura. Neste momento, Lucio afirma que não há disputa entre eles. Apesar de entender que a filha foi algo não desejado pela mãe, parece acreditar que tê-la por perto é mostrar-se superior, vencedor. Assim, ressalta a ineficiência da mãe biológica como provedora, mesmo diante de uma justiça que ele entende que dificilmente tira a guarda da mãe. Também desqualifica a relação do pai biológico de suas enteadas, que faz diferença entre as meninas, complementando que ele próprio acaba por exercer a função paterna com as meninas, principalmente com a mais velha. Novamente, atribui grande competência no exercício da maternidade à sua atual esposa, destaca o vínculo positivo entre ela e a filha. Porém, ressalta que é ele quem tem que desempenhar o papel de pai e mãe para Luciana. Assim, mais uma vez mostra-se confuso.

Lucio marca uma diferenciação entre o que entende como sendo o papel paterno e materno. O primeiro refere-se a características como direcionamento e provisão material, o segundo remete ao afeto e carinho. Embora atribua a si a execução dos dois papéis, parece exercer um cuidado mais voltado para as necessidades materiais: escola particular,

brinquedos, passeios. Apesar da ênfase material, Lucio acredita que exerce seu papel de pai/mãe com excelência. Sua dificuldade para perceber suas falhas relaciona-se com uma forte identificação com a filha, sente-se abandonado, assim como ela. Lucio, narra, em diversos momentos que, assim como a filha, teve pouca provisão ambiental e figuras de referência.

A ausência de figuras de identificação masculina é assinalada quando lhe foi mostrada a figura 3. Lucio parece não possuir nenhuma referência a qual possa identificar a figura do leão. Assim, há uma dificuldade para exercer a função paterna que ele mesmo não possuiu; o que parece confundi-lo e dificulta, ainda mais, que ele perceba seus aspectos entendidos como não ideais. Ao término da entrevista, ele aborda questões sobre a ausência e abandono do pai de maneira clara. Lucio não parece ter tido que aprender somente como executar as tarefas profissionais do pai, mas também aprender, sozinho, como exercer a função paterna sem nunca tê-la recebido.

A falta de referências parece deixá-lo inseguro diante da maneira que exerce seu papel. Contudo, responde por meio da projeção, de maneira a afastar-se da angústia de perceber seus defeitos. Assim, como dito, tudo que é entendido como negativo é projetado para o exterior de seu “perfeito” ambiente familiar. Nesse sentido, na imagem 4, ele ressalta o valor que atribui ao contato com a família e revela um plano de mudar-se para uma cidade distante. Também nesta imagem ele não distingue a figura masculina da feminina, parece que tais papéis foram vivenciados de maneira indiscriminada.

Por fim, na última figura ele demonstra que toda a idealização dificulta com que ele perceba a filha de maneira real. A perfeição atribuída à sua família não abre espaço para perceber as reais necessidades e angústias de Luciana, que vão muito além da provisão material. Desta maneira, o contato com a filha, assim como a maneira que se envolveu com as figuras, parece ser superficial. Afinal, um contato mais profundo não permitiria tanta idealização.

4.7.3 Narrativa Luciana

Luciana entrou na sala acompanhada de sua professora, ela tem 5 anos, é muito pequena, um pouco gordinha. Ela entra, olha para a sala toda. Apresento-me e ela nada diz, somente me olha, nem ao menos gesticula. Contei que eu estudo em uma escola, assim como ela, mas para pessoas maiores e que estou fazendo um trabalho que é conversar com as

crianças, pergunto se ela pode me ajudar. Ela, apesar de estar prestando atenção na sala, gesticula que sim.

É importante ressaltar que se trata de uma sala da escola em que ficam as diretoras, onde as crianças não tem acesso. A professora a orienta para que sente na cadeira maior, da diretora, ela assim o faz. Para minha surpresa, apesar de sua distração e pouca fala inicial, Luciana, nos instantes seguintes, torna-se comunicativa.

Pergunto quantos anos ela tem e ela responde que tem cinco anos, mas que logo vai fazer seis. Conta que gosta de assistir o canal da Disney, andar de bicicleta. Gaba-se ao afirmar que nunca caiu de sua bicicleta. Ela conta que chega em casa da escola e toma banho. Digo que a chamei para conversar, pois também frequento um lugar parecido como uma escola, mas para adultos, e que eu preciso fazer uma tarefa, uma lição de casa. Pergunto se ela pode me ajudar e ela diz que sim.

Afirmo que tenho quadros com figuras de animais e que gostaria que ela me contasse alguma estória sobre cada figura, não tem certo e nem errado. Ela me olha e diz imperativamente: *“Eu preciso de uma garrafinha da escola, eu não tenho”*, e aponta para uma garrafa de plástico que estava exposta no armário da sala. Digo: *“Acho que você gostaria que eu pegasse uma para você, né? Mas eu não posso Luciana, ela não é minha.”*. Ela responde: *“Ah, então só a tia Rita pode dar!”*, referindo-se a coordenadora.

Retorno à nossa tarefa e mostro a primeira figura, peço para que ela me conte uma estória. Ela diz, depois de alguns segundos: *“Não acho nada!”*, de maneira bastante espontânea. Mas, de modo natural ela aponta para o pintinho que está no canto da mesa da figura e diz com uma voz alta e com muita gesticulação: *“Eu gosto mais deste. Eu já assisti esse filme. Esse, esse (aponta para os dois primeiros pintinhos), vieram comer, tomar sopa. Tão comendo a sopa, e o galo vem pegar. O galo tem que fazer outra sopa, mas eles não tão mais com fome.”*. Neste momento a coordenadora da escola entra na sala, Luciana diz instantaneamente: *“Preciso de uma garrafinha da escola!”*. A coordenadora responde que irá verificar se existem disponíveis para lhe dar, mas acredita que não deve haver. Ela afirma que Luciana está bonita sentada na cadeira grande e sai da sala.

Convido Luciana para retomar a estória que ela me contava, repito o que foi dito por ela que prossegue: *“O galo também veio tomar a sopa. E mais nada!”*. Pergunto como sua estória pode chamar e ela diz: *“Os pintinhos e o galo!”*.

Digo que vou lhe mostrar outra figura, ela olha e afirma que nunca viu o filme da figura. Convido-a para inventar uma estória, ela diz com bastante ênfase: *“Mas eu não sei!”*. Depois afirma que são dois lobos puxando a corda, mas que ela não sabe o que está

acontecendo. Parece um pouco irritada e despreza a figura. Ela muda de assunto afirmando que o armário das canecas está trancado e depois afirma não querer mais discorrer sobre a imagem apresentada.

Mostro para ela a prancha seguinte e ela diz inicialmente não saber, mas em seguida exclama: *“É a Nárnia!”*. Afirma: *“É preciso abrir a água para eles entrarem!”*. Imita fortemente o ruído de um leão. Prossegue: *“O leão consegue chegar na casa dele, teve que pendurar o quadro, o quadro estava no chão. Antes eles não estavam na casa. Você coloca lá no canal da Disney que passa a Nárnia para você assistir. Só que tem no plano controle da Embratel. Para assistir a Disney tem que ter o plano controle da Embratel.”*. Digo, então, que é preciso comprar e ela diz que sim. Pergunto o que mais acontece na estória, ela diz que nada. Digo que ela contou a estória de um leão que abriu a água para chegar em sua casa e depois teve que arrumar o quadro que estava no chão; ela responde afirmativamente. Questiono o motivo do quadro estar no chão, ela diz não saber, *“não sei mais de nada!”*.

Mostro-lhe a prancha seguinte, ela fala: *“são coelhos, um está levando doce para a avó e o outro está andando de bicicleta. E eles vão conseguir chegar até a casa da avó. É isso.”*. Pergunto se ela tem avó, ela diz que sim, mas que não leva doces para ela. Neste momento, Luciana desce, sem querer, da cadeira, digo que vou ajudá-la a subir, mas ela consegue se acomodar sem minha ajuda, afirma: *“Pronto, a sua não tem rodinha!”*. Digo que ela está certa, mas que mesmo assim minha cadeira é confortável. Ela conta que tem uma bicicleta da Barbie e dois DVDS: *“O segredo das fadas”* e *“Barbie moda e magia!”*. Pergunto se o *“Moda e Magia”* é o que a Barbie vai para a França, ela diz que sim. Digo que conheço e gosto da história. Ela afirma que este seu disco está riscado. Digo: *“Nossa! Seu DVD riscou!”* e Luciana conta que o disco não é só seu, pertence também as suas duas irmãs. Começa a falar sobre suas irmãs, conta que uma tem 10 e outra tem 6 anos, afirma que elas são legais.

Luciana pergunta a quem pertence os cadernos que estão na mesa. Digo que dois são meus e que os outros são da coordenadora. Ela responde: *“São da tia, ela não fica brava. O meu caderno, o da Gabriela Ferreira (amiga de sala) e o seu são verdes, mas de todo mundo é amarelo. Na minha sala a Lucia de Mello, Marcos Loureiro, todo mundo tem caderno amarelo.”*. Digo então que temos cadernos diferentes. Contudo, ela diz preferir caderno amarelo: *“Mas meu pai não compra caderno amarelo para mim!”*. Pergunto como é seu pai, ela diz que ele é bem legal e que ela vai com ele ao *shopping* comprar coisas, afirma que tem uma roupa de frio de borboleta. Em seguida, diz que a sua cadeira é alta e a minha é baixa. Digo que ela está me falando que ela tem muitas coisas que entende como valiosas. Pergunto

se ela quer falar mais alguma coisa sobre a estória que me contou, ela diz que não e o título é: “*O coelho*”.

Afirmo que vou mostrar a última figura, ela olha e diz: “*Eles estão tomando café e só!*”. Pergunto sobre o macaco pequeno, ela diz: “*Ele tá sentado, ele não tá em pé, estão conversando sobre páscoa, só!*”. Luciana conta que ganhou três ovos de páscoa: do seu pai, da sua mãe e de sua tia que tem um pequeno bebê. Pergunto como sua mãe se chama e ela diz: “Camila”, referindo-se à madrasta, afirma que ela é “*muito legal!*”. Diz que a estória vai chamar “*Os macaquinhos na páscoa*”. Conta que o coelho da páscoa foi até sua escola: “*na minha casa ele não foi. Eu tenho só uma casa, lá é legal!*”. Pergunto o que ela gosta de fazer com seus familiares e ela diz não saber. Pergunto se ela quer me falar mais alguma coisa, ela diz que uma de suas irmãs vai mal na escola e que a outra e ela vão bem. Pergunto qual é a figura que ela mais gostou e ela disse que a última, pois tem páscoa. Agradeço sua participação e a levo até sua sala.

4.7.4 Síntese Luciana

Luciana se apresentou de maneira desembaraçada, observadora e comunicativa. Contudo, suas estórias foram relatadas de forma concreta, sem movimento, dinamismo e envolvimento. No decorrer da entrevista ela foi permitindo um contato maior com a pesquisadora, apesar de ainda limitado.

Quando lhe foi explicada a tarefa de olhar para as figuras e contar uma estória, ela concordou em participar, mas se dispersou ao avistar uma “garrafinha” com o emblema de sua escola. Assim, desvia da tarefa proposta e afirma, de maneira imperativa, que deseja possuir aquele objeto. Diante da impossibilidade da pesquisadora em lhe oferecer o objeto desejado, ela se mostra insatisfeita. Luciana parece comunicar que para oferecer algo ela necessita receber em troca, principalmente por se tratar de uma tarefa em que ela parece sentir-se ameaçada por não saber se será capaz de realizar. Afinal, inserir-se em um universo imaginativo e fantasioso é vivido pela criança como algo que vai além das suas capacidades; nesse contexto, suas estórias são apresentadas de maneira descritiva ou baseadas em histórias e filmes já existentes. Essa forma de proceder ocorreu na primeira figura do CAT-A, em que ela narra uma estória com o foco na ação e distanciada de sentimento e envolvimento. Conta que os pintinhos já foram alimentados e ainda vão receber mais. Assim, o “galo” irá reforçar

algo já oferecido e de que ela não precisa mais. É possível pensar que ela tem a sensação de que recebe algo importante, mas excessivo (e, portanto, inútil) diante de outras necessidades não supridas. Ela interrompe sua estória ao avistar a coordenadora e lhe pede imediatamente a “garrafinha”.

Assim como na primeira imagem, também descreve na segunda uma estória sucinta e distanciada da fantasia. Neste momento mostra-se frustrada e irritada por lhe ter sido negado o oferecimento de um objeto o qual diz “precisar”. Diante da não satisfação de seu desejo, mostra dificuldade para oferecer algo ao outro. A pouca criatividade também se faz presente nas figuras 3, 4 e 8. Na terceira, ela conta rapidamente uma cena de uma estória já conhecida e afirma que para assistir ao filme citado é preciso ter um plano especial de TV a cabo. Desta maneira, reafirma o valor que atribui ao “ter”, indicando que a importância do outro se relaciona com o que ele possui concretamente, só assim ele também poderá oferecer algo. Esta temática também é presente na figura 4 em que descreve os objetos materiais que possui. Compara sua cadeira, que tem rodinha, com a da pesquisadora, ausente de rodinha.

Ainda na imagem 4, ela reage positivamente à aproximação da pesquisadora. Quando Luciana descreve que possui um DVD e recebe como resposta que aquela estória faz parte do repertório da pesquisadora que já assistiu ao filme, ela parece sentir-se valorizada, reconhecida e entendida. Diante de tais sentimentos, sente-se à vontade para revelar que o que ela possui não é tão bom. Conta que seu disco está riscado, revelando um aspecto negativo. Além disso, ao afirmar que gostaria de ter um caderno de outra cor, parece demonstrar que o pai não consegue reconhecer suas necessidades e que ela ainda continua insatisfeita. Porém, afirma, em um movimento reparatório, que o pai é capaz de suprir suas necessidades materiais, exemplificando através da roupa comprada no *shopping*. Nota-se, porém, que mesmo recebendo provisão material em abundância, esta parece não corresponder aos desejos de Luciana, como se faltasse qualidade no que lhe é oferecido.

Apesar da estória sobre a última figura ter sido sucinta, ela conta um pouco de seu cotidiano através do “coelho da páscoa”. Neste momento, ela parece pontuar a ausência de sua mãe biológica ao afirmar que vê sua madrasta como sua mãe e que tem somente uma casa. Sua identidade se mostra confusa e ela parece sentir-se suprida ao menos materialmente, assim há uma valorização do que ela pode ter, do aparente, do concreto. Novamente ela afirma que o que lhe foi oferecido não ocorreu com a qualidade que esperava, afinal, não foi o coelho que a presenteou com ovos em sua casa. Além disso, sugere que o que lhe é oferecido é concreto e desvinculado de fantasia. A necessidade não está vinculada ao gesto espontâneo, apesar do suprimento material, algo lhe falta, o afetivo está ausente.

4.7.5 Síntese Díade Reconstituída Paterna

A entrevista de Lucio é marcada por um olhar um pouco distorcido para a realidade, revelado em momentos de fala ambivalente e idealizada. Assim, há uma tendência a supervalorizar o que lhe é próximo e importante, como sua família e seu papel de pai; e inferiorizar o que lhe é externo e ameaçador. A mesma incongruência ocorre em relação à sua filha. Há uma discrepância entre a maneira que o pai a descreve e como ela se apresenta em seu próprio encontro com a pesquisadora. Luciano caracteriza a relação entre a díade como excelente, descrevendo-a como ausente de conflitos e aspectos negativos. Sua narrativa remete à imagem da filha como uma garota contida, quase apática. Porém, Luciana apresenta-se de modo marcante, exigente e autoritário.

Sugere-se, portanto, que Luciana seja vista pelo pai de uma maneira distanciada. Assim, a descrição superficial que faz sobre a filha permite a idealização, não só de sua família, como também de seu papel de pai. Luciano demonstra ter dificuldade para pensar e elaborar questões sobre a maneira que exerce a paternidade. Parece haver um receio muito grande em se deparar com seus limites e incapacidades, defeitos geralmente atribuídos à ex-mulher.

A necessidade de se ver como um bom pai possivelmente decorre de sua necessidade em compensar a sua própria experiência de vida. Desta maneira, os cuidados oferecidos à Luciana parecem ser pautados mais nas vivências que ele teve com seus próprios pais que em sua vida atual e nas reais necessidades de sua filha. Assim, a morte da mãe e o abandono pelo pai, parecem facilitar uma identificação com a garota, a quem ele acredita também ter sido abandonada pela mãe biológica. Assim, para Lucio, a ex-mulher ocupa na vida de sua filha o mesmo lugar que seu pai ocupou em sua história de vida, o lugar de abandono. Deste modo, ele entende como incapacidade da ex-mulher oferecer cuidados para a filha, o que lhe traz um sentimento de superioridade por ser ele o seu principal cuidador que, como já dito, faz com que ele entenda como idealizada a maneira com que executa seu papel. Porém, o exercício da paternidade se mostra como uma tarefa complexa diante da falta de referências masculinas sólidas em sua própria vida.

Dessa forma, a maneira confusa que Lucio vivencia o papel paterno dificulta com que ele entre em contato com as reais necessidades da menina. Por consequência, há ênfase somente na provisão material, recurso que se sente seguro para oferecer, como se ter o concreto fosse suficiente para satisfazer a criança. A expressão e desenvolvimento do *self* de

Luciana ficam dificultados, uma vez que o ambiente oferece demais e de forma invasiva as provisões concretas em detrimento das afetivas. Assim, não há lugar para vivência da falta necessária para o exercício da criatividade e o desenvolvimento do pensamento, também acarretando em prejuízos quanto à tolerância à frustração, aspecto percebido na necessidade de que ela conseguisse a “garrafinha” a qualquer custo. Desta maneira, sua identidade permanece vinculada e dependente, em sua definição, daquilo que o ambiente lhe dá.

Por consequência, a vida de Luciana parece ser regida pelo mundo externo, o que dificulta seu gesto criativo e simbólico, aspecto notado por intermédio da concretude presente em suas estórias pouco imaginativas e distanciadas do sonhar. Para Winnicott (1986/1993) a criatividade se relaciona com a existência do indivíduo, não se trata, porém, do simples viver, mas sim de um sentimento de existência que possibilita a criatividade.

Este repertório de Luciana sugere uma relação com o ambiente passível de desenvolver falso *self*. As origens desta organização relacionam-se com o início do processo de amadurecimento pessoal, momento em que a integração ainda não ocorreu. A mãe, insuficientemente boa, não é capaz de sustentar a onipotência do bebê, impossibilitando que ocorra a vivência da ilusão e continuidade. Assim, o falso *self* funciona como uma organização que protege o *self* verdadeiro do ambiente intrusivo (Winnicott, 1960/1990). No caso de Luciana, seu pai acaba por tentar suprir as suas próprias necessidades, e não as da criança. O suprimento material também não pode se esgotar, pois isso significa falha na função dele como pai; assim, há ausência de provisão da falta, enfatizando aquilo que é oferecido concretamente. Dessa maneira, Luciana acaba por se sentir invadida pelas necessidades paternas (intrusivas) e, com isso, denota dificuldade em diferenciar seus desejos de suas necessidades. Por exemplo, ela disse “precisar” da garrafinha com o emblema da escola, sem nem questionar a necessidade de ter este objeto, ou de qual uso poderia fazer dele.

Há, portanto, um distanciamento do mundo interno, do subjetivo, diante da demanda externa, relacionada com seu pai; é um querer ter pelo simples fato de adquirir o objeto (adição). Afinal, como dito, Lucio deseja suprir na filha a privação que foi vivenciada por ele. Porém, a provisão oferecida por Lucio privilegia o concreto e distancia-se das outras necessidades de Luciana, o que parece dificultar a vivência das experiências proporcionadas pela área intermediária. O que ela recebe é desprovido de fantasia. Segundo Winnicott (1971/1975), a vivência da transicionalidade inicia devido a um adequado processo de desenvolvimento e se prolonga por toda a vida. É a aquisição da área intermediária que possibilita o brincar, a experiência cultural e o significado pessoal. Assim, Luciana não demonstrou facilidade em vivenciar as aquisições da área intermediária, afinal, ela valoriza,

principalmente, o concreto, como se apenas este fosse deixá-la satisfeita. Contudo, mesmo recebendo provimento material, demonstrou que o que lhe é oferecido não corresponde ao seu desejo, permanecendo vazia, sem qualidade naquilo que é recebido, sem conseguir sentir-se saciada.

Apesar da pouca idade de Luciana, a dinâmica da díade sugere uma possível dificuldade no decorrer da fase de concernimento. Afinal, a indiferenciação que Lúcio faz entre as suas necessidades e as da menina podem dificultar que ela consiga perceber o outro como diferente dela. Além disso, a maneira idealizada que direciona à sua filha pode não facilitar com que consiga impor limites e ser entendido como possuidor de características paternas como: firmeza, força e rigor.

4.8 Família Recompоста Materna

4.8.1 Narrativa Marcos

Marcos tem 34 anos. Reside com sua esposa, a filha do casal de 4 anos e a enteada Cristiane de 7 anos, fruto de um relacionamento anterior de sua esposa. Ele foi indicado pela coordenadora da escola, parceira desta pesquisa. Ela o contatou e pediu a autorização para que me passasse seu número de telefone. Diante do consentimento de Marcos, entrei em contato e expliquei sobre a pesquisa. Ele disse ter interesse em participar, mas que antes de se comprometer conversaria com a sua esposa e ela entraria em contato comigo.

Semanas depois, a esposa de Marcos me procura. Ela afirma interesse em que sua filha participe da pesquisa. Mostra-se muito angustiada. Inicia sua fala contando sobre a dificuldade que encontra em educar sua filha Cristiane. Ela afirma que se trata de uma criança muito brava que não obedece em sua casa. Porém, quando está com seu pai biológico, apresenta um comportamento tranquilo. Logo no início de sua fala, deixo claro que meu papel será bastante limitado, pois se trata de uma pesquisa e não uma intervenção psicoterápica. A mãe afirma entender, mas ressalta que entende como importante que eu tenha contato com a filha, o padrasto e seu pai biológico. Revela que a filha vai iniciar um processo psicoterápico; ela somente está esperando o tempo de carência do plano de saúde da garota.

Acho curioso o fato da mãe me procurar e falar diretamente do que entende como sendo a problemática de sua filha. Tive contato com apenas uma outra mãe e foi somente por questões práticas, para combinarmos quando e onde ocorreria a entrevista com a filha, uma vez que se tratava de uma participante de família “monoparental materna”. No caso da presente entrevista, a mãe busca um espaço em uma pesquisa em que não pode ser ouvida. Penso em sua angústia e responsabilidade de contato com a filha.

No dia da entrevista com o padrasto, Marcos chega exatamente no horário combinado. Agradeço sua presença. Noto, no decorrer do encontro, uma grande dificuldade de falar sobre si, sobre suas questões emocionais e sobre seus relacionamentos. Suas respostas são curtas e acompanhadas por momentos de silêncio. Assim, busco investigar e questioná-lo em diversas oportunidades, sem muito sucesso. No entanto, ele também se mostrou descontraído em diversos momentos. Inicialmente me apresento, peço para que ele leia o TCLE. Diante de sua concordância, ligo o gravador. Pergunto como foi e como é ser pai da Cristiane. Ele responde: *“Como eu posso falar, eu nem sei, ah, é legal, é novo, porque ela veio grandinha, veio de dois para três anos. Eu tenho uma filha de três anos, não, de quatro anos com a mãe da Cristiane. A Cristiane ela é irritada, estressada, então é diferente, então eu aprendo com ela e ela aprende comigo.”*. Questiono sobre o que ele aprende com a garota. Sua resposta relaciona-se com o fato da paternidade não ser biológica, ele diz: *“A ser diferente, né? Porque ela não é minha filha biológica, então é uma experiência diferente, né?”*. Contudo, na sequência de sua fala se mostra bastante confuso, discorrendo sobre a diferença em ter uma filha que é biológica e outra que não é *“Eu vejo que não tem diferença. Assim, tem a diferença, sim, mas não vejo diferença não.”* Segue afirmando que exerce o papel de pai para as duas.

Apesar de pontuar que não há diferença entre a sua filha biológica e Cristiane, mostra sentir limitação em seu papel diante da enteada: *“Ah, as coisas tem que ser do jeito dela, não pode contrariar ela, tem que ter calma, né? Não pode agir de outra forma porque, uma que ela não é a minha filha biológica, ela é a filha da minha esposa, então a gente tem que ir com calma, tem que conversar.”*

Reproduzo o que ele disse, enfatizando que ele entende que o fato de não ser pai biológico lhe coloca restrições. Ele responde: *“Sim, claro!”*, e silencia. Peço que ele fale mais sobre tais limites. Ele responde de maneira confusa: *“E agora, ah, tem restrições, corrigir você não pode corrigir como se fosse a sua filha, como eu corrijo a minha filha. No caso da Cristiane, tem a restrição, tanto que ela pode até jogar na minha cara que eu não sou pai*

dela e que não devo corrigi-la. Ela ainda é criança, ela tem muito para aprender, tem que viver muito. Eu corrijo sim, mas não sempre.”

Marcos afirma que quando precisa dar uma: *“Bronca, uma orientação”* em Cristiane ele recorre à esposa, *“Eu falo para a mãe dela. Dou o meu limite até onde eu posso ir, eu não passo disso.”*. Questiono sobre o que ele entende como sendo seu limite, ele diz não saber. Pergunto sobre a diferença com a filha biológica. Ele inicialmente diz não ter clareza, mas afirma que *“Na Maria eu dou uns pescoção (tapas), agora na Cristiane eu não posso bater, não posso falar nada mais forte”*. Ele ri. Pergunto se tais restrições são imposições próprias ou algo combinado com sua esposa e ele diz que é algo próprio: *“É uma posição minha, como eu não gostaria que se fosse outra pessoa no meu lugar eu não ia gostar que fizesse com a minha filha. Eu acho que o pai dela é assim também então eu vou até onde eu posso corrigir. Com o tempo você tem que ir se adequando. Eu sou muito paciente, tenho que levar tranquilamente. Ela é uma criança muito hiperativa, ela tem muita energia, eu acho que o fato de ela ser estressada é porque ela não tem tempo de gastar energia, então ela não entende muita coisa. Se ela chega em casa querendo brincar e a mãe dela fala “não”, a Cristiane dá patada em todo mundo. A mãe dela de vez em quando, bem na irritação, consegue dar conta dela. Na irritação de ficar brava.”*. Noto o participante bastante confuso em relação à sua enteada. Entendo que as restrições parecem ser convenientes para não se responsabilizar por lidar com uma criança que demanda muita atenção e cuidado, mas acho curiosa sua neutralidade.

Marcos afirma que se trata de uma criança bastante ciumenta, principalmente em relação à irmã menor: *“Ela tem muito ciúme da pequena. Então, se a pequena não está do lado ela vem, senta, pede atenção. É uma pessoa que quer muita atenção.”*. Pergunto se ele notou uma intensificação no comportamento de Cristiane com o nascimento da irmã mais nova e ele afirma que não: *“Ela sempre foi assim, desde pequena ela é temperamental.”* Ele silencia. Pergunto se ele quer falar mais alguma coisa sobre a experiência de ser pai. Ele diz: *“Minhas restrições com ela é só na parte de como fala... colocar limite. Do resto não tem problema, gosto muito dela. É legal, ela chega vem contar as coisas, ela fala, pergunta. Se eu tô na sala ela vem, fica do lado, deita. Ela é bem carinhosa, é isso!”*

Digo que vou lhe mostrar algumas figuras e que serão as mesmas que eu mostrarei para Cristiane. Ele me interrompe e afirma que eu terei muito trabalho *“Ela não fala, vai ficar quieta. Dentro de casa ela é bem agitada, mas se ela não conhece, ela fica com vergonha, fica quieta”*. Ele ri, digo para ele não se preocupar, afirmo que com ela será mais lúdico. Fico

surpreendida com o fato de ela ser quieta com estranhos. Lembro que no telefone com a mãe ela me disse que a garota é muito quieta e comportada com o pai.

Prossigo a entrevista. Digo que gostaria que ele, olhando as figuras, me dissesse como foi e como é ser pai da Cristiane em tais situações. Ele pergunta: “*Como assim?*”. Repito a instrução e ele me questiona “*Seria igual a um dos desenhos que está aqui?*” Digo que não tem certo e nem errado. Ele afirma: “*Pensei que um está de babador e a outra não tá, né? Agora eu fiquei em dúvida, não sei mesmo... se ela tá em um dia bom, se ela tá em um dia bom e falar para ela que tem que colocar um babador, ela vai ser esse pintinho aqui. Agora se ela tiver irritada, estressada, ela vai ficar aqui sem nada, vai falar do jeito dela*”. Pergunto se ele quer me contar mais alguma coisa, ele afirma: “*Na hora das refeições, ela é bem pirracenta, se ela quer comer, ela come, se ela não quer, ela não come. A gente fala que se ela não comer no horário da refeição ela não vai comer mais. Mas nunca dá certo, porque depois a mãe dela vai lá para dentro, ela vai atrás e come. Não funciona essa regra. Quando ela não tá a fim, tá brava ela não come.*”. Pergunto como ele se sente diante de tal situação e ele responde: “*Nada, eu não sinto nada, deixo ela se entender com a mãe dela, é isso!*”.

Mostro a segunda figura, ele a olha e me pergunta “*De ela usar a força?*”, pergunto o que ele pensou e ele diz: “*Ela seria essa aqui grande (ursa grande), no momento de raiva ela quer gritar falar que tá certa. Nos outros momentos seria a pequena, porque ela quer ajudar, se conversar com ela, ela ajuda, ela faz. Mas tem o jeito certo para você falar com ela, conversar.*”, pergunto se ele consegue estabelecer o que denomina de “contato certo”. Ele diz que não e que isso ele deixa para a mãe e complementa: “*Eu ponho meus limites, tem a mãe, tem a avó, então elas que exerçam. A sogra mora ao lado (risos).*”.

Pergunto como são as situações em que a filha se assemelha com a ursa maior. Ele conta que no dia anterior ao da entrevista: “*Ela estragou a bolsa dela a mãe dela arrumou uma bolsa para ela que ela não gostou. Daí, ela foi na casa da frente e arrumou uma bolsa da menininha da frente para ir para a escola. Ela pisou, pisou, pisou que queria ir com a bolsa, daí a mãe dela falou que ela não ia sair de casa com aquela bolsa. Eu falei para a mãe dela que eu também não aceito aquilo que ela fez de sair da casa e pegar a bolsa de outra pessoa, eu não aceito, não tem cabimento! Ela insistiu, insistiu até a mãe dela impor limite. A mãe falou que ela poderia ir com a bolsa da vizinha mas que ficaria de castigo. A mãe dela falou, falou, falou até que ela foi para a escola com a bolsa que a mãe dela arrumou.*” . Pergunto o que ele sentiu, ele diz que não ficou com raiva, mas sentiu necessidade de falar. Afirmo, então, que ele utiliza sua esposa para se posicionar, ele diz “*Isso, atrás da mãe, é*

lógico!”. Pergunto como ele entende que é tal situação para a esposa. Ele afirma que acreditar ser complicado, mas que ela geralmente fica do seu lado.

Mostro a terceira figura, ele prontamente questiona: *“O leão fica na posição dela ou na minha?”*, respondo: *“Na que você achar melhor!”*. Ele afirma: *“Eu observando a atitude dela. Vendo o que ela tá fazendo, até onde ela vai, até onde ela vai chegar. Se junta a Maria e a Cristiane, não tem quem fica calmo lá dentro, não sabe se coloca uma de castigo, de amarrar as duas, uma de costa para a outra (risos).”*. Neste momento, ele afirma que sua filha biológica também é difícil: *“Ela joga a chave no chão, ela fala que foi a irmã, ela se esconde e diz que não foi ela quem fez. Ela não quer que eu fique bravo com ela porque tira as coisas do lugar, ou se ela tira ela vem de mansinho pedir desculpas.”*. Relacionei tal comportamento com um temor ao próprio pai. Desta maneira, pergunto se ele entende que a filha o vê como alguém muito bravo, ele responde: *“Não, é ela mesmo que é assim!”*. Parece se desapropriar de qualquer influência, logo, de responsabilidades perante as filhas. Pergunto sobre a educação de sua filha biológica. Ele afirma que fica por conta da mãe, pois elas passam mais tempo juntas. Conta que saí de casa 6h30 da manhã e só retorna 19h.

Ele diz que seu afastamento vem ocorrendo há três anos. Pergunto como era antes deste período. Ele afirma que Cristiane era mais calma antes de Maria nascer e continua: *“Não sei se é porque os pais dela são separados. Eu fui me afastando, não que eu deixei de chamar atenção dela, mas eu fui colocando mais distância. Não que eu vou colocar ela de lado, mas no caso de correção eu coloquei de lado. Com o pai dela é outra coisa, o que ela faz em casa, ela não faz no pai dela, ela nem abre a geladeira, lá ela é mais calma. Já em casa ela é mais agitada, eu não sei dizer para você.”*. Entendo então que cabe à esposa exercer o papel paterno e materno.

Mostro a quarta figura, ele afirma *“Não sei dizer, não. Se for elas três aqui com a minha esposa em um dia calmo fica assim, quando a gente vai para algum lugar fica harmonioso.”*. Pergunto se esses momentos são comuns e ele responde: *“Não, sim, quando tá todo mundo quieto, certinho tudo, fica sempre assim.”*

Pergunto como é a relação entre elas. Ele diz: *“E agora? Não sei dizer. Tem dia que é calmo, tem dia que uma tá de briga com a outra, “Não quero que você mexe aqui”. Fica um dia bom, dois dias bom, três dias ruim, varia muito.”*. Pergunto se elas disputam a atenção da mãe. Ele responde alto, como se desabafando: *“Eu acho que as duas disputam comigo. Como eu posso falar? Se eu to sentado com a minha esposa a Cris quer saber o que é, daí a Maria diz “e eu?” eu tô aqui também. Se for dormir tem que esperar as duas dormirem porque as duas querem ficar do lado da mãe. Eu acho que as duas tentam disputar a mãe em certos*

momentos.”. Pergunto qual é a sua reação: *“Nada, eu deixo as três lá”*. Pergunto sobre o que ele sente: *“Nada, deixo lá as três!”*. Pergunto se ele imagina o motivo da situação. Ele diz: *“Acho que por conta das duas, uma quer mais atenção, não por causa de mim. A Cristiane ainda fala que eu gosto mais da Maria do que dela, a Maria fala que eu gosto mais da Cristiane do que dela. Daí eu dou risada (risos).”*. Ele afirma não se sentir “disputado”. O participante, apesar de não afirmar sentir-se incomodado, alterou seu tom de voz e semblante neste momento da entrevista.

Mostro-lhe a última figura e ele responde prontamente: *“Aqui só quando tem gente em casa que elas ficam perturbando, né? E quando tem gente em casa, ela quer chamar atenção das pessoas, faz gracinha, anda de bicicleta, chama a mãe. Então a mãe é essa figura aqui (aponta para a macaca que dá bronca).”*. Pergunto se ele não está na figura e ele diz: *“Não, se eu tivesse eu falaria para a minha esposa ir corrigir por conta da Cristiane, para eu não falar uma coisa, para a Maria também, para eu não bater, não fazer nada. É difícil elas obedecerem, daí eu fico irritado, não sou tão calmo assim (risos). Ela fica perturbando, tem gente em casa, estamos conversando e elas querem atenção. Chamam um, chamam outro, a gente tá conversando e eles entram no meio da conversa.”*.

Questiono se o fato de colocar a esposa como intermediária entre ele e a enteada não afeta a relação. Ele diz: *“Sim, claro! Às vezes ela pergunta por que ela tem que ir e não eu, mas com a Cristiane a mãe tem mais autoridade.”*.

Pergunto o que ele imagina que aconteceria se não houvesse a restrição que ele coloca de não se impor: *“Não sei, porque eu nunca tentei, nunca tentei para não ter confusão, não arrumar briga. Eu acho que a mãe dela não iria gostar se eu chamasse atenção, prefiro não.”*.

Pergunto se ele quer falar mais alguma coisa. Ele diz que não. Agradeço sua participação, ele diz que espera ter contribuído. Combinamos que eu conversaria com a sua esposa para marcar uma data com Cristiane.

Após encerrar a entrevista vi suas ligações perdidas no celular, não retornei por não saber de quem era o número. No dia seguinte, logo de manhã, a coordenadora da escola que fez a indicação do participante me ligou dizendo que ele gostou muito de ter participado e que era para eu ligar para sua esposa. Liguei e ela disse que tentou falar comigo no dia anterior (por um outro número). Ela disse que estava preocupada pois achava que meu encontro com a filha seria naquele dia e que a garota teria prova na escola. Disse para ela que ainda não tínhamos marcado, que poderíamos agendar em um dia e horário que fosse mais fácil para ela. Combinamos, então, que o encontro seria na semana seguinte.

4.8.2 Síntese Marcos:

Marcos fala sobre a relação com a enteada, Cristiane, de maneira direta e bastante concreta. Diz se tratar de uma boa experiência. No entanto, descreve a criança como alguém que apresenta um comportamento “*difícil*”, bastante temperamental, principalmente quando contrariada.

Conta que aprende muito no convívio com Cristiane, principalmente por não se tratar de sua filha biológica. Assim, marca, desde o início, o fato de não ter um vínculo de sangue com a criança. Esta questão é apresentada de maneira confusa e ambivalente, como pode ser ilustrado através de sua fala em que compara a filha biológica com a enteada: “*Eu vejo que não tem diferença. Assim, tem a diferença sim, mas não vejo diferença não.*”.

Apesar da contradição, no decorrer de sua fala, esclarece que possui um papel limitado diante de Cristiane. Declara ser distanciado da tarefa, denominada por ele como: “*De chamar a atenção*”. Entende que a ausência de vínculo consanguíneo o impossibilita de exercer um papel de autoridade diante de Cristiane: corrigindo seu comportamento, dando-lhe delimitações e direcionamentos.

Assim, Marcos deixa toda a responsabilidade de educação da garota para a sua esposa. Qualquer intervenção que ele entenda como necessária no comportamento da enteada, ele não a faz, mas pede para que a esposa execute. Ao contrário, com a filha biológica é mais autoritário e diretivo. Demarca, assim, uma diferença concreta entre o manejo com as duas crianças, o que se faz evidente para todos.

A esposa de Marcos é intermediadora da relação entre a díade. No entanto, a mãe também parece ter dificuldade para exercer o controle da garota. Já no primeiro contato com Marcos, via telefone, ele delega à esposa a maior responsabilidade pela enteada, afirmando que precisaria de sua autorização para que pudesse aceitar participar da pesquisa. A mãe, ao entrar em contato com a pesquisadora, parece buscar um espaço para ser ouvida. Ela não só aceita que a filha participe da pesquisa, como parece sentir-se bem satisfeita diante deste acontecimento. No contato telefônico, apresenta diversas queixas sobre o comportamento de Cristiane, sobre os quais demonstra não conseguir ter controle. Além disso, demarca uma diferença na maneira com que a garota se relaciona com a sua família e com a do pai biológico. A participação na pesquisa foi entendida como um pedido de ajuda da mãe. Além disso, ela conseguiu se incluir na relação entre “os pais” e a filha, assumindo seu papel de intermediadora.

Segundo Marcos, a participação materna também é intensa na educação da filha biológica do casal. Assim, ele assume que a mãe possui maior responsabilidade na educação das duas garotas. Sobre a irmã mais nova, o pai conta, apesar de ambivalente, que o nascimento fez com que Cristiane mudasse seu comportamento e também facilitou que ele se afastasse das duas meninas. Diz que as crianças se dão muito bem, no entanto, tem muito ciúmes uma da outra, e, principalmente, da mãe. Quando Marcos se aproxima da esposa, elas também o fazem. Apesar de se mostrar um pouco incomodado, ele demonstra não agir diante de tais atitudes. Assim, demonstra dificuldade em lidar com a questão triangular (ou quadrangular), o que pode dificultar com que ele assuma suas funções paternas.

Aliás, a passividade é marcante na fala deste pai. Ele não é ausente na vida de Cristiane. Diz que compartilham experiências e que ela é carinhosa. No entanto, mostra-se muito confuso diante dos limites e possibilidades de sua função. Assume um papel importante na vida da garota, mas não o paterno. Assim, parece não se identificar com o papel paterno e não é ambivalente diante desta não apropriação, uma vez que acredita que a esposa cumpre a função.

Diante das imagens do CAT-A, ele relata situação nas quais não se inclui. Somente na figura 3, se identifica com a figura do Leão. No entanto, trata-se de um Leão observador, não há envolvimento. Em todas as outras figuras, descreve conflitos decorrentes do comportamento difícil de Cristiane. Nas imagens 1 e 2, enfatiza a variação de humor da garota, seu domínio e as dificuldades dos outros em impor-lhe regras. O humor da enteada é o que cadencia seu manejo com ela. Ele se afasta diante das dificuldades, mostra-se imobilizado diante do humor da garota. Parece haver dificuldade não somente diante do temperamento instável de Cristiane, mas também das outras mulheres da casa, como explicitado na quarta imagem. Isso sugere uma grande instabilidade no ambiente familiar. Por fim, Marcos também se ausenta diante da última imagem, ressaltando, novamente, que quando o comportamento da enteada o afeta, ele recorre à esposa para intervir.

O padrasto afirma que o comportamento de Cristiane é bem diferenciado na presença do pai biológico, sendo mais contido. Ainda sobre o pai biológico, usa-o, diretamente, como argumento para justificar o fato de não exercer a autoridade de maneira mais incisiva com a garota. Afirma que se fosse a situação contrária, não gostaria que ele agisse desta maneira.

É importante ressaltar que o difícil e variável temperamento da criança, apesar de muito ressaltado, era descrito por Marcos sem nenhum tipo de raiva e/ou afetação, mas sim com naturalidade e calma, dando mais um indício de que há apropriação diante da maneira distanciada que exerce seu papel. Apesar de apresentar-se de maneira atenciosa durante toda

entrevista, ele parece ter tido um envolvimento superficial com a proposta, assim como aparenta ter seu vínculo com sua enteada-

4.8.3 Narrativa Carlos

Após a entrevista com o padrasto de Cristiane, entro em contato com Carlos, o pai biológico. A mãe de sua filha já havia conversado sobre o trabalho e ele já concordara em participar. Sugeri um horário e ele aceitou prontamente. Compareceu conforme o combinado. É um homem de estatura média, um pouco acima do peso. Mostrou-se desde o início muito espontâneo. Sua fala era simples, sucinta e alta.

Apresento-me, explico sobre o objetivo do nosso encontro e peço para que ele faça a leitura do TCLE. Ele assim o faz e diz não ter dúvidas. Digo para ele que a entrevista se assemelha a uma conversa, não tem certo e nem errado. Ele me interrompe e afirma com um tom de insatisfação: *“Meu tempo com ela foi pouco, acho que durou dois anos e pouquinho que eu convivi com ela. Agora a minha vida é final de semana, porque eu preciso cumprir o horário determinado pelo juiz. Eu vejo ela todo final de semana, mas tem final de semana que ela vai e sai, tem final de semana que eu vou viajar. Antes a gente não tinha horário tão fixo. Eu pedia pegar ela a qualquer hora, qualquer dia, só que a mãe dela começou a criar caso, começou a ficar arrogante comigo e só quer que eu pego em horário determinado pelo juiz.”*. Ele sorri de maneira nervosa e afirma que antes tinha mais flexibilidade para se encontrar com a filha, porém a sua ex-mulher passou a dificultar os encontros: *“Logo depois da separação cumpria o que o juiz mandou, mas depois ela começou a ficar mais maleável, começou a me deixar pegar ela a qualquer hora, qualquer dia, aí agora um mês atrás tivemos uma discussão e ela restringiu.”*.

Pergunto o que ele sente diante dos horários definidos, ele responde: *“É ruim, porque o horário é muito curto. Por exemplo, de sábado é do meio dia às seis, nas férias ela ficava quinze dias em casa e de domingo é das oito ao meio dia. Então é muito pouco.”*. Ele prossegue contando que possui uma nova família: *“Eu também sou casado hoje, tenho uma nova família, tenho um enteado de quatro anos e uma filha de quatro meses. Ela convive bem com a minha mulher.”*.

Pergunto, de maneira direta, como foi e como é ser pai de Cristiane. Ele responde prontamente: *“É maravilhoso!”*, Sorri, e prossegue ressaltando as qualidades de Cristiane e

afirma que diante do tempo limitado que compartilha com a filha, ela não apresenta nenhum comportamento que o incomode: *“Ela é uma menina muito inteligente, eu não tenho o que reclamar, meu convívio com ela é pouco, não tenho nada para reclamar!”*. Com objetivo de entender a qualidade da vivência entre a díade, peço para que ele discorra sobre como é o período que compartilham. Ele responde: *“Quando estamos juntos é muito bom. A gente joga joguinhos, faz churrasco. Ela fica mais com meu enteado, ela fica brincando com ele que é criança. Ela gostou muito da irmã que nasceu, eu peguei ela na escola tudo para ver que ela queria. Daí, Cristiane chega em casa e só quer ficar com a irmã, ela já tinha uma irmã por parte de mãe, então não é muito uma novidade.* Neste momento, Carlos se contradiz, afirma inicialmente que a filha fica mais com o enteado, mas depois revela que o contato maior é com a caçula. Neste momento, percebo uma crítica sutil a sua ex-esposa, ele parece querer justificar a constituição de uma nova família, afirmando que quem o fez primeiro foi sua ex-mulher.

Carlos apresenta uma fala curta. Parece desenvolver pouco os assuntos. Diante do seu silêncio, prossigo questionando se existe alguma dificuldade na relação entre pai e filha. Ele responde: *“Dificuldade não, mas eu acho ela muito triste. Ela não fala nada da casa dela, mas você vê no rostinho dela que é triste.”*. Pergunto se ele tem alguma hipótese sobre a tristeza de sua filha e ele fala diretamente sobre a influência negativa que a mãe biológica exerce em sua relação com a menina: *“Antes quando eu morava com a minha mãe ela ia em casa e não podia dormir no quarto porque dizia que a mãe dela falava que tinha mostro no guarda-roupa, não sei até que ponto é verdade porque ela é criança, mas sei lá, né? Sei lá, não sei! Pode ser que ela tenha ciúmes em relação ao meu enteado que também me chama de pai, porque ela sabe que não é meu filho e ele me chama de pai, e ela fica meio assim. Eu sou que nem pai do garoto, faço tudo. Mas ela não fala nada e nem tem nada concreto disso. Mas se ela fica em casa ela não pede nada, não abre geladeira, não pega uma barra de chocolate nem nada.”*

Pergunto se ele acha que a filha não se sente à vontade em sua casa. Ele diz não saber: *“Em casa ela é assim, agora na casa da mãe dela a mãe diz que ela não pára um minuto. Não sei por que isso acontece. Não sei como eu falar para você, não sei como eu vou falar, nunca pensei no motivo, mas em casa ela tem toda a liberdade ela tem tudo.”*

Carlos parece não ter tido um momento, anterior ao da entrevista, de elaboração, como se somente neste momento parasse para pensar sobre os motivos que levam a sua filha a se comportar de maneira mais tímida. Ele afirma que o problema maior é em sua casa. Quando saem para outros lugares ele a vê mais solta. Porém, volta a afirmar a influência negativa de

sua ex-mulher: *“Com certeza a mãe dela influencia para isso acontecer.”* Pergunto como ele se sente em relação a isso, ele responde: *“Hoje eu to feliz, mas eu já sofri muito. Eu quero ver minha filha, mas eu sei que não posso, eu já coloquei isso na minha cabeça. Agora eu tenho uma outra família. Quando ela crescer, se ela quiser ficar mais comigo ela sabe que pode. Estamos construindo um quarto para ela com caminha, tudo certinho. A hora que ela quiser ela vai ter, vai ter o canto dela. Vai ter o quartinho dela com a outra menina e outro do menino. Hoje eu não posso optar nisso, mas quando ela crescer, ela vai poder”*. Ele solta uma gargalhada. Ele parece se conformar com o distanciamento de sua filha, como se a família atual suprisse esse espaço deixado pela garota, como se ao romper com a mãe também tivesse rompido um pouco com a filha. No entanto, ele também se distancia da menina, mas prefere culpar a mãe por isso.

Pergunto se ele gostaria de falar mais alguma coisa sobre a experiência como pai, ele diz prontamente: *“Gasto, né? (gargalha), eu pago a pensão e tem coisas dela que eu compro e fica em casa, roupa tudo. Mas isso é normal, criança dá gasto. Não falo nada para a mãe dela, ela nem sabe o que a minha filha tem na minha casa. Eu sempre tentei criar um ambiente para ela. Sempre que ela ia dormir na casa do meu pai ela tinha um quartinho para ela, as coisinhas dela, mas agora ela não pode mais. Prossegue contando sucintamente sobre o motivo que levou a ex-mulher a restringir seu contato com Cristiane: “Tive um conflito com a minha ex-mulher e ela descontou na menina. Ela usa a menina para ter o que ela quer. Então se ela quer algo ela coloca a Cristiane no meio para não ter, então o que eu vou fazer, né? Porque eu não tenho nada com a minha ex-mulher é uma amiga só, não temos mais nada, então qualquer coisa é a Cristiane. Então agora não tem mais onde ela colocar a menina porque eu estou cumprindo o que o juiz determinou. Porque o único tempo que eu tenho é de sábado e domingo e nem sempre é todos né?”*. Ele relata o comportamento da ex-mulher com muita tranqüilidade e conformismo. Afinal, parece compreender que as dificuldades que permeiam a relação com a filha são de responsabilidades de sua ex-esposa.

Pergunto se ele quer falar mais alguma coisa sobre sua experiência de ser pai, ele, novamente, gargalha. Digo que vou mostrar algumas figuras e olhando-as, gostaria que me contasse como foi e como é ser pai da Cristiane em tais situações. Ele gargalha e diz: *“Não sei o que eu vou falar para você!”*. Novamente gargalha. E prossegue: *“Aqui acho que todo mundo come junto, é ser unido. Lá em casa é normal a gente come tudo junto, na verdade eu que às vezes não como junto. A minha mulher agora não tem mais o hábito de comer comida, só come lanche, coisa leve porque ela fez redução do estômago, então é pão com presunto, porcaria. Então quando a Cristiane vai lá em casa é só porcaria, se eu falar que a gente*

senta na mesa para comer todos juntos, isso não. Às vezes a gente senta. Mas ela come bem, o que coloca ela come, o que ela não sabe se gosta ela experimenta e vê se gosta. É isso (gargalha)!". Novamente ele se contradiz, inicialmente afirma união nos momentos de refeição; porém, no decorrer de sua fala afirma que as refeições ocorrem em função das necessidades de sua atual esposa e não se trata de um momento de união familiar. Não há olhar para as vontades/necessidades da criança.

Mostro a segunda figura e ele afirma prontamente: *"A mãe e o pai? A briga pelo filho (gargalha)".* Questiono sobre o que ele entende: *"Eu acho que um puxa a corda do outro, o pai e a mãe, um fala para o outro, um pergunta sobre o outro!"*. Questiono se essa atitude acontece com os dois lados. Ele confessa: *"Olha, em casa eu já perguntei muita coisa, mas ela não fala. Agora não sei se ela fala alguma coisa de casa lá.* Novamente ele ameniza: *"Eu pergunto para saber se aconteceu alguma coisa com ela, para tentar sondar alguma coisa. Para tentar sondar alguma coisa, porque tem vez que você chega e eu pergunto o que aconteceu o motivo de ela estar com a cara fechada, ela não fala de maneira alguma. Agora de casa eu não sei se ela fala algo para a mãe, porque ela é mais apegada com a mãe. Ela tá aqui na figura do lado da mãe. Tem dia que ela chega em casa mais quieta, mas ela não fala o que aconteceu. Quando a gente sai de casa ela se solta mais."..*

Questiono sobre como é a diferença de comportamento quando a filha está fora de sua casa. Ele responde: *"Não tem muita diferença, ela tá comigo, em casa ela fica ali só. Agora nas outras casas ela se solta mais, o avô e a avó fazem tudo, ela fica mais à vontade. Mas eu não sei dizer o que acontece, é por aí."* Pergunto se ele quer contar mais alguma coisa, ele diz que não.

Mostro a terceira figura, ele diz não saber e gargalha. Fica em silêncio um tempo e volta a afirmar: *"Aí eu não sei, nem tenho o que falar para você (ri),. Não sei o que falar para você!"*. Insisto perguntando sobre o que a figura o faz lembrar sobre a sua experiência com Cristiane. Ele diz: *"Eu não consigo falar nada para você. É um leão meio cansado, não sei, cansado triste. Isso não tem muito a ver com a gente, só na hora que ela chega, depois ela se solta, mas não é sempre, ela chega quietinha. Mas não sei mais nada, tá ficando cada vez mais difícil, vamos ver a próxima!"*. Pareceu bastante angustiado com essa figura.

Mostro a quarta figura, ele responde prontamente: *"Aqui parece alegria né? Tudo junto reunido. Isso me lembra quando a gente sai, passeia junto, uma vez a gente foi para o Nordeste, ficamos dez dias. Ela fica comigo de boa, só dormir que às vezes ela fala de noite, gritava. Quando a gente tá junto ela fala que quer a mãe eu a levo. Agora que ela está*

maiorzinha melhorou muito, quando ela era menor era mais difícil, eu pegava ela e levava para a mãe.”.

Pergunto sobre como são os momentos de lazer. Ele conta, de maneira concreta e distanciada: *“É tudo bom, a gente vai sempre em uma chácara no final de semana e tem muitas crianças na idade dela. Ela se diverte, a gente fala para ela ir e ela vai, fica com as primas, na verdade não é prima porque é tudo por parte da minha mulher, mas elas brincam, ficam no parquinho, na piscina.”.* Diz não ter mais o que dizer e gargalha.

Digo que vou mostrar a última e ele novamente gargalha. Ele a olha, fica em silêncio e repete três vezes: *“O que eu vou falar para você?”.* Depois diz que gostaria que eu o ajudasse e gargalha. Contudo, ele inicia: *“Aqui é falando alguma coisa para a criança e depois gente por trás falando mal de você. Tá falando uma coisa, mas as outras atrás tão falando outra. É como eu e a mãe dela. Eu não fico muito com a Cristiane, mas tem vez que a mãe dela já ligou para mim ir lá na casa dela bater na Cristiane porque ela não para e não sai da rua. Mas não tem como eu fazer isso, eu falo para ela colocar cadeado no portão, trancar o portão que ela não vai sair, mas o portão fica 24h aberto. Daí ela liga para eu ir lá, depois a menina vem de final de semana ficar comigo e fica revoltada comigo, eu não gosto.”.* Pergunto se ele já atendeu o pedido da mãe e se direcionou até a casa. Ele diz: *“Já, mas eu nunca relei a mão nela. Fui lá ficar bravo, disse que não era para ficar na rua porque é perigoso.”.* Pergunto se ela o obedece e ele diz que sim: *“É só eu falar que ela obedece. Me respeita bastante, tudo que eu falo para ela, obedece, quanto a isso não tem o que falar. Mas a foto é isso, de um falar uma coisa e depois o outro falar atrás e pintar uma caveira, isso é desde quando a gente morou junto.”.*

Questiono sobre como foi o período em que morou junto com a mãe de Cristiane. Ele diz: *“O problema era a minha sogra, ela interferia muito na nossa relação, daí acabou. Não sei o que ela te falou, mas a minha separação com ela foi por conta de traição. Foi traição, e o Marcos (atual padrasto de Cristiane) era amigo meu e a minha sogra sabia de tudo. E eu descobri na escola, por mensagem, sem ela saber que era eu. E a mãe dela sabia de toda a história, daí na minha frente é uma coisa, na hora que vira é outra.”.* Digo que deve ter sido um momento muito delicado. Ele concorda. Pergunto como foi esse processo para Cristiane. Ele disse que ela era muito pequena, então foi bem tranquilo.

Apesar de se aproximar do final da entrevista, tenho a sensação de que pouco foi dito da relação com sua filha. Assim, questiono como ele acredita que Cristiane o vê como pai. Ele responde: *“Eu acho que ela me vê como uma pessoa boa, tudo que ela me pede eu faço. Acho que ela não tem o que reclamar de mim, não. Eu sou mais fechado, minha esposa é mais*

afetiva. Eu sou mais na minha, coisa mais de homem. Ela sempre me obedece, acho que medo de mim ela não tem, ela já viu eu brigando, tudo de discutir, mas eu nunca bati nela, nunca fiz nada. Acho que ela tem mais respeito. Já viu eu brigando com a minha esposa, com a mãe dela, agora o que ela acha de mim, eu não sei. Mas é isso, eu acho a experiência de ser pai dela maravilhosa. Eu amo ela (ri).”

Pergunto se ele quer contar mais alguma coisa. Ele diz que não. Eu o agradeço, nos despedimos e ele pede para que eu o lembre sobre a devolutiva. A entrevista teve duração de 31 minutos.

4.8.4 Síntese Carlos

Carlos é bastante atencioso durante o encontro. Descreve a filha como sendo uma criança muito inteligente, de quem não tem nenhuma reclamação. Afirma que ela o obedece e que é alguém que lhe traz muita alegria.

No entanto, diz perceber tristeza em Cristiane, mas não sabe exatamente o motivo. Contudo, apresenta duas hipóteses que acredita que podem justificar tal comportamento. Uma delas é por acreditar que a sua ex-mulher, mãe de Cristiane, influencia a filha, de maneira negativa, em relação à sua nova família. Outra justificativa para a tristeza da filha é devido à sua relação, muito próxima, com seu enteado. Carlos, após de se separar da mãe de Cristiane, constituiu uma nova família, composta por ele, a esposa, o enteado e a filha do casal, ainda bebê. A sua relação com o garoto é muito próxima, como *“pai mesmo, faço tudo!”*. Demonstra, assim, que conseguiu incluir o filho, não consanguíneo, em sua vida. No entanto, o pai parece descrever Cristiane como alguém que não se sente integrada à sua nova família paterna.

Carlos relata que quando a filha está em sua casa, ela apresenta um comportamento mais contido do que quando está em qualquer outro ambiente. Parece haver uma adequação da criança diante do que lhe é oferecido na casa paterna, conforme relatado na figura um, em que a garota come qualquer alimento, e as refeições são escolhidas em função da necessidade da madrasta.

Apesar das considerações sobre os momentos em que a filha está presente em sua casa, uma questão que se fez presente desde o começo de sua fala refere-se à ausência da filha. O pai se declara insatisfeito diante do pouco tempo que pode ficar com a menina, pois a

mãe de Cristiane restringiu seu contato ao que foi determinado pelo juiz. Ele relata que antes tinha maior liberdade para ver a criança. No entanto, após uma briga com a ex-mulher, este quadro se alterou. Declara que a mãe usa a criança para conseguir o que deseja e afetá-lo. Assim, ela influencia negativamente a relação entre a díade.

Além disso, o participante acredita que sua ex-esposa use a filha para conseguir informações sobre sua nova família e que ela faz críticas a respeito de Carlos para Beatriz, como explicitado na última imagem. No entanto, ele confessa, diante da segunda figura que também busca informações sobre a mãe através da menina. Neste momento da entrevista, diz claramente que possui um conflito com a ex-mulher e que entende que na figura apresentada, a criança está ao lado da mãe. O relacionamento entre Carlos e sua ex-esposa se mostra ambivalente, quer começar uma nova vida, mas ao mesmo tempo que não deixa para trás os percalços da vida antiga presentificados pela figura da filha.

Apesar das críticas direcionadas para a mãe de sua filha, ele demonstra conformidade diante da situação distanciada, acredita que só com o tempo ela pode se reverter. Demonstrando, assim, uma passividade e uma dificuldade em se apropriar do papel de pai. Nesse sentido, Carlos demonstrou grande dificuldade diante da imagem do Leão (Figura 3), há impossibilidade de pensar sobre o papel de pai e a autoridade. Parece ser um Leão, um pai, apenas que não pode muito. Apesar de, como ressaltado na imagem quatro, desfrutar e gostar muito do convívio com a garota, quando este lhe é permitido.

Conforme relatado na entrevista, o exercício da função paterna parece ser definido pela ex-mulher. Ela coloca imposições e restrições. No entanto, quando perde o controle da criança, chama-o para que ele imponha autoridade diante de conflitos que ocorrem entre a díade mãe-filha. O pai afirma que chegou a ir até o local, mas demonstra um desconforto diante de tal situação. Demonstra também confusão por parte da mãe sobre qual é o papel que o pai biológico ocupa na vida da criança.

Parece haver dificuldades para que o pai se aproprie e execute seu papel. Isso é intensificado pela grande influência da mãe de Beatriz na relação entre a díade pai-filha, diante da qual ele apresenta-se de maneira pouco ativa. Pouco foi relatado sobre a sua experiência como pai durante a entrevista, assim como parece serem poucos os momentos que vivência com a filha e experimenta a paternidade.

4.8.5 Narrativa Cristiane

Cristiane tem sete anos. Ela chega quinze minutos antes do horário combinado acompanhada de sua mãe e avó. Direciono-me à mãe e indago se ela tem alguma dúvida em relação ao trabalho que gostaria de esclarecer. Ela responde negativamente de maneira bastante simpática. Convido, então, a garota para entrar.

Ela é morena e um pouco acima do peso. Seus traços não são muito delicados, sua fala é calma e desembaraçada. Dá muitas risadas ao longo do encontro. Cristiane veste o uniforme da escola de onde acabara de sair. Apresento-me novamente e pergunto se ela sabe o motivo de ter sido convidada para nosso encontro. Ela diz que nada foi lhe falado. Explico que se trata de uma pesquisa, como se fosse uma lição de casa para a faculdade, em que convido pais e filhas para conversarmos em momentos diferentes. Conto que seu pai aceitou participar e questiono se ela gostaria de colaborar. Ela responde que sim.

Pergunto sua idade e sobre suas atividades favoritas. Ela responde ter sete anos e diz: *“Eu gosto de fazer tarefa de casa.”*. Eu revelo que também gosto muito de fazer a tarefa que desenvolvo com ela. Entendi a resposta de Cristiane como um interesse de estar participando do meu trabalho, compartilhar aquele momento. Ela não aparenta, como a maioria das crianças, ter o trabalho de casa como atividade preferida. Contudo, peço que me conte como são essas atividades que a agradam. Ela responde que gosta de fazer lição de matemática, desenhar e ler livros na biblioteca, mas complementa: *“Eu também gosto de ficar no computador, no Orkut”*. Pergunto o que ela gosta de fazer na rede-social. Ela responde: *“Eu gosto de entrar lá. Tenho só um amigo da escola, o resto dos meus amigos a minha mãe que convidou, são mais amigos dela. Ah, tenho a minha professora também. Eu também gosto de entrar em um site que tem joguinhos. Eu também gosto de brincar com a Minie. Eu brinco com a minha irmã, a gente coloca a cachorra no sofá e eu deito no tapete e minha irmã deita do lado, daí a gente chama ela “Minie, nenezinha!”, e ela vem pulando em nós (risos).”* Pergunto se Cristiane brinca bastante com a irmã. Ela responde: *“Brinco sim. Eu tenho outra também, mas ela tem só quatro meses e é por parte de pai”*. Questiono sobre o que ela acha de ter uma irmã bebê e ela diz: *“É legal!”*. Noto que ela não comenta que a outra irmã, com quem ela coabita, é filha somente de sua mãe.

Convido-o para a tarefa, retomando sua fala sobre seu animal de estimação: *“Você me falou que gosta da sua cachorrinha, o que eu vou te convidar para fazer é me contar uma*

estória. Vou mostrar figuras de animais, e gostaria que você me contasse uma estória, qualquer história, pode ser?”. Ela responde pronta e positivamente.

Mostro a primeira figura. Ela inicia de maneira rápida, mas a conta lentamente. Principalmente diante das três primeiras imagens, a fala de Cristiane apresenta um ritmo lento. Com muita frequência silencia, através de pequenas pausas, indicando estar pensando sobre a continuidade da história: “*Esses passarinhos estavam comendo na (pausa) mesa, isso aqui parece sorvete, é sorvete (risos)! Daí veio o senhor galo e ficou observando os patinhos comerem (pausa). Aí um acabou de comer e tirou o babador, enquanto os outros comilões continuavam comendo. Daí os outros começaram a comer mais (pausa mais longa). Aí o galo falou: “Nossa, vocês estão comendo muito!”.* Daí o pintinho falou para o senhor Galo: “*Não, mas é, a gente tá comendo, é (pausa) sorvete!*”. Daí o senhor galo falou: “*Mas o sorvete tá muito gelado!*”, aí eles falaram assim: “*Não tem problema!*”. Daí, (pausa) eles continuaram a comer.”. Pergunto se ela quer contar mais, ela diz que não. Exclamo que os patinhos conseguiram convencer o galo. Ela diz: “*É!*” e sorri. O título dado é: “*Os patinhos comilões*”.

Mostro a segunda imagem. Ela conta também lentamente e com tom de voz baixo: “*Aqui eles estão brincando de.. é (pausa) cabo de guerra, daí, só que não tinha quatro, o certo era ter dois de cada lado. Mas essa daqui, deixa eu ver, esse daqui tava ganhando deste porque este estava só (pausa) com um, só tava ele. E também o certo era ter mais um pequeno aqui, para daí (pausa) dar um número par, para eles poderem (pausa) jogar certo. Daí os que tão de dois ganham (pausa).* Pergunto sobre o que mais aconteceu, ela responde: “*Daí eles jogaram de novo, a outra vez o sozinho ganhou, depois eles jogaram mais uma vez (ri muito eu a acompanho), e depois joga de novo.*”. O título dado foi de “*Três Ursos*”.

Diante da terceira figura, ela conta com um tom de voz mais alto. Sua fala apresenta um ritmo menos lento, mas ainda acompanhado de pequenas pausas que diminuem ao longo da estória, que passa a ser narrada de maneira contínua. Isso se repete nas próximas figuras. Ela narra: “*O leão, ele tava se achando, tava se achando o rei e ainda tava fumando um negocinho, um cachimbo (pausa) e um rato estava só olhando e daí o é (pausa) o leão só ficava pensando em umas coisas.*”. Pergunto sobre o que o leão pensava. Ela responde: “*Tava só pensando em (pausa) dar um jeito no rato. Daí, o rato (pausa) ele conseguia passar nesse buraquinho e o leão não conseguia, o leão tava pensando como ia, hã, conseguir pegar o rato por não caber no buraquinho. Daí ele tava pensando né? (pausa). Ele pensou assim: “A madeira é muito (pausa) grande para mim morder!”*, daí ele pegou o guarda-chuva e começou a socar a parede para quebrar (ri), aí o ratinho, é (pausa), ele conseguiu matar o

ratinho. Só tinha sangue no chão, só que daí tinha outro ratinho, apareceu outro, ele ficou tão mais tão furioso que ele falou (pausa). “Naquela árvore só tem rato, então eu tenho que dar um fim nela”. Mas como os ratinhos eram muito espertos, a hora que o rei levantou ele foi pegar a madeira e os ratos escorregaram da árvore. Um deles ficou em um cantinho embaixo da cadeira, daí eles, aí a hora que o rei levantou, ele disse “Agora não tem mais nenhum rato!” E se sentou, daí apareceu outro rato. Ele ficou tão, mas tão furioso, que (pausa) até o rato ficou ficou ficou ficou (pausa), daí o rato ficou, não, é, ele começou a roer a cadeira. Ele roeu, roeu, roeu, ficou roendo, daí teve uma hora que caiu a cadeira e o leão caiu juntos (ri), ele falou “Nossa quem tá roendo isso, não pode ser o rato, porque eu já matei e joguei a árvore fora, mas será que tem ainda outro rato?”. Ele levantou e daí ele (pausa) mordeu aquela árvore que ele jogou. Ele mordeu para ver se tinha outros ratos, mas ele mordeu à toa porque não tinha. Daí ficou banguela. Ai os ratinhos começou a roer o tapete, formou um buraco no tapete (risos) e depois os ratinhos comeram o guarda-chuva que era de madeira.” Silencia e me olha indicando ter finalizado a estória. Pergunto por que os ratinhos provocam o leão. Ela responde e prossegue a estória: “Porque ele é muito peludo e tem muita juba e isso assusta os ratinhos. E aí os ratinhos falaram que ele era mais malvado da terra (risos), e também né, ele tava com a mão no chão e os ratinhos roeram o cachimbo (risos), daí depois eles estava arranhando o leão e o leão ficou tão furioso e deu um fim nos ratinhos, jogaram eles pela janela! Mas eles não morreram porque eles se dependuraram no telhado. Daí, eles vieram e o leão falou assim “Ai, pronto, eu vou dormir!”, só que os ratinhos roeram a cama dele. Daí ele falou “Ah então tá, vou deitar no meu sofá!”, mas o ratinhos roeram o sofá, daí ele pensou, “Ah, então onde eu vou deitar? Só pode ser no chão, naquele tapete! Só que daí ele tinha esquecido que os ratos roeram o tapete e ficou só um quadradinho bem pequeno no meio. Daí ele pegou o quadradinho, picou tudo e colocou na vasilha, daí os ratinhos estavam perto, aí ele pegou colocou veneno, detergente, um monte de coisa e jogou no rato, mas o rato não morreu porque não pegou no rato. Ai, o rei ficou tão furioso, mas tão furioso que os ratinhos provocaram mais ele, ficaram mexendo no rabo do leão, daí o leão mordeu todos eles e todos eles morreram... fim ! (risos).”

Comento que os ratinhos aprontaram muito em sua estória. Questiono se às vezes ela é também um pouco ratinha ou mais leão. Ela responde: “Às vezes sou um pouco ratinha. Às vezes quando a gente faz alguma coisa, minha mãe fala para não mexer no computador e a gente vai lá e mexe.”. Complemento se ela desperta a fúria do leão, e ela diz, sorridente, que sim. Cristiane atribui um título mesmo antes do meu pedido, denominando de “Os dois

ratinhos e o Leão todo poderoso". Pergunto se foram somente dois ratinhos os responsáveis por tanta bagunça, ela responde, novamente sorrindo, que sim.

Mostro-lhe a quarta imagem. Ela diz: "*Bambi*", depois lamenta: "*Eu não sei*". Digo que não tem certo e nem errado, ela pode inventar o que quiser. Prontamente ela inicia de maneira contínua, com poucas pausas: "*É um canguru. Os cangurus estavam passeando, passeando. E, de repente, apareceu um canguru, do nada.*". Pergunto, "*Nasceu do nada?*". Ela responde e prossegue: "*Sim, do nada! Apareceu na barriga da mãe, e a mãe começou a chorar de dor porque eles acabaram de nascer. Eles foram todos fazer um piquenique. Esse era o filho mais velho, ele tava passeando de bicicleta e nem tava vendo, a mãe tava chorando porque tava com dor porque o bebê tinha acabado de nascer. Daí tinha uma bexiga na barriga da mãe que tava levando para o irmão mais velho brincar, mas o irmão mais novo estourou. Daí o irmão mais velho chorou, chorou. Daí a mãe dele foi comprar uma bexiga para os dois. Mas o mais novo furou a bexiga e começou a chorar (risos) porque queria a bexiga. Daí o irmão mais velho deu a bexiga para o mais novo (risos) e ele não furou mais. Daí chegou no piquenique e eles fizeram várias coisas, viram sapinhos, essa borboleta. Eles comeram, levam suco, pão, queijo, (pausa) presunto, e daí eles levaram um negócio para esquentar, tipo uma churrasqueira de colocar no chão. Daí eles pegaram dois paus e esquentaram o pão com o queijo e presunto, o presunto ficou muito quente e o queijo derretendo, aí ele comeu! Vai chamar: "Os três bambis". Não! "Os três cangurus!"*".

Mostro a última imagem. Ela inicia: "*Era uma festa que era festa do primeiro menino aqui que chamava (pausa), Henrique. Essa moça que tá falando com ela chamava Gabriela que era mãe dele, ela tava arrumando ele. Mas aí começou a chegar gente. Esses dois aqui estavam fofocando. Aí, a mãe dele olhou para eles e falou "Que fofoca é essa, hein?"*". Eles falaram assim "*Não, não é nada, não*". Daí como chegou mais gente, começaram a dar risada dessa foto aqui (aponta para a foto da parede na imagem). Daí a mãe dele virou e falou assim: "*O que vocês estão fazendo fofoca aí?*", daí ela disse: "*Essa foto tá muito engraçada!*". Daí a mãe falou assim "*Então tá muito engraçada? podem sair daqui!*". Daí a mãe chamou só a tia, madrinha e poucos amigos para a festa. Expulsou todo mundo da festa, ficou pouca gente. Ai foram comer salgadinho, tomaram refrigerante, cantaram parabéns, abriram presentes! Foi legal! Vai chamar "*Os macacos fofoqueiros!*".

Pergunto o que a mãe macaca pensa sobre fofoca. Ela responde que a mãe não gosta. Pergunto qual ela mais gostou e ela disse que das galinhas, a que ela menos gostou ~~de~~ da última imagem. Pergunto se ela quer me falar algo e ela diz que não. Agradeço-a e nos despedimos com um beijo.

4.8.6 Síntese Cristiane

Cristiane mostrou-se bastante participativa durante o encontro; foi espontânea e criativa. No entanto, aparenta demonstrar uma preocupação em estar adequada às expectativas da pesquisadora. Afirma, já no início, após a explicação de que sua participação era para ajudar em uma atividade semelhante à “lição de casa”, que gosta muito de fazer suas tarefas escolares. Além disso, apresentou um ritmo de fala bastante lento e pausado, principalmente nas primeiras estórias, como se precisasse de um tempo para pensar, escolher, o que seria dito.

Diante da primeira imagem, descreve os personagens são como bem alimentados. No entanto, o galo é apresentado de maneira desqualificada, sua pontuação sobre o sorvete gelado não é considerada. Ao contrário, é praticamente ignorada a figura de autoridade. Não há limite colocado para a avidez, mesmo que ela possa levar a um mal-estar da criança.

Nesse sentido, na imagem 3, a participante narra uma estória em que o ratinho faz diversas travessuras com o Leão. Ele provoca a figura de autoridade, investe, mas só consegue despertar a raiva do rei da floresta que o mata. Cristiane descreve o Leão como assustador. Ela se identifica com o ratinho e o animal feroz com a figura de sua mãe. Afirma que se assemelha mais ao ratinho e descreve uma situação em família em que não obedeceu as ordens maternas. Desta maneira, clarifica que a figura mais representativa de autoridade em sua casa é a mãe. No entanto, há uma dificuldade na maneira como a mãe impõe sua autoridade, principalmente diante dos enfrentamentos da filha. Quando se depara com a não obediência, a mãe parece perder o controle, faz uso de atitudes desmedidas, como: expulsar da festa (estória 8), ou morte do ratinho (estória 3). Ainda assim há capacidade de se divertir, principalmente quando aliada à irmã, conforme relatado em sua última estória, demonstrando possuir recursos importantes.

O conflito diante da autoridade parece ter sido intensificado diante do nascimento da irmã. Em sua 4ª estória, conta que um bebê surgiu inesperadamente na barriga materna e isso causou muita dor, fez a mãe chorar. Demonstra, assim, a percepção de que para a mãe os filhos causam dor. Neste momento, mais uma vez, a criança assinala que a figura materna é sua referência. No entanto, não se trata de alguém que protege e é continente. Ela não é capaz de impedir que a criança menor estoure as bexigas. Há um sentimento de haver perdido a proteção materna. Além disso, quem ressoluciona o conflito é a irmã mais velha. Ela oferece sua própria bexiga para a mais nova.

O(s) pai(s) foram pouco citados na fala de Cristiane. No entanto, na imagem 2, ela indica preocupar-se com o conflito entre seus pais biológicos. Ela se incomoda muito por ter um número ímpar de ursos puxando o “cabo de guerra”. Ela consegue fazer com que ambos vençam. Assim, não pode haver perdedor, não pode haver raiva em um conflito que não aparenta ter fim. Como se existisse um medo de que a corda se quebre.

Apesar de apresentar-se como uma criança espontânea e desafiadora da autoridade, a garota, como já ressaltado no início desta síntese, parece sentir uma necessidade de adaptação para ser aceita. Tal fato parece se relacionar com a percepção de que o Leão, a mãe, não tolera muito incômodo; isso desperta sua fúria. Então, por vezes é preciso abafar seu gesto, principalmente por este se apresentar, por vezes, de maneira desmedida, como na estória do ratinho provocador.

4.8.7 Síntese díade recomposta materna

Apesar da maneira diferenciada que pai e padrasto descrevem o comportamento de Cristiane, todas as entrevistas foram convergentes e complementares. Embora a garota tenha duas figuras masculinas próximas, ambas demonstraram dificuldade no exercício da função paterna, que parece ser assumida pela figura materna.

Desta maneira, a mãe, apresenta-se sobrecarregada, principalmente diante da necessidade em assumir o papel paterno e materno. Ela conseguiu se fazer presente, concretamente, em uma pesquisa que exclui a voz materna e comunicou seu sentimento de perda de controle em relação à filha. No entanto, apesar das dificuldades, a mãe não deixa que nenhum dos pais de Cristiane se aproxime da função. Ela parece estar confusa quanto ao papel dos dois. Ela dificulta a relação da criança com o pai biológico e aceita a posição que o padrasto de sua filha a coloca: intermediadora da relação entre ele e a criança, sendo ele ausente de qualquer gesto que se aproxima da imposição de limites, da autoridade. Assim, a relação entre as díades passa pela mãe. O pai biológico só se aproxima de sua função quando é convocado pela ex-mulher para impor limite, quando esta já perdeu o controle da situação. Nesses momentos, Carlos sente-se desconfortável.

Diante da declarada disputa entre mãe e pai biológico, citada na entrevista de Carlos, Cristiane parece buscar uma posição de neutralidade, mesmo sendo convidada por ambos para entrar na disputa, principalmente no papel de informante. Assim, sente-se diante de um

conflito de lealdade. A garota apresenta um comportamento diferenciado na casa de cada um de seus pais, na do padrasto é muito agitada e desrespeitosa, na do pai é calma e obediente

Na residência do padrasto, onde habita, Cristiane mostra-se agitada, imperativa e desafiadora. Assim, como em suas estórias, parece haver uma grande dificuldade no exercício real da autoridade. Diante do voluntário afastamento do padrasto do exercício da função paterna, a mãe apresenta-se de maneira sobrecarregada e sem conseguir exercer muito controle sobre a criança. Os gestos de Cristiane, por vezes desmedidos, como o do ratinho de sua estória, parecem despertar a fúria materna. Assim, por vezes, é preciso se adequar às expectativas do outro para ser bem-vista.

Nesse sentido, seu comportamento “exemplar”, flexível, apático, na casa de seu pai biológico, parece sugerir que para ser aceita é preciso atender às expectativas do outro. Desta maneira, Cristiane não aparenta sentir-se inserida na nova família de seu pai. Tem que ser adequada para ser amada. O pai, diferente do padrasto de Cristiane, se apropriou da nova família, assumiu todas as responsabilidades diante de seu enteado. Assim, há percepção de que nenhum dos pais a assumiu. O pai biológico se aproximou do enteado, o padrasto se ausenta da função com a justificativa da não consanguinidade. Assim, apesar da importância dos pais, os homens citados não são representativos de autoridade nem em suas estórias e nem em sua vida.

Segundo Dias (2003), para Winnicott, a presença e percepção de um pai forte e consistente na fase de concernimento, possibilita que a criança se sinta segura diante da experiência e manifestação de seus impulsos destrutivos, pois há a segurança de que o ambiente que a circunda é indestrutível. Isso facilita a integração dos impulsos infantis e seu processo de desenvolvimento. No entanto, no caso apresentado, Cristiane não parece atribuir, a nenhum de seus pais, características como força e consistência. Além disso, a autora ressalta que é importante que neste etapa do desenvolvimento emocional a mãe diante dos impulsos agressivos e impulsivos da criança seja capaz de “*machucar-se e remendar-se*” (p.162), possibilitando, assim, o processo de reparação. No entanto, no caso apresentado, a mãe também parece ter poucos recursos para tolerar a criança.. Desta maneira, diante da inviabilidade da mãe ser, ao mesmo tempo, alvo dos impulsos e protetora do ambiente, a criança percebe que suas manifestações são destrutivas e afetam negativamente tanto a mãe (que chora de dor na imagem 4), quanto o ambiente. Segundo Dias (2003), quando o pai não se faz presente neste estágio, ou a mãe é acometida por alguma patologia, tal como a depressão, a criança vê como necessário adotar um controle antes de adquirir condições para tanto. Desta maneira a criança passa a se apresentar de maneira pouco espontânea e com seus

impulsos inibidos. Este comportamento já é parte do repertório de Cristiane que, apesar de demonstrar possuir muitos recursos, busca, principalmente diante da presença de seu pai biológico, ser mais contida.

Assim, como dito, Cristiane apresenta um comportamento menos espontâneo em algumas situações. Nesse sentido, ta mbém no contato inicial com a pesquisadora, foi observada uma busca pela adequação, tanto no seu ritmo de voz, quanto na declaração sobre seu gosto por tarefas escolares. Isso possibilita que se pense que para a criança é preciso estar adequada ao outro para ser aceita. Desta maneira, o outro impede o “ser”. Quando diferente, o outro é visto dentro de uma relação mais provocativa e reivindicativa, como é sua relação com a mãe, em torno da qual se estabelece uma disputa.

Diante da impotência de todos os pais, Cristiane parece estar inserida em um ambiente confuso e pouco acolhedor, onde há dificuldades na imposição de limites, bem como no oferecimento de gesto continente e protetor.

4.9 Síntese dos pais

Os pais se apresentaram de maneira diversificada, alguns mais extrovertidos, como André (família monoparental materna I), outros mais serenos, como Oscar (família monoparental paterna I). Todos avaliaram, de maneira geral, a paternidade como algo positivo, mas a maioria afirmou não se tratar de uma tarefa simples. Marcelo (família nuclear I), Oscar e Marcos (família recomposta Materna) apontaram características das filhas que os preocupavam, por exemplo, timidez e desobediência. Os demais pais não descreveram inicialmente nenhum aspecto específico que entendiam como negativo em sua experiência paterna. Contudo, na maioria das entrevistas as dificuldades no exercício da função se fizeram presentes e foram atribuídas a influências externas na relação entre a díade, como, características da mãe biológica, o excesso de afazeres, a convivência com a família extensa, entre outras.

Assim, o foco de alguns encontros desviou-se da relação direta com a criança e se direcionou para as dificuldades que a permeavam. Tendo em vista que os pais eram convidados a discorrer sobre a relação com a filha, sendo a pergunta disparadora da entrevista: “*Como é a experiência de ser pai da (nome da filha)*” e a instrução de olhar os

quadros do CAT para basear o seu relato, na maioria dos casos, pouco foi dito especificamente sobre a convivência com elas.

Dentre as dificuldades apontadas, as que tiveram um maior destaque foram as questões relacionadas com a mãe biológica de suas filhas. Notou-se que elas exercem papel de grande influência na relação entre as díades, muitas vezes dificultando-a. Em quatro dos pais houve relato dessa presença e influência direta da mãe biológica em sua relação com a filha. Marcelo (família nuclear I) apresentou dificuldade em aliar as exigências de sua esposa com as suas e as de sua filha. Ele mostrou-se inseguro diante de suas ações, principalmente as que se relacionavam com a imposição de limites, uma vez que sua esposa confundia limite com agressividade. O contato de André (família monoparental materna I) e Carlos (família recomposta materna, pai biológico) com as suas filhas foi descrito como controlado, em parte, pelas restrições que a mãe biológica da criança impunha. Esse obstáculo apareceu aliado à dificuldade deles de incluir sua filha em suas novas famílias. Marcos (família recomposta materna, padrasto) afirma que é a esposa a principal responsável pelos cuidados e imposição de limites à sua enteada, sendo que ela ocupa essa função com o seu consentimento. Por outro lado, para os três outros pais, a influência da materna se deu pela ausência. A ex-mulher de Lucio (família recomposta paterna) foi afastada dos cuidados com a filha, o que fez com que ele se identificasse com a garota e a percebesse como frágil. A ausência da esposa exigiu que ele acumulasse funções, o que ele tenta fazer com dificuldade. Por fim, o exercício de sua função priorizou o provimento material. No caso de Oscar e José, pais de família monoparental paterna, o falecimento de suas esposas fez com que eles assumissem novas tarefas, antes mesmo de elaborar o luto. A ausência redimensionou a relação com suas filhas, exigindo-lhes uma maior proximidade e responsabilidade, apresentando-lhes novas dificuldades, principalmente relacionadas com a provisão afetiva. Nos encontros com Eduardo (família nuclear I) e Sérgio (família monoparental materna II) pouco foi citado sobre a mãe biológica. Eduardo demonstrou uma necessidade de isolar a figura materna, como se assim pudesse ter mais espaço na relação com sua filha. Sérgio descreve vivenciar uma relação ideal e madura com a mãe de sua filha; no entanto o contato entre ambos é distante.

A influência da mãe biológica foi ressaltada na figura dois do CAT-A. Alguns dos pais descreveram uma cena em que estão de um lado e a mãe de suas filhas de outro. Marcelo (família nuclear I) e André (família monoparental materna I), apesar de compreenderem de maneiras distintas a situação, afirmaram que a divisão de lados relacionava-se com a vontade da mãe em afastar a filha deles. Carlos (família recomposta materna, pai biológico) apontou para uma disputa com a ex-mulher, da qual a filha não é poupada. No entanto, a figura de

conflito não se restringiu à materna. Para Eduardo (família nuclear II), a disputa se estendeu para todas as pessoas que não ele e a filha, das quais ele precisa proteger a garota. Marcos (família recomposta materna, padrasto), narra uma situação em que a criança está dos dois lados da corda, sendo um representando sua face feroz e o outro a face dócil, diante das quais o padrasto não possui controle e entende que só pode ser um mero observador. Os pais de família monoparental paterna descreveram a imagens de maneiras distintas, mas ambos atravessados pelo falecimento da esposa. Oscar descreveu que até o falecimento, era afastado dos filhos e via como natural o fato deles terem um maior contato com a figura materna. José relatou uma disputa interna, entre a função masculina e feminina, diante das quais atualmente se divide, apesar de privilegiar a paterna.

Os pais ressaltaram a diferença que entendiam entre a função feminina e masculina, atribuindo ao pai uma atitude de imposição de autoridade e à mãe uma atitude afetuosa. Os pais, exceto André (família monoparental materna), Carlos e Marcos (ambos recomposta materna) afirmaram sentir como necessário desempenhar os dois papéis na relação com suas filhas. Marcelo (família nuclear I) mostrou compreender que a fragilidade de sua esposa fez com que ela executasse sua função de maneira deficiente, compelindo-o a cumprir ambas as funções. Os pais de família monoparental paterna (Oscar e José) e recomposta paterna (Lúcio) vivenciaram uma ausência real, logo, entenderam como necessário preencher a lacuna deixada pela falta materna. Contudo, com exceção de Marcelo, não descreveram momentos de contato afetivo. Eduardo (família nuclear II) não deixa clara a diferenciação, mas se assume como uma figura que oferece para a filha afeto e autoridade. Porém, ele parece confundir autoridade com proximidade, e apresenta um receio de contrariar a filha e perder seu amor. Sérgio (família monoparental materna II), apesar de se descrever como afetuoso e autoritário, afirma que a mãe é mais próxima dos cuidados com a criança.

Além disso, em quase todos os casos parece não haver clareza sobre a maneira que, de fato, exercem o papel paterno. A dificuldade em desempenhar essa função apareceu em diversos momentos da entrevista, mas houve um destaque quando convidados a falar sobre a figura 3. Nela, Oscar (família monoparental paterna II), André (família monoparental materna I) e Lucio (família recomposta paterna), não se identificaram com a figura do leão. A imagem remeteu-lhes a uma pessoa mais velha, o avô, figura ausente na rotina de suas filhas, exceto a de André. Os outros participantes se inseriram na imagem. Marcelo (família nuclear I) afirmou, porém, que se tratava de uma posição que não lhe era restrita. Eduardo (família nuclear II) se identificou com o animal, mas logo se mostrou contraditório sobre sua capacidade de colocar limites. Ele demonstrou não sustentar a autoridade e apresentou-se de

maneira confusa e inconsistente. Sérgio (família monoparental materna II) se identificou com o leão, mas não foi capaz de perceber o ratinho, assim como pouco consegue perceber sua filha diante de um ar de superioridade e controle que impõe ao outro. No entanto, declara dificuldade no exercício de sua função e afirma que a filha demanda muito investimento e disponibilidade. José (monoparental paterna II) se identifica com o leão, mas declara que se trata de uma nova percepção, pois agora, após o falecimento da esposa, se vê como um pai menos idealizado e mais real. Marcos (família recomposta materna, padrasto) se desapropria das responsabilidades da criança por não ser o pai biológico; assim atribui à mãe a totalidade dos cuidados e coloca-se na posição de observador. Carlos (família recomposta materna, pai), por sua vez, mostra-se confuso diante do seu papel, mas este parece ser cadenciado pela ex-mulher que por vezes o exclui e por vezes o convoca para exercer autoridade.

Assim, o desempenho da paternidade por Marcelo (família nuclear I) se mostrou confuso diante das exigências da esposa. Oscar (família monoparental paterna I) sentiu-se sobrecarregado. José (família monoparental paterna II) busca se apropriar do seu novo lugar na família. André (família monoparental materna I), Carlos e Marcos (respectivamente pai e padrasto, família recomposta materna) mostraram-se ausentes. Lucio (família recomposta paterna) teve dificuldade para reconhecer as reais necessidades da filha. Eduardo (família nuclear II) tem sua função circunscrita por um receio de perder o afeto da filha. Sérgio (família monoparental materna II) é distanciado e tem dificuldade de ter uma relação de maior envolvimento e proximidade. Porém, mesmo perante as dificuldades, Oscar (família monoparental paterna I), José (família monoparental paterna II) e Marcelo (família nuclear I) pareceram possuir uma maior clareza quanto aos limites e possibilidades na maneira como vivenciam a paternidade. Oscar declarou notar as necessidades da filha que não era capaz de suprir, pois se sentia falho no provimento das necessidades afetivas dela. José apresenta uma visão mais definida sobre o que consiste o exercício da paternidade e está mais atento às necessidades da filha. Marcelo conseguiu notar as dificuldades da esposa e a maneira como isso interferia no desempenho de seu papel, mostrando-se empenhado, presente, mas também ambivalente. Por outro lado, André (família monoparental materna I), Lucio (família recomposta paterna), Carlos (família recomposta materna, pai) e Eduardo (família nuclear II) descreveram suas funções de maneira muito positiva e idealizada, o que prejudicou a percepção da limitação de seus papéis e das reais demandas de suas filhas. Assim, não possuem clareza sobre os seus papéis.

Os pais apresentaram estratégias e prioridades distintas na educação de suas filhas. Alguns se mostram ausentes, como expectadores, atribuindo à mãe a maior responsabilidade.

Nesse ponto os relatos do pai e do padrasto da família recomposta materna e o do pai da família monoparental materna I (André) são particularmente elucidativos. Os outros pais, apesar de descreverem-se como mais próximos, demonstraram uma busca por suprir prioritariamente as demandas concretas de suas filhas. Os pais de família monoparental paterna destacam a importância de apresentar uma postura de autoridade e consistência. Por outro lado, Eduardo (família nuclear I) visa proteger a filha do mundo, para tanto faz uso de chantagem e recompensas.

A maneira como os participantes descrevem os momentos de lazer com suas filhas parece ser representativa da dinâmica da relação entre as díades. Lúcio (família recomposta paterna) e Marcelo (família nuclear I) descreveram tais ocasiões como de proximidade e grande prazer. Já o pai e padrasto provenientes da família recomposta materna descreveram tais situações como inconstantes, pois elas dependem do humor da garota. André (família recomposta materna I) revelou que a filha, geralmente, não está incluída nesses momentos que ele entende como muito prazerosos. Demonstra, mais uma vez, a dificuldade de possuir de incluir a filha em sua nova família. Sérgio (família monoparental materna II) descreve os momentos de lazer com a filha como marcados pelo suprimento material; assim, em sua fala ele destaca não a vivência em si, mas a sua forma de controlar a criança. Eduardo (família nuclear II) entende que os momentos de lazer são perigosos, pois expõem sua filha ao mundo diante do qual é preciso defendê-la. Os pais de família monoparental paterna afirmaram possuir muita dificuldade para participar de passeios. Parecem se sentir pouco seguros em momentos de afeto sem a intermediação materna.

A instituição familiar foi bastante valorizada. Marcelo (família nuclear I) apresentou dificuldade em incluir pessoas da família extensa em seu dia a dia, optando somente pela convivência com sua filha e esposa. Oscar (família monoparental paterna I) afirmou contar com a ajuda de sua mãe e da madrinha de sua filha, figuras femininas que ele permite que se aproximem da criança. Os membros da família extensa apontados como de grande importância pelos dois pais de família monoparental paterna e também por André (família monoparental materna I) foram os avós. Principalmente a avó pareceu assumir um papel de destaque diante da ausência/afastamento da mãe. Eduardo (família nuclear II) não ressalta a família extensa, uma vez que seu foco e desejo é restringir-se em sua relação com a filha. Carlos e Marcos, pai e padrasto da família recomposta materna, pouco citaram a família extensa.

Alguns pais apontaram a experiência da relação com seus próprios pais como negativa. Sérgio destaca a ausência de seu pai em sua vida. José (família monoparental

paterna II) declara discordar das práticas educativas que seus pais utilizaram com ele, tendo-as como “contra-exemplos” para a educação de sua filha. No entanto, José tem suficiente confiança nos seus pais para pedir-lhes ajuda na educação da filha.

Todas as esposas ou mães biológicas trabalham, exceto a ex-mulher de Oscar (família monoparental paterna I). Porém, somente Lucio (família recomposta paterna) disse ajudar nas atividades domésticas. Ele e André (família monoparental materna), pais que constituíram uma nova família, descreveram a relação das filhas com as atuais esposas como muito agradável, mais valiosa até do que com a própria mãe biológica. As esposas atuais foram apresentadas de maneira idealizada. Além disso, eles revelaram que possuem relações diferenciadas com seus filhos e com os enteados. André (família monoparental materna) assumiu possuir maior proximidade com seu filho biológico, com quem coabita, do que com a filha, que está na casa dos avós. Lucio (família recomposta paterna) afirmou possuir uma relação diferenciada com a filha biológica quando comparado com as enteadas, uma relação aparentemente marcada por uma maior proximidade e afeto. Marcos (família recomposta materna, padrasto) entende e exerce seu papel de maneira limitada com a justificativa de que não ser pai biológico o restringe.

Alguns dos participantes atribuíram um teor valorativo à família nuclear. Marcelo (família nuclear I) chegou a condenar o divórcio. Oscar (família monoparental paterna I) lembrou com muita saudade o tempo em que contava com a presença da esposa no lar. Sérgio (família monoparental materna II) afirma que buscou reatar seu namoro quando soube que a mãe de sua filha estava grávida. André (família monoparental materna I) mostrou compreender a família nuclear como “o caminho certo” e pareceu sentir-se culpado em ter dificuldade de incluir a filha em sua nova família. Por fim, Lucio (família recomposta paterna) revelou que sustentou um casamento fracassado por acreditar que aquela constituição seria a melhor para a sua filha.

Além disso, Oscar (família monoparental paterna I) e Lucio (família monoparental materna I) afirmaram, com propósitos distintos, que a justiça brasileira privilegia uma organização familiar em que a figura feminina esteja presente. Assim, há dificuldade para que a guarda do filho fique com o pai. Nesse sentido, Oscar argumentou, indignado, que acreditava que a avó materna de sua filha possuía mais direitos que ele, o pai biológico. Lucio, por sua vez, assegurou que o pai apresenta dificuldade em ter a guarda de sua filha. Ele justifica seu pensamento ao afirmar que a sua atual esposa possui um processo pela guarda de sua filha com o ex-marido e que acredita que ela ganhará facilmente. Sua fala também sugeriu a valorização de sua função e a desvalorização da mãe de sua filha. Afinal, segundo ele,

mesmo em um país em que a justiça não vê com igualdade os direitos paternos, é ele quem coabita com sua filha.

Ao focalizar cada arranjo familiar de maneira restrita, clarifica-se algumas similaridades e diferenças. Os pais de família monoparental materna, relataram que as filhas não foram planejadas e desejadas. Eles assumiram a paternidade, mas ainda demonstram dificuldade para incluir as meninas em suas vidas. O primeiro pai descreve uma relação mais distanciada com a criança. O segundo relata maior proximidade com a filha, no entanto, o contato se mostrou superficial. Os pais das famílias monoparentais paternas apresentaram uma relação com suas filhas marcada pela ausência materna. Diante do falecimento, os pais sentiram-se diante da necessidade de suprir a lacuna deixada pela mãe, principalmente relacionada com o provimento afetivo, o que parece ter dificultado a vivência do luto. No entanto, foram convidados a pensar também sobre a maneira que haviam exercido sua função ao longo dos anos, o que possibilitou um novo olhar para o exercício da paternidade, agora mais pautado na realidade que na idealização. Assim, houve um estreitamento de laços com as meninas e uma maior apropriação da função. Como se o falecimento tivesse possibilitado uma real apropriação não do papel materno, mas sim da própria função paterna. Há uma proximidade com as filhas que prioriza as necessidades concretas/materiais das meninas. No entanto, percebem também as demandas afetivas das crianças e possuem clareza sobre a dificuldade que eles possuem para supri-la. Os pais que compõem famílias nucleares demonstraram confusão e inconsistência no exercício da função. Um dos pais possui forte influência materna que circunscreve a relação com a filha e o outro aparenta possuir uma grande dificuldade de frustrar a criança. Assim, a autoridade é exercida, por ambos, de maneira ambivalente. Os pais não parecem ser percebidos como representativos de força, consistência. Os pais de famílias recompostas apresentaram-se de maneira significativamente distintas. O pai proveniente do arranjo recomposto paterno supervalorizou seu papel e idealizou sua filha. Descreveu que diante da ausência materna avalia como necessário suprir as necessidades da criança, principalmente as materiais. O pai parece projetar seu próprio sentimento de abandono e fragilidade na criança. O pai e padrasto de família recomposta materna demonstraram que a relação com a criança é atravessada pela mãe biológica que entende como necessário acumular as funções materna e paterna. Assim, o pai e padrasto mostraram-se ausentes.

Com exceção dos pais provenientes de arranjo monoparental paterno que demonstraram maior clareza quanto aos limites e possibilidades do exercício de suas funções, os pais dos demais arranjos apresentaram uma dificuldade de estabelecer um contato com as

filhas de maneira autêntica, por vezes distanciada e quando próxima apresenta-se de maneira idealizada. Assim, os pais demonstraram dificuldade no exercício da função e de oferecer um ambiente seguro, autêntico, próximo e acolhedor para suas filhas.

4.10 Síntese das filhas

As meninas, assim como seus pais, apresentaram-se de forma única, mas com alguns pontos em comum. Com exceção de Luciana (família recomposta paterna) e Beatriz (família monoparental materna II), que se mostraram de maneira desembaraçada, e Larissa (família nuclear II), que se apresentou de forma imponente desde o princípio do encontro, as demais participantes iniciaram de maneira tímida e retraída, mas se descontraíram ao longo da participação. De maneira geral, as meninas executaram a tarefa proposta conforme foi solicitado e a maioria deu indícios de ter considerado o encontro como uma boa experiência.

Ao focar as meninas de cada arranjo familiar é possível notar que a dinâmica das díades apresentaram alguns pontos convergentes, conforme já ressaltado na síntese dos pais. Nas famílias monoparentais maternas estudadas, os dois pais indicaram superficialidade na relação com suas filhas. As duas meninas demonstraram que estão inseridas em um ambiente pouco consistente e ameaçador. Há dificuldade na vivência da transicionalidade, o que compromete a expressão da criatividade e espontaneidade. Elas apresentaram uma tendência a se adaptarem às demandas externas. Uma delas (família monoparental materna I) percebe o pai como distanciado, o contato é pouco espontâneo, como se não se sentisse à vontade diante dele, o pai por vezes é substituído pela figura dos avós, mas ora é autoritário diante da relação estabelecida com a mãe biológica da garota. A outra (família monoparental materna II) demonstrou preocupação com seu pai que parece não ser percebido como alguém quem lhe transmite segurança.

As crianças provenientes de díades das famílias monoparentais paternas também apresentaram similaridades. Esse arranjo, marcado pela ausência materna, colocou os pais em uma situação diferenciada que possibilitou que repensassem o exercício de sua própria função e passassem a exercê-la com mais clareza, mesmo diante das dificuldades. As meninas constataram que seus pais possuem dificuldade principalmente no suprimento afetivo, antes oferecido pela mãe. Apesar disso, elas demonstraram terem sido capazes de importantes internalizações relacionadas com a função materna, que se mantiveram mesmo após o

falecimento da mãe, o que indica que esta figura foi preservada em sua realidade psíquica. Além disso, as meninas indicaram preocupações com seus pais. Eles são vistos por elas como frágeis e incapazes de oferecer muito, além de, eles próprios, precisarem de ajuda. Mesmo assim elas entendem que o exercício da função paterna se dá com clareza, consistência, proteção e segurança. Desta maneira, o pai presente e a mãe introjetada, parecem atuar como facilitadores do desenvolvimento emocional das meninas que demonstraram possuir importantes aquisições, tais como o sentimento de culpa, preocupação. Contudo, ressalta-se que as garotas também possuem necessidades próprias que estão relacionadas com as demandas não supridas, tal como a constante busca pelo afeto. Assim, apesar de demonstrarem percepção de alguns limites de seus pais, elas insistem em ressaltar as suas próprias necessidades insatisfeitas.

As crianças que pertencem aos arranjos nucleares se apresentaram de maneira distinta, uma mais retraída e a outra autoritária. A relação entre as díades parece ser de proximidade. No entanto, os pais se apresentaram, em alguns momentos, o exercício da função de maneira confusa, pouco consistente, um (família nuclear I) pela grande influência da sua esposa no relacionamento com a filha e o outro (família nuclear II) por demonstrar distanciamento de situações que frustrem sua filha, o que compromete o exercício da autoridade. Nesse sentido, uma das meninas demonstrou perceber o pai como figura inconsistente e a outra como alguém dominado por ela, mas ambos frágeis. Assim, o ambiente também não é sentido como seguro e capaz de acolher a autenticidade e espontaneidade das crianças, por motivos distintos. Em um dos casos o ambiente é muito instável, no outro é intrusivo e não possibilita a frustração.

As meninas procedentes dos arranjos familiares recompostos demonstraram, de maneiras distintas, que não estão inseridas em um ambiente capaz de perceber e suprir suas necessidades. A criança proveniente do arranjo recomposto paterno mostrou-se pouco tolerante à frustração e pouco criativa. Parece ter dificuldade para vivenciar a transicionalidade. Indicou que recebe prioritariamente o suprimento material, por vezes até de maneira intrusiva por parte de seu pai. Seu pai descreveu seu papel de maneira idealizada e se vê diante da necessidade de suprir a ausência materna. A criança da família recomposta materna parece perceber o ambiente como pouco acolhedor. Ela concebe a mãe como pouco capaz de suprir suas necessidades e lhe faltam figuras representativas de consistência e proteção, tanto o pai como o padrasto são distanciados da função paterna. Assim, a garota se mostrou insegura. Parece entender que o ambiente é incapaz de acolher sua autenticidade, demonstrando submissão diante da pesquisadora.

Ao longo de todo encontro, todas as crianças se referiram à figura paterna de maneiras distintas, mas sempre relacionadas com uma necessidade de protegê-la e poupá-la. Algumas ressaltaram aspectos positivos; mesmo aquelas que direcionaram alguma crítica ao pai, rapidamente a repararam. Houve também uma demonstração direta de preocupação direcionada à figura paterna. Assim, Beatriz (família monoparental materna II) demonstra preocupação com seu pai que sofreu um acidente e revela que ele sempre brinca que irá comer os animais que ela deseja possuir. Lucia (família nuclear I) caracterizou o pai pontualmente como “bonzinho”. Marina (família monoparental materna I) e Luciana (família recomposta paterna) apresentaram um aspecto negativo do pai, mas logo o repararam. A primeira descreveu um momento de ausência da figura, mas na sequência afirmou que o pai era bastante presente. Já a segunda, inicialmente, disse que seu pai não lhe oferecia o objeto (caderno) que desejava, mas, em seguida, descreveu o que ele podia fazer para lhe agradar (uma ida ao shopping e a compra de uma roupa da qual se gabou). As demais participantes não discorreram diretamente sobre seus pais, mas, a figura paterna esteve presente, de forma indireta, em suas histórias.

A maneira direta como as filhas descreveram seus pais ao longo de todo encontro revela o tipo de relacionamento que possuem com ele. Marina (família monoparental materna I) pareceu não ter uma descrição clara de seu pai: ele foi mostrado por ela de maneira confusa, ambivalente e distante. Beatriz (família monoparental materna II) sugere que o suprimento que seu pai oferece não vai ao encontro das suas necessidades e que ele parece não alimentar suas fantasias. Lucia (família nuclear I) discorreu sobre o contato que tem com seu pai; ela pareceu valorizar a presença e a proximidade, mesmo que o pai estivesse envolvido em outras tarefas, principalmente relacionadas com a mãe. Luciana (família recomposta paterna) em diversos momentos ressaltou a importância do “ter” e, ao citar a figura paterna, relacionou-a com a compra de objetos, demonstrando valorizar o que o pai pode lhe dar materialmente. Assim, foram ressaltados diferentes aspectos na relação entre as díades, tais como: inconstância da figura paterna, pouca percepção e suprimento das demandas das crianças e influência da figura materna na relação. As crianças demonstraram possuir um vínculo amoroso com a figura paterna. Contudo, os pais parecem não corresponder com as expectativas e necessidades delas; eles são vistos como distantes e, na visão das participantes, suprem prioritariamente materialmente, mas não afetivamente.

No entanto, a referência paterna não pode ser reduzida somente ao que foi dito diretamente. Assim, ao incluir o conteúdo latente das histórias, da fala, ao longo de todo o encontro, os pais ganharam diversos significados nos relatos das filhas. Elas descreveram a

figura paterna como inconstante, dominada, falha no suprimento afetivo, pouco autoritária e distanciada. Nesse sentido, para Lúcia (família nuclear I) o pai representava ora refúgio, ora autonomia, no entanto tais representações parecem se alternar não em função das necessidades da garota, mas sim do pai; ressalta-se que se trata de uma relação fortemente marcada pela presença materna, que a determina. Nas estórias de Larissa (família nuclear II) o pai aparece como alguém que é dominado por ela. Olívia (monoparental paterna I) apresentou seu pai relacionado, principalmente, aos cuidados concretos, era ele o provedor de segurança e proteção da família, mas também era alguém a quem ela, por vezes, pode dominar. Estela (família monoparental paterna II) indicou que o pai representa uma figura de autoridade coerente com quem se preocupa e de quem não exige muito. Luciana (família recomposta paterna) manteve a imagem de seu pai relacionada com a provisão material. Cristiane (família recomposta materna) não apresenta o pai e nem o padrasto como figuras de autoridade, capazes de lhe oferecerem delimitação e segurança. Mariana (família monoparental materna I) demonstrou distanciamento desta figura em sua vida. Beatriz (família monoparental materna II) apresenta o pai em suas estórias como alguém que impõe limitações, não atende suas necessidades e tem atitude contrária às que ela entende como corretas. Nesse sentido, as filhas demonstraram que os pais de família monoparental paterna são mais coerentes em termos de proteção e imposição de limites. Por outro lado, os monoparentais maternos foram apresentados como mais distantes e menos preocupados em cumprir suas funções de maneira coerente.

Apesar de questões relacionadas com o pai terem aparecido por todo o encontro, diante da imagem 3 do CAT-A esse tema foi destaque. As filhas de famílias monoparentais discutiram sobre o pai que é atravessado pelo falecimento materno. Estela (família monoparental paterna II) descreve a figura do leão marcada pela tristeza. Afirmou que o animal ficou só e precisou de ajuda e cuidados em um momento de sua vida. Este momento parece se relacionar com o falecimento da mãe da garota e demonstrar a maneira que ela entendeu que seu pai sentiu tal perda. Assim, a filha percebe fragilidade em seu pai. Olívia (família monoparental paterna I) narrou uma estória em que o personagem iniciava como rei, mas terminava como servo, mostrando compreender a autoridade de maneiras diversificadas, o que também pode remeter a um sentimento de ambivalência diante dos diversos “lugares” que ocupa em sua casa após o falecimento materno. Parece apontar para um processo de resignificação do papel paterno em sua vida. Há uma maior proximidade do pai que também se apropriou mais de sua função, mas a natureza da modificação da relação não é ainda clara e definida. As crianças do arranjo nuclear também se expressaram de maneiras distintas, o que

remete aos diferentes modos que entendem e se relacionam com seus pais. Para Lucia (família nuclear I), tratava-se de um animal triste e o motivo lhe era desconhecido, o que pareceu gerar insegurança. Larissa (família nuclear II) apresenta a imagem de um leão por ela dominado. Diante da figura, ela demonstra uma fragilidade que não lhe parece autêntica, uma manobra para que nada lhe seja exigido pela autoridade. Marina (família monoparental materna I) disse que o Leão era idoso e pensativo, e que podia falecer a qualquer momento. Ela pareceu relacionar a imagem do animal com seu avô materno, sugerindo que este desempenha um papel importante em sua vida. Demonstrou, assim, insegurança diante da perda, um ambiente instável. O pai é apresentado por Beatriz (família monoparental materna II) como uma figura concreta que busca que a criança se adapte às suas demandas, diante das quais ela parece não concordar e ter medo de retaliações. Por fim, Luciana (família recomposta paterna) distanciou-se da temática e falou, de maneira desorganizada, sobre uma cena de um filme que só é possível assistir se possuir um plano especial de TV a cabo. A participante valorizou mais a reprodução de uma situação do que o produto criativo próprio, valorização do “ter” e não do “ser”, remetendo seu pai ao suprimento das demandas materiais. No caso de Cristiane (família recomposta materna), o leão parece se relacionar com a figura materna alguém que não representa efetivamente autoridade, mas sim falta de controle e atitudes extremas (como a morte do ratinho). Exceto no início da estória de Olívia (família monoparental paterna I), nenhuma outra participante atribuiu autoridade à figura do leão, que também não foi caracterizado como afetivo. Assim, nas meninas participantes da pesquisa, a figura pareceu ter remetido à função paterna, entendida de maneira diversificada, sendo representativo de alguém frágil e dominado, inconstante, focado nas demandas concretas.

A instabilidade do ambiente familiar foi um tema destacado no encontro com as participantes. O lar é apresentado, por vezes como inconstante, pouco claro e pouco acolhedor. Assim, sugerem que o ambiente familiar nem sempre atua como facilitador da espontaneidade e autenticidade. Marina (família monoparental materna I), Lucia e Larissa (ambas de família nuclear) e Luciana (família recomposta paterna) contaram estórias mais pontuais, sem muito movimento e envolvimento. Elas demonstraram, por motivos distintos, dificuldade em estar no mundo de maneira criativa, sugerindo que estão inseridas em um ambiente que dificulta a vivência da transicionalidade. Assim como os gestos de Marina (família monoparental materna I), seus personagens de suas estórias se mostraram abafados e contidos, apontando para o fato de que percebe o ambiente como tendo pouco a lhe oferecer. Lucia (família nuclear I) apresentou um comportamento inseguro, uma reação contida diante de um ambiente familiar inconstante. Larissa (família nuclear II) pouco se envolveu nas

estórias, pois buscou, a todo momento, um domínio sobre a situação. Por sua vez, Luciana (família recomposta paterna) contou estórias pontuais com pouco empenho, principalmente diante da impossibilidade de possuir um objeto desejado (a garrafa com o emblema da escola). Assim, ela demonstrou tentar estabelecer uma relação de barganha: para oferecer algo teria que ganhar algo em troca, em seu ambiente tudo parece ser negociado.

Questões relacionadas com o ambiente também emergiram diante da última imagem. As crianças demonstraram significá-lo de maneira diversa, tal como: espaço onde falta apropriação, evasivo, pouco protetor e acolhedor, impõe exigências. Olívia (família monoparental paterna I) demonstrou muita confusão relacionada com o seu ambiente, que incluía conflitos que a afetavam e acarretavam dificuldades para se situar e se apropriar de algum lugar. Descreveu a figura da avó como alguém importante em sua vida, mas cujo contato não podia desfrutar, devido à existência de um conflito entre o pai e a avó. Estela (família monoparental paterna II) demonstra uma necessidade de adequação. A criança entende que não pode haver muita bagunça, apresenta o pai como principal cuidador. Marina (família monoparental materna I) também apresenta um ambiente que exige adequações e não sustenta sua espontaneidade e autenticidade, e que exige se adequar às exigências. Beatriz (família monoparental materna II) descreve que o ambiente mesmo quando acompanhado pela figura paterna pode ser perigoso e sem proteção; assim o pai não é capaz de oferecer segurança. Luciana (família recomposta paterna), novamente, indicou que o que recebe não era realmente aquilo que desejava ou necessitava; para ela o ambiente mostra-se intrusivo, não facilitador da criatividade. Cristiane (família recomposta materna) descreve um ambiente intolerante, mais uma vez é ressaltada a necessidade de se adaptar. O custo de não se adequar ao meio externo é correr o risco de ser eliminada. Assim, as crianças de famílias recompostas parecem assumir a percepção de que não podem dar trabalho. Lucia (família nuclear I) relatou estar inserida em um ambiente restrito e pouco claro que não fornece segurança e não sustenta sua espontaneidade. Larissa (família nuclear II) revelou a falta de um “lugar” diante do outro, uma necessidade de ser compreendida.

Assim, como dito, o ambiente é descrito, por vezes, como intrusivo, pouco favorável ao gesto espontâneo, pois exige adequação constante. Assim, durante todo o contato com a pesquisadora as crianças demonstraram dificuldade em expressar espontaneidade, manifestação criativa da passagem pela transicionalidade. Entende-se que a vivência transicional decorre da experiência primitiva de cuidados suficientemente bons durante o estágio de dependência absoluta. Desta maneira, a contribuição paterna se dá mais tarde, a partir do estágio de dependência relativa, sendo ele um facilitador das manifestações

transicionais (Dias, 2003). Cristiane (família recomposta materna) e Beatriz (família monoparental materna II) apresentaram estórias com mais detalhes, pareceram demonstrar certa preocupação sobre sua fala, necessidade de se adaptar às expectativas da pesquisadora para serem aceitas, assim, é como é preciso se adaptar ao ambiente familiar, se adequar. Elas se tornaram mais espontâneas ao longo do encontro, bem que mostrassem, nas estórias, uma preocupação de não serem amadas e aceitas de maneira autêntica, remetendo à vivência que experimentam em seus lares. Por outro lado, deve-se considerar que na faixa etária que se inserem, essa preocupação com a qualidade da produção é recorrente. Afinal, as meninas estão crescendo e querem desempenhar o papel de adulto. Isso, no entanto, não deve comprometer a espontaneidade e autenticidade.

Assim, a maneira que as estórias foram contadas reflete a dinâmica comum das participantes. Por outro lado, as duas crianças que se inserem em arranjos monoparentais paternos apresentaram uma maior clareza quanto aos limites e possibilidades que o ambiente familiar tem a lhes oferecer. Olívia (família monoparental paterna I) apresentou estórias progressivamente complexas e desarticuladas, demonstrando desorganização à medida que apresentava seus conflitos. Suas estórias se relacionavam com a necessidade de maior provisão afetiva diante da ausência da mãe, conflito entre o pai e a avó e dificuldade para encontrar seu “lugar” na família. Estela, também procedente de uma família monoparental paterna (II), demonstrou sentir que pode e possui pouco e não deve exigir muito do ambiente. Assim, ela não falou diretamente sobre si, não demonstrou abertamente seus pensamentos e sentimentos. No entanto, a expressão de seus conflitos foi facilitada quando pôde fazê-lo de maneira indireta, através das imagens, sem um teor de reivindicação e exposição. Assim, o objeto intermediador (CAT-A) parece ter sido um importante recurso para elas expressarem. Diante da vivência positiva com a mãe e a abrupta ausência, elas demonstraram serem capazes de vivenciar seus conflitos de maneira a reagir diante do ambiente faltante.

As crianças discorreram sobre a qualidade da provisão ambiental recebida, principalmente afetiva, diante da imagem 1 do CAT-A. Olívia (família monoparental paterna I) assinalou que para receber algo é preciso participar, esforçar-se. Assim, nada é oferecido gratuitamente, inclusive o afeto. Estela (família monoparental paterna) também discorreu sobre a limitação do que lhe é oferecido, ela incluiu a imagem de uma figura masculina que cuida/alimenta, mas é bastante atarefada. Assim, as filhas provenientes do arranjo monoparental paterno parecem sugerir que com a presença materna o recebimento do afeto era mais direto e abundante, agora parece ser necessário que elas se tornem autônomas mais rapidamente. No entanto, demonstram que o pai é responsável pela provisão, mas ela se dá de

maneira diferenciada. Lucia (família nuclear I) e Larissa (família nuclear II) foram sucintas e somente descreveram a figura representativa de alimentação, provisão. O mesmo ocorreu com Marina (família monoparental materna I), demonstrando certa conformidade com o que lhe é oferecido. Beatriz (família monoparental materna II), ao contrário, mostrou incômodo, sentimento de desproteção e a necessidade de se posicionar, por vezes, como adulta, diante da dificuldade que os pais possuem de colocar limites nela; ela busca um lugar em alguma de suas famílias. As filhas de família recomposta também se apresentaram de maneira distinta diante da imagem. Luciana (família recomposta paterna) narrou uma estória em que o que era oferecido, nem sempre era desejado, demonstrando dificuldade de atendimento da ilusão. Cristiane (família recomposta materna) descreve possuir domínio em relação a seu pai, cita um urso que não tem voz diante da vontade dos menores; assim, desqualifica a figura de autoridade.

Nesse sentido, o pai, na maioria das vezes, não é percebido como uma figura forte, capaz de oferecer segurança e de resolver conflitos, como pôde ser notado através das falas das crianças diante da segunda imagem. A descrição de Olívia (família monoparental paterna I) foi marcada pela ausência materna. Ela descreveu uma desordem entre crianças, resolvida pela mãe; assim comunicou que a figura apaziguadora agora estava ausente e que ela não é capaz de solucionar sozinha seus problemas. Estela (família monoparental paterna II) não relata um conflito, distancia-se de tal situação, pois entende que não pode haver disputa, seus gestos precisam ser contidos. É preciso poupar-se de situações conflituosas, pois, assim como Olívia, parece não sentir que consegue resolver seus problemas sem a ajuda materna. As crianças provenientes de família nuclear também relatam situações diante das quais se sentem impotentes. Lucia (família nuclear I) descreveu uma estória em que ursos estavam bravos por não conseguirem puxar a corda. Assim, indicou a existência de um conflito constante em seu ambiente que nunca é solucionado e do qual ela se vê ausente. Larissa (família nuclear II) demonstra que não pode haver conflito, uma vez que não permite ser contrariada e não possui domínio sobre a situação. Marina (família monoparental materna I) apontou o urso sozinho como vencedor, desta maneira, pareceu se ausentar por entender que sua presença é pouco significativa. Sua participação foi entendida, por ela, como não necessária dentro de um ambiente instável que tem pouco para lhe oferecer. Beatriz (família monoparental materna II) descreve ausência de disputa indicando falta de envolvimento, como se acreditasse que as pessoas não são capazes de entrar em uma disputa por ela. Luciana (família recomposta paterna) apenas descreveu a figura como dois lobos puxando a corda, mas foi categórica ao afirmar que não queria mais falar nada relacionado à figura,

distanciando-se da questão que provavelmente não consegue exercer domínio. Cristiane (família recomposta materna) demonstra preocupar-se com um possível desacordo entre o pai e o padrasto: ela permite que ambos sejam vencedores na tentativa de abafar um conflito. Assim, Cristiane é a única criança que se distancia do sentimento de impotência. Ela também não é capaz de resolver o conflito, mas entende que é preciso fazer com que nenhum de seus pais se sinta prejudicado.

À maneira como as participantes percebem o ambiente e seus sentimentos de segurança e proteção estiveram destacados na imagem 4. Olívia (família monoparental paterna I) apresentou uma estória em que havia riscos, mas também segurança e proteção oferecidos pela figura materna. A mãe também foi destaque na descrição de Estela (família monoparental paterna II). A imagem remeteu a participante à importância dos cuidados que pôde desfrutar com a proximidade materna relacionados à proteção e percepção das suas necessidades. Isso parece significar a preservação da mãe introjetada. Marina (família monoparental materna I) descreveu a figura e na sequência verbalizou a dificuldade de possuir três lares (pai, mãe e avó) e a esperança de que irá ter um lugar na vida de seu pai (cama). Assim, ela sente que nenhum dos lares que possui pode oferecer constância e segurança. Beatriz (família monoparental materna II) demonstra, neste momento, a figura masculina como sendo incapaz de lhe oferecer um ambiente indestrutível e proteção. Cristiane (família recomposta materna) também demonstra um sentimento de desproteção e de exposição ao perigo. Luciana (família recomposta paterna) descreve um aspecto frágil, ao mostrar que o que ela recebe não possui a qualidade que deseja, como se os adultos tivessem dificuldade para perceber as necessidades dela e, assim, possibilitar a ilusão. Lucia (família nuclear I) descreveu a figura, e afirmou que sua mãe não permitia que ela tivesse passeios como aquele, apresentando a figura materna como proibitiva diante da qual ela se sente tolhida de sua espontaneidade. Por fim, Larissa (família nuclear II) evidenciou sua intolerância à frustração, reforçando que o que é contrário ao seu desejo deve ter um fim. O ambiente não parece ser percebido pela maioria das participantes como seguro e continente, o que parece comprometer a expressão do gesto espontâneo.

Diante do exposto, a maioria das participantes, independente do arranjo ao qual pertencem, demonstraram que estão inseridas em um ambiente pouco estável e seguro, o que parece dificultar a vivência da transicionalidade. Os pais não foram descritos pelas filhas como modelos de força, consistência e segurança. Ao contrário, foram entendidos, por vezes, como frágeis ou distantes. As meninas percebem o exercício da função paterna com pouca clareza e consistência, dificuldade no suprimento das demandas afetivas. Mesmo quando

próximos indicam que não estão atentos as suas demandas, estas muitas vezes pareceram ser alvo de projeções paternas. Contudo, as filhas provenientes de famílias monoparentais paternas apresentaram alguns pontos divergentes das demais. Elas parecem estar inseridas em um ambiente faltante, porém mais claro e demonstraram possuir uma relação mais autêntica com seus pais. A relação entre as díades deste arranjo passou por um rico processo de reconstrução diante da ausência materna.

5 DISCUSSÃO DAS SÍNTESES

A sociedade contemporânea marca um conflito. Apesar dos laços entre os indivíduos serem, cada vez mais, frouxos e solúveis, há uma busca constante por referências sólidas, como as proporcionadas pelas relações da instituição familiar (Bauman, 2004). Assim, trata-se de uma instituição valorizada. Até mesmo as minorias, que antes repudiavam este tipo de organização, vêm, nos últimos trinta anos, aderindo e lutando pela integração e igualdade de direitos entre os diversos tipos de família existentes na atualidade (Roudinesco, 2003). Ainda, a família tornou-se plural em seus arranjos, o que possibilita abarcar a diversidade de relações.

A pluralidade da família é consequência de mudanças nas relações de gênero e da diferenciada relação entre “a autonomia individual e o pertencimento familiar”, decorrentes de diversos acontecimentos, como a entrada da mulher no mercado de trabalho, surgimento e aperfeiçoamento dos métodos contraceptivos, divórcio etc. Concorrente à diversidade de arranjos, observa-se uma maior mobilidade conjugal (Singly, 2007).

Deste modo, assiste-se a um distanciamento da organização familiar tradicional, representada pela família nuclear. Porém, parece haver um saudosismo e valorização direcionados para este tipo de organização. O teor valorativo para o arranjo nuclear se fez presente na maioria das entrevistas apresentadas neste trabalho. Pais inseridos ou não em configurações familiares nucleares apontam esse arranjo como sendo o “correto” e desejado. Segundo Ceccarelli (2007), o homem possui certa resistência para aceitar o que é diferente daquilo que tem como certeza, como um paradigma, principalmente em situações que suscitam angústias. Porém, a todo o momento, os indivíduos vivenciam “crises de referências simbólicas” diante das constantes mudanças que fazem necessárias releituras sobre o mundo. Assim, as novas configurações familiares, por representarem algo distanciado da entendida como “correta” família nuclear, são ainda apreendidas como ameaçadoras.

O medo parece se relacionar com a mudança, pois o novo pode trazer a necessidade de novas práticas. Além disso, segundo Ceccarelli (2007), o tempo passado parece ser mais seguro e atrativo. Afinal, trata-se de um período ideal por ser distante e o arranjo nuclear remete também ao tempo passado.

Nesse sentido, os pais entrevistados dão indícios de compartilhar a ideia de que a família nuclear é a “correta”, talvez, por entenderem-na como mais segura, como se os membros pertencentes a esse arranjo possuíssem papéis mais definidos. Porém, a clareza no

papel não foi notada na entrevista com os pais provenientes de famílias nucleares tradicionais, uma vez que eles se sentem inconsistentes e ambivalentes diante do exercício de sua função. Nesse sentido, a família tradicional parece corresponder a uma idealização que não se aproxima do que é realmente vivenciado.

Da mesma maneira, em todos os arranjos familiares, os pais entrevistados se mostraram confusos diante do que pareciam entender como exigências antigas e novas. Ao mesmo tempo em que diferenciaram a função masculina e feminina, sendo a primeira descrita como mais vinculada ao exercício da autoridade e a segunda mais ao afeto, sentiram-se exigidos (exceto André de família monoparental materna e os pais da família recomposta materna) para desempenhar ambas as funções. Esta “desorientação” dificulta a percepção das demandas reais que suas famílias lhes impõem. Tanto que alguns dos pais se apresentaram de uma maneira mais coerente com o que eles próprios entendiam como características corretas da função paterna, o que dificultou que tivessem um olhar mais crítico para a função em si.

Nesse sentido, Weissmann (2009), ao falar de “estrutura familiar inconsciente”, argumenta que não é a denominação de um membro da família que deve reger a sua relação com os outros elementos. Ao contrário, é a relação que define a função. Assim, o papel paterno não é definido por uma pessoa em si, mas pelo seu sentido relacional. Afinal, diante da diversidade de arranjos que incluem novos personagens, a trama familiar não restringe sua composição à mãe biológica, pai biológico e irmãos. De tal modo, torna-se complexo atribuir competências específicas para cada membro, o que reforça a coerência em avaliar o “sentido relacional” entre os membros.

Destarte, Souza (2009) afirma que para os cientistas sociais, as novas configurações familiares podem ser facilitadoras ou não do exercício da paternidade. Para tanto, assinala a importância da relação entre os ex-companheiros e aponta para a limitação dos pais que não possuem a guarda de seus filhos. Além disso, destaca o modo como se dá a construção das relações nas famílias monoparentais e recompostas que podem atuar como facilitadoras ou não da manutenção do comprometimento paterno, destacando também o teor relacional para a vivência da paternidade.

Contudo, os pais que participaram desta pesquisa, parecem se descrever não pautados em seus atributos reais, mas naqueles que entendem como sendo de um pai ideal. Dessa maneira, atribuíram a si características que entendiam como mais adequadas. Motta (2006) assinala que um bom exercício da função paterna e materna demanda contato e percepção da realidade psíquica do filho. Para isso é preciso o exercício da empatia, ou seja, a possibilidade de se imaginar no lugar da criança na busca de compreender seus sentimentos. Contudo, nas

entrevistas realizadas o contato íntimo parece ter sido prejudicado pela demarcação de papéis que parecia fornecer a imagem do que seria um pai ideal, o que acabou prejudicando o real exercício da função paterna.

O “sentido relacional” parece não reger as relações dos pais com suas filhas. Ao contrário, o vínculo biológico foi valorizado. Exemplo disso é a fala do pai pertencente à família recomposta paterna: apesar de ser próximo de suas enteadas, disse que a relação com sua filha biológica era diferenciada. Apesar de afirmar que a diferenciação se dava pela ausência da mãe biológica de sua filha, pareceu se contradizer, uma vez que deixou subentendido que a sua atual esposa, por não ser mãe biológica, não seria capaz de ocupar o lugar materno, apesar de exaltar a relação entre suas próprias filhas e ela. Assim, o vínculo biológico pareceu ser entendido como de significativa importância. Apesar da emergência dos novos arranjos familiares ser facilitadora do estabelecimento de relações mais amplas e flexíveis entre os membros, no que concerne tanto aos laços biológicos como sociais (Lobo, 2009), observou-se uma ênfase no vínculo biológico.

Nesse sentido de valorização dos laços de sangue e diante da ausência/afastamento da mãe, alguns dos pais entrevistados (Oscar, José e André) optaram pela ajuda de pessoas pertencentes à família extensa, no caso a avó. Assim, diante da falta materna, é outra figura feminina que media o contato do pai com a filha. A função da mãe é deslocada para avó ou diluída para outras pessoas. Segundo Lobo (2009), os avós são figuras que podem ser facilitadoras da construção da identidade dos netos e algo estável e independente das escolhas familiares de seus filhos. O autor cita Cherlin e Furstenberg (1986) assinala que os laços intergeracionais emergem de maneira mais ativa e participativa quando a família passa por situação de conflito/dissolução. Assim, principalmente, no caso de separação, os avós paternos passam a possuir maior contato com criança. O divórcio afeta não só os filhos, mas a família como um todo e impulsiona uma resignificação dos papéis. Em estudo qualitativo, Araújo (2002) problematizou o apoio que avós oferecem aos netos diante da separação dos pais e foi observado um acréscimo, principalmente, no oferecimento de provisão afetiva deles. Segundo Lopes, Neri e Park (2005) as mudanças sociais ocorridas nos últimos 30 anos, principalmente relacionadas à disseminação de novos arranjos familiares, também alteraram o vínculo entre os avós e netos. Observa-se um aumento na responsabilidade dos avós: se antes eles eram sinônimo de permissividade, agora, para muitos, é atribuída a tarefa de cuidar (limites e regras), devido a diversos fatores, por exemplo, a entrada da mulher do mercado de trabalho. Os avós cuidadores variam em relação ao tempo que dispõem com seus netos. Em alguns casos, como no de Oscar, o cuidado se dá por um período devido ao trabalho do pai.

No caso das filhas de André e José, há um contato em tempo integral, pois os avós coabitam com as netas, configurando o que Lopes, Neri e Park (2005) denominam de “lar multigeracional”. A proximidade com os avós pode ser muito positiva, principalmente para as crianças, pois o cuidado sendo despendido por um membro da família traz um sentimento de pertencimento a esta instituição. Por outro lado, o contato pode ser negativo por gerar conflitos, como os relacionados com a educação e possível descompromisso dos pais (o que parece ocorrer com a mãe da filha de André).

Mais especificamente no caso dos pais de família monoparental paterna, Oscar e José entenderam como muito positivo o contato de sua filha com as avós paternas. Eles deixam clara a importância do contato, pois há a necessidade de que eles trabalhem para o sustento de seus filhos. Porém, descreveram-se como os principais responsáveis por suas filhas. Contudo, Oscar, apesar de ter conseguido organizar sua rotina, mesmo diante da ausência de sua esposa, entendeu que a justiça tende a privilegiar que uma figura feminina fique responsável pela criança. Ele ilustrou este ponto de vista descrevendo a situação complexa que ainda vivencia com a avó materna de seus filhos, afirmando a crença de que a justiça privilegia a família que tem uma figura feminina como cuidadora, o que lhe causa indignação. A crítica de Oscar poderia ilustrar a ideia de Pinheiro (2009), em que se destaca que, mesmo diante da disseminação de novos arranjos familiares, o Estado baseia suas decisões tendo como parâmetro a família nuclear, não estimulando e nem ao menos reconhecendo as alterações na esfera familiar. Mesmo assim, é possível observar momentos que reivindicam o reconhecimento da diversidade.

Contudo, o conservadorismo não parece ser um atributo somente do Estado, já que os próprios pais entrevistados se mostraram contraditórios em relação às mudanças decorrentes dos novos arranjos. Apesar de discordarem das decisões judiciais, os pais também demonstraram privilegiar a presença materna nos cuidados das crianças. Além disso, houve também uma contradição relacionada à mudança do papel da mulher na sociedade. Apesar de todas as esposas (exceto a ex-mulher de Oscar) possuírem trabalho remunerado, somente Lucio afirmou ajudar nas tarefas domésticas, situação que mostra mais uma vez a oscilação entre o novo e antigo em nossa sociedade. A mulher trabalha, mas necessita também desempenhar os cuidados do lar. Essa situação, que vai ao encontro do exposto por Marri (2007), mostra que, independente do trabalho remunerado da esposa, ela possui responsabilidade em relação às tarefas domésticas. Portanto, observa-se nas entrevistas que as mudanças na esfera familiar não estão sendo ainda acompanhadas por mudanças culturais, mesmos em pais pertencentes às novas configurações familiares. Assim, eles buscam uma

adequação ao que acreditam que o ambiente exige, porém, não há clareza sobre tais exigências (Thorne, 1992).

A falta de clareza intensifica-se diante da já ressaltada dificuldade de estabelecer um contato real/íntimo entre as díades, o que parece ser sustentado pela dinâmica da sociedade pós-moderna. Girola (2004), ao citar Harvey (1992), aponta para a rapidez no consumo e a supervalorização de bens na contemporaneidade, o que acarretou em uma intensificação do processo de qualificação e necessidade constante de requalificação das competências para o trabalho. Ao mesmo tempo, o mundo virtual facilita a disseminação de uma torrente de símbolos, vazios em significados. Nesse contexto, o mundo acelerado e descartável influencia o modo de pensar do indivíduo que percebe seu redor como inconstante e provisório. Assim, a lógica da sociedade contemporânea apresenta um ambiente que invade, esvazia, priva o homem de seu desejo e o distancia do outro.

Tais considerações sobre o posicionamento do homem moderno são de grande relevância para a Psicanálise, particularmente para a teoria winnicottiana do desenvolvimento infantil. Segundo Aiello-Vaisberg (2004), as práticas em Psicanálise devem ir ao encontro da ética desta corrente de saber que considera a articulação entre o homem como um ser social atravessado por seu tempo histórico e seu lugar social, demográfico, familiar; havendo, assim, a necessidade de interlocuções. A teoria winnicottiana é fortemente pautada pela experiência, pela presença do outro, que é também ambiente. Segundo Winnicott (1960/2005), ambiente é integrado por pessoas reais que nele estabelecem relações que possibilitam que o bebê experiencie o real. Assim, a criança não se constitui somente pela fantasia, mas pelo manejo real dos pais diante do cuidado oferecido a ela. Desta maneira, ao pensar sobre a contemporaneidade, pensa-se também sobre o desenvolvimento emocional do indivíduo inserido nesse tempo histórico que influencia suas relações.

A qualidade das relações atuais é circunscrita não pelo “ser”, mas sim pelo “produzir”. Assim, segundo Girola (2004), há dificuldade para que se estabeleça um *self* individual, pois este emerge diante da vivência de uma relação. Sobre a construção do *self*, afirma que ele surge:

“não numa relação abstrata com o meio ambiente, mas numa relação pessoal, marcada pelo amor, pela capacidade do meio ambiente conter o indivíduo e interagir com ele de forma adequada, no respeito de sua criatividade originária e única. Um meio ambiente que não seja invasivo, que saiba respeitar o devaneio e o brincar” (p. 143).

Nesse sentido, Girola (2004) assinala que a sociedade pós-moderna oferece um ambiente bastante distanciado daquele entendido por Winnicott como suficientemente bom. Trata-se de um ambiente intrusivo, ameaçador, efêmero que esvazia o indivíduo de sentido e, assim, dificulta a constituição/vivência de um *self* verdadeiro. Nesse sentido, o falso *self* surge como uma defesa contemporânea diante de um ambiente que pouco favorece a espontaneidade e a autenticidade. Trata-se, portanto, de um falso *self* cuidador, ele precisa estar isolado em função da saúde mental do indivíduo (Abram, 2000). Contudo, é capaz de inibir, por exemplo, uma manifestação criativa. Assim, o “si-mesmo”, não pode ser expresso, revelado.

Os pais participantes dessa pesquisa também são marcados pelo tempo histórico e demonstraram dificuldade de oferecer um ambiente suficientemente bom para suas filhas, principalmente no que se refere ao oferecimento de *holding*, dificultando a continuidade do *self* das meninas. A maioria das crianças colaboradoras da pesquisa demonstrou que estão inseridas em um ambiente pouco acolhedor. Ainda, elas possuem uma relação distanciado com seus pais que não as percebem de maneira real e não sustentam suas fantasias. Assim, os pais parecem não atuar como facilitadores da vivência da transicionalidade de suas filhas, o que foi observado por meio do comprometimento do gesto criativo de algumas meninas, tais como as filhas do arranjo monoparental materno.

A dificuldade na vivência da transicionalidade também se relaciona com a dificuldade de impor limites para a criança, como é o caso, principalmente do pai de família recomposta paterna e nuclear II (Lúcio e Eduardo). Nesses casos observou-se uma grande dificuldade dos pais para frustrar suas filhas que apresentam resquícios de um comportamento onipotente. Para Winnicott (1945/2000) frustrar a criança é uma atitude muito rica e importante, uma vez que diante da adaptação incompleta às necessidades da criança, ela passa a perceber os objetos como reais que podem ser amados e odiados. Nesse sentido, segundo Rosa (2011), Winnicott destaca o “não”, na fase de dependência relativa, que tem uma importante função que se divide em três momentos: no primeiro, o “não” materno é direcionado somente ao mundo externo; no segundo ele é direcionado à criança; no terceiro ele já constitui parte da ética da criança. Quando direcionado para criança, ele representa um sinal do pai em sua vida, trata-se de “aspectos paternos nos cuidados da mãe” (p. 279), que se referem, inicialmente, a aspectos mais rígidos da mãe, sustentados com certa firmeza.

Rosa (2011), considerando a importância do papel materno na teoria do amadurecimento de Winnicott, ressalta que a qualidade da presença da figura paterna no ambiente cadencia a vivência da maternidade. A maioria dos pais participantes da pesquisa

atribuiu grande influência materna na relação com suas filhas. No entanto, eles não destacam a influência que possuem para sustentar as ações maternas, mas sim certo distanciamento. No entanto, não se trata necessariamente da presença concreta do pai, mas da sua existência na realidade psíquica da mãe, e vice-versa. Exemplo disso é o pai da família recomposta materna que tem dificuldade para se fazer presente e incluir sua filha em sua nova família. Além disso, a função paterna pareceu estar em muitos momentos mediada pela mãe. Nas díades que demonstraram uma participação materna mais intensa, em que ela assume maior responsabilidade pelas filhas (monoparental materna e recomposta materna), os pais se mostraram mais afastados das crianças e de sua própria função. Esse contexto clarifica o fato de que os pais de famílias em que a mãe se faz ausente demonstraram inicialmente muita insegurança diante da necessidade de assumir o papel paterno e materno.

No entanto, os pais de família monoparental paterna se destacaram e deram indícios de possuírem, apesar das dificuldades, uma relação mais próxima e clara com as filhas que os pais provenientes de outras configurações familiares. Como já descrito anteriormente, diante do falecimento da esposa eles se viram diante da necessidade de repensar suas funções. Assim, se apropriaram não da função materna, mas sim da paterna. Desempenharam seu papel de uma maneira próxima, com clareza diante de seus limites e possibilidades. Além disso, conservaram uma imagem muito positiva de suas esposas. Segundo Dias (2003), diante da morte do pai, se faz de grande relevância a maneira como ele foi representado na realidade interna materna. Assim, trata-se de uma memória de uma relação de importância (positiva ou não), mesmo que por vezes inconsciente, que se presentifica ao longo da história. É possível compreender que o mesmo pode se aplicar ao falecimento materno. Nos casos estudados de família monoparental paterna, fica claro a imagem positiva que os pais carregam e passam para suas filhas relacionadas com suas esposas. Tal representação reforça a experiência vivenciada pelas meninas como positiva com a figura materna. Assim, a figura materna, mesmo ausente, permanece como facilitadora do desenvolvimento emocional.

Diante do notável esforço apresentado, os pais de família monoparental paterna, demonstraram dificuldade para vivenciar o luto da perda da esposa, processo ainda em curso, principalmente em Oscar (monoparental paterna I). Segundo Freud (1969/1916-1917), o luto é uma fixação afetiva no passado, que torna o indivíduo alheio ao tempo presente e futuro. Há necessidade de que a libido se desvincule do objeto ausente, processo que é complexo e lento. Winnicott (1945/2000) destacou as contribuições de Melanie Klein para o enriquecimento da compreensão de Freud sobre o luto. Segundo ele, Freud assinala que o real objeto perdido torna-se introjetado, isso possibilita com que ele mantenha contato com

objetos persecutórios em níveis variados. Somado a isso, Klein destaca que se o indivíduo encontra-se na posição depressiva a perda pode ser vivenciada através de sentimentos como dor e tristeza. Assim, as memórias positivas e vivências relacionadas com o objeto amado dão possibilidade para que o desenvolvimento do indivíduo siga seu curso e minimizam o ódio provocado pela perda. Assim, é possível que o indivíduo vivencie um processo de luto com teor elaborativo e, conforme dito, permeado por sentimentos de tristeza. No entanto, se houve alguma falha relacionada no alcance da posição depressiva, o indivíduo pode responder à perda através da depressão. Winnicott assinala que se trata de um processo curativo, porém, em um ritmo vagaroso, capaz de possibilitar um incremento nas defesas que abrem caminho para que ocorra uma elaboração espontânea. Assim, tanto as contribuições de Freud, Klein e Winnicott, apontam para a necessidade de um espaço de elaboração que parece não ter sido permitido pelos pais de famílias monoparentais paternas. Diante da urgência de assumir um lugar diferenciado na vida das filhas e suprir a ausência materna e os cuidados, os pais deste arranjo familiar, foram invadidos pelas exigências da realidade. Assim, parece ter havido um prejuízo também na vivência da transicionalidade, esta entendida como espaço para amadurecimento pessoal e vivência adequada da realidade. Assim, há preferência o suprimento das necessidades concretas das filhas. Entende-se, então, que houve dificuldade para vivenciar todo processo de elaboração da perda e das introjeções necessárias para identificação posterior com o objeto perdido. Assim, invadidos pela realidade, os pais não podem fazer mais, de imediato, que atender às necessidades concretas das filhas, com as afetivas ficando em suspenso. Destaca-se também que os arranjos monoparentais paternos e recomposto paterno também houve a presença de um luto, bem que de modo diferente do ocorrido nas famílias monoparentais paternas. Nesses arranjos, a presença da mãe (ex-esposa/namorada) se manteve presente na realidade psíquica do pai e isso interfere na relação com as filhas, conforme já explicitado neste texto.

Em relação ao estágio do concernimento, a maioria das meninas não demonstrou atribuir ao pai características importantes para a vivência deste período, tais como força, consistência, segurança. Ao contrário, a maioria dos pais foi percebida pelas filhas como figuras distantes, ambivalentes, com pouca espontaneidade, dificuldade para frustrar e inconsistentes. Assim, há restrições para que as crianças se sintam seguras para experimentar seus impulsos destrutivos. O pai, quando percebido como forte e protetor, faz com que a criança não tema destruir a mãe com seus impulsos não integrados. Assim, não há necessidade de inibir os impulsos e sentimentos desta fase do desenvolvimento, importante para aquisição do sentimento de culpa, sofrimento e reparação (Winnicott, 1958/1990).

A dificuldade dos pais de possibilitar a vivência do concernimento parece se relacionar com uma dificuldade pessoal na própria vivência desta fase. Sentimentos como culpa, sofrimento e reparação não se fizeram presentes na maioria dos pais. Houve uma significativa dificuldade em se aproximar de maneira real, não idealizada das filhas. O sentido relacional (Motta, 2006) parece ser vivenciado com grande dificuldade, uma vez que o papel paterno demonstrou ser demarcado previamente, o que os distancia do sentido relacional e do exercício da empatia. Assim, há indícios de uma dificuldade de vivenciar a regressão muitas vezes alcançada pelo contato com as filhas, ou seja, de sustentar ilusão das meninas. A ênfase que os pais atribuíram as demandas concretas, por vezes para se afastar de questões com teor subjetivo, parecem não atuar como facilitadoras para que ocorra a integração das pulsões do *self* das crianças.

Segundo Winnicott (1945/2000) o crescimento dos filhos é um processo que desafia os pais para a necessidade de dar continuidade ao seu próprio desenvolvimento. Afinal, o processo de integração da criança afeta seu ambiente externo. Assim, o contato com as filhas parece despertar nos pais suas próprias dificuldades e limitações. Para uns, atualmente as dificuldades são claras, como os pais de família monoparental paterna. Para outros, há dificuldade de se aproximarem de suas próprias limitações, o que parece dificultar o prosseguimento do desenvolvimento não só do pai, mas também da criança. Desta maneira, o narcisismo foi apresentado por alguns dos pais, o que dificulta o desenvolvimento da empatia com as crianças. Segundo Outeiral (2001), para Winnicott a indiscriminação entre o bebê e o ambiente, unidade bebê-mãe, no estágio de dependência absoluta possibilita que ele vivencie o narcisismo primário. Complementa ao afirmar que uma relação narcísica tem como prioridade o alívio do próprio indivíduo, não constitui uma relação de troca, mas sim de ganhos unilaterais relacionada com os objetos internos próprios. Assim, como já ressaltado, as meninas entrevistadas demonstraram que estão inseridas em um ambiente que, por vezes, não se apresenta de maneira suficientemente boa. Nesse sentido, os pais não parecem sustentar a emergência de um si mesmo em suas filhas, pois seus próprios *selves* parecem estar comprometidos. Winnicott (1958/1990) atribuiu ao *self* o gesto criativo e espontâneo, pouco presente nas filhas, mas, também em seus pais. Segundo Safra (2005), o *self* se relaciona com situações de qualidade estética, assim as sensações e imagens sensoriais são atualizadas na presença do outro para que se constitua o *self* pessoal. O *self* possibilita que a criança dê significado para as identificações que ocorrem com figuras que foram importantes em sua vida.

Desta maneira, a maioria dos pais mostrou-se confuso no exercício da paternidade por não haverem ainda descoberto o seu lugar. Os encontros com os pais expandiram a afirmação de Watarai (2009) de que as relações das famílias recompostas não possuem clareza e devem ser regidas pela convivência; isso se aplicaria também nos demais arranjos familiares, inclusive no nuclear. A indefinição sobre o papel paterno esteve presente em todas as entrevistas, mesmo que remetendo a momentos passados, como no caso das famílias monoparentais paternas. O prejuízo se acentua pelo fato de que há dificuldade, como dito, de que a relação seja criada na vivência do dia-dia, já que os pais demonstraram se moldar a ideais pré-estabelecidos. Assim, parece haver um sentimento de não pertencimento e constante busca pela inserção. As reais demandas de suas filhas, mesmo quando percebidas, parecem ficar em segundo plano.

Esse prejuízo no exercício da paternidade faz com que as meninas também tenham prejuízo na expressão do verdadeiro *self*, muitas vezes com dificuldade de agir no mundo de maneira espontânea e criativa, apegando-se ao que é concreto e real. Tal aspecto denota a relevância da função paterna dentro do contexto familiar para o desenvolvimento emocional infantil. Além disso, destaca-se a importância não do arranjo familiar ao qual o pai pertence, mas sim, da posição que a criança e o pai ocupam na família. Segundo Motta (2006), toda família possui uma história, bem como os seus membros. Desta maneira, compreender o papel que a criança exerce na história paterna é importante para entender os limites e possibilidades de seu desenvolvimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou compreender a experiência paterna e a sua influência no desenvolvimento emocional de suas filhas em diferentes configurações familiares. A emergência dos dados parece indicar que mudam os arranjos, mas algumas questões os perpassam, tais como: influência materna e da família extensa, valorização da instituição familiar, ênfase na provisão material e no vínculo biológico, dificuldade diante da expressão espontânea do afeto, conflito diante do papel real e ideal de pai na contemporaneidade.

Diversas questões foram assinaladas na fala dos pais e de suas filhas. Houve convergência na maneira como o pai vivencia a experiência da paternidade e o desenvolvimento emocional de suas filhas, uma vez que essas manifestaram em suas falas/comportamento atravessamentos de questões expressas por seus pais. A dificuldade que alguns pais apresentaram em incluir as filhas em suas vidas e novas famílias, entendida como uma dificuldade de se apropriar da paternidade e estabelecer uma relação mais profunda e menos superficial, foi refletida na dificuldade das meninas em demonstrarem criatividade e espontaneidade. Nesses casos, a vivência da paternidade parece ser pautada por uma imagem ideal que possuem de si, demonstraram pouca crítica diante da maneira que exercem a função, distanciando-se assim de um olhar mais real, não só para si, mais também para as próprias filhas. Já os pais que possuem uma visão menos ideal e mais fiel ao exercício da própria função, demonstraram conseguir fornecer consistência e segurança para suas filhas. Em muitos casos, dificuldades próprias dos pais atravessavam o relacionamento com suas filhas e se traduziam em práticas, tais como: dificuldade em frustrar, excesso no provimento afetivo; o que também comprometia o suprimento às demandas reais das crianças. Assim, nos caso estudados, houve a convergência entre a experiência paterna e o desenvolvimento do *self* das filhas.

Conforme discutido ao longo do texto, trata-se de uma pesquisa qualitativa que visa um olhar direcionado para a experiência, o acontecer clínico. Nesse sentido, não se objetivou esgotar as possibilidades de discussão. Assim, ainda há muito material a ser explorado diante da riqueza do encontro com os colaboradores desta pesquisa.

Destaca-se a importância e alcance do CAT-A. Seu “duplo” uso neste trabalho possibilitou que se atentasse para importantes questões sobre a paternidade e o desenvolvimento emocional. Espera-se que a pesquisa lance luz para o resgate deste instrumento/técnica, incentivando esforços e novas pesquisas. Nesse sentido a utilização do

CAT-A como mediador dialógico ampliou o universo de possibilidades desse instrumento, propondo uma forma diferenciada de sua abordagem interpretativa e sua aplicação a uma população para a qual ele não foi originalmente destinado.

Além disso, a pesquisa demonstrou a atualidade da teoria winnicottiana. Apesar de sua origem ter se dado em um momento histórico diferenciado, mostrou-se como um importante recurso para questões da contemporaneidade. Mostra, assim, sua atualidade e importância. No entanto, almeja-se que este trabalho seja um incentivo, não só para pesquisas em Psicanálise, mas também nas mais diversas correntes do saber na busca de olhares plurais sobre a multifacetada relação entre a díade pai/filha. Tais pesquisas viriam a contribuir também para novos estudos que utilizem a própria teoria Winnicottiana, afinal, para esse autor, o indivíduo é ambiente e a *“saúde mental é produto de um cuidado incessante que promove o crescimento emocional”* (Winnicott, 1945/2000, p 305).

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abipeme (1997). Associação Brasileira de Anunciantes. Associação Nacional das Empresas de Pesquisa de Mercado (ANEP). Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado (Abipeme). *Critério de classificação socioeconômica – Brasil* (CCSEB), 1997.
- Abram, J. (2000). *A Linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). *Ser e fazer – enquadres diferenciados na clínica Winnicottiana*. Aparecida, SP: Idéias e Letras.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (2005). *O gesto sonhados brincante*. Trabalho apresentado no Congresso Estados Gerais da Psicanálise, Rio de Janeiro, RJ.
- Amazonas, M. C. L. A., & Braga, M. G. R. (2006). Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora*, 9(2), 177-191.
- Anzieu, D. (1984). *Os métodos projetivos*. (4a. Ed). (M. L. do E. Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Campus. (Trabalho original publicado em 1978).
- Araújo, C. A. S. O. (2003). A autismo na teoria do amadurecimento de Winnicott. *Natureza Humana, Revista internacional de filosofia e práticas psicoterápicas*, 5(1), 39-59.
- Baptista, M. N., & Campos, D. C. (Orgs). (2007). *Metodologias de Pesquisa em Ciências: Análises Quantitativa e Qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC.
- Barbieri, V. (2002). *A família e o psicodiagnóstico como recursos terapêuticos no tratamento dos transtornos de conduta infantis*. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, IPUSP, São Paulo, SP, Brasil.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro, Zahar.
- Bellak, L., & Bellak, S. S. (1981). *Teste de percepção infantil: com figuras de animais – CAT-A*. (O. Mantovani, Trad.). São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1949)
- Bleger, J. (1980/2011). *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.

- Birman, J. (2009). Pacto perverso e biopolítica. *Psicologia Clínica*, 21(2), 381-396.
- Boarini, M. L. (2003). Refletindo sobre a nove e velha família. *Psicologia e Estudo*, 8, 1-20.
- Brasil (2004). *Lei nº9069. Estatuto da Criança e Adolescente*. Brasília, DF.
- Brasil (2006). *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Brasília-DF: Secretaria especial dos Direitos Humanos. Ministério do desenvolvimento e Combate à Fome.
- Cano, D. S., Gabarra, L. D., More, C. O. & Crepaldi, M. A. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia: reflexão e crítica*, 22 (2), 214-222.
- Caon, J. L. (1994) O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7(2), 145-174.
- Ceccarelli, P. R. (2007). Novas configurações familiares: mitos e verdades. *Jornal de Psicanálise*, 40(72), 89-102.
- Chizzotti, A. (1991). *A pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- Corbin, A. (2008). *História do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Driessnack, M.; Sousa, V. D. & Mendes, I. A. C. (2007). Revisão dos desenhos de pesquisa relevantes para enfermagem: Parte 3: Métodos mistos e múltiplos. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(5), 1046-1049.
- Dupuis, J. (1989). *Em nome do pai: uma história da paternidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Durham, E. R. (1983). Família e reprodução humana. In B. Franchetto, M. L. V. C. Cavalcanti & M. L. Heilborn (Orgs). *Perspectivas antropológicas da mulher* (Vol. 3, pp. 15-43). Rio de Janeiro: Zahar.
- Engels, F. (1982). *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. (L. Konder, Trad.). Rio de Janeiro: Sed.

- Ferrari, M., & Kaloustian, S. M. (2002). Introdução. In. Kaloustian, S. M. (Org.) *Família brasileira, a base de tudo* (Vol. 2, pp 11-15). UNICEF, São Paulo: Cortez.
- Florentino, C. (2002). Um escuro poço: a memória enferma em Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar. *Em tese*, 5, 215-222.
- Freud, S. (1996). 22ª. Conferencia: algunas perspectivas sobre el desarrollo y la regresión. Conferencias de introducción al psicoanálisis. In *Sigmund Freud: 15. Obras Completas*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Original publicado em 1916-1917).
- Freitas, W. de M. F.; Coelho, E. de A. C. & Silva, A.T. M. C. da. (2007) Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Caderno de saúde pública*. 23(1).
- Fulgencio, C. D. R. (2007). *A presença do pai no processo de amadurecimento. Um estudo sobre Winnicott*. Dissertação de Mestrado. PUCSP.
- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1998). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 98)*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Giddens, A. (2000). Amor, compromisso e o relacionamento puro. In. Giddens, A. *A transformação da intimidade*. (pp. 59-75) 2 ed. São Paulo. Ed. UNESP.
- Girola, R. (2004). *A Psicanálise cura?: Uma introdução à teoria Psicanalítica*. Aparecida, SP: Ideias e letras.
- González-Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira.
- Goran, T. (2006). *Sexo e poder: a família no mundo 1900-2000*. São Paulo: Contexto.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão. *Psicologia teoria e pesquisa*, 22(2).
- Hennigen, I. (2010). Especialistas advertem: o pai é importante para o desenvolvimento infantil. *Rev. Psicol*, 22(1), 169-184
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica?. *Ágora*, 6(1), 115-138.

- Izhaki, F. (2007). Meio ambiente e o *Self* em Winnicott: uma leitura relacional. In. Bezerra, B. & Ortega, F. *Winnicott e seus interlocutores*. (pp. 126-166) 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1996). Vocabulário da Psicanálise. *Martins Fontes*: São Paulo.
- Lobo, M. (2008). As condições de surgimento da mãe suficientemente boa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(4), 67-74.
- Lopes, E. S. L.; Neri, A. L. & Park, M. B. (2005). Ser avós ou ser pais: os papéis dos avos na sociedade contemporânea. *Textos Envelhecimento*, 8(2), 239-253.
- Machado, V. (2005). As várias dimensões do masculino: traçando itinerários possíveis. *Revista Estudos. Femininos*, 13(1), 196-199.
- Martins, E. & Szymanski, H. (2004). Brincando de casinha: significado de família para crianças institucionalizadas. *Estudos em Psicologia*, 9(1), 177-187.
- Martins, M. C.; Pillon, S. C. (2008). A relação entre iniciação do uso de drogas e o primeiro ato infracional entre adolescentes em conflito com a lei. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(5).
- Marri, I. G. & Wajnman. (2007). Esposas como principais provedoras da renda familiar. *Revista brasileira estudos de população*, 2(1), 19-35.
- McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana*. (P. H. B. Rondon, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Mello-Filho, J. (1995). *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mezan, R. (1993). Que significa “pesquisa” em psicanálise? In M. E. L. da Silva (coord.). *Investigação e psicanálise* (Vol. 02, pp. 49-89). Campinas: Papirus.
- Ministério do Desenvolvimento Social & Secretaria Especial de Direitos Humanos (2006). *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Brasília, DF.

- Moreira, L. V. C.; Rabinovich, E. P. & Silva, C. N. (2009). Olhares de crianças bahianas sobre família. *Paidéia*, 19(42), 77-85.
- Motta, I. F. (2006). *Orientação de pais, novas perspectivas no desenvolvimento de crianças e adolescentes* (pp. 13-19). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, M. F., & Camões. C. (2003). As crianças institucionalizadas – o outro lado da sociedade [Versão eletrônica]. *World Wide Web*. Acessado em 21 de Junho de 2008. Em: <http://www.psicologia.com.pt>.
- Oliveira, M. C. F. A.; Vieira, J. M.; Barros, L. F. W. (2010). Composição dos domicílios e núcleos familiares brasileiros: Revelações da PNDS 2006. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional Populacionais. Mimeo.
- Outeiral, J., & Celeri, E. H. R.V. (2002). A tradição Freudiana de D. Winnicott – A situação edípica. E sobre o pai? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(4), 757-777.
- Outeiral, J.; Hisada, S. & Gabriades, R. (2001). *Winnicott seminários paulistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Pádua, E. M. M. de. (2000). *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática*. Campinas: Papyrus.
- Pinheiro, L., Galiza, M. & Fontoura, N. (2009). Novos arranjos familiares, velhas convenções sociais de gênero: a licença parental como política pública para lidar com essas tensões; *Revista Estudos Feministas*. 17(3), 851-859.
- Ribeiro, D. P. S. A. (2011). Uso do mediador dialógico na clínica psicanalítica com crianças. *Anais do Congresso Brasileiro de Ludodiagnóstico*, 2(2).
- Rosa, C. D. (2011). O papel do pai no processo de desenvolvimento de Winnicott. In E. O. Dias & Z. Loparic, Z. (orgs) (2011). *Winnicott na Escola de São Paulo* (pp 257-303). São Paulo: D. W. W. Editorial.
- Rios, M. G. & Gomes, I. G. (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia*, 26(2), 215-225.
- Rohner, R. P. (1998). Father love and child development: history and current evidence. *Current directions in psychological science*, 7(5), 157-161.

- Romanelli, G. (2003). Paternidade em famílias de camadas médias. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 2(1), 79-95.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Safra, G. (2005) *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco Ed.
- Safra, G. (2008). *O símbolo na visão de Winnicott: uso e experiência*. In: O pensamento de Winnicott: Perspectivas epistemológicas, metodológicas e antropológicas subjacentes. CD. Aula ministrada em São Paulo em 19/08/2008. Edições Sorbornost.
- Safra, G. (2009). *Como elaborar uma tese na perspectiva winnicottiana: facetas ontológicas na produção de conhecimento*. CD. Aula ministrada em São Paulo em 17/02/2009. Edições Sorbornost.
- Sander, M. A. (2002). The psychoanalytic method from an epistemological viewpoint. *International Journal of Psychoanalysis*, 83, 491-505.
- Shimizu, H. E., & Ciampone, M. H. T. (1999). Sofrimento e prazer no trabalho vivenciado pelas enfermeiras que trabalham em unidades de terapia intensiva em um hospital escola. *Revista escola enfermagem USP*, 33(1), 95-106.
- Silva, M. da R. & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estud. Psicologia: Campinas*, 24(4), 561-573.
- Simas, S. (2009). Família no plural: o grande desafio das políticas sociais na contemporaneidade. *Estudos Feministas*, 17(1), 277-278.
- Singly, F. de. (2007). *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Souza, C. L. C. & Benetti, S. P. de C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007, *Paidéia*, 19(42).
- Symon, R. (2006). Apresentação. In I. F. Motta, *Orientação de pais, novas perspectivas no desenvolvimento de crianças e adolescentes* (pp. 13-19). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tachibana, M. (2006). *Rabiscando desenhos-estórias: Encontros terapêuticos com mulheres que sofreram aborto espontâneo*. Dissertação de Mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

- Thorne, B. (1992). Feminism and the family: two decades of thought. In: _____; YALOM, M. (Orgs.). *Rethinking the Family: some feminist questions*. Boston: Northwestern University Press.
- Trinca, W. (Org) (1984). Processo diagnóstico de tipo compreensivo. In: Trinca, W. (Org). *Diagnóstico psicológico: a prática clínica*. (pp. 14-24). São Paulo: E.P.U.
- Trinca, W. (Org.) (1997). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estória, procedimento de desenho de família com estória*. São Paulo: Vetor.
- Turato, E. R. (2008). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Valles, M. S. (1997). *Técnicas cualitativas de investigación social: reflexión metodológica y practica profesional*. Madri: Síntesis.
- Watarai, F. (2009). Introdução. In: Watarai, F. *Filhos, pais, padrastos: relações domésticas em famílias recompostas de camadas populares*. (pp. 11-42). Tese de Doutorado. FFCLRP-USP.
- Weissmann, L. (2009). *Famílias monoparentais: um olhar da teoria das configurações vinculares*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Winnicott, D. W. (1955). *A criança e o seu mundo*. (J. O. A. Abreu; V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu; V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D.W. (1990) Psicanálise do sentimento de culpa. In: *O ambiente e os processos de maturação* (pp.19-30). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1958)
- Winnicott, D.W. (1990) Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In: *O ambiente e os processos de maturação* (pp.128-139). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D.W. (1996). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: *Os bebês e suas mães* (pp.79-92). Trad.Camargo, J.L. São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1968).

- Winnicott, D. W. (1993). *Tudo começa em casa* (P. Sandler, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986).
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à Psicanálise – Obras escolhidas* (D. Bogomoletz, Trad). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945).
- Winnicott, D. W. (2005). *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipolla, Trad). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (2005). *Explorações psicanalíticas* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1963).
- Winograd, M.; Coimbra, C. A. Q.; & Landeira-Fernandez, J. (2007). O que se traz para a vida e o que a vida nos traz: uma análise da equação etiológica proposta por Freud à luz das neurociências. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 20(3), 414-424.

ANEXOS

ANEXO A

Termo de Consentimento (Escola)

Meu nome é Andressa Pin Scaglia, sou Psicóloga e aluna do curso de Pós-Graduação de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), sob orientação da Prof^{ra} Dr^a Valéria Barbieri, docente desta faculdade. Estou desenvolvendo uma pesquisa com pais e filhas, intitulada “*Experiência Paterna em Diferentes Configurações Familiares e o Desenvolvimento do Self Infantil*”, com o objetivo de compreender o exercício da paternidade e sua relação com a formação do Self da criança. Para tanto, venho solicitar a sua colaboração, através de indicação de pais que tenham uma filha com idade entre 04 e 07 anos, para participarem desta pesquisa.

A participação dos pais consistirá em olhar alguns quadros sobre situações típicas que pais e crianças vivem, e contar como se sentiu e se sente nessas ocasiões em relação à sua experiência com a filha. Quanto às atividades a serem realizadas com a criança, ela deverá olhar as mesmas gravuras e inventar estórias a respeito delas. Para realizar essas atividades, eu precisarei de um encontro com o pai, de duração aproximada de uma hora, e de outro com a filha, que deverá durar entre 30 minutos e uma hora. Tais encontros poderão ser realizados no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, na casa do participante, na escola ou em outro local conforme a preferência do participante, em horário a combinar, respeitando a sua disponibilidade.

A participação da filha nessa pesquisa não comporta riscos aparentes, exceto a possibilidade de que pai e filha se emocionem. Caso isso aconteça, fornecerei todo o apoio psicológico necessário para que retomem o bem-estar. Com relação aos benefícios, a pesquisa não trará ganhos diretos para os colaboradores, mas a participação, ao informar sobre a relação entre as diferentes formas de viver a paternidade e como isso repercute no desenvolvimento infantil, possibilitará que eu tenha melhores condições de orientar pais e crianças que necessitam de ajuda psicológica.

Caso o pai deseje, poderá requisitar uma entrevista devolutiva, bem como poderá ser feita uma entrevista devolutiva com a criança, se ela quiser. Se durante nossas atividades eu perceber a existência de alguma dificuldade da parte do pai ou da filha, o pai será informado a esse respeito e, caso deseje, eu providenciarei o encaminhamento para atendimento psicológico.

Todas as informações fornecidas são de caráter confidencial, e, embora os resultados possam ser divulgados em congressos e artigos científicos de circulação restrita entre os profissionais da área, os dados de identificação de vocês serão alterados, de modo a preservar o sigilo ético.

Ao final da pesquisa, se for constatada a necessidade de atendimento psicológico para qualquer membro da família, o encaminhamento será feito para o próprio Centro de Pesquisa e Psicologia da FFCLRP-USP ou para outras instituições que ofereçam o serviço.

Gostaria de reiterar que a participação é voluntária e a desistência pode ocorrer a qualquer momento, sem nenhuma penalidade, ônus ou prejuízo. Ainda, a filha também será consultada quanto ao desejo de participar do trabalho e a sua opinião será respeitada.

Se a escola precisar de qualquer informação adicional anterior ao início da pesquisa ou no decorrer dela, poderá requerê-la por meio do telefone ou do e-mail abaixo relacionados. Caso concorde em colaborar, peço que você assine o termo de autorização abaixo. Por ora, agradeço e coloco-me à disposição para os esclarecimentos que você necessitar.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de _____

Andressa Pin Scaglia - Psicóloga
CRP: 06/98518
E-mail: andressascaglia@pg.ffclrp.usp.br
Telefone: 16-91808311

Profa. Dra. Valéria Barbieri
Centro de Psicologia Aplicada FFCLRP-USP
E-mail: valeriab@ffclrp.usp.br
Telefone: 16-36023798

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu _____, _____ (função) do _____ concordo em colaborar com a pesquisa *Experiência Paterna em Diferentes Configurações Familiares e o desenvolvimento do Self infantil* desenvolvida pela psicóloga Andressa Pin Scaglia através da indicação de pais. Declaro estar ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Esclarecido, do qual guardo uma cópia.

Colaboradora

Data: ____/____/____

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Andressa Pin Scaglia, sou Psicóloga e aluna do curso de Pós-Graduação de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), sob orientação da Prof^a Dr^a Valéria Barbieri, docente desta faculdade. Estou desenvolvendo uma pesquisa com pais e filhas, intitulada “*Experiência Paterna em Diferentes Configurações Familiares e o desenvolvimento do Self infantil*”, com o objetivo de compreender o exercício da paternidade e sua relação com a formação do Self da criança. Para tanto, solicito sua colaboração, autorizando sua participação nesta pesquisa, bem como a participação de sua filha.

Caso você aceite esse convite, sua participação consistirá em olhar alguns quadros sobre situações típicas que pais e crianças vivem, e contar como se sentiu e se sente nessas ocasiões em relação à sua experiência com sua filha. Quanto às atividades a serem realizadas com sua filha, ela deverá olhar as mesmas gravuras e inventar histórias a respeito delas. Para realizar essas atividades, eu precisarei de um encontro com você, de duração aproximada de uma hora, e de outro com sua filha, que deverá durar entre 30 minutos e uma hora. Os encontros serão gravados em áudio em aparelho MP3 e poderão ser realizados no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, em horário a combinar, respeitando a sua disponibilidade.

A sua participação e de sua filha nessa pesquisa não comporta riscos aparentes, exceto a possibilidade de que você ou ela se emocionem. Caso isso aconteça, fornecerei todo o apoio psicológico necessário para que vocês retomem o seu bem-estar. Com relação aos benefícios, a pesquisa não trará ganhos diretos para vocês, mas sua participação, ao informar sobre a relação entre as diferentes formas de viver a paternidade e como isso repercute no desenvolvimento infantil, possibilitará que eu tenha melhores condições de orientar pais e crianças que necessitam de ajuda psicológica.

Caso você deseje, poderá requisitar uma entrevista devolutiva, bem como poderá ser feita uma entrevista devolutiva com a criança, se ela quiser. Se durante nossas atividades eu perceber a existência de alguma dificuldade de sua parte ou de sua filha, você será informado

a esse respeito e, caso deseje, eu providenciarei o encaminhamento para atendimento psicológico.

Todas as informações que você e sua filha fornecerem são de caráter confidencial, e, embora os resultados possam ser divulgados em congressos e artigos científicos de circulação restrita entre os profissionais da área, os dados de identificação de vocês serão alterados, de modo a preservar o sigilo ético.

Ao final da pesquisa, se for constatada a necessidade de atendimento psicológico para qualquer membro de sua família, o encaminhamento será feito para o próprio centro de Psicologia da faculdade ou para outras instituições que ofereçam o serviço.

Gostaria de reiterar que sua participação é voluntária e você pode desistir, a qualquer momento, sem nenhuma penalidade, ônus ou prejuízo. Ainda, sua filha também será consultada quanto ao desejo de participar do trabalho e a sua opinião será respeitada. Se você precisar de qualquer informação adicional anterior ao início da pesquisa ou no decorrer dela, poderá requerê-la por meio do telefone ou do e-mail abaixo relacionados. Caso concorde em participar, peço que você assine o termo de autorização abaixo. Por ora, agradeço e coloco-me à disposição para os esclarecimentos que você necessitar.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de _____

Andressa Pin Scaglia
CRP: 06/98518
e-mail: andressascaglia@yahoo.com.br

Profa. Dra. Valéria Barbieri
Centro de Psicologia Aplicada
FFCLRP-USP

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu _____ concordo em participar da pesquisa *Experiência Paterna em Diferentes Configurações Familiares e o desenvolvimento do Self infantil* desenvolvida pela psicóloga Andressa Pin Scaglia e também autorizo a participação de minha filha _____ (nome da criança). Declaro estar ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Esclarecido, do qual guardo uma cópia.

Pai e/ou responsável

Data: ____/____/____

ANEXO C

NOME: _____ **DATA:** ____ / ____ / ____

Classificação sócio-econômica – ABIPEME (1997)**Dados de Classificação**

A- Quem é o chefe-de-família na sua casa?

() o próprio entrevistado

() outrem: Quem: _____

B- Qual foi o grau de instrução mais alto que o chefe-de-família obteve? Qual o último ano de escola que o chefe-de-família cursou?

Categorias para a classificação

Pontos ABIPEME

- não estudou primário completo	0
- primário completo e ginásio incompleto	5
- ginásio completo e colegial incompleto	10
- colegial completo e universitário incompleto	15
- universitário completo	21

C- Na sua casa tem (cada item abaixo)?

Não

Sim

- aparelho de vídeo cassete	()	()	10
- máquina de lavar roupa	()	()	8
- geladeira	()	()	7
- aspirador de pó	()	()	6

D- Quantos (cada item abaixo) existem em sua casa?

Itens possuídos
pontos

Nenhum

Número de itens possuídos e

	1	2	3	4	5	6/+
carros	4	9	13	18	22	26
TV a cores	4	7	14	14	18	22
banheiros	2	5	10	10	12	15
empregados mens.	5	11	21	21	26	32
rádios	2	3	6	6	8	9

Total: _____

Classe sócio-econômica pelo total de pontos ABIPEME:

Total: _____

A > ou = a 89

B 59 a 88

C 35 a 58

D 20 a 34

E < ou = 19